U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

2° CICLO
ARQUEOLOGIA

A ANTA DO PENEDO DO COM
(Penalva do Castelo, Viseu)
Reflexões sobre os dolmenes do Douro interior frente aos resultados da escavação

João Miguel André Monteiro Perpétuo

M

2021

João Miguel André Monteiro Perpétuo

A ANTA DO PENEDO DO COM (Penalva do Castelo, Viseu) Reflexões sobre os dolmenes do Douro interior frente aos resultados da escavação

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pela Professora Doutora Maria de Jesus Sanches

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2021

João Miguel André Monteiro Perpétuo

A ANTA DO PENEDO DO COM (Penalva do Castelo, Viseu)

Reflexões sobre os dolmenes do Douro interior frente aos resultados da escavação

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pela Professora Doutora Maria de Jesus Sanches

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

à familia

Sumário

Declaração de honra 1
Agradecimentos 2
Resumo 3
Abstract 4
Parte I 1
0.Preâmbulo 1
1.História das pesquisas e contexto arqueológico 4
2.Localização administrativa, geográfica e fisiográfica 5
3.O monumento megalítico. Resultados da escavação: síntese descritivas das arquiteturas 11
3.1. A metodologia aplicada 11
3.2. A arquitetura do monumento. Espaços confinados e seus acessos no contexto regional.12
3.3. A arquitetura do *tumulus* 23
3.4. Aspetos peculiares no encerramento/condenação.....26
4.Penedo do Com: materiais integrados na construção versus materiais depositados em práticas de uso funerário e de condenação. Uma aproximação à temporalidade de uso do monumento. 31
5.Análise tipológica dos artefactos em rocha ou mineral e indicações crono-culturais regionais 43
6.Análise tipológica dos artefactos em cerâmica e indicações crono-culturais regionais 74
7.Uso e encerramento do Penedo do Com. Uma perspetiva de síntese sobre a cronologia.....91
8.Integração da Anta do Penedo do Com no fenómeno dolménico da Beira Alta 96
8.1. Relação entre o povoamento neolítico e a construção de mamoas e dólmenes. As interpretações possíveis. 96
8.2. O *Dólmen do Penedo do Com* e os seus congéneres. Questões de comportamentos simbólicos formalizados na escala regional: aproximações e distanciamentos 100
Parte II – Conservação e restauro 112
Referências Bibliográficas 120
Anexos.....135
Anexo I - Plantas, cortes e descrição da metodologia de intervenção e da estratigrafia 136
1 Metodologia de escavação e resultados 136

1.1. Metodologia aplicada (I-Fig.1) 136
1.2. O sepulcro (I-Fig. 2, 5 e 6) 138
1.2.1. A câmara e o corredor (I-Fig. 2, 5, 6 e 7) 138
1.3. O *tumulus* (I-Fig. 3 e 4) 143
1.3.1. Área fronteira (I-Fig. 2, 5, 6 e 7) 143
1.3.2. Setor a NE do corredor (Fig. 5 e 6) 148
1.3.3. A Sanja NE (Fig. 1, 5, 6 e 7) 149
1.3.4. A Sanja SW (Fig. 1, 5, 6 e 7) 149
1.3.5. A Sanja NW (Fig. 1, 5, 6 e 7) 150
1.4. Estratigrafia 152
1.4.1. Corte estratigráfico 1 (F1 a F11) (I-Fig.7) 152
1.4.2. Corte estratigráfico 2 (C4 a H4) (I-Fig.7) 154
1.4.3. Corte estratigráfico 3 (B7 a I7) (I-Fig.7) 155
1.4.4. Corte estratigráfico B'-B (G4-G3) (I-Fig.2) 157
1.4.5. Corte estratigráfico B-B' (E3-E4) (I-Fig.2) 157
1.5. Amostragem de carvões para análise radiocarbónica (I-Fig. 7) 158
1.6. Amostragem de sedimentos e restos vegetais (I-Fig. 8) 160
2 Fotografias do Anexo I 163
Anexo II – Artefactos recuperados em rocha ou mineral. Quadros descritivos, desenhos e fotografias 180
1 Micrólitos geométricos 181
1.1 Micrólitos geométricos. Quadros descritivos 181
1.2 Micrólitos geométricos. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos 183
1.3 Desenhos e fotografias 185
2 Lâminas e lamelas 187
2.1 Lâminas e lamelas. Quadros descritivos 187
2.2 Lâminas e lamelas. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos 189
2.3 Desenhos e fotografias 191
3 Pontas de seta 196
3.1 Pontas de seta. Quadros descritivos 196

3.2 Pontas de seta. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos 203
3.3 Desenhos e fotografias 210
4 Raspadores 228
4.1 Raspadores. Quadros descritivos 228
4.2 Raspadores. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos 228
4.4 Desenhos e fotografias 229
5 Machados 230
5.1 Machados. Quadros descritivos 230
5.2 Machados. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos 231
5.3 Desenho e fotografia 234
6 Elementos de moagem: moinhos 235
6.1 Elementos de moagem: moinhos. Quadros descritivos 235
6.2 Elementos de moagem: moinhos. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos 236
6.3 Fotografias 238
7 Outros artefactos 239
7.1 Quadros descritivos 239
7.2 Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos 241
7.3 Fotografias 247
Anexo III – Artefactos recuperados em cerâmica. Quadros descritivos, desenhos e fotografias 250
1 Cerâmica 250
1.1 Cerâmica. Quadros descritivos 250
1.2 Cerâmica. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos 259
1.3 Desenhos e fotografias 266
Anexo IV – Elementos de adorno em rocha ou mineral. Quadros descritivos, desenhos e fotografias 293
1 Contas e pendente 293
1.1 Quadros descritivos 293

1.2 Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos.....296
1.3 Desenhos e fotografias 298

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho que a dissertação “A ANTA DO PENEDO DO COM (Penalva do castelo – Viseu). Reflexões sobre os dolmenes do Douro interior frente aos resultados da escavação.” é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Coimbra, 29 de Setembro de 2021]

[João Miguel André Monteiro Perpétuo]

Agradecimentos

Expresso, em primeiro lugar, o meu profundo agradecimento à Professora Doutora Maria de Jesus Sanches, que me lançou este desafio e o orientou, dentro das condicionantes inerentes, com total empenho, entusiasmo e dedicação.

Ao Luís Filipe Coutinho Gomes, que desde cedo despertou em mim o interesse pela Pré-história e especialmente pelo estudo do megalitismo funerário da Beira Alta, agradeço toda a motivação, conselhos, partilha do seu conhecimento, experiência e, sobretudo, a amizade.

Aos meus amigos Nádia Figueira, Sónia Cravo, Carla Santos e Fábio Rocha pelo apoio e pela ajuda que prestaram ao longo de todo este processo. Sem eles não teria sido possível.

À minha família, principalmente por serem sempre, nesta e noutras ocasiões, o pilar inabalável que dá sentido a tudo o que sou e faço.

Resumo

O presente texto, de cariz marcadamente monográfico, apresenta a Anta do Penedo do Com (Esmolfe/Penalva do Castelo, Viseu), situada na Beira Alta, no limite nordeste da plataforma do Mondego, na margem direita do curso médio/superior do rio Dão.

O monumento megalítico, reconhecido cientificamente desde os inicos do século XX, foi intervencionado com metodologia recente e adequada, entre 1997 e 1998 pela empresa ARQUEOHOJE Lda.

O presente texto, para além de se ocupar dos resultados científicos obtidos e do estudo do material exumado, discute as cronologias inerentes à fase de construção, uso e encerramento, bem como das reutilizações posteriores, permitindo igualmente algumas reflexões sobre o seu enquadramento regional no fenómeno megalítico da Beira Alta.

Num primeiro momento, partindo dos dados fornecidos pela escavação, aborda-se a arquitetura do sepulcro procurando similitudes com monumentos congéneres e peculiaridades próprias. Revela-se um dólmen composto de câmara poligonal alargada de nove esteios e corredor de médias dimensões aberto a Sudeste, envolto num *tumulus* de configuração subcircular, cujo prolongamento para SE define um átrio aberto de planta semicircular, alinhado com o eixo longitudinal do sepulcro.

Posteriormente, partindo do estudo do numeroso espólio lítico e cerâmico e dos contextos preservados a estes associados, perceciona-se que após um primeiro momento de construção/utilização, ocorrido durante o primeiro terço do 4º milénio a.C., o sepulcro, após uma ocupação continuada que pode ter durado até aos finais do 4º milénio a.C., foi encerrado, tendo vindo a ser reutilizado por outras comunidades durante o 3º milénio a.C.

Palavras-chave: Beira-Alta; Megalitismo funerário; Dólmen; Reutilização; Campaniforme.

Abstract

This text, markedly monographic, presents the *Dolmen of Penedo do Com* (Esmolfe/Penalva do Castelo, Viseu), located in Beira Alta, on the northeastern limit of the Mondego platform, on the right bank of the middle/upper course of the Dão river.

The megalithic monument, scientifically recognized since the beginning of the 20th century, was intervened with a recent and adequate methodology, between 1997 and 1998 by the company ARQUEOHOJE Lda.

This text, not only deals with the scientific results obtained and the study of the exhumed material, but also discusses the chronologies inherent to the construction, use and closure phase of this corridor dolmen, as well as subsequent reuses, and allows some reflections on its regional framework in the megalithic phenomenon of Beira Alta.

At first, based on data provided by the excavation, the architecture of the tomb (barrow, chamber, corridor and atrium) is approached, looking for similarities with akin monuments and peculiarities. It reveals a dolmen composed of an enlarged polygonal chamber with nine pillars and a medium-sized corridor open to the Southeast, surrounded by a tumulus of subcircular configuration, whose extension to SE defines an open atrium with a semicircular plan, aligned with the longitudinal axis of the tomb.

Subsequently, based on the study of the numerous lithic and ceramic assets and the contexts preserved to these associated, it is perceived that after a first moment of construction/use, which took place during the first third of the 4th millennium BC, the tomb, after a continued occupation that may have lasted until the end of the 4th millennium BC, was closed, having been reused by other communities during the 3rd millennium BC

Key-words: Beira-Alta; Funerary Megalithism; Dolmen; Reuse; Bell Beakers.

Parte I

0. Preâmbulo

A dissertação de mestrado que agora se apresenta, integrada no 2º ciclo de estudos de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tem por objeto de estudo a *Anta do Penedo do Com* (Esmolfe, Penalva do Castelo), intervencionada arqueologicamente entre novembro de 1997 e junho de 1998. E, bem assim, a sua contextualização cronológica e cultural regional.

O monumento funerário encontra-se localizado em área granítica aproveitada para pinhal, cujo topónimo (Penedo do Com) advém da herança de um enorme afloramento granítico que existiu nas imediações, destruído para fins industriais por meados do século passado.

O acesso é feito através de um estradão que se inicia junto à capela de Santo Ildefonso (Esmolfe), encontrando-se devidamente sinalizado.

A *Arca do Penedo do Com*, como é igualmente conhecida, é um dos maiores monumentos do género —formado por um dólmen envolvido por um *tumulus*—, encontrando-se classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1992 (Decreto-lei 26/A-92/Diário da República de 01-06-92).

Os trabalhos de escavação, restauro e valorização, executados ao abrigo do Programa comunitário LEADER+, foram solicitados pelo Município de Penalva de Castelo à empresa ARQUEOHOJE[1].

A intervenção científica, independentemente do estado ruinoso em que se encontrava o monumento e dos poucos contextos estratigráficos preservados, facultou a compilação de uma série de dados importantes relativos à arquitetura, uso e

[1] Os trabalhos de campo, superiormente aprovados pelo então Instituto Português de Arqueologia (Processo 97/1 (328), ofício 1267, datado de 06.11.1997), foram da responsabilidade de Luís Filipe Coutinho Gomes, Pedro Sobral de Carvalho e José Paulo Almeida Francisco, contando com a colaboração permanente de João Miguel André Perpétuo, Filipe João Carvalho dos Santos e Artur Alpande Serra.

encerramento da sepultura, bem como a exumação de um numeroso espólio arqueológico.

O propósito do presente texto surge da necessidade de compilar estes resultados, inéditos ou parcialmente publicados (Gomes e Carvalho, 1993; Perpétuo, 2001), que careciam de um estudo de conjunto.

A primeira parte do texto (Parte I) ocupa-se da discussão/interpretação dos resultados auferidos com a intervenção arqueológica.

Assim, o capítulo 1 informa sobre as pesquisas científicas anteriormente ocorridas no monumento e o contexto arqueológico local em que o mesmo se encontra inserido.

O capítulo 2 ocupa-se do enquadramento geográfico e fisiográfico da área em estudo, aproveitando-se igualmente para localizar administrativamente o monumento

O capítulo 3 apresenta a descrição arquitetónica *Anta do Penedo do Com,* permitindo entender que se trata de dólmen composto, provido de câmara poligonal sub-retangular de nove esteios e corredor de médias dimensões, diferenciado da primeira em planta e alçado, com quatro esteios de cada lado, envolto por um poderoso contraforte que contornava a construção dolménica e prolongava-se para SE, definindo um átrio de planta semicircular, delimitado pela estrutura o "fecho" provida de abertura central que servia de passagem.

Constatamos igualmente que a mamoa, em grande parte circunscrita pelo fecho da estrutura de contrafortagem, apresenta uma forma subcircular encontrando-se num avançado estado de degradação e muito compactada.

No momento em que o monumento deixou de ser utilizado, esta área ritual, que define o acesso ao interior do dólmen, terá sido totalmente obliterada com terra e algum cascalho à mistura. Este é o momento de selagem do monumento, encerrando para sempre o acesso ao seu interior. A mamoa foi regularizada, resultando, num momento final, numa colina artificial, onde a estrutura pétrea interna fica completamente coberta.

Nos capítulos 4, 5 e 6 damos a conhecer a cultura material associada a esta imponente sepultura. Esta permite-nos afirmar que, após um primeiro momento de utilização, que

como teremos oportunidade de ver no capítulo 7 se prevê longo, e subsequente encerramento, o mesmo foi reutilizado. Na verdade, a par de artefactos tipicamente neolíticos — micrólitos, lâminas, lamelas, contas de colar e algumas pontas de seta —, foram exumadas cerâmicas inseridas cronologicamente em períodos mais recentes da Pré-história —vasos campaniformes, troncocónicos e subcilíndricos.

O capítulo 7 procede-se a uma síntese sobre as cronologias de construção/uso e encerramento da sepultura. Ainda que de momento não existam datações absolutas para a *Anta do Penedo do Com*, quer a arquitetura do monumento e os materiais arqueológicos associados, quer as datações atualmente disponíveis para a região em causa (Cruz, 1995 e 2001 Gomes, 1996; Carvalho, 2005), indiciam-nos situar a sua construção no primeiro terço do 4º milénio cal. AC, pressupondo-se que o seu encerramento possa ter ocorrido nos finais deste milénio, tendo sido reutilizado — por comunidades sócio, económica e politicamente distintas — ao longo do 3º e inícios do 2º mil. AC.

Por último, no capítulo 8, faz-se uma integração sintética de alguns aspetos da *Arca do Penedo do Com* no fenómeno dolménico do Noroeste Peninsular.

Numa segunda parte deste texto (Parte II), aborda-se o processo de conservação e restauro do monumento, realizado em dois momentos cronológicos distintos, com recurso a meios e técnicas diferentes.

O texto é suplementado por quatro anexos onde se disponibiliza toda a informação referente à intervenção arqueológica (anexo I), ao estudo dos artefactos em rocha ou mineral (anexo II), estudo do material cerâmico (anexo III) e dos componentes de adorno em rocha ou mineral (anexo IV), complementada, em todos os casos, por desenhos e fotografias

1. História das pesquisas e contexto arqueológico

A mais antiga referência a este monumento é-nos transmitida em 01 de Junho de 1911 pelo jornal "O Século" cuja notícia, posteriormente transcrita por Leite Vasconcelos, refere, entre outros achados arqueológicos efetuados no concelho de Penalva do Castelo, a recolha de doze pontas de seta, um machado de pedra polida, ossos, carvão e fragmentos cerâmicos, por vezes decorados, provenientes da Anta do Penedo do Com, tendo sido depositados no Museu e Laboratório Antropológico do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra (Vasconcelos, 1916: 355-356).

Em meados do século XX o monumento é referenciado pelos investigadores alemães Georg e Vera Leisner, classificando-o como um dólmen de corredor com câmara de planta poligonal larga, apresentando-se o esteio de cabeceira ladeado por pilares (Leisner e Leisner, 1956: est. 77-29). Vera Leisner deixou-nos ainda uma fotografia e uma planta do monumento, bem como o desenho de nove pontas de seta, três machados e uma enxó, depositados no Museu Antropológico de Coimbra, bem como dois machados de uma coleção particular pertencente (Leisner, 1998: pp. 62-63, estampas 55 e 143).

Em 1955, Irisalva Moita inclui-o, sem nada adiantar, no seu inventário dos monumentos megalíticos da Beira Alta (Moita, 1966: 249).

Em finais da década dos anos 80, aquando de uma visita ao monumento, um dos autores deste texto recolhe, a par de uma pequena lasca residual, em sílex, um pequeno fragmento cerâmico campaniforme à superfície das terras depositadas sobre a face fragmentada do esteio 7 da câmara. Na altura aproveitaram a ocasião e desenharam a planta visível do monumento (Gomes e Carvalho, 1993).

A Anta do Penedo do Com, e no atual estado das investigações, encontra-se isolada de qualquer outro monumento do género. Contudo, a cerca de 1 km para SO, no sítio da Capela, junto de uma necrópole medieval escavada na rocha, preserva-se um montículo de forma ovalada, aparentemente artificial e com um esteio visível, podendo, com as devidas reservas, corresponder a um monumento do género (mamoa de Esmolfe).

Do período pré-histórico é ainda de mencionar a hipotética existência de um menir nos arredores da aldeia de Antas (Vasconcelos, 1897: 356), o Abrigo 1 do Penedo do Com — localizado a pouco mais de 200 m a sudeste da Anta do Penedo do Com e do qual provém um pequeno fragmento cerâmico decorado, pré-histórico (Gomes & Carvalho, 1993)[2] — , a recolha fortuita de dois machados em pedra polida, associados a materiais de origem romana, no "adro da freguesia de Esmolfe" (Vasconcelos, 1916: 356) e ainda um machado de bronze, proveniente do Coruto (Castelo de Penalva) (Silva, 1986: 108 e est. IV-87)[3]. Particular destaque para o Monte de Santo Ildefonso, a sensivelmente 1500 m para SSE, um povoado fortificado onde têm sido recolhidos inúmeros fragmentos cerâmicos atribuíveis ao Bronze Final e onde na sua base se preserva, na superfície de um monólito granítico, a gravação de uma figuração humana estilizada provida de armas e um escudo (Perpétuo e Santos, 2010).

Abundantes são os vestígios arqueológicos de períodos posteriores, com destaque para o romano e medieval (Alarcão, 1988).

2. Localização administrativa, geográfica e fisiográfica

Integra-se a Anta do Penedo do Com na freguesia de Esmolfe, concelho de Penalva do Castelo, distrito de Viseu, com as seguintes coordenadas geográficas ("Carta Militar de Portugal", na escala 1:25.000, folha 179, Penalva do Castelo, 1998): 40° 41' 38.06'' Lat. Norte; 7° 40' 12.27'' Long. Oeste de Greenwich); 503 metros de altitude média.

[2] As prospeções levadas a cabo na periferia do monumento durante o período de escavação, permitiram a identificação de mais dois abrigos sob rocha (Abrigos 2 e 3 do Penedo do Com) com recolha superficial de alguns fragmentos cerâmicos pré-históricos.

[3] Uma intervenção arqueológica desenvolvida no âmbito da requalificação do Adro da Igreja de Castelo de Penalva, espaço contíguo ao sítio em causa, não confirmaram a existência de uma ocupação proto-histórica do local (Santos & Perpétuo, 1999).

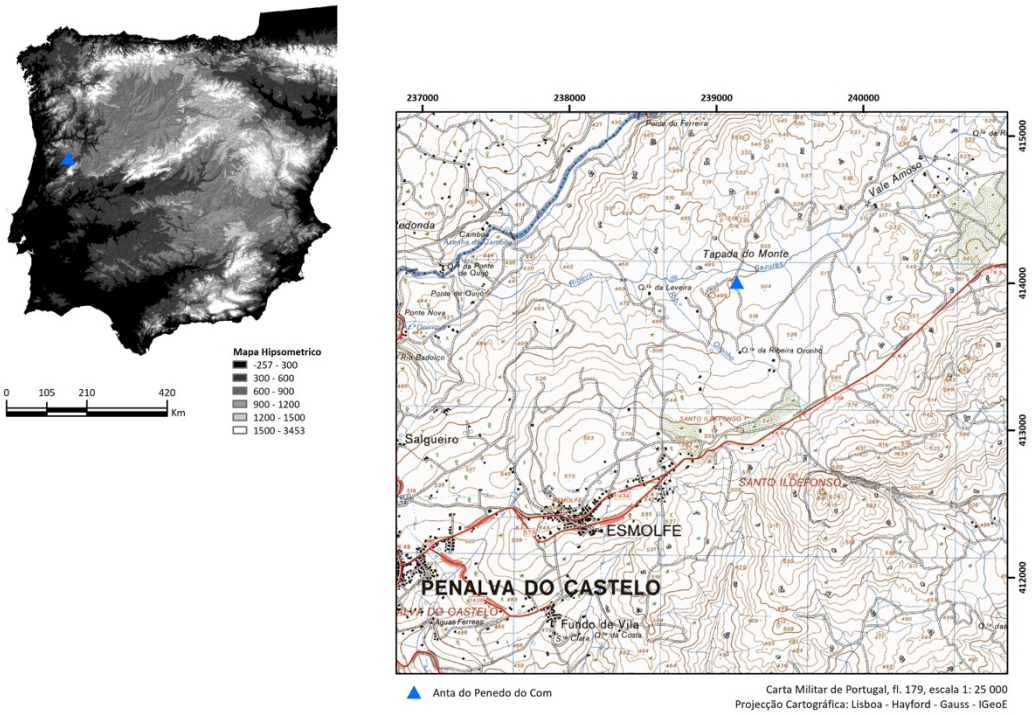


Fig. — 1. Localização da Arca do Penedo do Com no Mapa Hipsométrico da P. Ibérica e na Carta Militar 1:25 000.

Esta área situa-se na Beira Alta, *grosso modo*, na extensa superficie de aplanamento que se desenvolve a norte da Cordilheira central, com limites naturais bem demarcados a norte pelo vale do rio Douro, a sul pelo rio Mondego, a oriente pela depressão de origem tectónica coincidente com o deslizamento tardi-hercínico "Bragança-Unhais da Serra"[4] e a poente pelas "montanhas ocidentais" compostas pela Serra do Caramulo, Maciço da Gralheira e Serra de Montemuro (Cruz, 2001:2).

Esta enorme superfície aplanada divide-se em duas grandes unidades geomorfológicas. A norte o planalto da Nave, como refere A. Brum Ferreira, trata-se de um "plano inclinado para sudoeste que, partindo das serras de Santa Helena (1102) e da Lapa (955), se prolonga até às imediações do vale do Vouga" (Ferreira, 1978:87) e a sul a plataforma

[4] "Um abrupto retilíneo, de direção geral NNE-SSW, com uma altura de cerca de 300m, separa a superfície da Meseta dos planaltos centrais..." (Ferreira, 1978: 8).

do Mondego, correspondente à superfície de aplanamento que se encontra deprimida entre a Serra da estrela e a Serra do Caramulo, que foi profundamente rasgada pelos vales dos rios Mondego, Dão e Alva, cujos percursos, definidos por vales estreitos e encaixados, são praticamente paralelos (Ribeiro, 1982).

Esta região é marcada por dois grandes acidentes téctónicos — a leste o deslizamento de Brangança /Unhais da serra; a oeste o de Chaves/Poiares — que condicionaram a sua história geomorfológica. Estes, tendencialmente convergentes para SO, outorgam uma configuração tendencialmente trapezoidal ao território em causa.

Quanto à área em estudo, esta integra o setor nordeste da Plataforma do Mondego, em zona próxima ao contacto com os niveis inferiores dos Planaltos Centrais e, em certa medida, de fronteira/transição para a superficíe ocidental da meseta.

A topografia, bastante indefinida, caracteriza-se por um conjunto de vales largos, subparalelos, intercalados por interfluvios estreitos e vigorosos (Ferreira, 1978: 111), observando-se "restos" da "Superficie de Viseu" nos aplanamentos que ladeiam a ribeira de Coja até Sezures e nas plataformas estreitas que acompanham o curso do rio Dão. Apesar de se encontrar ligeiramente inclinada para SW, ronda os 500 metros de altitude média.

Os relevos residuais — Esmolfe, Santo Ildefonso e Pedras Altas —, resultantes do desmantelamento da chamada "superfície fundamental", de direção ENE-OSO, formam colinas alongadas, com cimos em cumeada e vertentes mais ou menos regulares em função do substrato ser metamórfico ou granítico.

A oriente da aldeia da Matela, prolongando-se para o concelho vizinho, é possivel observar alguns retalhos mais ou menos bem preservados, cujas altitudes que rondam os 700 m vão subindo progressivamente para NE.

Estas superfícies foram sendo profundamente entalhadas pelo rio Dão e seus afluentes, de modo diferenciado em função do tipo de rocha, resultando em vales apertados e de vertentes abruptas em materiais mais duros.

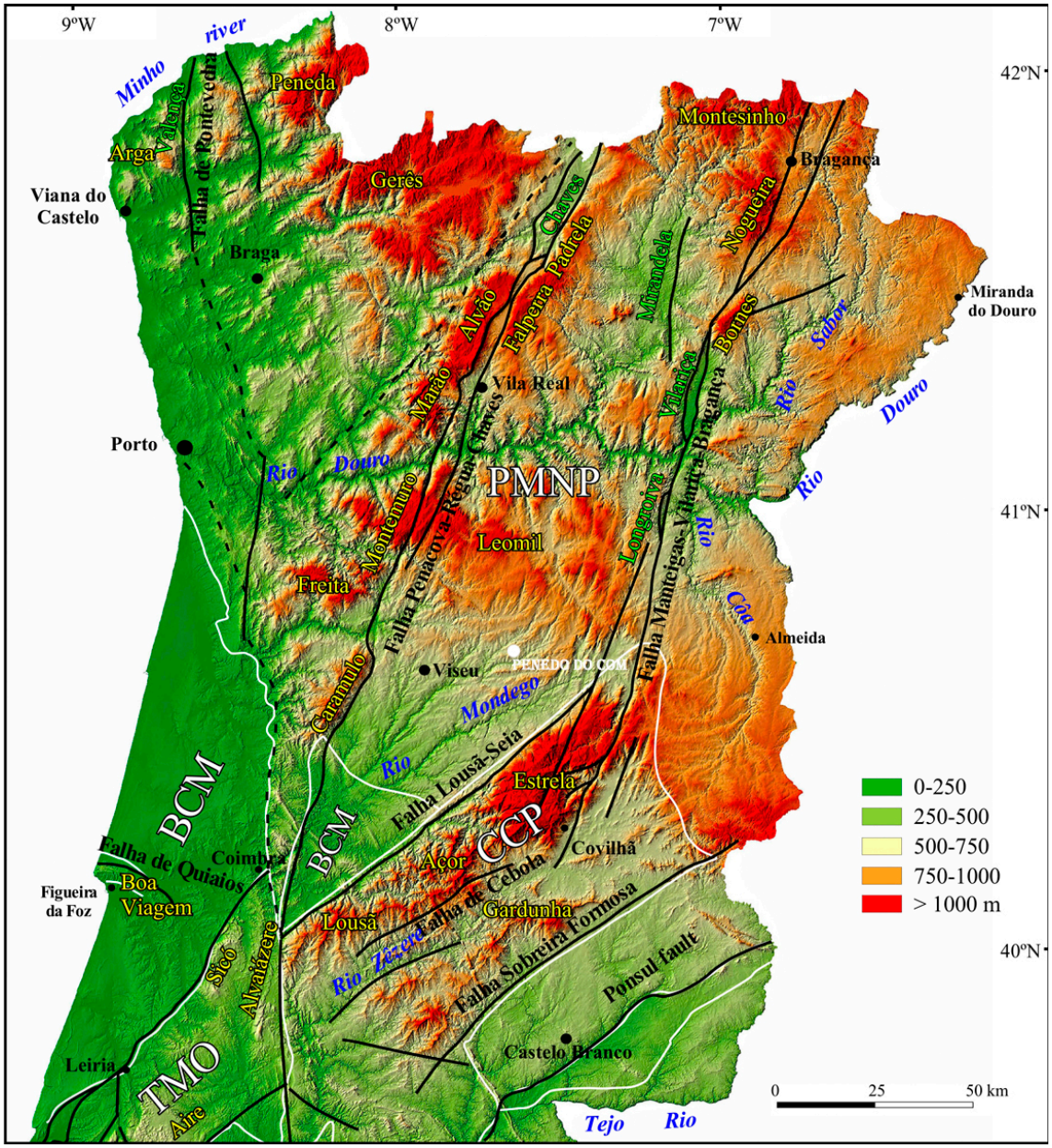


Fig.— 2. Localização do Dólmen do Penedo do Com no mapa hipsométrico, com as principais unidades morfoestruturais do centro/norte de Portugal.

A geologia local é dominada por duas grandes unidades litológicas: as rochas eruptivas plutónicas — granitos e rochas afins — e as metamórficas pertencentes ao Complexo Xisto-Grauváquico do Período Câmbrico ou Pré-Câmbrico.

Os granitos, predominantemente calco-alcalínicos, bióticos ou de duas micas, podem ser diferenciados pela sua granulometria e por serem ou não profiróides, com amplo domínio destes últimos.

As rochas metamorfizadas, pertencentes à formação de Satão-Penalva, integrando o complexo xisto-grauváquico ante-Ordovício, intrometem-se entre os granitos. A maior mancha, um complexo de xistos e migmatitos, desenvolve-se desde Penalva do Castelo até ao extremo sul do concelho.

Dispondo-se geralmente de NE-SW, aproveitando falhas antigas e profundas, observa-se por toda a área considerada extensos filões de quartzo, dolorito e aplito-pegmatito.

A região apresenta igualmente uma considerável riqueza mineral com especial incidencia para o quartzo, feldspto, urânio, tungsténio e berílio, registando-se atualmente explorações industriais de granitos, quartzos e feldspatos.

Em termos hídricos, o concelho integra a sub-bacia do rio Dão, internamente dividida em três importantes bacias — rio Dão, Ribeira de Coja e o rio de Ludares — todas elas sujeitas a um regime com caracteristicas mediterrânicas, com uma estação de significantes caudais e outra de estiagem com pouca ou nenhuma água a correr à superfície. A rede hidrográfica é densa e em grande parte condicionada pela rede de fraturas tectónicas de orientação NNE-SSO e NE-SO. O espaço agrícola caracteriza-se essencialmente pela cultura da vinha, do olival e do pomar, sendo visivel nas zonas de prado, localizadas preferencialmente em areas irrigadas pelas ribeiras, o pastoreio de cabras.

Em termos fito-ecologicos é evidente o predominio do pinheiro bravo (*Pinus Pinaster Ainton)*, devido essencialmente a interesse economomico, sendo visivel igualmente manchas de floresta de árvores folhosas, mesófilas de folha caduca, onde se destaca o carvalho roble (*Quercus robur L.*) o carvalho negral (*Quercus pyrenaica Wild*) e o castanheiro (*Castanea sativa Mill*)[5]. Nas orlas ribeirinhas, nomeadamente nas margens do rio Dão e em algumas ribeiras de caudais mais expressivos, demarcam-se algumas espécies tipicas destes espaços como o salgueiro (*Salix sp.*), os amieiros (*Alnus glutinosa L.*) e os freixos (*Fraxinus angustifólia*). Ao nível arbustivo observam-se grandes manchas de giestas *(Cytius multiflorus)*, os tojos (*Ulex europaeus L., Ulex minor Roth*) e, em menor

[5] O eucalipto (*Eucalyptus globulus Labill*) aparece com frequência em substituição do pinheiro-bravo e das folhosas.

grau, as queirós (*Calluna vulgaris(L.)*, a torga (*Erica umbella L.*), a urze branca (*Erica arborea L.*), a estevinha (*Cistus salvifólius L.*), o rosmaninho (*lavandula pedunculada Cav.*) e o medronheiro (*Arbutus unedo L.*).

Do ponto de vista climático, observa-se um clima marítimo de transição, onde se alternam dias tipicamente atlânticos com os continentais. Os invernos são frescos e húmidos e os verões moderados nas áreas planálticas/elevadas e tendencialmente quentes nas depressões topográficas. A temperatura média anual é de 13,4° C, situando-se a média mais baixa em janeiro (6,8° C) e a mais alta em agosto (20,7°C).

A *Anta do Penedo do Com* está localizada numa área granítica aproveitada para pinhal, cujo topónimo advém da herança de um enorme afloramento granítico que existiu nas imediações, destruído para fins industriais por meados do século passado.

Fig.4 -. Vista do vale da Ribeira de Sezures. Indica-se a localização da Anta do Penedo do Com.

Outros batólitos ainda se preservam, pontilhando a paisagem circundante, merecendo particular destaque o Abrigo 1 do Penedo do Com onde foi constada a existência de cerâmica pré-histórica (Gomes e Carvalho, 1993).

O local é também conhecido por "Pontão"[6], dada a sua proximidade, a apenas 100 metros para norte, de uma pequena ponte em alvenaria, sobre a ribeira de Sezures.

O monumento, destacado na paisagem circundante com amplo campo visual, foi implantado numa pequena colina sobranceira a um amplo vale aberto, que se desenvolve no sentido NE-SO, delimitado a NO e a SE por dois contrafortes graníticos acompanhando a mesma orientação (Fig. 4).

Este vale, irrigado pelas ribeiras do Oronho e de Sezures, esta última tributária da margem direita da ribeira de Côja, afluente do rio Dão, é essencialmente composto por terrenos aluvionares propícios à prática agricola, encontrando-se a sua orla, composta essencialmente por esqueléticos solos de origem granitica, intercalada com vastas áreas de pinhais.

3. O monumento megalítico. Resultados da escavação: síntese descritivas das arquiteturas

3.1. A metodologia aplicada

A metodologia consta do Anexo I, de que extraímos aqui somente uma pequena síntese. As figuras e estampas, se constantes dos Anexos, serão referenciadas do seguinte modo: I-Fig. 1, I-Fig.2 ou I-Est. I, I-Est. II,etc.

[6] Sobre a Ribeira de Sezures, sensivelmente 100 m a norte do dólmen, foi construída uma ponte em pedra da qual deriva a designação.

A metodologia utilizada para o estudo da *Anta do Penedo do Com* foi a mesma a que normalmente se recorre para o estudo de monumentos com *tumulus*, conjugando-se a amostragem por sondagem e a escavação em área.

A intervenção privilegiou a escavação em área na zona fronteira do corredor, assim como o interior da câmara/corredor e a escavação por sondagem nos espaços que correspondem à área do *tumulus* e ao contraforte (I-Est. III-2, VI-1).

Neste âmbito, procedeu-se a remoção das camadas geoarqueológicas segundo os protocolos da Arqueologia, ao registo gráfico (desenho e fotografia) e à recolha de amostras com vista à realização de análises pedológicas, palinológicas, antracológicas e paleocarpológicas.

Foram ainda recolhidos carvões para análise radiocarbónica na área do corredor e átrio — em estratos preservados da camada 6, passiveis de definir um *terminus post quem* para a construção do monumento —, assim como na câmara funerário sobre o substrato de base. Este material ainda não foi submetido a análise.

3.2. A arquitetura do monumento. Espaços confinados e seus acessos no contexto regional

A arquitetura consta do Anexo I, de que extraimos aqui somente uma pequena síntese.

Câmara e corredor

Com base nos dados fornecidos pela intervenção arqueológica na *Anta do Penedo do Com*, podemos defini-lo como um dólmen composto — câmara e corredor—, cuja estrutura pétrea interna, orientada a SE., é formada por uma câmara poligonal alargada de 9 esteios, ostentando uma planta tendencialmente sub-retangular — 3,60 m de comprimento por 3,20 m de largura — sendo internamente estabilizada com calços posicionados ao nível da base. Especial destaque para o esteio de cabeceira, *in situ*, verticalizado e completo, medindo 3,28 m de altura, 2,30 m de largura máxima e 0,40 m de espessura.

Fig. 5 -.A Arca do Penedo do Com. Estado em que se encontrava a câmara, corredor e átrio.

O corredor é de dimensões medianas, com 3,10 m de comprimento, conservando ainda cinco dos seus oito primitivos monólitos (quatro de cada lado), justapostos, aumentando gradualmente de altura — 1,20 m / 1,90 m — à medida que se desenvolvem para o interior. A largura é de 1,00 m à entrada e de 1,20 m junto à câmara, conservando ainda uma das primitivas lajes de cobertura (laje c) (I-Fig. 2 e 5).

Na descrição feita Georg e Vera Leisner é referenciada a presença de dois pilares a ladear a cabeceira, situação que já não presenciamos (Leisner e Leisner, 1956: est. 77-29)).

Esta situação é observável em outros dólmenes Beira Alta, registando-se casos onde dois esteios de menores dimensões, igualmente verticalizados e justapostos ao esteio central, foram colocados a prolongar a cabeceira, como por exemplo e referindo-nos só aqueles que geograficamente se localização mais próximo do *Penedo do Com,* a *Casa da Orca do Cortiçô,* o *Dólmen da Cunha Baixa*, Mangualde (Vilaça & Cruz, 1990), a *Orca dos*

Fias da Telha (Nelas) ou na *Orca do Outeiro do Rato*, Carregal do Sal (Senna-Martinez, 1989:75), entre tantos outros espalhados pela Beira Alta[7].

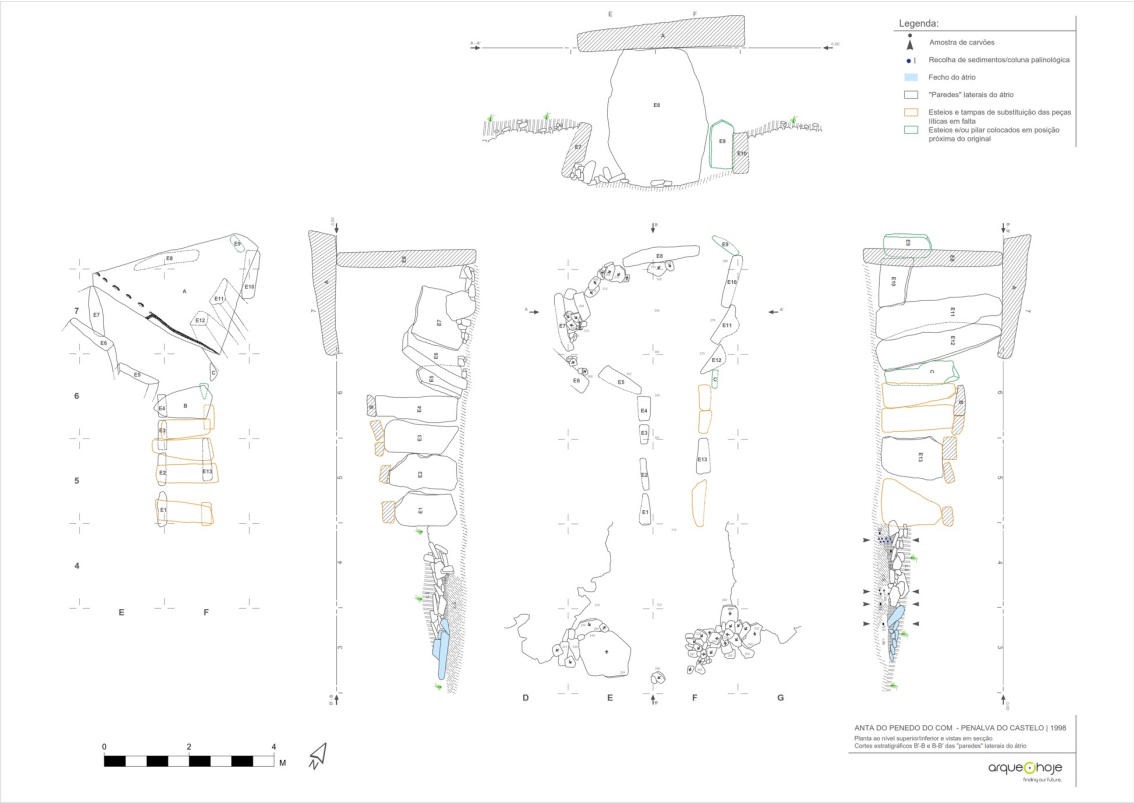


Fig. 6 – Plantas e alçados da câmara, corredor e átrio. À esquerda planta final ao nível superior; ao centro planta ao nivel inferior e alçados após recolocação dos esteios.

Os dados fornecidos pela presente intervenção contrariam parcialmente esta informação.

Na verdade, observamos que o monólito que ladeava a cabeceira pelo lado esquerdo havia sido espoliado, enquanto que o do lado direito apenas conservava a parte superior, obviamente deslocado da posição primitiva.

Ainda assim, os calços preservados no lado esquerdo da cabeceira, assim como a orientação do vão deixado entre esta e a base do esteio 7, conservada *in situ*, indiciavam

[7] A *Orca de Pendilhe* (Vila Nova de Paiva), *Lapa do Repilau* (Viseu), *Orca de Pramelas* (Carregal do Sal), o *Dólmen do Fontão* (Seia) ou a *Orca do Rio Torto* (Gouveia).

uma sobreposição do esteio em falta relativamente à cabeceira (Fig. 3 ou I-Fig.2), ao contrário do relatado pelo casal Leisner.

No lado oposto, após a recolocação dos esteios tombados (E.10, E.11 e E.12), observou-se que a configuração do vão entre a E.10 e E.8, como que prolongando este último, consubstanciava a ideia de o esteio 9 ter estado primitivamente adossado à cabeceira.

Nesta perspetiva, é possível que o a *Arca do Penedo do Com* apresente uma solução arquitetónica para a cabeceira da câmara idêntica à do *Dólmen de Porto Lamoso* (Vila Nova de Paiva) (Cruz, 2001:152) onde esta é formada por um esteio largo e outro, mais estreito, justaposto (Gomes e Carvalho, 1993:37; Cruz, 2001: 152), ou ao *Dólmen da Pala Moura*[8] (Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Ansiães), em Trás-os-Montes, na margem direita do Douro, que apresenta solução idêntica.

Os restantes esteios da câmara, dispostos segundo o sistema de sobreposição sucessiva, distribuídos assimetricamente em ambos os lados da câmara — muito por culpa do hipotético prolongamento da cabeceira com o esteio 9 — e com parte do seu peso a incidir sobre a laje de cabeceira, encontrar-se-iam primitivamente em posição subvertical e assentes diretamente no substrato de base.

A cobrir todo o espaço da câmara, distribuindo homogeneamente o seu peso sobre o topo dos esteios, a pesada laje de cobertura. Atualmente encontra-se parcialmente truncada, depois de lhe ter sido extraído um lado com recurso a cunhas de madeira, ostentando assim uma configuração triangular (± 3,40 m de lado), com c. de 7,8 toneladas de peso.

O corredor ortostático, bem diferenciado da câmara quer em planta quer em alçado, deve ter obedecido a um programa construtivo autónomo, na medida em que os esteios foram aqui ordenados verticalmente, justapostos e assentes em fossas pouco profundas — abertas quase em exclusivo sobre a camada 6 sem atingir o substrato de base — e com calços internos dispostos em fiadas de calços, por vezes colocados de cutelo. Todos os esteios preservados do corredor estavam tombados, ainda que as bases dos ortóstatos do renque do lado esquerdo não estivessem muito longe das suas posições

[8] Dólmen com câmara Poligonal larga de nove esteios e corredor curto, ostentando pinturas, a vermelho, de pele esticada ou de figura antropomórfica, na laje de cabeceira (Twohig, 1981: 148-149)

originais, facto que, consubstanciado pelas dimensões das peças líticas, permitiu aferir o seu modo construtivo (I-Fig. 2 e 4 e 5; I-Est. IV e XIII).

Fig 7 - Pormenor dos esteios do corredor tombados sequencialmente.

A identificação dos calços, principalmente dos dois primeiros esteios de cada lado, consentiu conferir com segurança o seu comprimento total (I-Est. X). Trata-se de um corredor de dimensões médias, com 3,10 m de comprimento e uma largura que varia entre os 1,00 m na observados na entrada e os 1,20 m registado na entrada para a câmara, aumentando de altura — 1,20 m / 1,90 — à medida que se progride para o interior.

Este tipo de solução, ainda que não seja dominante nos dolmenes de corredor beiraltinos, encontra os paralelos mais próximos na Orca das Castonairas (Queiriga, Vila Nova de Paiva), *Orca dos Padrões* (Gomes e Carvalho, 1995:68) e no *Dólmen da Cunha Baixa* (Vilaça e Cruz, 1990: 10 e 26), ambos no vizinho concelho de Mangualde, ou na Arcaínha do Seixo (Seixo da Beira, Oliveira do Hospital) localizada no interflúvio Seia-Mondego, em plena beira serra (Perpétuo & Gomes, 2012:96).

Na saída da câmara, do lado direito do corredor, em zona profundamente violada/destruída, foi identificado um monólito delgado e tosco em granito (laje C), tombado sobre os estratos revolvidos que, pelas dimensões e morfologia apresentadas, não poderia configurar um esteio do corredor. Adiantou-se a hipótese de ser esta uma laje de sustentação das terras da mamoa, colocada sobre o vão/espaço intersticial, deixado entre o último esteio do corredor — verticalizado — e o primeiro da câmara[9], Não se excluí, no entanto, a hipótese de poder ter sido um pilar, adossado à parte interna do último esteio do corredor, demarcando/estrangulando a passagem para a câmara funerária.

Este tipo de minuciosidade construtiva, representada na maioria das vezes por dois pilares e imbuída de um forte cariz ritual, é observada ao nível do megalitismo regional em outros monumentos compostos — *Arquinha da Moura* (Tondela) (Cunha, 1995:135), *Casa da Orca da Cunha Baixa* (Mangualde) ou *Orca de Pendilhe*[10] —, sendo o caso do *Dólmen do Sangrino* (Penedono), onde se observou um tosco pilar, mais baixo e estreito, encostado ao último esteio do corredor (Carvalho, 2005:126), aquele que aparentemente mais se paraleliza com a hipótese agora adiantada, ainda que neste caso concreto o esteio do lado oposto, exercendo claramente uma função construtiva, também definia o estreitamento do espaço de passagem para a câmara.

Átrio

O acesso ao interior do dólmen era processado através de um espaço aberto na área fronteira do monumento, de configuração semicircular, bem definido pelo prolongamento para SE do contraforte do corredor; foi construído com lajes graníticas, colocadas em forma de escama, sobrepondo-se umas às outras em camadas, delimitado exteriormente por blocos e lajes de dimensões consideráveis, sustendo-se e apoiando-

[9] Esta hipótese, por ser menos comprometedora em termos científicos, foi utilizada no restauro.

[10] Neste caso concreto a entrada da câmara é definida por um só pilar. Trata-se de um dólmen de câmara poligonal larga, de nove esteios e corredor longo com seis esteios em cada lado, maioritariamente percecionados em escavação pelas suas fossas de implantação. O esteio de cabeceira apresenta vestígios de pintura e a laje de cobertura gravuras (Cruz, 2001: 87).

se na curvatura obliqua da estrutura (I-Est. V e VI). Este espaço foi descrito com mais pormenor no Anexo I (I-Fig. 2, 5, 6 e 7).

Fig. 8 - Vista geral de SE. com o átrio em primeiro plano.

Ao contrário do observado em muitos outros dolmenes da Beira Alta com átrio, a Anta do Penedo do Com não possuía um corredor intratumular, definindo-se o espaço do átrio a partir dos dois primeiros esteios do corredor, que ia abrindo harmoniosamente e de forma simétrica relativamente ao eixo do monumento. De configuração semicircular tendencialmente ovalado, este átrio media 2,60 m desde entrada até ao corredor e 3,40 m no eixo transversal (I-Fig. 6; I-Est. V e VI). Soluções arquitetónicas similares — em que o átrio se articula com o corredor ortostático — são, porém, conhecidas, sendo exemplos a na *Orca de Merouços* (Touro, Vila Nova de Paiva) onde "...para além dos fragmentos da "porta" do corredor, definia-se um pequeno espaço — átrio —, de planta subcircular... delimitado por lajes de maiores dimensões do que as que constituíam a estrutura envolvente, em posição subvertical, formando uma espécie de "parede" lateral, e lajes similares, também inclinadas para E., dispostas em escama,

na parte nascente" (Cruz, 2001:140) ou na *Lapa de Meruje* (Vouzela), onde o átrio era definido por lajes/esteios verticalizados formando uma fachada e ostentando originalmente um piso de circulação lajeado (Carvalho, A. F., 2018:209).

No limite exterior do átrio do *Penedo do Com,* desenvolvendo-se simetricamente em cada uma das duas extremidades do prolongamento do contraforte, encontrava-se estrutura de "fecho" em forma de arco e provida de passagem central. No lado SW compunha-se por um enorme bloco granítico disposto na horizontal associado a lajes de porte consideravelmente inferior; no lado oposto era formado a partir de elementos pétreos de proporções médias, sobrepostos. A passagem, com cerca de 1,40 m de largura, ostentava ao centro e à cota do piso de circulação (topo da camada 6), dois pequenos elementos graníticos, como que projetando, com o centro do esteio de cabeceira, o eixo de simetria do monumento (I-Fig. 6 e 7- 1; I-Est. V; Foto 4).

Estas áreas livres, observadas amiúde não só nos dolmenes da Beira Alta como um pouco por todo o Noroeste Peninsular[11], apresentam normalmente planta subtrapezoidal, subcircular ou subovalada de dimensões reduzidas, na maior parte das vezes complementadas por um corredor intratumular, claramente diferenciado em planta ou com marcação materializada por uma fiada de lajes[12], delimitada

[11] Na Beira Alta e no centro litoral citam-se, entre outros, os átrios dos dólmenes de *Areita* (São João da Pesqueira), *Capela da Senhora do Monte*, *Sangrino*, *Lameira de Cima 1 e 2* (Penedono), *Orca de Seixas* (Moimenta da Beira), *Orca das Castonairas* (Vila Nova de Paiva), *Picoto do Vasco* (Vila Nova de Paiva), *Orca de Merouços* (Vila Noiva de Paiva), *Orca do Folhadal* (Nelas), *Orca do Outeiro do Rato* (Carregal do Sal), *Arquinha da Moura* (Tondela), *Orca de Meruje* (Vouzela), *Dólmen de Antelas* (Oliveira de Frades), *Chão redondo 2 e Capela dos Mouros* (Sever do Vouga).
No norte de Portugal os de *Chã de Parada 1* (Baião), Mamoa 2 do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço), *Madorras* (Sabrosa) ou *Monumentos 1 e 5 de Chã de Arcas* (Vila Pouca de Aguiar).
Na Galiza os carismáticos átrios do *Dólmen de Dombate* (Cabana, A Coruña) e da *Mina da Parxubeira (San Fins de Eirón, A Coruña)*, ambos com fiadas de "Ídolos" a substituir a estrutura de "fecho", e *Os Campiños 6* (Stª Maria de Leiro, A Coruña).

[12] Nos *Dólmens da Lameira de Cima 1 e 2* este espaço encontrava-se demarcado por um estreito lajeado (Gomes, 1996: 161), observando-se situação muito parecida no *Dólmen 2 do Chão Redondo* (Talhadas, Sever do Vouga), onde estas duas áreas se encontravam separadas por três blocos graníticos colocados transversalmente ao eixo longitudinal do monumento (Santos, *et alii,* 2010/2011: 9) e no vizinho *Dólmen da Capela dos Mouros*, ainda que neste caso a dita estrutura localizava-se mais próximo da entrada no corredor ortostático (Santos, 2001: 145). Na *Orca das Castonairas (*Vila Nova de Paiva) o corredor intratumular "...estava dividido em duas partes por várias lajes dispostas transversalmente, colocadas sobre o solo de base" (Cruz, 2001: 167).

perifericamente pela estrutura de "fecho"[13], regularmente descontinuado por estreita abertura, descentrada ou não com o eixo do monumento, por onde se processava o acesso[14].

Nesta perspetiva, os átrios assumem-se como espaços fulcrais nas dinâmicas rituais deste tipo de sepulturas.

Assim, no caso concreto da *Anta do Penedo do Com,* o ingresso ao interior do monumento era condicionado pela estrutura de "fecho", sendo acesso, feito pela abertura central, certamente limitado a um restrito número de oficiantes.

Foi no importante trabalho sobre a *Mamoa 1 de Madorras* (S. Lourenço Ribapinhão, Sabrosa) Huet Bacelar Gonçalves e Domingos Jesus da Cruz chamaram a atenção pela primeira vez para este tipo de espaços construídos, integrando de raiz alguns dolmens de corredor. Referem eles que naquele caso o acesso ao átrio era condicionado por uma estrutura pétrea frontal que fechava e onde, cumulativamente, haviam sido depositadas as peças de carácter "idoliforme", no que designaram espaço sagrado por oposição a um espaço secular (Gonçalves & Cruz, 1994: 211), este situado no exterior da supracitada estrutura pétrea frontal.

Em monumentos semelhantes, compostos ou não, da Galiza, Norte de Portugal e também da Beira Alta, registou-se a presença, associada na maior parte dos casos aos átrios e/ou às estruturas de "fecho", de peças semelhantes, normalmente designadas por "ídolos". O mesmo pode ter acontecido com o *Penedo do Com* onde a um "polidor?" fragmentado (APC.98- 316), exumado no átrio, se pode avançar, com as reservas decorrentes da sua incompletude, a mesma interpretação (Cf. Capítulo 4 e II-Est.XXVIII-1).

---

[13] Murete/anel de pedras de baixas dimensões com largura variável, normalmente de configuração semicircular, disposto entre os extremos do contraforte/mamoa delimitando o espaço do átrio.

[14] Nas *Orcas de Merouços*, *Picoto do Vasco* (Vila Nova de Paiva), *Folhadal* (Nelas) e no *Dólmen de Chã de Parada* (Baião) os átrios, alinhados com o eixo central, são delimitados por semicírculos pétreos de "fecho" sem entrada, observando-se situação análoga no *Sangrino* (Penedono) ou em *Os Campiños 6* , ainda que nestes, tanto o átrio como o corredor intratumular, encontram-se descentrados relativamente ao áxis do dólmen.

Nos monumentos com abertura no fecho do átrio, esta pode apresentar-se descentrada — *Chão Redondo 2, Lameira de Cima 2* (Penedono) ou Madorras (Sabrosa) — ou centrada — *Penedo do Com*, *Lameira de Cima 1* ou Capela dos Mouros (Sever do Vouga).

A importância destes espaços é consubstanciada pela identificação, normalmente *in situ* ou em contexto estratigráfico seguro[15], de oferendas relacionadas com rituais ocorridos durante o seu funcionamento ou terminais, não raras vezes associados a fogueiras ou a restos destas (cinzas, carvões, etc.…), como veremos adiante no ponto 3.5, aquando do comentário integrado do espaço e artefactos exumados no *Penedo do Com* e noutros monumentos similares.

Relativamente a fogueiras, no átrio da *Arca do Penedo do Com* não foram identificados quaisquer vestígios daquelas ou mesmos suficientes restos vegetais carbonizados que pudessem indiciar seguramente a prática de rituais com fogo sobre esta área especifica do monumento[16], não se excluindo, no entanto, que estas não possam ter ocorrido.

Ainda assim, permitiu-se a exumação, sobre o topo do piso de circulação ou enterrado no sedimento que o constituía (c.6), de um interessante e extenso conjunto artefactual que, independentemente de ter integrado potenciais oferendas votivas depositadas sobre esta espaço na fase de uso/encerramento, deve ser valorizado sobretudo pelo seu importante valor cronológico (Ver capítulo 4 e anexo II).

Atente-se que esta era a única área funcional do monumento que se encontrava totalmente preservada[17] sob a "estrutura de condenação/selagem", que, no caso concreto, era composta maioritariamente por terra com alguma pedra, não estruturada, à mistura (c.5), colocada aquando do encerramento primário da sepultura.

Assim, e sobre o topo do piso de circulação identificaram-se:

— 3 micrólitos geométricos — um segmento (APC.98- 617), dois trapézios (APC.98- 293 e 608) (I-Fig. 10);

— 4 lamelas , sendo duas em sílex fragmentadas (APC.98- 1050 e 647) e outras duas em quartzo hialino, completas (APC.98-668 e 669) (I-Fig. 13);

---

[15] Por norma os espaços dos átrios e corredores intratumulares, selados/condenados por estruturas pétreas e/ou com terra após os rituais terminais, chegam até aos nossos dias inviolados, passando

[16] Os parcos restos vegetais carbonizados recolhidos em contextos seguros ressumem-se a quatro amostras recolhidas no corredor, uma no interior da fossa de um esteio e as outras três na camada 6, admitindo-se inclusive que estas possam corresponder a momentos anteriores à construção do monumento.

[17] Refira-se a este propósito que, pontualmente, área possa ter sido perturbada pelas raízes de alguns pinheiros, mormente aquela que se encontra representada no corte estratigráfico 1.

— 12 pontas de seta, sendo sete de base triangular (APC.98- 644, 635, 279, 654, 606, 1047 e 651), duas de base bicôncava (APC.98- 607 e 655), duas de base reta (APC.98- 631 e 1049) e uma pedunculada (APC.98- 625) (II-Fig.15 a 28);

— 5 elementos de adorno, sendo três contas em variscite (APC.98 – 673, 1048 e 671) e um pendente triangular em aplito (APC.98 – 949) (IV-Fig. 47);

— 1 seixo de rio em quartzito (APC.98- 325), um pequeno prisma de cristal de quartzo (APC.98-641) dois núcleos prismáticos para obtenção de lamelas em quartzo hialino (APC.98- 618 e 308) (II-Est.);

— dois fragmentos de cerâmica manual (bordos) correspondendo a recipientes distintos — um vaso esférico tendencialmente fechado (APC.98 – 593) (III-Fig. 32) e um outro semiesférico identificado sobre a estrutura de fecho do átrio (APC.98 – 25) (III-Fig. 33-2).

A escavação integral da camada 6 permitiu a recolha de mais alguns artefactos[18], soterrados intencionalmente ou simplesmente pertencentes a contextos anteriores à construção da mamoa.

Enquadrando a primeira hipótese cite-se uma lâmina profusamente retocada com segmentação proximal (APC.98 – 627) (II-Fig. 12-2), duas pontas de seta em sílex — uma de base triangular (APC.98 - 657) (II-Fig. 18-3), outra de base convexa (APC.98 – 670) (II-Fig. 24-6) —, uma conta cilíndrica em variscite (APC.98.677) (IV-Fig.47-9) e um fragmento de bordo pertencente a um recipiente de corpo em calote de esfera (APC.98 – 494) (III-Fig. 34-1).

Para além destes, observou-se a presença de alguns fragmentos de cerâmica manual de reduzidas dimensões, a par de algum material lítico residual, essencialmente em quartzo, para os quais alvitramos um contexto hipoteticamente anterior à construção da sepultura.

[18] Esta situação observou-se igualmente no corredor e na área fronteira exterior ao monumento (Q. E2 e F2), tendo propiciado a recolha de alguns fragmentos cerâmicos manuais sem forma, um polidor sobre seixo, um fragmento de dormente (sobre o topo da camada) e algumas lascas e esquírolas que associamos, com as devidas reservas, a momentos anteriores à construção do monumento.

Estratigraficamente, em escavação, não foi possível distinguir os contextos de deposição de uns e outros, fazendo-se esta diferenciação principalmente por causa da tipologia do material exumado.

Especial atenção para um pequeno seixo de rio e um prisma de quartzo, sem qualquer tipo de vestígio de uso e/ou manipulação por mão humana, certamente transportados de outros locais e aqui depositados, certamente imbuídos de uma forte carga simbólica (Gomes, 1997:169).

Assim, observamos que os depósitos votivos identificados sobre o piso de circulação do átrio em contexto estratigráfico seguro, associados possivelmente aos momentos de uso/encerramento da sepultura, comportando materiais mais tardios (pontas de seta de base reta, convexa ou côncava, lâmina profusamente retocada e, eventualmente, o pendente triangular), com amplos paralelos em contextos regionais datados dos finais do 4º/inícios do 3º milénio AC (Valera, 1997 e 2007:99), a par de outros tradicionalmente mais antigos (micrólitos, lamelas, pontas de seta de base triangular ou elementos de adorno), indiciam uma utilização primária da sepultura por um período de tempo mais longo, como discutiremos adiante no ponto 3.4, contrariando o que se tem registado regularmente em outros dolmenes da Beira Alta, para os quais se estima um tempo de utilização primária relativamente curto (Cruz: 2001: 241 e 257).

3.3. A arquitetura do *tumulus*

O *tumulus* (ou mamoa) encontrava-se muito deteriorado, por certo pelo uso milenar daquela área, conjugados com os agentes atmosféricos. Deste modo, não temos condições de saber a sua forma e dimensões originais, tal como relatamos no Anexo I.

O adiantado estado de ruína do *tumulus* não permitiu identificar com absoluta certeza os seus limites, independentemente do esforço despendido na abertura das sanjas laterais.

Ainda assim, na sanja SO. foi possível identificar restos das primitivas terras da mamoa (c.8 e c.9), cobrindo parcialmente o contraforte e evoluindo 0,60 m para lá do limite deste (Fig. 7-3; Est. IX).

Neste âmbito, com as devidas reservas, perspetiva-se que a massa tumular sobrejacente ao contraforte fosse exclusivamente em terra, sem adição de estruturas pétreas — couraça de revestimento e/ou fecho do *tumulus* — facto que facilitou o seu processo de compactação/erosão, colmatado certamente por ações várias de índole antrópica ocorridas ao longo do tempo.

Ostentaria um contorno subcircular, com um limite que se estima não muito maior ao observado na sanja SO., sensivelmente com 15, 60 m no eixo longitudinal e 14 m no eixo transversal[19],atingindo uma altura máxima perto dos 2,70 m, se admitirmos que a laje de cobertura não ficaria soterrada pela construção desta.

A escavação permitiu, contudo, a identificação de um possante contraforte, adossado primitivamente aos esteios da câmara e corredor, prolongando-se pela área fronteira do monumento delimitando os contornos e o "fecho" do átrio, conferindo-lhe um contorno subcircular (14,20 m no eixo longitudinal; 12,50 m no eixo transversal) (I-Fig. 5,6 e 7; I-Est. VII, VIII e IX).

A estrutura, de tipo "cairn", ostentava um aspeto maciço, transmitido pelo material pétreo utilizado e cuidado extremo tido durante a sua construção. Compunha-se por uma camada de pedras de pequenas e médias dimensões, assentes diretamente sobre o afloramento granítico ou no solo antigo enterrado pela construção do monumento (c.6), sobre as quais foram colocadas lajes graníticas de médias e grandes dimensões, perfeitamente imbricadas e com poucos espaços intersticiais, rematadas perifericamente por lajes subverticais (I-Fig. 5,6 e 7; I-Est. VII, VIII e IX).

Nas zonas em melhor estado de conservação, exibia uma espessura máxima de 0,80 m, baixando gradualmente para a periferia onde se apresentava parcialmente coberto pelas terras compactadas do tumulus (c.8 e c.9), com uma extensão regular de 4 m em torno da câmara[20].

---

[19] Medidas utilizadas, durante os trabalhos de conservação e restauro, na reconstituição da mamoa.

[20] No *Dólmen de Madorras* (Sabrosa, Vila Real) o contraforte atingia cerca de 6 metros junto aos esteios da câmara (Gonçalves & Cruz, 1994: 221), observando-se na Beira Alta exemplos de contrafortes com mais 4 metros, casos da *Arquinha do Seixo* (Seixo da Beira, O. Hospital (Perpétuo & Gomes, 2012], *Lameira de Cima 1* (Antas, Penedono) [Gomes, 1996] ou o *Dólmen da Capela de Nossa Senhora do Monte* (Penela da Beira, Penedono) [Carvalho, 2005], entre outros.

Fig. 9 – Pormenor do contraforte na sanja SW.

Presente na larga maioria das antas beiraltinas, esta estrutura, à qual se confere tradicionalmente um caracter funcional (estabilizando exteriormente o dólmen) apresenta-se por vezes tão desproporcional relativamente aos esteios do esqueleto pétreo, nomeadamente aos do corredor— como se observa no *Dólmen da Lameira de Cima 1*[21] (Penedono) (Gomes, 1994: 156)—, que nos leva a supor terem existido outros

[21] Dólmen de tipo clássico, com câmara poligonal alargada de sete esteios e corredor médio, diferenciado em planta e alçado, com dez esteios (Gomes, 1994: 156).

sentidos e motivos ideológicos na sua construção: ligação a práticas comunitárias de âmbito social, tradições construtivas àquelas conectados, ou simplesmente tradições construtivas, ou modos de fazer, *tout court*. Há mesmo casos, como no *Dólmen do Picoto do Vasco* (Vila Nova de Paiva) (Cruz, 2001:94), *Capela dos Mouros* (Santos, 2001:145) ou o *Dólmen do Poço dos Mouros* (Sever do Vouga), estes dois últimos localizados já no centro/litoral do país, em que a massa tumular é exclusivamente em pedra, mostrando a diversidade de soluções e porventura de motivações não imediatamente funcionais.

Deste modo, deposições ou integração de elementos pétreos particulares são também frequentes, como é o caso constatado no *Monumento 1 da Chã de Arcas* (Vila Pouca de Aguiar) onde, sobre o contraforte, foi colocado um forte aglomerado de seixos de rio, de forma intencional e localizada, relacionado com uma hipotética deposição votiva, eventualmente relacionada com rituais fundacionais (Perpétuo, 2017: 100).

3.4. Aspetos peculiares no encerramento/condenação

Após o tempo de utilização inicial, que no caso concreto julga-se ter sido longo[22], o monumento foi encerrado através da condenação definitiva do átrio, um processo decerto ritualizado, possivelmente acompanhado pela deposição de oferendas.

Esta área foi totalmente colmatada com terra e algumas pedras (c.5) encostando, possivelmente, à primitiva laje de fecho do corredor e espraiando-se por toda a área descoberta, disfarçando o espaço e o próprio acesso, e deste modo completando o aspeto mamilar da colina artificial (*tumulus)* (I- Fig. 5 e 7-1). Assim, observamos que a obliteração das diferentes "etapas" de acesso ao interior dos dólmens era feita pela construção de duas estruturas distintas, perfeitamente sincrónicas, designadas por "selagem" e "condenação" (Gomes, 1997: 27). A "estrutura de selagem" refere-se ao

[22] A *Anta do Penedo do Com*, à semelhança dos outros dolmenes complexos da Beira Alta, terá sido construída entre 4000 e 3650 (Cruz, 2001:257) antevendo-se, em função da recuperação de algum espólio lítico tardio (pontas de seta de base reta, lâmina profusamente retocada, pendente triangular etc) no átrio sob a estrutura de condenação, uma utilização contínua até momento mais tardio, eventualmente até finais do 4º mil. a.C.

"muro" pétreo e/ou aglomerado de terra e pedra construído na entrada do corredor ortostático, adossado primitivamente à laje de fecho, obliterando frequentemente o corredor intratumular. A estrutura de condenação, normalmente composta por muitos elementos pétreos com alguma terra à mistura, colmata a totalidade do espaço não coberto na área fronteira, na maioria dos casos formado por corredor intratumular e átrio, sobrepondo-se parcialmente ao *tumulus*, completando o seu aspeto mamilar e disfarçando/escondendo o acesso. No caso concreto do *Penedo do Com*, dadas as peculiares do material utilizado na construção destas estruturas (terra), não foi possível diferenciar uma da outra, admitindo-se mesmo a omissão da estrutura de selagem.

Estas estruturas podem assumir várias formas nos seus pormenores, mas surgem quase sempre elaboradas com extremo cuidado, embora não seja esse o caso do Penedo do Com. No *Dólmen do Sangrino* (Penedono) a estrutura selagem compunha-se de um amontoado de blocos e lajes de médias dimensões, dispostas horizontalmente segundo várias camadas e com alguma terra e elementos pétreos de pequenas dimensões denotando um especial cuidado na sua elaboração, contrastando com o estado mais caótico observado na estrutura de condenação, preenchida maioritariamente com pequenas pedras e terra (Carvalho, 1995), observando-se estruturas idênticas muito bem preservadas na vizinha *Necrópole da Lameira de Cima.*

Na *Necrópole Megalítica da Chã das Lameiras* (Alto Paiva-Moimenta da Beira), a escavação mais recente do *Dólmen de Seixas*[23] revelou uma estrutura de condenação composta por um enchimento de terras e pedras que se adossava à "laje de fecho/porta" do corredor. No *Dólmen do Picoto do Vasco*, cobrindo parcialmente o vestíbulo, corredor intratumular e átrio, foi construído um "...enchimento com lajes, de pequenas e médias dimensões, colocadas criteriosamente face a face, formando um enchimento denso, com poucos espaços intersticiais.", registando-se situação análoga na já referenciada *Orca de Merouços* (Cruz, 2001).

[23] Os trabalhos realizados em 1999, no âmbito de um projeto de escavação, restauro e valorização promovido pela autarquia e desenvolvido pela empresa Arqueohoje, Ldª, permanecem inéditos até hoje, sendo os resultados referidos sinteticamente na dissertação de doutoramento do Doutor Domingos Cruz.

Refira-se para outras zonas da Beira Alta estruturas idênticas, certamente associadas a rituais de encerramento, nem sempre devidamente interpretadas e/ou valorizadas, como por exemplo na *Orca de Pramelas* (Canas de Senhorim, Nelas) (Senna-Martinez, 1989:90), *Dólmen de Moinhos do Vento* (Arganil) ou *Dólmen de São Pedro Dias (Poiares).*

Em Trás-os-Montes, a escavação cuidadosa da área fronteira do *Dólmen de Madorras* facultou o registo vertical da estrutura de condenação, onde é possível observar a possante construção obliterando o espaço do corredor intratumular, composta por "...um amontoado de pedras dispostas horizontalmente, segundo várias camadas, misturadas com cascalho e areão..."(Gonçalves & Cruz, 1994: 187).

No caso que é objeto deste trabalho, o átrio do monumento não foi "selado" por uma estrutura pétrea desta dimensão, mas antes por terra com elementos pétreos de pequeno porte misturados, mas, repetimos, não estruturados.

Este tipo de situação, pouco comum nos grandes dólmens de corredor da Beira Alta, encontra paralelos na "condenação" do átrio do *Dólmen de Antelas* (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades) (Cruz, 1995: 263-264) e de *Madorras* (Sabrosa).

Ainda que não tenham sido identificados restos vegetais carbonizados que indiciem rituais terminais com uso de fogo nesta área do monumento, o aparecimento de alguns materiais arqueológicos entre as terras que selaram este espaço e outros identificados ao nível de topo do piso de circulação podem, no entanto, estar associados a deposições relacionadas com este momento final, assemelhando-se, nesse caso, aos Dólmens da *Necrópole da Lameira de Cima*—com deposição, numa área circunscrita e no meio das pedras, de muitos fragmentos cerâmicos pertencentes a pelo menos onze recipientes (Gomes, 1996:174)—, da *Senhora do Monte* —um vaso completo (mas fragmentado), associado a um esferoide e fortes concentrações de cortiças carbonizadas (Carvalho, 2005:58)— e, bem assim, a outros da Plataforma do Mondego. Citemos os casos de *Outeiro do Rato*, *Dólmen de S Pedro Dias* e *Moinhos de Vento*, ou outros dólmens regionais, merecendo destaque não somente a deposição de recipientes cerâmicos (ou fragmentos destes), como instrumentos em rocha ou mineral (Senna-Martinez, 1989: 50-69 e 70-85), ou mesmo seixos de rio (*Orca das Castonairas*) (Cruz, 2001:167 e 364).

Atente-se ao caso concreto da *Orca das Castonairas* (Fráguas, Vila Nova de Paiva), um dólmen com câmara poligonal larga, provavelmente de nove esteios, com corredor comprido (5,50 m) com cinco ou seis esteios em cada lado, com altura similar e justapostos topo a topo, criando um espaço de acesso regular (Cruz, 2001:166), em certa medida semelhante ao observado na *Arca do Penedo do Com.* O espólio resultante da intervenção de V. Leisner neste monumento integra materiais líticos e cerâmicos (câmara e corredor) quer da fase de utilização inicial, quer das reutilizações do Calcolítico e da Idade do Bronze (Leisner, 1998: 41-51, taf. 28-34). Os últimos trabalhos científicos realizados aqui realizados revelaram a presença, na área do corredor intratumular e, principalmente, no átrio, de numeroso espólio cerâmico associado a restos de madeira carbonizada provenientes de pequenas fogueiras "...acesas durante o funcionamento do monumento, eventualmente logo após a condenação"(Cruz, 2001:167).

Salienta-se que um conjunto de datações, obtidas com amostras recolhidas no corredor intratumular e átrio nos trabalhos de 1996, definem a sua utilização final em período situável na 2ª metade do 4º milénio a.C. / inícios do 3º milénio a.C. (Cruz, 2001: 364).

Neste âmbito, para além do material enunciado anteriormente recuperado sobre o topo do piso de circulação do átrio (ver ponto 3.2) , refira-se a presença, entre as terras que selaram o este espaço aberto (c.5), de mais três micrólitos — um crescente (APC.98-617) e dois trapézios (APC.98-612 e APC.98-291) (II-Fig. 10-4, 10-15 e 10-19)—, de uma ponta de seta de base côncava (APC.98-633) (II-Fig. 19-1) e duas contas de colar — uma discoidal em quartzito polido (APC.98.685) (IV-Fig. 47-1) e outra globular em variscite (APC.98-680) (IV-Fig.47-12)—, admitindo-se, em função do observado anteriormente para monumentos congéneres, a possibilidade de este conjunto ter integrado uma deposição votiva terminal.

Desconhecemos os motivos específicos inerentes ao encerramento primário destas sepulturas coletivas, hipoteticamente dissemelhantes entre algumas se tivermos em linha de conta os distintos períodos de tempo observados para a sua utilização e os distintos rituais associados.

Este momento, em nossa opinião e à semelhança do que é preconizado para os rituais fundacionais (Cfr. Gonçalves & Cruz, 1994; Gomes, 1996; Cruz, 2001; Sanches, Nunes e Silva, 2004 e 2005; Carvalho, 2005; Perpétuo, 2017), deve-se ter revestido da maior importância, constituindo-se como um ato de exceção no quotidiano destas comunidades construtoras/utilizadoras de dólmens, por terem envolvido rituais extensos e complexos, com recurso frequente ao fogo, cenografias de onde emergiriam momentos emotivos fortes que perdurariam certamente na memória coletiva durante gerações.

Refira-se, a este propósito e considerando de novo Trás-os-Montes a amplitude e complexidade dos procedimentos terminais observados na Mamoa D'Alagoa (Sanches *et alii,* 2004:11) e na do Castelo I (Jou, Murça) (Sanches *et alii,* 2005a:14). No primeiro caso a construção da estrutura de fecho ou selagem do corredor ortostático, certamente substituindo a "porta", foi antecedida pela realização de sucessivas fogueiras, alternadas com a colocação de pedras e outros sedimentos, ao mesmo tempo que se depositava um vaso na base do um esteio. O ritual completou-se com o deslocamento propositado dos esteios para o interior do corredor do corredor, colmatando-se o restante vão com pedras bem encaixadas[24]. Simultaneamente, ou em tempo próximo, realizaram-se combustões revezadas na depressão do corredor intratumular, intercaladas com a colocação de pedras (estrutura de condenação), tendo-se estendido o "incêndio" para a zona do átrio (Sanches *et alii,* 2004:15). Na Mamoa do Castelo I (dólmen de vestíbulo) observou-se um ritual de condenação com características semelhantes ao dólmen de corredor da Alagoa; ali o espaço vestibular e base do corredor intratumular foram preenchidos com cristais de diversas dimensões, blocos de cristais, esquirolas, lascas e blocos de quartzo, enquanto aí era realizado fogo. Posteriormente, os esteios do vestíbulo foram tombados para o interior e colmatou-se a totalidade deste espaço e de todo o corredor intratumular com argila, blocos de

[24] O início das ações condenação encontram-se datadas por uma amostra recolhida sob a estrutura de fecho (3700-3530 AC) (Sanches *et alii,* 2004: 15).

quartzo, cristais, lascas, núcleos e esquírolas, realizando-se concomitantemente insistentes queimadas de elementos vegetais (Sanches *et alii,* 2005: 14).

Por último, com o simples intuito de mostrar que estas práticas eram igualmente comuns a zonas mais interiores da Península Ibérica, alude-se ao interessante caso do *Dolmen de El Teriñuelo* (Aldeavieja de Tormes, Salamanca), um monumento de grandes dimensões com câmara tendencialmente ovalada, primitivamente composta por 15 esteios justapostos, e corredor comprido (7 m) aberto a SE.

A condenação deliberada do monumento não se resumiu às áreas fronteiras de acesso, tendo-se observado igualmente no corredor e na entrada da câmara, sendo feita "...mediante la acumulación pautada, no caótica, de bloques pétreos de pequeño e mediano tamaño", acompanhada da deposição, descontinuada e localizada em determinadas partes da estrutura de selagem, de fragmentos lisos de cerâmica de pequeno e médio porte, em modo de oferendas rituais (Tejedor *et alii,* 2017:58).

4. Penedo do Com: materiais integrados na construção versus materiais depositados em práticas de uso funerário e de condenação. Uma aproximação à temporalidade de uso do monumento.

Partindo do posicionamento estratigráfico do espólio exumado durante a intervenção científica, pretende-se com este capítulo fazer um faseamento cronométrico dos momentos de deposição de cada artefacto e/ou material com evidente manipulação humana — ocupações prévias, construção (abertura de fossas, edificação do esqueleto pétreo, construção de contrafortes e colocação das terras do *tumulus*), uso (deposições primárias e posteriores na câmara, corredor, áreas a descoberto de acesso ou na mamoa) e encerramento — integrando-os no seu contexto arqueológico por forma a entender a sua genealogia e semântica.

Nesta perspetiva, parte-se do princípio que esta ideia se deve afigurar como um ponto de importância acrescida, contrariando um pouco a enfatização dominante colocada no

estudo das arquiteturas sepulcrais, num momento temporal — Neolítico — em que a cultura material se torna cada vez mais atrativa para as comunidades (Hodder, 2012), propiciando a criação e manipulação de "novas entidades" na escala social (Thomas, 2015).

Assim, julgamos que a diversidade e quantidade artefactual proveniente de muitos dólmens da Beira Alta, infelizmente nem sempre devidamente publicados, plasmam bem esta realidade.

Neste âmbito, tratando-se a construção e utilização de monumento sob *tumulus* desta amplitude um momento "excecional" na vida destas comunidades é natural que os artefactos associados também o sejam, distanciando-se, nesta medida, de outros de uso comum ou doméstico que possam igualmente surgir associados a contextos não rituais, de reutilização e/ou pré-ocupacionais.

Para um melhor entendimento dos rituais inerentes subjaz uma melhor compreensão dos contextos de deposição dos materiais associados, possibilitando uma interpretação mais sustentada do fenómeno sepulcral e da sua integração no processo social e económico intrínseco.

Um estudo desta ordem, para o presente caso e atendo ao estado profundamente revolvido/violado em que o monumento se encontrava, levantou toda uma série de dúvidas que obrigou à tomada de algumas decisões interpretativas no sentido contextualizar algum material, nomeadamente aquele cuja circunstância de recolha não é totalmente segura mas que a partir de índices indiretos — localização, associação a estruturas ou relação cronológica com outros materiais — podemos aferir um contexto provável, relegando-se desta equação todo o material assumidamente deslocado.

A escavação científica da *Arca do Penedo do Com* possibilitou a recolha de um espólio constituído por: 795 fragmentos cerâmicos (correspondentes a pelo menos 37 recipientes) e 263 peças líticas, muitas delas fragmentadas, correspondentes a 18 micrólitos geométricos, 12 lâminas, 15 lamelas, 89 pontas de seta, 2 raspadores, 1 machado, 4 mós (2 moventes e 2 dormentes), 59 componentes de adorno (58 contas de colar, 17 das quais pequenas contas discoidais em xisto, e 1 pendente triangular); 10

seixos do rio, 16 cristais; 4 polidores; 7 núcleos, 15 lascas, 5 restos de talhe e 6 esquírolas.

Relativamente à cerâmica, tendo em conta o total da amostra, observamos que apenas cerca de 5% dos fragmentos foram recuperados em contexto seguro, contabilizando já os 37 pequenos fragmentos sem forma e de reduzidas dimensões, recuperados sobre os vestígios de "paleosolo"/saibro de base no exterior do monumento (E.2 e F.2). Se tivermos em conta apenas os fragmentos que permitiram estabelecer o número mínimo de recipientes, observamos que apenas 3, recolhidos no átrio sobre o piso de circulação primário, se encontravam *in situ.*

Quanto aos líticos, regista-se um aumento significativo na percentagem de material recolhido em contexto estratigráfico seguro ou incorporado nas estruturas do sepulcro[25], cifrando-se neste caso em pouco mais de 29% da totalidade, o que corresponde a 76 peças, incluindo algum material residual (lascas, blocos debitados ou esquírolas) procedente do topo do "paleosolo" na área fronteira externa ao monumento.

Por forma a facilitar o entendimento apresentamos seguidamente os diferentes contextos de recolha e os materiais associados.

A periferia da mamoa, sumariamente escavada na área fronteira (Q. F1, F2, E1 e E2), revelou uma estratigrafia muito simples representada quase exclusivamente pela camada 1 e por alguns vestígios da camada 6 nas zonas de contacto com a estrutura pétrea que definia o átrio.

Sob este estrato (c.1) e no topo do saibro de base[26], que nesta zona especifica apresentava uma potencia significativa (c. de 0,40m), foram exumados perto de quatro dezenas de pequenos fragmentos cerâmicos, algum material lítico residual — constituído por 6 restos de talhe (5 em quartzo hialino e leitoso e um em sílex) e 5

[25] Podendo, eventualmente, admitir-se neste caso a reutilização como material construtivo de peças que antes foram tecnicamente funcionais.

[26] Admite-se que o sedimento/estrato vegetal antigo, sobre o qual se circulava aquando da edificação da sepultura, preservado na área fronteira sob o *tumulus* e que serviu de piso na área do átrio e corredor (c.6), possa ter sofrido um processo acelerado de erosão e/ou por ação antrópica, explicando a sua ausência, preservando-se, no entanto, os materiais arqueológicos sobre o saibro de base.

esquirolas (4 em sílex e 1 em quartzo hialino) — e 1 fragmento de movente de um moinho manual (APC.98-787)[27] (II-Est. XXVI-1).

Destaca-se igualmente as lascas (sílex e quartzo hialino), debitadas em bruto sem transformação do suporte, dispersas pela área fronteira do monumento (Q. F2, E3; F4; E5e F5) nos níveis médios e inferiores da camada 6, onde se logrou identificar 6 exemplares *in situ* (APC.98 – 289, 270 e 308, 309, 649 e 644) (Est.-XXIX-1), que por si só permitem conjeturar a prática local de atividades de talhe.

Nesta perspetiva, releve-se igualmente a presença de 3 núcleos — 1 núcleo prismático esgotado para obtenção de lamelas com extração de lasca (APC.98 – 618) e 2 núcleos prismáticos de lamelas esgotados (APC.98 – 308 e 966) — que julgamos tratar igualmente de indícios diretos da produção de instrumentos líticos talhados (II-Est. XXVIII-2).

Enquadrável com este contexto, consideramos poder estar um polidor (APC.98 – 781) (II-Est. XXVIII-1)produzido sobre um seixo de rio em granito e com evidentes sinais de percussão num dos topos, achado no corredor no nível inferior da camada 6, junto ao topo do afloramento rochoso.

Todo este material pode estar relacionado com uma ocupação prévia do local, possivelmente de cariz doméstico.

No que à construção do monumento concerne, identificámos alguns artefactos líticos que em função da sua localização estratigráfica/contextual parecem ter sido depositados, eventualmente em associação a rituais e/ou crenças fundacionais, no momento da edificação da estrutura pétrea interna e/ou das estruturas negativas que serviram de base à sua implantação.

Assim, considera-se um micrólito geométrico — trapézio assimétrico (APC.98-302) (II-Fig.10-2)— recolhido na lateral SW. da fossa do esteio de cabeceira (E.8) e uma lamela completa em quartzo hialino (APC.98 – 879) (II-Fig.13-2)exumado em contexto idêntico

[27] Este encontrava-se sobre o topo do saibro, envolvido pela camada 1, pelo que a sua integração neste contexto deve ser considerada com algumas reservas.

sob os calços externos que o acondicionavam, posteriormente selados pela construção do contraforte.

Admite-se um ato deliberado, incluso num rito fundacional, provavelmente no espaço de tempo que mediou a colocação do esteio de cabeceira e o acondicionamento da cavidade com calços em pedra e terra, colocando-se algumas reservas no primeiro caso tendo em conta que a área foi profundamente perturbada com a remoção do esteio que originalmente ladeava a cabeceira, conjeturando-se, nesta medida, que o artefacto tenha integrado um enxoval fúnebre depositado no interior da câmara e que paulatinamente foi arrastado para o interior da fossa de E.8.

Mais duvidoso é um segmento (APC.98-652) (II-Fig. 10-13) identificado entre as pedras do contraforte na sanja NW. Na verdade, a área onde foi recolhido encontrava-se profundamente remexida, afigurando-se mais remota a hipótese de se tratar de um ato intencional.

Na câmara do dólmen, integrando o conjunto de calços que interiormente acondicionavam a base de E.6, identificou-se um fragmento de polidor, com evidentes sinais de percussão. O contexto em que se encontrava leva-nos a considerar, em primeira análise, tratar-se da reutilização de um artefacto inutilizado enquanto material de construção. No entanto, tendo em conta a ambiência que rodeia a edificação de um dólmen, onde poucos seriam os atos rotineiros dos seus obreiros, não descuramos a hipótese de estarmos na presença de uma pequena oferenda votiva de índole fundacional.

Neste âmbito, devem igualmente ser considerados um movente fragmentado (APC.98 – 789) (II-Est.XXVI-1) incorporado na parede lateral que definia o átrio do lado NE. e um fragmento de dormente (APC.98 — 1076) (Fig.XXVI-2) observado no contraforte dos esteios da câmara.

Na área fronteira exterior ao átrio, parcialmente enterrados na camada 6 (APC.98 – 311 e 325) e sobre esta (APC.98 – 322) encontravam-se três seixos rolados, aceitando-se o pressuposto de aí terem sido depositados intencionalmente durante a fase de construção/fundação da sepultura (II-EstXXVII-1).

Acreditamos, porém, que a maioria do espólio recolhido foi depositado no interior do dólmen ou nas áreas fronteiras de acesso, durante a utilização primária da sepultura/templo.

O interior da câmara funerária, independentemente da grande quantidade de material arqueológico que aí se identificou, encontrava-se profundamente violado, inviabilizando quase sempre uma contextualização do mesmo.

No corredor ortostático e, principalmente, no átrio, onde se encontravam os principais estratos preservados (c.5 e c.6), foi facultada a recolha de um importante e significativo conjunto de materiais, maioritariamente composto por artefactos líticos, que em muito contribuíram para um melhor entendimento da "vida" do monumento.

No corredor a remoção de todos os esteios tombados e a limpeza das terras soltas acumuladas permitiram identificar parte das fossas primitivas de implantação dos ortóstatos, os calços pétreos que se lhe encontravam associados e o piso de circulação primitivo deste espaço.

A subsequente escavação revelou a presença, na camada 6, de um trapézio assimétrico (APC.98-1052) (II-Fig.10-9), uma lamela completa (APC.98-877) (II-Fig.13-4) de reduzidas dimensões em quartzo hialino, uma ponta de seta de base triangular (APC.98 — 1036) (II-Fig. 26-4), uma ponta de seta de base bicôncava (APC.98-1046) (II-Fig.26-6), duas contas em xisto discoidais, uma conta cilíndrica em variscite (APC.98-1040) (IV-Fig.47-34), um prisma piramidal em quartzo hialino translucido completo (APC.98 – 648) (II-Est.XXVII-2) e um seixo de rio (APC98 – 1026) (II-Est. XXVII-1).

Ainda no corredor, no interior da fossa do E.1 encontrava-se uma ponta de seta de base côncava (APC.98-634), na fossa do E.2 uma conta em variscite e na do E.3 duas contas discoidais em xisto.

No átrio do monumento, ao nível de topo do piso de circulação (c.6) foram identificados *in situ* 3 trapézios assimétricos (APC.98-291, 608 e 293) (II-Fig.10-16, 10-14 e 10-6), 1 trapézio retângulo (APC.98- 612) (II-Fig.10-15) e 1 segmento (APC.98-617) (II-Fig. 10-4). Neste espaço, encostada à estrutura de fecho e intencionalmente enterrada na camada 6, encontrava-se uma lâmina totalmente retocada (APC-627) (II-Fig.10-4), talvez paralelizável com o conjunto de lâminas "cravadas" no átrio do *Dólmen de São Pedro*

Dias, Poiares (Tavares, 1980), ou com o conjunto artefactual, onde predominavam lâminas lisas e retocadas, identificado no átrio da *Orca de Moinhos de Vento* (Arganil) (Leisner, 1998: 139-142, Abb. 7ª) articuladas, porventura, com os momentos finais de utilização destes dólmens (Cruz, 2001: 307).

Ainda sobre o topo da camada 6 (no átrio) encontravam-se 4 lamelas (APC.98 – 1050, 647, 668 e 669) (II-Fig.13-8, 13-9, 13-10 e 13-13) admitindo-se, principalmente para os dois magníficos exemplares completos e retocados (APC.98 – 668 e 669), um ato propositado na sua deposição, eventualmente, integrando os rituais de encerramento ou outros próximos a este momento.

Distribuídas arbitrariamente por toda a área do átrio, em contexto estratigráfico idêntico, identificaram-se 12 pontas de seta — sete de base triangular (APC.98- 644, 635, 279, 654, 606, 1047 e 651), duas de base bicôncava (APC.98- 607 e 655),duas de base reta (APC.98- 631 e 1049) e uma pedunculada (APC.98- 625), anunciando estas tipologias um extenso período de uso (contínuo ou descontínuo). Os elementos de adorno deste espaço encontravam-se representados por três contas em variscite (APC.98 – 673, 1048 e 671) (II-Fig. 15 a 28) e um pendente triangular em aplito (APC.98 – 949) (IV-Fig. 47-43).

Ainda dentro deste contexto arqueológico, valorizam-se igualmente algumas peças de carácter pode ir para além do meramente funcional, como um seixo de rio em quartzito (APC.98- 325) (II-Est. 27-1) e um pequeno prisma de cristal de quartzo (APC.98-641) (II-Est. XXVII-2), aos quais, com as devidas reservas, poderemos juntar dois núcleos prismáticos para obtenção de lamelas em quartzo hialino (APC.98- 618 e 308) (II-Est. XXVIII-2); estes podem ter assumido, cumulativamente, uma dimensão social relevante, podendo agregar-se a outras oferendas votivas.

Dentro do grupo dos designados objetos ideotécnicos, deve igualmente ser nomeada uma peça em granito de grão fino (APC.98-316) (II-Est.XXVIII-1), totalmente polida, com acentuado desgaste sobre o anverso e aspeto agronómico no reverso — adaptável à preensão digital — a qual, com muitas dúvidas, classificámos como um polidor.

A singularidade do suporte, conjugada com as características evidenciadas, levam-nos a atribuir a esta um cariz "idoliforme", potenciado pela localização/deposição à entrada

do átrio. Trata-se de uma deposição primária, ocorrida durante a sua fase de uso e/ou encerramento, em possível associação com outros artefactos/oferendas referidos anteriormente.

Sobre o piso do átrio identificaram-se os únicos fragmentos de cerâmica com forma em contexto estratigráfico não perturbado. Falamos de dois bordos correspondestes a recipientes distintos— um vaso esférico tendencialmente fechado (APC.98 – 593) (III-Fig. 32-1) e um outro semiesférico identificado sobre a estrutura de fecho do átrio (APC.98 – 25) (III-Fig. 33-2) — aos quais devemos juntar um terceiro vaso com corpo em calote de esfera (APC.98 - 494) (III-Fig. 34-1), recolhido à entrada do átrio (E.3) sob o piso de circulação (c.6), associado ao período de uso primário da sepultura.

Relacionados diretamente com o encerramento primário do monumento funerário temos artefactos recolhidos na estrutura de condenação da área de acesso a descoberto, que no presente caso é composta exclusivamente pela camada 5.

Entre estes contam-se três micrólitos — um crescente (APC.98-617) (II-Fig. 10-4) e dois trapézios (APC.98-612 e APC.98-291) (II-Fig. 10-15 e 10-16)— uma ponta de seta de base côncava (APC.98-633) (II-Fig. 19-1) e duas contas de colar — uma discoidal em quartzito polido (APC.98.685) e outra globular em variscite (APC.98-680 (IV-Fig.47)

Por último, aludir a alguns artefactos recolhidos na câmara e corredor ortostático que, embora não se encontrassem em situação estratigráfica segura, julgamos próximos do local de deposição primária, justificando por isso uma pequena nota interpretativa. Referimo-nos concretamente a um trapézio retângulo (APC.98-1038) (II-Fig.10-5), um polidor (APC.98-941) (II-Est. XXVIII-1) 4 prismas (APC98 – 861, 942, 980 e 1039) (II-Est.XXVII-2)e um núcleo (APC.98 -1035) (II-Est.XXVIII-2) exumados na câmara ao nível de base da camada 4, praticamente em contacto com o substrato de base.

Nesta perspetiva, consideram-se igualmente outros dois contextos de recolha distintos, o de uma ponta de seta de base bicôncava (APC.98-842) (III-Fig. 23-2) que se achava no espaço intersticial dos esteios 5 e 6 e duas contas discoidais em xisto encontradas no interior da fossa do esteio 5.

Ainda na câmara funerária, próximo dos calços internos do esteio 7, foi reconhecido, em contacto com substrato rochoso, um dormente de moinho manual sumariamente fraturado (APC.98 — 1077) (II-Est. XXVI-2). Não é despropositado considera-lo parte integrante do conjunto de calços que acondicionavam a base do referido monólito, advogando-se, no entanto, em virtude da sua morfologia, podermos estar na presença de um objeto funcional de caracter simbólico empregue em ritos fúnebres ocorridos no interior do monumento.

No corredor, sobre os calços dos esteios preservados no lado direito, identificou-se um fragmento de um fundo plano pertencente a vaso de perfil troncocónico (APC.98 – 328) (III-Fig. 37-2), associado às deposições secundárias ocorridas, provavelmente, neste espaço.

Os dados apresentados, permitem-nos tirar algumas ilações sobre a ocupação, não continuada, deste espaço por um período de tempo alargado, que deve ir desde a primeira metade do 4º milénio a.C. até finais do 3º milénio a.C.

Por outro lado, o monumento aparenta ter sido construído em local frequentado anteriormente. A presença de indícios indiretos, não estruturais, materializada por alguns fragmentos cerâmicos, resíduos provenientes de operações de talhe e debitagem de blocos líticos — lascas, núcleos, restos de talhe e esquirolas — moinhos e polidores, identificados na periferia do monumento, nos vestígios residuais do solo antigo ou no estrato deste preservado sob o *tumulus* (c.6)[28], parecem confirma isso mesmo. A localização deste material na camada 6, a uma altura média e inferior da mesma, leva-nos a supor que este aqui tenha sido "abandonado" em momento anterior à construção do dólmen, sendo possivelmente decorrentes da prática de atividades de natureza doméstica, associadas, porventura, a uma pré-ocupação do local enquanto *habitat*.

Diretamente associados à fase de construção do monumento, identificamos um reduzido número de artefactos reutilizados enquanto material de construção e/ou

[28] A camada 6 corresponde, "grosso modo", ao solo que existia no local e que foi "enterrado" pela construção da sepultura, tendo o seu topo servido de piso de circulação nas áreas funcionais do monumento.

depositados intencionalmente com fins votivos, eventualmente conectados com ritos fundacionais, nas estruturas que compõem o *tumulus* e o dólmen propriamente dito.

São estes um micrólito e uma lamela, identificados no lado exterior da fossa do esteio de cabeceira, um segmento recuperado entre as pedras do contraforte e três pequenos seixos de rio "enterrados" na área fronteira exterior ao monumento na camada 6. Reutilizados enquanto material de construção mencione-se um polidor fragmentado reutilizado como calço interno do esteio 6 e dois fragmentos de moinho manual integrados nos contrafortes, admitindo-se, no entanto, que estes possam aí ter sido colocados com outros fins, tendo em conta que raros seriam os atos/gestos inocentes ou casuais ocorridos durante a edificação do monumento.

Estes contextos devem ser interpretados com as devidas reservas, ressalvando-se, no entanto, o cariz marcadamente arcaizante/conservador do conjunto observado, em consonância com a fase cronométrica considerada, ou seja, a construção/fundação do dólmen que parece inscrever-se seguramente na primeira metade do 4º mil. AC.

A maioria do espólio considerado neste capítulo, exumado essencialmente sobre e entre a camada 6 nas áreas de circulação do corredor ortostático e átrio, deve ser integrado na fase de utilização da sepultura. Admite-se, no entanto, que parte dos artefactos identificados sobre o "piso" de circulação do átrio, selados pela estrutura de condenação (c.5), possam estar associados a momentos finais de uso se não mesmo a deposições votivas inerentes ao cerimonial de encerramento. Outros podem estar relacionados com ocupações continuadas, antes desse encerramento pois, adiantamos, nem a estratigrafia nem a tipologia do material arqueológico, que é de longa vigência temporal, permitem discernir claramente usos antes da condenação, como discutiremos de seguida.

Assim, em conexão com objetos mais antigos (micrólitos, lamelas, contas em xisto e variscite) — que são presença assídua em contextos funerários e habitacionais sobretudo do 4º mil. AC em todo o Noroeste peninsular (Gomes, 1994:81) —, e,

possivelmente, pontas de seta de base triangular[29] e pedunculada, identificamos artefactos que evidenciavam características assumidamente tardias — lâmina retocada, um pendente triangular e pontas de seta de base reta, côncava e bicôncava.

Esta mesma relação entre materiais mais arcaicos e outros mais evolucionados é observável entre o conjunto artefactual recolhido nas terras da estrutura de condenação do átrio (c.5), onde a par de um micrólito e duas contas de colar em variscite se encontrava uma ponta de seta de base côncava.

Estes artefactos — lâminas retocadas, pontas de seta base côncava e reta e o pendente triangular — comuns não só em contextos funerários, mas também habitacionais, surgem relacionadas com estratos calcolíticos regionais (Valera, 1997), apontando a sua presença para momentos adiantados/tardios da ocupação dos dólmens beiraltinos, alicerçando a ideia de que o encerramento primário desta sepultura possa ter ocorrido já na transição do 4º para o 3º milénio AC.

A ponta de seta de base côncava, rara ou ausente em contextos funerários megalíticos do norte de Portugal (Jorge, S., 1978), Galiza e regiões interiores da meseta é comum no sul do território nacional, admitindo-se serem "...na região centro um elemento de origem meridional, tardio..." (Cruz, 1992:76).

Por se constituírem igualmente como artefactos de valor cronológico relativo, reservam-se algumas considerações finais, que julgamos pertinentes, para os poucos fragmentos cerâmicos recolhidos em localização estratigráfica segura.

O numeroso espólio cerâmico proveniente da *Arca do Penedo do Com,* foi maioritariamente exumado em situação estratigráfica não definida, exceção feita aos fragmentos recuperados em suposto contexto pré-ocupacional identificado na área fronteira externa ao monumento e aos três bordos recolhidos no átrio, revestindo-se

[29] As pontas de seta são artefactos que possuem valor cronológico relativo. Na verdade, encontram-se ausente dos espólios fúnebres primários de dólmens mais antigos e/ou com um tempo curto de utilização — cite-se entre outros o Dólmen de Areita, Capela da Senhora do Monte, Carapito 1, Orca da Cunha Baixa, Ameal 2, Orca de Pramelas, Antelas ou Chão Redondo 2), admitindo-se que a sua introdução nesta região "...se terá registado em momento não anterior a 3.000 anos a.C." (Cruz, 1992:77) (Cronologia convencional não calibrada). As pontas de seta de base triangular são consideradas mais antigas, revelando-se dominantes em contextos congéneres na Beira Alta (Carvalho, 2005:183).

estes últimos de importância acrescida por esse facto. São, estes últimos, fragmentos de recipientes, com formas distintas entre si, simples e de carácter marcadamente arcaizante — esférica fechada, semiesférica e em calote de esfera —, com ampla pervivência temporal e significativa distribuição espacial, perfeitamente integráveis no pacote artefactual das deposições primária do sepulcro. No seu conjunto remetem para contextos funerários do Norte de Portugal e Galiza, datáveis ou datados da primeira metade do 4º mil. AC, ou mesmo da segunda metade do mesmo.

A escavação dos estratos revolvidos da câmara, corredor e mamoa facultaram a recolha de abundantes fragmentos cerâmicos pertencentes a vasos campaniformes, troncocónicos e subcilíndricos, enquadráveis cronologicamente no 3º milénio AC ou, possivelmente, na fronteira entre o 3º e o 2º milénio, como discutiremos adiante.

A ausência destas formas cerâmicas tardias no átrio do monumento e/ou na estrutura de condenação, consubstancia a ideia de que estas devem ter sido colocadas no interior do corredor e da câmara funerária em momento posterior ao encerramento primário, constituindo-se desta forma como uma reutilização de um espaço sepulcral antigo por populações que já não conheciam o seu primitivo modo de funcionamento e praticavam rituais distintos. Deste modo, estas cerâmicas parecem confirmar um momento e período de interrupção de uso tradicional do monumento na totalidade das suas componentes arquitetónicas (particularmente nos acessos), ao configurarem deposições intrusivas pós condenação, somente do corredor ortostático e câmara.

Na Beira Alta, normalmente articulado com os dólmens de grandes dimensões[30], observamos não raras vezes a presença de materiais calcolíticos e da Idade do Bronze em contexto de deposição secundária (Cruz, 2001:264), registando-se que em grande parte deles as estruturas de condenação dos átrios e corredores intratumulares não foi removida (*Orca de Seixas* (Moimenta da Beira), *Orca das Castonairas* (Vila Nova de Paiva), *Dólmen da Senhora do Monte* e a *Lameira de Cima 2* (Penedono). Nestes casos, o ingresso no interior da sepultura pela abertura de outros acessos que não o primitivo

[30] Refira-se entre outros Pendilhe, Moinhos de Rua, Tanque, Juncais (Vilanova de Paiva), Forles (Sátão), Outeiro do Rato (Carregal do Sal), Sobreda, Seixo da Beira e Bobadela (Oliveira do Hospital)

— eventualmente pela remoção de uma das lajes de cobertura ou esteios do corredor — , e, nesse sentido, estaríamos perante uma "violação" ou arrombamento (Cruz, 2001:264). Outros arqueológos parecem ter opiniões divergentes (por ex. Tejedor, *et alii*, 2017) ao associarem os monumentos a uma longa biografia social. Em qualquer dos casos, o certo é que nestas situações o monumento é recuperado ativamente para as práticas sociais, ou seja, serve ideologicamente e em diferentes momentos, comunidades distintas do ponto de vista socio-político. Na *Arca do Penedo do Com* passou-se situação análoga, confirmando-se assim que após uma primeira fase de ocupação que se preconiza longa — situada entre a fundação do monumento na primeira metade do 4º milénio a.C. e a sua condenação primária, que pode ter ocorrido já nos finais do 4º/inícios do 3º milénio a.C. —, o dólmen foi reutilizado pelo menos mais uma vez por povo distinto, se aceitarmos a ideia de que os vasos campaniformes e os outros recipientes da Idade do Bronze (troncocónicos e subcilíndricos) foram ali ritualmente depositados, em contexto funerário, pela mesma comunidade.

5. Análise tipológica dos artefactos em rocha ou mineral e indicações crono-culturais regionais

O material lítico exumado no *Dólmen do Penedo do Com*, composto por um conjunto de 263 peças, apresenta-se representado por artefactos em **pedra lascada** — micrólitos geométricos (18), lâminas (12), lamelas (15), pontas de seta (89) e raspadores (2) —, em **pedra polida** — machado (1) — **objetos com carácter ideotécnicos** — seixos (10) e cristais (16) —, **elementos de moinhos manuais** — dormentes (2) e moventes (2) —, **polidores** (4), **objetos de adorno** — contas discoidais em xisto (17), contas em variscite (36), em quartzo polido (3), em lidito (1), em calcite (1) e pendente em aplito (1) —, **produtos de debitagem** — lascas simples — e **resíduos de talhe** — 6 restos de talhe e 5 (este material encontra-se descrito em pormenor no Anexo II).

Como temos vinda a anotar em páginas anteriores, encontrava-se, na sua maioria, disperso pelas camadas de terra que compunham o enchimento da câmara e corredor (c.1, c.3 e c.4) e topo da mamoa (c.1), sendo estas últimas, em grande parte, o resultado

dos sedimentos acumulados pelos violadores, retirados do interior do sepulcro durante os sucessivos remeximentos de que foi alvo. Contudo, na camada 6 do interior do corredor e átrio, assim como nas terras da estrutura de condenação (c.5), permitiu-se a recolha de algum espólio *in situ*.

Este alargado conjunto artefactual possui igualmente elevado valor cronológico, permitindo antever uma utilização primária do monumento por um período longo de tempo.

Entre os artefactos de pedra lascada recolhidos na *Arca do Penedo do Com*, atente-se primeiramente os **micrólitos geométricos**.

Estes pequenos elementos, de tradição Mesolítica/Epipaliolítica, cuja funcionalidade seria muito ampla, podendo tanto ser utilizados em instrumentos simples como compostos e cuja produção/utilização se prolongou por todo o Neolítico e Calcolítico, foram sempre valorizados, dentro dos conjuntos artefactuais de monumentos funerários e de sítios de *habitat*, como instrumentos arcaizantes (Cruz,1992:74).

No presente caso, os micrólitos geométricos (Quadro I; Fig10; est. XVIII) encontram-se representados por trapézios (89% – 16 exemplares) e por segmentos (11% – 2 exemplares), em sílex (16 exemplares) e quartzo hialino (2 exemplares). No que concerne aos primeiros, revelam-se predominantes os trapézios retângulos (44% – 8 exemplares), seguidos dos assimétricos (39% – 7 exemplares), escasseando os simétricos (5,5% – 1 exemplar).

Releva-se desde já a ausência de triângulos, que juntamente com os segmentos de círculo e os trapézios simétricos, claramente minoritários dentro da amostra, são considerados mais antigos.

Dentro dos trapézios assimétricos, encontramos dois exemplares cujas bases menores apresentam dimensões muito reduzidas, aproximando-os à forma triangular. Em toda a amostra apenas cinco exemplares ostentam truncatura maior longa, predominando as truncaturas curtas.

Relativamente aos microlíticos atrás discutidos contextualmente como fundacionais ou articulados com uso mais antigo do monumento destaca-se um trapézio assimétrico recuperado sobre o piso de circulação do corredor (APC.98-1052) e outro recolhido na fossa do esteio de cabeceira (APC.98-302). Destaca-se, pela sua dimensão e pelo fino retoque bifacial serrilhado exibido nas suas truncaturas e base, um micrólito retângulo (APC.98-869) recolhido na câmara funerária sob o esteio 5, em posição que julgamos próxima da original (II-Fig.10 – 10; II-Est. XVIII-2) que, pelas características evidenciadas, facilmente se confunde com uma ponta de seta.

Fig. 10 - Micrólito APC.98-869.

É comumente aceite que este tipo específico de micrólitos tenha funcionado como ponta de projétil, atestado inclusive na magnífica cena de caça pintada no Dólmen dos Juncais (Queiriga, Vila Nova de Paiva), onde se observa uma figura humana munida de arco e flecha com micrólito entalhado (Twohig, 1981). Nesta perspetiva, admite-se que este sublime exemplar possa asseverar este processo evolutivo.

Neste âmbito, refira-se ainda que no estudo da Necrópole megalítica da Nossa Senhora do Monte (Penedono) o autor evidencia o facto se encontrarem trapézios retângulos unicamente nos monumentos que forneceram pontas de seta (*Dólmen do Turgal* e *Dólmen do Carvalhal)* (Carvalho, 2005: 182), associação igualmente observável em outros dólmens beiraltinos como nas *Lameiras de Cima 1 e 2* (Gomes, 1996) ou no próprio *Penedo Com*.

Por outro lado, aluda-se à ausência destes entre os geométricos exumados em monumentos supostamente mais antigos como o *Dólmen 1 do Carapito* (Cruz & Vilaça, 1990:13; Leisner,1998: 76) ou em a *Orca de Pramelas* (Senna-Martinez, 1989:93), corroborando-se um pouco a ideia de que os trapézios retângulos, juntamente com os trapézios assimétricos, podem integrar tipologias mais recentes comparativamente aos restantes.

Ainda assim, os micrólitos são um dos elementos artefactuais caracterizadores dos momentos mais antigos do megalitismo funerário da Beira Alta, aparecendo, em associação com lâminas não retocadas, lamelas, contas de colar e objetos cortantes polidos (machados, enxós, goivas, etc.…), nos níveis primários de dólmens como *o Picoto do Vasco, Orca de Merouços, Areita, Carapito 1, Pramelas, Cunha Baixa* ou a *Capela Nª Senhora do Monte*.

Esta tendência, igualmente observável no norte do país, encontra-se bem expressa na maioria dos monumentos com *tumulus,* envolvendo câmaras simples ou cujas estruturas internas se conhecem mal, da Serra da Aboboreira (*Outeiro de Ante 1 e 3*, Igreijinhas, Chã de Parada 3, Chã do Loureiro, etc.…), ou em mamoas transmontanas com ou sem estrutura pétrea interna (*Mamoa de Pena Mosqueira 3)* (Sanches, 1987)*, Madorras 1* (Gonçalves & Cruz*,* 1994) ou *monumentos 1, 2, 3, 4 e 6 de Chã de Arcas* (Perpétuo, 2019)[31].

[31] Do núcleo de 6 monumentos intervencionados (2 dólmens de câmara simples — M2 e M3 —, 2 dolmenes de tipo vestibular —M1 e M5 — e um dólmen de corredor médio M6) apenas um, monumento 5, forneceu uma ponta de seta, revelando todos os outros um número assinalável de micrólitos (M1 – 22; M2 – 6; M3 – 8; M4 – 35; M5 – 4; M6 – 10)

O segundo grupo de artefactos líticos considerado neste trabalho são as **lâminas**. Despontam na região desde o início do fenómeno megalítico, surgindo numa primeira fase em bruto (lisas) ou com retoques incipientes (Valera, 1997: 99), não raras vezes associadas a micrólitos, lamelas e instrumentos cortantes em pedra polida, integrando os espólios mais antigos. Adverte-se, no entanto, que quando dissociadas destes são de valorização mais difícil, principalmente quando recolhidas isoladamente, porque são perviventes, assinalando-se também em contextos mais tardios (Cruz, 1992. 75).

Constituem-se igualmente como suporte para a produção de instrumentos (micrólitos geométricos, raspadores, pontas de seta, furadores, etc.…), assumindo para o presente caso o estatuto de instrumento longo lascado cortante, em função do contexto funerário a que se encontram associadas.

Do conjunto de lâminas (Quadro II; Fig – 11 e 12; est. XIX), apenas uma se apresentava completa (APC.98-274), quatro encontravam-se fragmentadas na extremidade proximal (APC.98-658, 643, 616 e 1017)e duas na extremidade distal (APC.98-627 e 795). As restantes correspondem a fragmentos variados da zona distal (APC.98-283), mesial (APC.98-610 e 313) ou proximal (APC.98-300 e 658). Observou-se a predominância da utilização do sílex (11exemplares) sobre o quartzo hialino (APC.98-274).

Independentemente do caracter extremamente fragmentado expresso pela amostra, que levanta por si só muitas reservas neste tipo de estudo, destaca-se uma certa irregularidade das formas, observando-se que os perfis longitudinais curvilíneos/sub-curvilíneo equivalem-se aos perfis retilíneos/sub-retilíneos e que as secções transversais trapezoidais/sub-trapezoidais (66,5%) se sobrepõem às triangulares (33,5%).

Encontravam-se maioritariamente distribuídas pelo átrio (4) e corredor (6), sendo que uma se encontrava em área periférica à câmara. Destas, apenas uma (APC.98-627) (II-Fig.12-2), que se encontrava “enterrada” no do átrio (c.6), se terá mantido numa posição próxima à deposição primária. Trata-se de um exemplar praticamente completo com retoques contínuos bem demarcados em ambos os lados e na extremidade distal, podendo tratar-se de um elemento de foice com encabamento terminal.

Fot. 7 -Lâmina APC.98-627.

Um outro fragmento de lâmina, recuperado na camada 1 no corredor (APC.98-1017) (II-Fig. 11-9), com evidentes retoques semi-abruptos e rasantes em ambos os lados — continuo/descontinuo — aparenta ser um elemento de foice de encabamento transversal.

As características evidenciadas por ambas, levam-nos a admitir tratarem-se de artefactos de cronologia mais tardia, paralelizáveis com outras recolhidas no Castro de Santiago (Fornos de Algodres) (Valera, 1997), consentâneas com a fase final de utilização do dólmen, possivelmente dos inícios do 3º milénio a.C.

Nesta perspetiva, o exemplar recuperado *in situ* no átrio do monumento, selado pela estrutura de condenação, deve ser valorizado uma vez que, juntamente com as pontas de seta de tipologias mais tardias exumadas em contexto idêntico, pode ser um indicador cronológico para o encerramento primário da sepultura, como atrás apontamos.

Contrariamente, as restantes lâminas, com retoques marginais incipientes ou mesmo sem retoques, podem ter sido colocadas sobre forma de oferenda votiva ou fúnebre no interior do dólmen ao longo de toda a sua fase de ocupação primária.

Com ou sem retoques, muito comuns entre os espólios mais antigos dos monumentos funerários neolíticos da Beira Alta e de outras regiões Peninsulares, as **lamelas** são elementos, tal como os micrólitos e as lâminas, que perduraram no tempo, aparecendo ainda em contextos Calcolíticos.

No caso particular do *Dólmen do Penedo do Com* encontram-se representadas por 15 exemplares (II-Quadro III; II-Fig. 12-4 e 13; II-Est. XIX-3). São maioritariamente em quartzo hialino (13) – admitindo-se produção local em virtude da recolha de núcleos em cristal de quartzo, um bipolar e quatro prismáticos, para obtenção de lamelas— tendo-se exumado apenas dois fragmentos, um distal e outro mesial, em sílex.

Em contradição com o observado para as lâminas, as lamelas apresentavam-se maioritariamente completas (66,5%), tendo sido identificadas dispersas pela câmara (7), na fossa externa esteio de cabeceira (1), corredor (2) e átrio/área fronteira do monumento (5).

Destas, quatro (APC.98 – 1050, 647, 668 e 669) encontravam-se no estrato preservado no átrio (c.6), e uma outra, em situação estratigráfica idêntica, no corredor (APC.98 - 877).

Nesta perspetiva, atente-se igualmente a um exemplar recolhido no lado externo da fossa de implantação do esteio de cabeceira (c.7), aí colocado, intencionalmente ou não, durante a fase de construção da estrutura ortostática (APC-98 – 87). Trata-se de uma lamela em quartzo hialino completa, sem retoques.

Morfologicamente observamos uma predominância dos perfis longitudinais curvilíneos/Sub-curvilíneo (53%) sobre os retilíneos/sub-retilíneos (47%) e das secções transversais triangulares sobre as trapezoidais em percentagem idêntica.

Relativamente aos retoques regista-se um amplo domínio das lamelas não retocadas ou com retoques incipientes (67%) sobre as que apresentavam retoques (33%),

observando-se nestas últimas uma certa regularidade no tipo de retoque rasantes, marginais, diretos e contínuos.

Para as lamelas devem ser consideradas as observações feitas principalmente para os micrólitos e para as lâminas lisas, integrando-as nas deposições primárias ocorridas no monumento na fase inicial/média.

Nesta perspetiva, a artefactos mais conservadores/arcaicos — micrólitos, lamelas, laminas sem retoques ou com retoques vestigiais, machados e elementos de adorno — presentes nos níveis primários de ocupação dos sepulcros megalíticos mais antigos da Beira Alta (ex. *Carapito 1*, *Capela Nossa Senhora do Monte, Sangrino*, *Areita* ou *Picoto do Vasco)*, contrapõem-se um conjunto muito significativo de artefactos de tipologia evolucionada composto maioritariamente por pontas de seta, uma lâmina retocada (APC.98-627), um possível elemento de foice de encabamento transversal (APC.98-1017) e, com algumas reservas, um pendente triangular (APC.98-949).

Ainda no que ás pontas de seta concerne, admite-se que nem todas tenham sido depositadas no primeiro momento de utilização do sepulcro, nomeadamente algumas pertencentes a tipologias consideradas mais tardias — bases reta, convexas, côncavas, bicôncavas e foliácea — presentes em distintos contextos arqueológicos do 3º milénio a.C. (fúnebres, habitacionais ou cerimoniais), tal como afirma António Carlos Valera para a realidade observada no concelho vizinho de Fornos de Algodres "Tomando os sítios na globalidade (a que acrescentamos os exemplares das Antas da Matança e Cortiçô) os tipos mais comuns são as pontas de seta de base reta, seguidas das de base convexa e de base côncava"(Valera, 2007:381).

Estas, as **pontas de seta** (II-Quadro IV, II-Fig. 15 a 28), surgem-nos como o artefacto dominante dentro do material lítico lascado, tendo sido identificadas 89 peças[32], provenientes na sua larga maioria do interior da câmara (28 exemplares) e áreas

[32] A estas devem ser adicionadas as 12 pontas de seta (10 em sílex e 2 em cristal de rocha) mencionadas por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1916), posteriormente desenhadas e descritas por Vera Leisner (Leisner, 1998) (Anexo II.2.

periféricas (9), do corredor e zonas adjacentes revolvidas (27), do átrio (21), da fossa de implantação do esteio de cabeceira (2) e de recolhas à superfície (2).

Ao observarmos a forma como os diferentes grupos de pontas de seta se distribuem pelas distintas áreas do dólmen não encontramos diferenças assinaláveis, registando-se um número equilibrado de exemplares proporcionalmente ao total de cada grupo, leitura que se reveste de grandes reservas tendo em conta que a larga maioria destes artefactos foram recolhidos fora do seu contexto de deposição original.

Ainda assim, assinala-se que 14 exemplares foram recolhidos em contexto estratigráfico seguro (c.5 e c.6) distribuídas pelo corredor – uma base reta, uma bicôncava e uma triangular – e pelo átrio – 4 triangulares, 2 convexas, 1 côncava, 1 bicôncava e 1 pedunculada.

As pontas de seta de base triangular, de tradição mais antiga e possivelmente enquadráveis no grupo das primeiras deposições votivas deste tipo específico de artefacto[33], encontram-se em maior número, prevalecendo sobre as de base côncavas,

retas e convexas por norma associadas a contextos mais tardios, admitindo-se mesmo que algumas possam ter sido depositadas em fase de reutilização juntamente com vasos campaniformes, troncocónicos e subcilíndricos.

A ponta de seta apresenta-se dentro do megalitismo do Noroeste peninsular como um artefacto de valor cronológico, uma vez que se encontra ausente nos níveis de ocupação primária dos sepulcros megalíticos mais antigos, admitindo-se que terá sido provavelmente introduzido em momentos não anteriores a 3.000 a.C.[cronologia convencional não calibrada] (Cruz, 1992: 75-77), *grosso modo* do segundo quartel/meados do 4º milénio a.C. As pontas de seta de tradição mais antiga parecem ser as espessas de base triangular, dominantes nos contextos megalíticos do Norte de

[33] Tal situação não implica que as pontas de seta tenham integrado espólios fúnebres desde o início da utilização da sepultura — correspondente a uma fase mais antiga em que os espólios incorporariam essencialmente geométricos sobre lâmina, lâminas predominantemente não retocas, enxós e machados de pedra polida com polimento integral e elementos de adorno —, aceitando-se que estas se teriam generalizado como parte do equipamento destes rituais em momento de uso adiantado, ainda assim, como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, sempre antes do encerramento primário do sepulcro.

Portugal (Jorge, 1978) e Galiza (Fábregas Valcarce, 1991), admitindo-se igualmente um carácter marcadamente arcaico para as de base convexa e pedunculada na Beira Alta (Cruz, 2001: 303).

Na Beira Alta, a diversidade tipológica deste artefacto é notável. Independentemente de se notar uma elevada percentagem de pontas de base triangular, como parece ter acontecido nos dólmenes *1 e 2 da Lameira de Cima* (Gomes, 1996), assinala-se a presença significativa de exemplares de base côncava, cuja presença aponta para momentos avançados da utilização dos sepulcros beiraltinos (Gomes, 1996: 77), parecendo corresponder a "...um elemento alógeno e tardio no contexto do megalitismo regional, resultando de contactos meridionais cuja influência se vai desvanecendo à medida que se caminha para norte ou para o interior da Península..." (Cruz, et alii, 1988/89: 41).

Para esta região concreta, as pontas de seta de base côncava, independentemente da representação percentual variável de monumento para monumento, surgem a par de outras igualmente tardias — de base reta, mitriformes (base reta trapezoidal) e foliáceas, associadas a reutilizações ocorridas em época calcolítica e da Idade do Bronze, muitas vezes associadas a materiais campaniformes, merecendo especial deferência, pela quantidade/qualidade de exemplares recolhidos, o *Dólmen da Sobreda* (Oliveira do Hospital, Coimbra), a *Arcainha do Seixo* (Oliveira do Hospital, Coimbra), a *Orca do Tanque* (Vila Nova de Paiva, Viseu) e a *Arquinha da Moura* (Tondela)[34].

Embora em número mais reduzido, aparecem igualmente em sítios de *habitat*, como o caso da cabana 3 do *Ameal IV* (Carregal do Sal), possivelmente inserível cronologicamente na segunda metade do IV milénio a.C. (Senna-Martinez,1989), em povoados atribuíveis ao Calcolítico, com variação acentuada no número de exemplares, —*Castro de Santiago*, *Malhada* (Fornos de Algodres) ou *Penedo da Pena* (Canas de Senhorim/Nelas)— ou mesmo de momentos de transição para a Idade do Bronze —

[34] A intervenção arqueológica deste monumento megalítico propiciou a recolha de um excecional e numeroso espólio, fruto das deposições ocorridas em dois momentos distintos, no qual se insere um conjunto de cerca de 400 pontas de seta de tipologias variadas (Cunha, 1995:136)

Fraga da Pena (Fornos de Algodres) *Buraco da Moura de São Romão* (Seia) ou *Linhares* (Santa Comba Dão) (Valera, 1997:102), demonstrativo do longo período de permanência/utilização deste artefacto em contextos da Pré-história recente regional.

No Norte de Portugal de Portugal, em contextos funerários similares, parece existir um predomínio das pontas de seta de base triangular (Jorge, S., 1978), geralmente relacionadas com monumentos de corredor, como parece ter acontecido na Serra da Aboboreira[35]. Na Galiza as pontas de base triangular são predominantes, ocorrendo em dólmens simples e de corredor (Fábregas Valcarce, 1991).

Em Trás-os-Montes, considerando o reduzido número de monumentos escavados, assinala-se a presença de uma ponta de seta de base triangular na *Mamoa do Barreiro* (Vilar de Rei, Mogadouro)— sepulcro neolítico não megalítico[36,] em contexto estratigráfico intacto, associada a artefactos mais arcaicos (machado, enxó, lâmina, micrólito e conta de colar (Sanches, et alii, 1987)—, cinco pontas de seta de base triangular no *Dólmen da Fonte Coberta*— igualmente associadas a machados, lâminas, micrólitos e objetos de adorno (Carvalho & Gomes, 2000: 38)— e uma ponta de seta de base côncava, profusamente retocada, no *Monumento 5 da Chã de Arcas* (Perpétuo; 2017: 442).

A ausência de estratigrafias conservadas na larga maioria dos monumentos megalíticos da Beira Alta, e o facto de na maior parte das vezes se registarem nas câmaras e corredores ortostáticos— os locais de eleição preferencial para os atos inumatórios/rituais das comunidades que reutilizam estes grandes dólmens —, dificulta para este tipo específico de artefacto, tipologicamente diverso, um inequívoco posicionamento cronológico e o estabelecimento de uma evolução estatística de cada tipo (Valera, 1997: 102).

[35] Observou-se a presença de pontas de seta em apenas dois monumentos, no Dólmen 1 de Chã de Parada (Jorge & Bettencourt, 1988), sepulcro ortostático de corredor curto onde foram recuperadas cinco pontas de seta de base triangular, e na Mamoa 5 de Chã de Arcas, monumento de corredor onde foram recolhidas 12 pontas de seta [Moreira & Carneiro, 1995].
[36] Fossa, ladeada por lajes, sob *tumulus*.

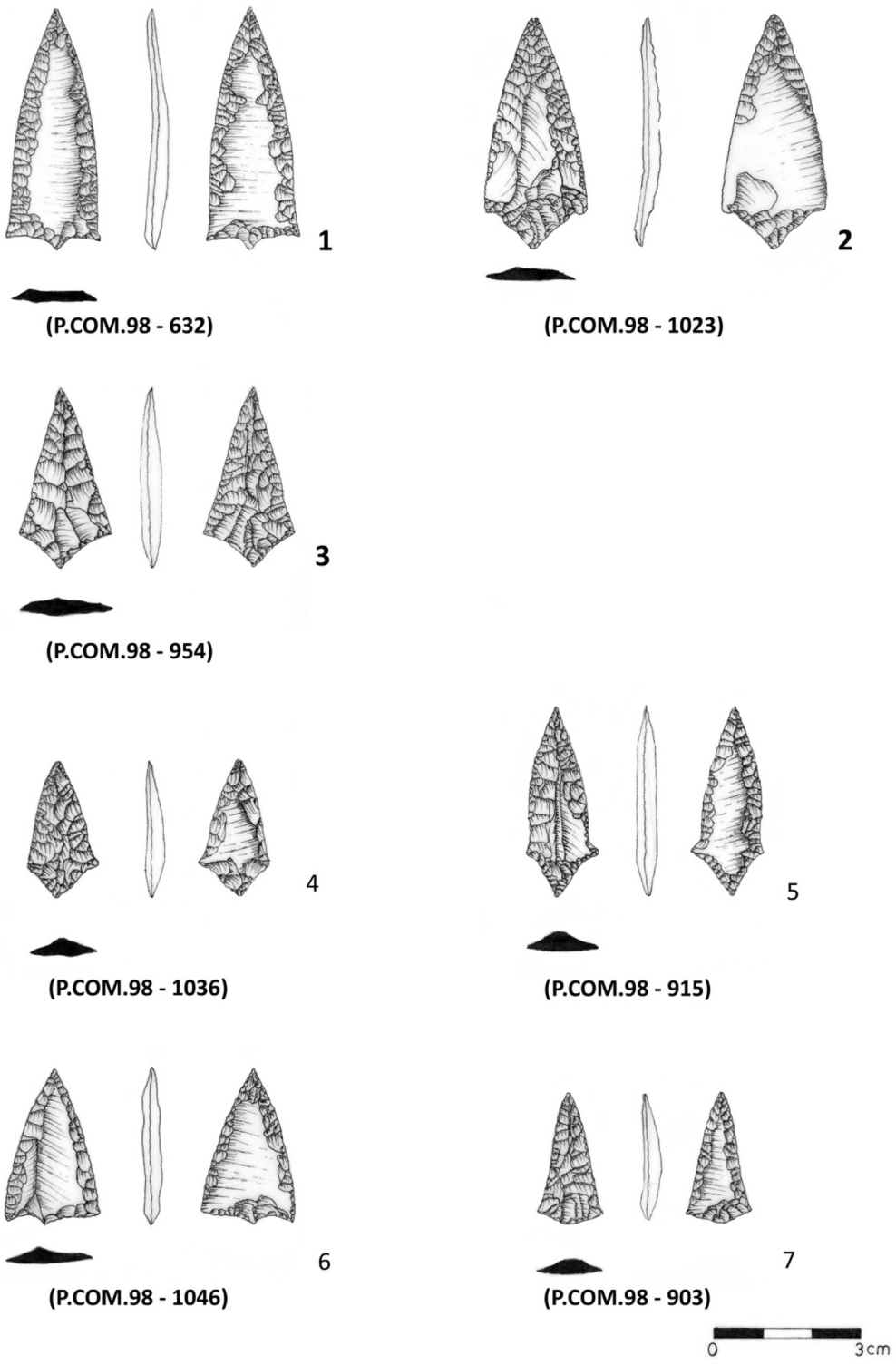


Fig. 11 -.Exemplos de pontas de seta de tipologias distintas.

Nesta medida, evocam-se algumas observações pertinentes resultantes da escavação do *Castro de Santiago* (Fornos de Algodres), cuja primeira fase de ocupação está datada pelo C14 do primeiro quartel do 3º milénio cal. AC[37]. Em primeiro, refira-se a inexistência, no referido recinto/povoado, de pontas de seta de base triangular e pedunculada, situação extensível aos contextos habitacionais regionais atribuíveis ao Calcolítico ou à Idade do Bronze (Valera, 1997: 102), confirmando em certa medida a antiguidade destas e/ou uma vigência cronológica mais restrita[38].

Por outro lado, o predomínio do quartzo e de suportes não laminares nas pontas de seta associadas aos contextos habitacionais — rudes, espessas e de tamanho reduzido — contrastam com o maior número de magníficos exemplares produzidos a partir de suportes laminares em sílex e de fino acabamento, patente nas tumulações megalíticas — *Orca do Tanque* (Vila Nova de Paiva), *Penedo do Com* (Penalva do Castelo), *Fiais da Telha* (Carregal do Sal), *Arquinha da Moura* (Tondela), *Moinhos de Vento* (Arganil), *Sobreda* e *Arquinha do Seixo* (Oliveira do Hospital), entre tantos outros dólmens da região.

Assim, as pontas de seta em sílex não sendo exclusivas dos contextos funerários são aí dominantes, expressando a valorização de uma matéria-prima alóctone, com extraordinárias qualidades de talhe, na produção de objetos de carácter votivo (Valera, 1997:103).

Ainda no que à matéria-prima concerne, tendo em conta os suportes utilizados nos artefactos mais significativos em pedra lascada — micrólitos, lâminas, lamelas e pontas de seta — observamos em termos totais um predomínio do sílex (69,4%) relativamente ao quartzo (28,3%), registando-se percentagens residuais para outras rochas como o quartzito, arenito e grés.

---

[37] As duas amostras datadas com macro-restos vegetais carbonizados, independentemente de revelarem algum desfasamento no caibramento a 1 e a 2σ [ICEN 1257 – 4350$\pm$45 BP (3026-2909 Cal BC 1σ e 3088-2885 Cal BC 2σ) e ICEN 907 – 4210$\pm$45 BP (2884-2698 Cal BC 1σ e 2916-2624 Cal BC 2σ)], colocam em conjunto a primeira fase de ocupação do recinto no 1º quartel do III milénio AC (Valera, 2007:99).

[38] O autor admite igualmente um carácter exclusivamente votivo para estas, referindo, no entanto, parecer pouco provável.

Relativamente ao quartzo regista-se em abundância na região e terá sido utilizado localmente para a produção de artefactos.

A carência, em termos regionais, de nódulos de sílex em quantidade e dimensão suficiente para a obtenção de produtos alongados, nomeadamente lâminas suficientemente longas e espessas capazes de servir de suporte para a produção de micrólitos e pontas de seta, prossupõe desde logo um abastecimento exterior à região, eventualmente procedentes de trocas comerciais com a Extremadura, tendo por contrapartida as rochas anfibólicas utilizadas na produção de objetos cortantes de pedra polida ausentes naquela região (Senna-Martinez, 1994:17).

Estudo recente, tendo por base os artefactos em sílex provenientes dos dólmenes da *Lapa de Meruje* e *Antelas*[39]*,* analisou, ainda que de forma abrangente, as estratégias de exploração, circulação e utilização desta matéria-prima no megalitismo da região de Lafões, subárea de interesse maior do núcleo megalítico da Beira Alta (Carvalho, *et alii,*2018). Assim, registou-se que a origem do sílex dos instrumentos da *Lapa de Meruje* (Vouzela) procediam da área de Rio Maior, sendo que em *Antelas* (Oliveira de Frades) observaram-se cinco possíveis áreas de aprovisionamento por identificar (Carvalho, *et alii*, 2018:217.

Este facto é revelador das diferentes estratégias de abastecimento ao nível da proveniência e das rotas de circulação do sílex, que só poderão ser definidas após determinação das jazidas entre as quais, quer pela relativa proximidade quer pela via privilegiada de acesso à Beira Alta, não devem ser descuradas as jazidas de rochas siliciosas inventariadas no Baixo Mondego, exploradas desde o mesolítico e atestadas na importante estação do Neolítica Antigo da Várzea do Lírio localizada na margem norte da foz do Mondego (Aubry *et alii,* 2008: 263).

[39] Monumentos megalíticos funerários cuja fase de construção se atribui aos inícios do 4º mil. a.C. Esta cronologia foi aferida para *Antelas* pela média ponderada de 3 datações sobre cortiça carbonizada recolhidas sob as lajes do corredor intratumular e semelhantes para probabilidade estatística de 2 sigma, cuja média ponderada calibrada fornece os valores 3970-3769 cal. AC (Cruz, 2001:255)

Os **componentes de adorno** (IV-Quadro XII; IV-Fig. 47, IV-Est. XLI e XLII), encontram-se representados por um significativo conjunto que engloba contas discoidais em xisto (17), 35 contas de colar em pedra verde (variscite?), uma conta negra (lidito), duas contas negras esverdeadas (quartzito), uma bege/acinzentado (quartzito polido) e outra bege/amarelado (calcite). A este conjunto acrescenta-se um pendente triangular em aplito.

As contas em xisto, identificadas amiúde nos níveis de utilização primários de alguns dólmens da Beira Alta — *Dólmen de Areita* (São João da Pesqueira) (Gomes et alli, 1998), *Carapito 1* (Aguiar da Beira) (Leisner, 1998),a *Orca de Pramelas* (Nelas), com perto de meio milhar de contas, a *Orca dos Fiais da Telha*[40] (Carregal do Sal) ou *Anta da Mondegã*[41] (Seia) (Senna-Martinez, 1989:43) — encontravam-se dispersas pelas camadas revolvidos da câmara e corredor (c.3 e c.4) ou na camada superficial (c.1) das terras da mamoa na periferia destas áreas concretas, certamente provenientes do interior da sepultura.

As restantes contas encontravam-se distribuídas de forma regular pela câmara (23), corredor (9) e átrio (10), observando-se que duas contas identificadas no corredor e outras 7 exumadas no átrio achavam-se sobre o nível de circulação primário e na fossa de um dos esteios do corredor (E2), antevendo-se uma localização próxima primária.

Tipologicamente encontramos 34 contas cilíndricas (82,9%), 2 globulares (4,9%), duas discoidais (4,9%), 2 paralelepipédicas (4,9%) e 1 tubular (2,4%). Observou-se igualmente que 21 contas apresentam perfuração bicónica descentrada (51%), 11 perfuração

[40] Monumento composto de grandes dimensões com câmara poligonal de nove esteios tendencialmente alargada, em parte devido aos dois pilares que ladeiam a cabeceira, e corredor comprido (7,6m) com 7 esteios preservados no lado norte e 8 no lado sul. A sua escavação facultou a recolha de 588 pequenas contas em xisto, a par de 19 outras em distintos suportes que tanto podem ter integrado deposições primárias como outras mais tardias (Senna-Martinez,1989).

[41] A *Anta da Mondegã* (Tourais/Seia) foi escavada por Castro Nunes em 1969, tendo sido estudada posteriormente por Senna-Martinez. O monumento já se encontrava muito destruído à data, conservando apenas o esteio de cabeceira e os três esteios do lado Nordeste da câmara. Ainda assim, facultou a recolha de um numeroso espólio englobando, 93 geométricos — 5 dos quais associados a ossos depositados sob uma pequena laje junto ao esteio de cabeceira — , 29 lâminas completas e 11 fragmentos de outras, 4 lamelas, 1 núcleo, 54 pontas de seta, 8 artefactos cortantes em pedra polida, 1 moinho manual, 1500 contas em xisto — agrupadas junto à cabeceira — e um pendente (Senna-Martinez,1989:43).

bicónica centrada (27%), 8 perfuração cilíndrica centrada (20%) e 1 perfuração cilíndrica descentrada (2%), evidenciando-se claramente um domínio das perfurações bicónicas.

Admite-se que grande parte destes componentes de adorno, bens exógenos de exceção, certamente imbuídos de cariz cerimonial/ritual, tenham integrado os enxovais fúnebres primários.

Este tipo de adornos, bastante comuns em contextos megalíticos regionais desde os primeiros momentos de manifestação deste fenómeno, revelam-se mais raras em contextos habitacionais quer neolíticos quer dos períodos imediatamente posteriores, como no caso dos povoados ou recintos de Fornos de Algodres— *Castro de Santiago* onde apenas se identificaram duas contas colar (Valera, 1997:126), do *Habitat Malhada* onde de registou a presença de outras duas (Valera, 2007: 161) ou na *Fraga da Pena* onde a par de 3 pendentes (2 em seixo de rio e um em xisto reaproveitando um braçal de arqueiro fragmentado) se encontram mais duas contas (Valera, 2007:249) — no Buraco da Moura de São Romão (Seia), onde na sala 18 se achou um colar isolado e na sala 2 uma conta em osso, ou no *Ameal* onde se recuperou uma pequena conta em xisto e outra Discoidal inacabada (Senna-Martinez, 1989).

São objetos aos quais podemos conferir uma ampla pervivência temporal[42] e uma significativa distribuição espacial, ainda que a exuberância observada em contextos funerários da Beira Alta não se reflita no Noroeste Peninsular onde, salvo raras exceções[43], o número de contas de colar não é tão expressivo.

[42] "O valor cronológico deste tipo de objetos é particamente nulo, face à ocorrência dos mais diversos tipos e matérias-primas, tanto em contextos funerários como habitacionais, desde o Neolítico à idade do Bronze..." (Cruz, 1992:79).

[43] No *Monumento 1 da Chã de Arcas* (Vila Pouca de Aguiar) foram exumadas 1219 contas de xisto e dois pendentes em seixo de rio (Perpétuo, 2019:87), registando-se na *Mamoa 3 de Pena Mosqueira* (Mogadouro, Bragança), um *tumulus* sem estrutura megalítica interna com um enterramento individual, cerca de 2.000 contas discoides em xisto. Uma datação obtida através de um carvão recolhido nas terras da mamoa (CSIC 75: 4930±60) pode-se constituir como um *terminus post quem* para a sua construção, sensivelmente entre 3806-3638 cal AC (método B, 2 σ) (Sanches, 1987, 1989 e 1992; Nunes, 2003:79).

Refira-se, neste sentido, o conjunto megalítico da Serra da Aboboreira, onde se conta pouco mais de uma dezena de contas de colar (*Outeiro de Gregos 2, Abogalheira, Meninas de Castro* e *Chã de Loureiro)* (Cruz, 1992:79).

No átrio do monumento foi recuperado um **pendente triangular** (IV-Fig.47-43; IV-Est. XLII)invertido, com perfuração central bicónica sobre a base. A peça, em aplito[44], revela um fino acabamento ostentando todas as superfícies polidas e os vértices tendencialmente arredondados.

Fig. 12 -Pendente em apliro (APC.98-949).

[44] Rocha ígnea, intrusiva, de composição granítica. Apresenta cor clara, textura sacaroidal e granulação fina. Como vimos anteriormente, na região em estudo os granitos são porfiroides de duas micas, ocorrendo granitos biotícos e o complexo Xisto-grauváquico do grupo Douro (formação Satão-Penalva). O conjunto é intersetado por filões de rochas filoneanas como o quartzo, o quartzo com lepidolite, dolerito e o aplito-pegmatito. Este último encontra-se presente em abundantes filões em áreas periféricas à *Arca do Penedo do Com*, principalmente entre os granitos porfiroides de grão grosso e os xistos (Carta Geológica de Portugal, 1:50 000, Folha 17-B, Fornos de Algodres, 1990).

Os pendentes, não sendo um artefacto comum, integram os espólios funerários de alguns dólmens do Centro de Portugal, normalmente associados a momentos mais tardios conectados com reutilizações das sepulturas megalíticas. Apresentam formas triangulares (*Dólmen da Bobadela* e *Lapa do Repilau*), trapezoidais (*Dólmen de Mamaltar Vale de Fachas* e *Moinho de Ventos 1*) ou discoidais (*Orca 1 do Ameal*, Carregal do Sal)[45] e são preferencialmente feitos em pedras verdes, com predomínio aparente da variscite (Carvalho, 2005: 186).

Contrariando esta tendência, refira-se um pendente em grés, de contorno retangular, exumado em contexto de deposição primaria no *Dólmen do Sangrino* (Penedono) (Carvalho, 2005: 142 e 186), cuja funcionamento inicial, aferido por datação de uma amostra de cortiça carbonizada (CISC-1325: 4951±31 BP – 3791-3655 cal. AC) recolhida na câmara funerária (Cruz, 2001:250), se situa nos inícios do segundo quartel do IV milénio cal AC.

Na *Anta da Arquinha da Moura* (Lageosa do Dão, Tondela), um autêntico sepulcro/templo neolítico ostentando parte dos seus esteios da câmara profusamente decorado com pinturas, reutilizado, possivelmente, em momento adiantado do III milénio a.C., entre o avultado espólio lítico e cerâmico — c. de 300 micrólitos, lâminas de sílex, mais de 400 pontas de seta de tipologia diversa, perto de 80 instrumentos cortantes em pedra polida, dezena e meia de recipientes inteiros cerâmicos e numerosas contas de colar[46] — encontra-se um pendente triangular com perfuração perto da base menor e uma peça verde (1,5 cm) com uma perfuração em cada extremidade (Cunha, 1995: 136).

No Norte de Portugal, mais concretamente na Serra da Aboboreira (Baião), a escavação da *Mamoa do Monte Maninho*, albergando possivelmente um pequeno dólmen de

[45] Refira-se a presença de um outro pendente na *Anta da Mondegã* (Tourais/Seia), possivelmente associado a 1500 contas em xisto, desconhecendo-se, no entanto, a matéria-prima e a sua morfologia (Senna-Martinez,1989:43).

[46] Escavações inéditas posteriores, realizadas no âmbito do projeto de conservação, restauro e valorização do monumento, levados a cabo pela empresa Arqueohoje Lda., (direção científica de Pedro Manuel Sobral de Carvalho), facultaram a recolha, na área fronteira do monumento, de uma conta em ouro. Relembre-se que já durante os trabalhos dirigidos por Ana Leite da Cunha se recolheu uma folhinha em ouro nativo na câmara (Cunha, 1995:136)

câmara simples, proporcionou a recolha na área da câmara de um pequeno pendente em variscite, de "...perfil sinuoso e contorno irregular" (Cruz, 1987:76).

A sua construção, tal como outros dólmens de câmara simples da Serra da Aboboreira, pode deverá ter ocorrido no espaço de tempo entre 4450 e 3700 AC (Cruz, 1995: 84), asseverando, em certa medida, o uso deste tipo específico de ornamento desde os primórdios da construção de monumentos funerários sob *tumuli* no Noroeste Peninsular.

É considerável a diversidade da matérias-primas presentes neste conjunto: variscite, quartzito, lidito, calcite e aplito. Refira-se a propósito destas que a identificação foi feita, na maior parte dos casos por observação macroscópica, pontualmente com recurso a lente binocular, ainda assim esta classificação deve ser tida com algumas reservas.

Algumas matérias-primas mais comuns, caso do quartzito[47], e/ou de maior raridade, como o aplito, usado como suporte do pendente, podem ter sido recolhidas, com maior ou menor dificuldade, nos territórios de exploração circundantes à *Arca do Penedo do Com,* como anteriormente descrevemos para o caso concreto do aplito.

Outras, como a variscite, suporte de eleição das contas de colar da presente amostra, a calcite[48] ou o lidito[49] são matérias-primas alóctones, facto que evidencia por si só contactos, diretos ou indiretos, com outras regiões.

A variscite é um mineral relativamente raro cujas características, elevada dureza e cor verde clara, fazem dela um suporte de exceção para a produção de componentes de adorno, amiúde presentes em espólios de carácter votivo nos monumentos funerários sob *tumulus* pelo menos desde os finais do V/inícios do IV milénio a.C., assim como, mais

[47] Esta rocha, pela sua resistência à erosão durante o transporte, é uma das principais constituintes da maioria dos terraços fluviais de idade quaternária dos rios em Portugal. É uma das matérias-primas comum, explorada maioritariamente sob a forma de seixo (Aubry, *et alii,* 2014:167)

[48] A calcite é um mineral que cristaliza em grande variedade de formas. Apresenta-se como o mineral mais comum de calcários (rocha sedimentar) e mármores (rocha metamórfica).

[49] O lidito, uma rocha sedimentar, siliciosa de grão fino e cor cinzenta escura e preta, aparece em Trás-os-Montes nas formações de idade silúrica, descritas sobre a terminologia de chertes negros (Aubry, *et alli,* 2014:172).

raramente, habitacionais, podendo o seu uso, pelo menos na Beira Alta, ter perdurado até ao III milénio a.C.

Se os locais de exploração, visíveis pela presença de jazidas e de vestígios de extração, se encontram na região de Bragança/Zamora[50], em particular Palazuelo de las Cuevas (Villalobos)[51]— o que indicaria relações de intercambio com o extremo Nordeste de Portugal/Meseta Norte espanhola—, pequenos nódulos achados em prospeção de quartzitos do Nordeste de Portugal (nomeadamente na formação do Crasto de Palheiros)[52], admitem relações de mais curta distância. Ou seja, relações intercomunitárias dentro de regiões mais limitadas são também admitidas.

A transformação desta matéria-prima em produtos elaborados está atestada em Trás-os-Montes no nível IV do *Buraco da Pala* (Mirandela) onde foi exumada uma placa de variscite fraturada durante o processo de perfuração, em contextos datados IV milénio a.C. (Sanches, 1997:Est. LIX) ou na Beira Alta onde foram identificados elementos em "pedra verde" (variscite) inacabados numa cabana do *Habitat* do *Ameal IV* (Carregal do Sal) (Senna-Martinez, 1998: 99).

Adornos em pedras verdes[53], maioritariamente em variscite, procedentes de escavações em dólmens Salmantinos com reutilizações calcolíticas como *El Teriñuelo* (Aldeavieja de Tormes) — 467 peças— ou *La Ermita* (Galisancho) — 447 peças — (Delibes y Santonja, 1986), apresentam características morfológicas muito idênticas aos elementos provenientes do *Penedo do Com*, registando-se a presença em *El Teriñuelo* de um conjunto de mais de uma dezena de pendentes em moscovite (Villalobos Garcia *et alii*,

[50] Os afloramentos de variscite, embora raros em toda a Península Ibérica, são conhecidos na meseta norte, assim como em áreas mais meridionais (*Pico Centeno*, Encinasola/Huelva) ou orientais (*Can Tintorer*, Gavá/Barcelona).

[51] Em Aliste, Zamora, foram identificados afloramentos geológicos de variscite, comprovadamente explorados durante a Pré-história, dos quais se evidenciam, na serra de Paluzuelo de las Cuevas, as minas de *Las Cercas* e *La Cogola* (Villalobos Garcia *et alii*, 2018: 60) bem como em outros locais na comarca como *Los Altos de la Vaca* e *El Bostal.*

[52] Informação de Maria de Jesus Sanches relativa a recolha feita pelo geólogo José Feliciano e corroborada por Manuel Abrunhosa.

[53] Maioritariamente em variscite, observa-se igualmente a presença de peças em moscovite e em silicatos indeterminados.

2018:69) maioritariamente triangulares com uma perfuração no lado menor, tipologicamente idênticos ao exemplar em aplito do *Penedo do Com.*

Nesta medida, admite-se que as redes de distribuição procedentes da exploração de variscite nas minas da região de Aliste, nomeadamente de *Palazuelo de las Cuevas* (Zamora) ou de contas e pendentes oriundos de centros produtores da Meseta Norte (*Las Peñas,* Zamora ou *Los Arenales,* Soria*)*, estas últimas principalmente durante o 3º mil a.C (Villalobos Garcia *et alii*, 2018:61), possam, direta ou indiretamente, ter abastecido as necessidades, puramente sociais/rituais, das comunidades do Neolítico Final e do Calcolítico da Beira Alta, especialmente na Plataforma do Mondego e áreas limítrofes, ainda que a exploração de pequenas jazidas não possa por enquanto ser totalmente descartada (Carvalho *et alii*, 2018:219), tal como acima se referiu.

Os **utensílios cortantes em pedra polida** encontram-se representados unicamente por um machado em pedra polida (II-Quadro VI; II-Fig. 30; II-Est. XXV), em anfibolito, recolhido em contexto de revolvimento (c.4) no interior da câmara[54].

Estamos convencidos que o mesmo terá integrado a panóplia de oferendas que acompanharam os defuntos durante a fase de utilização primária do sepulcro.

Os machados e as enxós são por vezes associados a deposições rituais ocorridas, possivelmente em associação a cerimoniais específicos, durante a construção dos monumentos.

No *Dólmen da Lameira de Cima 1* (Antas, Penedono) sob os calços de um esteio lateral da câmara funerária identificou-se um machado em anfibolito de grandes dimensões associado igualmente a um ritual fundacional (Gomes, 1996: 80). Neste mesmo monumento, sobre o contraforte e subjacente ás terras do *in situ* do *tumulus,* foi colocada uma pequena enxó em silimanite de fino acabamento e ausência de vestígios de uso, indiciando uma deposição ritual tida num momento intermédio da construção.

[54] A este deverão acrescer os três machados e uma enxó patentes no Museu e Laboratório Antropológico do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, bem como os dois machados de uma coleção particular (Leisner, 1998: pp. 62-63, estampas 55 e 143).

No *Dólmen de Areita* (São João da Pesqueira) mencione-se a presença *in situ* na câmara funerária de uma goiva e dois machados de reduzidas dimensões, fino acabamento e sem vestígios de uso, indiciando um fabrico simbólico (Gomes, *et alii,* 1998:77)[55].

Por vezes surgem machados na periferia dos *tumulus*, incorporados na estrutura pétrea de fecho, como no caso do *Dólmen da Capela dos Mouros* (Sever do Vouga) ou nos átrios, eventualmente incorporando rituais de encerramento, como no *Chão Redondo 2* (Santos, *et alii,* 2010/2011:17).

Os machados, juntamente com as enxós e as goivas, integram o mobiliário fúnebre dos momentos mais vetustos do megalitismo fúnebre da região, imputando-se maior antiguidade aos exemplares de secção circular, oval ou elíptica[56], por norma mais raros no Noroeste Peninsular, registando-se uma tendência evolutiva para formas com secções retangulares e quadrangulares, predominantes na Beira Alta e Norte de Portugal (Fábregas Valcarce, 1991; Cruz, 1992; Gomes, 1996:81)

Igualmente interessante são os **seixos de rio** (II-Quadro VIII; II-Est. XXVII-1), possivelmente os materiais mais assíduos em monumentos sepulcrais congéneres em todo o Noroeste Peninsular, embora nem sempre devidamente valorizados (Carvalho, 2005: 187).

Pela sua natureza, grande parte das vezes sem quaisquer vestígios de uso — polimento ou sinais de percussão —, a sua interpretação enquanto objeto de carácter simbólico/religioso (ideotécnicos) advém do contexto em que é recolhido, incorporando a grande maioria destes um conjunto vasto de "elementos de rito" assumindo assim um importante papel nos rituais fúnebres e/ou outros que possam ocorrer inclusive em áreas abertas (átrios) ou exteriores ao próprio monumento.

---

[55] Na necrópole da Senhora do Monte, a escassos quilómetros de distância, tanto no *Dólmen do Turgal* (pequeno machado em silimanite) como no *Dólmen do Sangrino* (duas goivas em microgranito horneblêndico e anfibolito) foram recuperadas peças a que julgamos poder atribuir significado idêntico.

[56] Entre os objetos cortantes polidos que Vera Leisner observou e descreveu (Leisner, 1998:63 — I-18-3), hipoteticamente recolhidos na *Arca do Penedo do Com,* encontrava-se um machado, em excelente estado de conservação, com secção transversal oval e talão, possivelmente, arredondado, que pode integrar esta tipologia supostamente mais arcaica (Fig.14-14) e, porventura, associado às primeiras deposições e/ou rituais fundacionais.

A diversidade deste tipo de objetos é igualmente notável, quer quanto à sua morfologia, quer quanto ás suas dimensões, apresentando-se por vezes manipulados pela mão humana ostentando pinturas e gravuras, assumindo nestes casos, muito também por causa da seu local e contexto de deposição, um carácter idoliforme.

No presente caso, das 15 peças identificadas, devem ser valorizadas 11 recolhidas sobre o solo de circulação (c.6) do átrio e corredor (5 seixos) ou na câmara megalítica, exumados próximos aos calços dos esteios e/ou no topo do substrato de base (6 peças), porventura associados ao mobiliário fúnebre dos inumados ou ritos de natureza variada que possam ter ocorrido nestes espaços durante a fase de construção e uso do sepulcro.

Excluem-se deste âmbito 3 seixos recolhidos na periferia fronteira externa do monumento cuja presença pode tanto ser casual como tratar-se de um ato votivo premeditado, talvez relacionado com rituais fundacionais e/ou protetores do próprio monumento.

São muitos os dólmens na Beira Alta onde, ao longo dos muitos anos de investigação, se tem registado a presença de seixos, ainda que os contextos de achado/recolha nem sempre estejam devidamente clarificados.

Assim, releva-se desde logo o *Dólmen 1 do Carapito* (Aguiar da Beira, Guarda), o maior dólmen da Beira Alta, onde Vera Leisner e Leonel Ribeiro recolheram três seixos em granito — um de configuração oval com uma depressão central irregular, outro com a parte inferior desgastada e com vestígios de cor vermelha e um terceiro com a parte superior arqueada e a parte inferior um pouco côncava — e um hipoteticamente em mármore (Leisner & Ribeiro, 1968].

Na *Orca de Corgas da Matança* (Fornos de Algodres, Guarda) surgiu, em contexto de revolvimento na câmara funerária, um pequeno seixo rolado quartzito, achatado, de contorno subcircular (Cruz *et alii*, 1988/89: 38)

Assinalando-se a presença de peças votivas idênticas em monumentos da Plataforma do Mondego, como na *Casa da Orca da Cunha Baixa* (Vilaça & Cruz, 1990), na *Orca dos Padrões* (Gomes & Carvalho, 1995) ou na *Orca dos Fiais da Telha* (Senna-Martinez, 1989: 64 e 67).

Neste âmbito, merece especial atenção a *Mamoa 1 de Madorras* (Sabrosa), onde lograram os investigadores responsáveis por este trabalho recuperar cinco seixos do rio distribuídos pelo corredor (1), revestimentos pétreos/contraforte (3) e periferia da estrutura do fecho do átrio (Gonçalves & Cruz, 1994: 208). Este último, em suporte distinto (ecoglito) e de singular beleza natural, os autores aproximam-no das peças de carácter "ídoliformes" (Idem, ibidem: 209, 210 e est. V.1).

Excecional é um seixo do rio, em grés metamórfico, de grão muito fino e forma alongada, que se encontrava integrado na estrutura de fecho do átrio, ostentando vestígios de pintura a preto e a vermelho em duas faces e um triângulo a preto numa das faces laterais (Idem, ibidem: 207 e est. VIII).

As características evidenciadas e a sua localização na estrutura de fecho do átrio conferem-lhe o estatuto objeto ideotécnico integrando, do nosso ponto de vista, os "ídolos", lisos ou gravados, identificados nas áreas fronteiras de dólmens simples ou complexos — estruturas de fecho de átrio, estruturas de fecho do *tumulus* ou mesmo na periferia destas — do Noroeste Peninsular e também na Beira Alta[57].

Refira-se, a este propósito, o idiossincrático caso do *Monumento 3 da Chã de Arcas*[58] (Vila Pouca de Aguiar), onde sobre o anel pétreo que delimitava a mamoa, na área fronteira de acesso, ocupando espacialmente um alinhamento perpendicular ao eixo axila do dólmen, jaziam oito seixos graníticos gravados e afeiçoados, circunscrevendo "...real e semanticamente, o interior do monumento, distinguindo-o do seu exterior (ou

[57] Este tema já foi abordado em outro capítulo deste texto, facto pelo qual nos abstemos de voltar a enunciar todos os exemplos e contextos relacionados com estes.

[58] Dólmen de câmara simples assimétrica, aberta sensivelmente a E.SE (100°), composta por 10 esteios que definiam uma planta subcircular, conservando ainda a "porta" e com piso interno elaborado com lajes graníticas de dimensões consideráveis. A singularidade da câmara consubstanciava-se pelo facto de todos os seus esteios, com exceção do esteio de cabeceira — truncada ao nível da base — apresentarem vestígios de pinturas, com especial destaque para o esteio 5, profusamente decorado.
O acesso ao interior do sepulcro, em "poço", era feito por uma depressão subcircular, delineada nas terras da mamoa, à saída da câmara
Ostentava uma mamoa de contorno circular, com um diâmetro de 23,5 m, definida externamente por um anel pétreo dispostos em todo o seu perímetro— fecho do *tumulus* (Perpétuo, 2019).

vice-versa) quando a câmara e seus acessos se encontravam em funcionamento..." (Sanches, *et alii*, no prelo).

Neste âmbito, o ingresso seria restrito e fortemente condicionado por estas figurações ídoliformes, "entidades superiores" que simbolicamente protegiam um espaço funerário/sagrado (Gonçalves & Cruz, 1994: 223).

Tem-se preconizado para os "Ídolos" galegos e para outros identificados no Norte de Portugal, independentemente da sua diversidade morfológica e/ou decorativa, um caracter marcadamente antropomórfico, mais ou menos esquemático, resultando da simples escolha seletiva dos seixos ou sofrendo pequenos afeiçoamentos, entalhes laterais superiores e/ou gravações, no sentido de conferir à peça a forma pretendida (Fábregas Valcarce, 2020), figurações antropomórficas essas que poderão relacionar-se com "entidades protetoras" do sepulcro, ou representarem o individuo (s) sepultado (s), em substituição do próprio corpo (Gonçalves & Cruz, 1994: 211).

A reiterada localização destes artefactos ideotécnicos em áreas frontais exteriores do monumento, pode igualmente funcionar como agente catalisador de uma relação entre a comunidade e os seus antepassados (Fábregas Valcarce, 2020:186).

A presença de **cristais de rocha** (II-Quadro IX; II-Est. XXVII-2)em monumentos funerários pré-históricos é bastante frequente, sublinhando-se desde logo que nem todos terão desempenhado as mesmas funções. Para além daqueles, que por não ostentarem qualquer tipo manipulação humana, se atribui um carácter votivo, ocorrem por vezes outros com claros vestígios de utilização ou em forma de núcleos utilizados na extração de lamelas.

Recolheram-se 16 prismas de cristal de rocha durante a escavação da *Arca do Penedo do Com*, sendo que apenas 2 se encontravam em contexto estratigráfico seguro.

Um no átrio do monumento — prisma de quartzo hialino cristalino completo (APC.98 – 641) —, no topo da c.6 e selado pela c.5. Admitisse que este, juntamente com outros artefactos exumados em contexto estratigráfico análogo, possam ter integrado as deposições votivas que antecederam o encerramento do monumento ou outros atos de

caracter ritual/deposicional ocorridos nesta área já na fase terminal de uso primário da sepultura.

No corredor, em situação estratigráfica idêntica (c.6), encontrava-se um prisma piramidal, em quartzo hialino translucido, completo (APC.98 – 648). Aceita-se que tenha integrado o espólio funerário dos primitivos inumados no interior do monumento.

Os restantes encontravam-se disseminados pelas camadas estratigráficas revolvidas em distintas partes do monumento — 4 na câmara do dólmen, 4 na mamoa, 5 no corredor e 1 na área fronteira — o que reflete a dimensão das "violações" de que a sepultura foi alvo ao longo dos tempos.

Matéria-prima por excelência, atestada na presente intervenção em artefactos diversos (micrólitos, lamelas, lâminas, pontas de seta, etc.) e resíduos provenientes da sua manufatura, os prismas de cristal podem, pela sua peculiar forma e beleza, ter adquirido um carácter simbólico, expressado pela sua deposição votiva em áreas específicas do monumento associados a enxovais fúnebres que acompanhavam os defuntos ou, eventualmente, conectados com oferendas fundacionais como se insinua para algumas destas peças que surgiram contíguas aos calços de um esteio de um dólmen de Villalba (Lugo, Galiza) (Fábregas Valcarce, 1991: 203).

Refira-se igualmente, de forma muito sucinta, a presença de **núcleos**, **material de debitagem** (lascas) e de **material residual** resultante do talhe empreendido sobre o bloco de matéria-prima ou da transformação de suporte debitados através do retoque (restos de talhe e esquírolas).

Os **núcleos** (II-Est.XXVIII-2) observados correspondem todos a fragmentos de mineral, no caso concreto quartzo hialino, não se tendo registado nenhum em rocha.

Consideramos apenas os prismas com evidentes indícios — negativos— de debitagem (Tixier,1963:43), tendo sido relegados outros cristais de quartzo prismáticos, hipotética matéria-prima, que não ostentassem qualquer extração, considerados, em função do contexto em causa, possíveis objetos ideotécnicos.

Os núcleos, não se tratando de artefactos propriamente ditos, são um indício direto da produção de instrumentos líticos talhados, que podem ter ocorrido nas imediações do dólmen ou sugerirem a presença de contextos de cariz doméstico nas proximidades.

Não deve ser descurada a hipótese de estes, por razões indecifráveis, terem assumido uma importância relevante e, nessa perspetiva, terem integrado deposições votivas.

Trona-se preponderante a interpretação do contexto a que estavam associados, por forma a permitir-se uma leitura correta.

Refira-se então a identificação de 7 núcleos, dos quais 2 correspondem a prismas com algumas extrações avulsas (APC.98 – 275 e 1035), 1 presumível núcleo bipolar para extração de produtos alongados (APC.98 – 982), 1 núcleo prismático esgotado para obtenção de lamelas com extração de lasca (APC.98 – 678) e 3 núcleos prismáticos de lamelas esgotados (APC.98 – 308, 329 e 966).

Destes, 3 foram recolhidos fora do seu contexto original de deposição (APC.98 – 275, 319 e 982), 1 recolhido na base da camada 4 – câmara - em posição que julgamos próxima à original (APC.98 -1035) e 3 *in situ* no meio da camada 6 (APC.98 – 308, 678 e 966).

Propomos para estes últimos, uma deposição/abandono anterior à construção do monumento, alegadamente associados a contextos anteriores à construção do dólmen de cariz doméstico.

O aparecimento de **resíduos de talhe** em cristal de quartzo ou sílex verifica-se não só em alguns dólmens da região (*Matança* e *Cortiçô*, Fornos de Algodres) (Cruz, Cunha e Gomes, 1988-89; Cruz, 1993) como também em monumentos do Alto Paiva (*Orca de Pendilhe*[59]*, Rapadouro 4* ou *Orca dos Juncais*) (Cruz, 2001:180).

As **lascas** (II-Est. XXIX) , produtos debitados em bruto sem transformação do suporte, são compostas por um conjunto de 15 exemplares — 9 em sílex e 6 em quartzo hialino.

[59] Refira-se um magnífico cristal de quartzo hialino, com vestígios de precursão no vértice e nas arestas, de tamanho excecional (13,4 x 0,4 x 3,5 cm) que apareceu na câmara deste dólmen (Cruz, 2001:90).

Encontravam-se, maioritariamente, dispersas pela área fronteira do monumento (Q. F2, E3; F4; E5e F5) nas camadas revolvidas pelas violações (c.3 e c.4).

Ainda assim, foram identificadas 6 lascas *in situ* (APC.98 – 289, 270 e 308, 309, 649 e 644) nos níveis médios e inferiores da camada 6, antevendo-se para estas situação análoga aquela que foi proposta para os núcleos recolhidos *in situ.*

Exumou-se ainda algum material residual — 6 restos de talhe (5 em quartzo hialino e leitoso e um em sílex) e 5 esquirolas (4 em sílex e um quartzo hialino) — que por si só permitem supor a prática local de debitagem de blocos.

Encontravam-se na câmara, corredor e área fronteira do monumento, destacando-se a presença de três restos de talhe e duas esquirolas entre as terras da camada 6, estrato de solo natural preservado sob o monumento funerário cujo topo foi utilizado como piso de circulação pelo menos no átrio e corredor.

A situação estratigráfica em que o material achado *in situ* se encontrava leva-nos a supor que estes tenham aqui sido abandonados em momento anterior à construção do dólmen, possivelmente decorrentes da prática de atividades de natureza doméstica, associadas a uma pré-ocupação do local enquanto *habitat* ou a admitir a hipótese de que artefactos possam ter sido produzidos no dólmen (Cruz, 2001: 180).

A este intento associam-se ainda **dois raspadores** sobre lasca, em sílex (II-Quadro V, Fig. 29, II- Est. XXIV), recolhidas à superfície e no interior da câmara, ambas retocadas no gume. A natureza fruste destes utensílios, assim como o pouco cuidado colocado na sua execução, dificilmente nos permitem atribuir outra significância que não seja de ordem funcional.

Não obstante, admite-se que artefactos de uso quotidiano possam igualmente ter integrado deposições de cariz votivo, enaltecendo as atividades, eventualmente praticadas pelo(s) defunto(s) em vida[60] (Sanches, 1994:284).

[60] Na *Anta da Arcã* (Abreiro, Mirandela), cujo estado de ruína não permitiu definir com precisão a configuração arquitetónica do dólmen (câmara funerária de grande porte, possivelmente precedida de corredor, incerta num *tumulus* relativamente baixo), o espólio associado aos rituais compunha-se dominantemente por utensílios de uso comum, intencionalmente depositados na câmara e corredor. A

Neste âmbito, alude-se igualmente à presença de 4 fragmentos de elementos de **moinhos manuais** (II-Quadro VII; II-Est.- XXVI) — dois dormentes e dois moventes — reutilizados na construção da estrutura de contrafortagem[61] (2), servindo enquanto calço interno de E7, solução bastante comum em monumentos do género na Beira Alta (Gomes, 1996: 86), e um outro identificado na câmara funerária sobre o substrato de base.

A presença deste tipo de artefactos, na maior parte das vezes representados apenas por fragmentos, entre as estruturas arquitetónicas do monumento, eventualmente reutilizados enquanto materiais de construção, levam-nos a acolher a hipótese de que a área habitacional das comunidades construtoras/utilizadoras do dólmen localizar-se-ia nas proximidades, ocupando os abrigos sob rocha que proliferam nas áreas envolventes, nomeadamente o *Abrigo 1 do Penedo do Com*[62] onde, a par de cerâmica manual, foi recolhida uma lasca em sílex (Gomes e Carvalho, 1993: 31).

No *Dólmen da Arcã* (Mirandela), a maioria dos moinhos manuais exumados na câmara, corredor (camadas 2 e 3) e no *tumulus* não se inseriam nas estruturas construtivas do dólmen (Sanches, 1994:283), tendo-se atribuído a alguns destes uma deposição intencional, valorizando o objeto em si ou a atividade inerente a este.

Outros dois exemplos ocorridos em monumentos neolíticos sob *tumulus* Transmontanos, no *monumento 2 da Chã de Arcas* (Carrazedo do Alvão, Vila Pouca de Aguiar) e na *Mamoa 3 de Pena Mosqueira* (Sanhoane, Mogadouro), são elucidativos da importância dada a este utensilio específico dentro das práticas rituais funerárias

integração destes instrumentos de uso doméstico, de aspeto fruste, no espaço sagrado destinar-se-ia, segundo a autora do estudo, a "...valorizar simbolicamente quer os instrumentos em si, quer as atividades nele implicadas" (Sanches, 1994: 284).

[61] Este aspeto, comum a outros sepulcros megalíticos, destaca-se na *Mamoa 1 de Madorras* (Sabrosa) onde foram identificados 25 elementos de mó (20 dormentes e 5 moventes) reutilizados na construção do contraforte, do revestimento pétreo da mamoa, da passagem que acedia ao corredor e na estrutura de fecho do átrio da Mamoa 1 de Madorras (Gonçalves & Cruz, 1994).

[62] O abrigo compõe-se de uma série de blocos graníticos de dimensões muito consideráveis, encimados por um outro em forma de língua. O espaço interno, ostentando configuração trapezoidal e orientado a norte, dispõe de uma área útil superior a 12 m quadrados. O acesso processa por três lados distintos — norte, este e oeste — admitindo-se a obliteração de algumas entradas durante o tempo de uso.

vigentes, quiçá revestidos de significado simbólico/ritual que vá para além da função para que primitivamente foi elaborada.

No primeiro caso, um pequeno dólmen de câmara simples de 6 esteios envolvido por *tumulus* revestido por couraça pétrea, observou-se na área fronteira do monumento uma deposição intencional de carácter marcadamente ritual, sob a estrutura pétrea em arco adicionada à "mamoa". Sobre as cinzas de uma estrutura de combustão estruturada foi colocado um pequeno dormente completo, sob o qual tinha sido previamente depositado o movente.

O dormente ostentava uma configuração ovalada, de contornos vagamente antropomórficos e o movente, de configuração sub-retangular, apresentava-se integralmente polido.

Trata-se, em nossa opinião, de um utensilio de exceção, a qual não se pode aferir um uso quotidiano, uma "alfaia litúrgica" que faria parte do universo funerário-ritual do dólmen esteve em funcionamento (Perpétuo, 2019: 165).

A *Mamoa 3 de Pena Mosqueira* (Sanhoane, Mogadouro), uma sepultura simples sob *tumulus* cronologicamente inserida no período em questão, continha um enterramento individual, provavelmente de criança, posto numa lentícula de ocre, decorrente de um polvilhamento do cadáver, associado a um interessante espólio arqueológico[63.] Eventualmente associável ao ritual de enterramento, foi identificado na periferia deste, a c. de 2,5 metros, uma laje sub-retangular de quartzito, polida no anverso levemente côncavo (presumível moinho manual reaproveitado) e polvilhado de ocre em todas as suas faces (Sanches, 1987).

Tratar-se-ia realmente de um moinho reutilizado, ou terá este desempenhado funções idênticas às anteriormente imputadas ao moinho de *Chã de Arcas 2*.

[63] O espólio era constituído por 50 micrólitos geométricos, uma lasca em sílex, um seixo rolado com forma vagamente antropomórfica coberto de ocre e/ou pintado a vermelho, um colar com c. de 2000 contas em xisto negro, uma laje sub-retangular, polida em ambos os lados e com vestígios de pintura em ocre vermelho e uma enxó em sillimanita. (Sanches, 1987; Sanches, 1994)

Não sendo nossa pretensão uma exposição exaustiva em torno deste assunto, mas simplesmente por acharmos relevante a questão da presença de objetos com carácter funcional/ritual associados a estas práticas fúnebres, muitas vezes desvalorizados e/ou reduzidos semanticamente à sua função primordial (como será o caso de alguns moinhos manuais), destacamos as placas ou lajes, com ou sem decoração, que excecionalmente aparecem no interior dos dólmens, usualmente cobertas de ocre.

Assim, atente-se ao caso da *Mamoa d'Alagoa* (Jou-Murça) onde, assente sobre o solo da câmara horizontalmente, se identificou uma laje fina e aplanada, não ornamentada, coberta de ocre (Sanches *et alli*, 2005a).

Também no *Monumento 1 de Chã de Arcas*, foi recolhida *in situ*, na passagem da câmara para o corredor de tipo vestibular, uma placa de configuração retangular em forma de "paleta", com ambos os topos decorados com entalhes semicirculares, apresentando em uma das superfícies, polida e algo côncava, ténues vestígios de pintura/ocre (Perpétuo, 2019), paralelizável com outra "paleta" exumada no nível superior do Dólmen K da Veiga de Perafita (Alijó) — quadrangular, em granito polido, ostentando um sulco em cada uma das faces e entalhes sobre os topos, conservando na face mais polida uma forte coloração avermelhada (Fábregas Valcarce, 1991: 188-189).

Por último os **polidores** (II-Quadro X, II-Est.XXVIII-1), artefactos utilizados nos acabamentos das superfícies externas das cerâmicas (brunidores) ou polir e afiar (amolador) instrumentos líticos cortantes. Por vezes exercem igualmente a função de percutores, notando-se, registando-se marcas de esmagamento nos seus topos.

Tal como preconizado anteriormente para outros artefactos de uso doméstico ordinários, o aparecimento destes objetos em contextos funerários revolvidos levanta muitas dúvidas do ponto de vista interpretativo.

No *Penedo do Com* foram exumados quatro peças potencialmente inseríveis nesta categoria.

Assim, temos a considerar um seixo em granito fino totalmente polido (APC.98-316), que se encontrava no átrio sobre a camada 6 (deposição primária). Exibia um desgaste maior sobre o anverso e aspeto agronómico no lado oposto. A singularidade do suporte

conjugada com as características evidenciadas e o local de deposição no monumento, levam-nos a supor estar na presença de um objeto com carácter simbólico — pequeno ídolo — que só não assumimos por inteiro em virtude da peça se apresentar fragmentada em ambos os topos.

Uma segunda peça (APC.98 – 781), produzida sobre um seixo de rio em granito e com evidentes sinais de percussão num dos topos, encontrava-se na zona do corredor, na base da camada 6, sobre o topo do afloramento rochoso, conjeturando-se uma deposição anterior à construção do monumento.

Um outro fragmento de polidor em seixo de granito (APC.98-788), com evidentes sinais de percussão no topo remanescente, foi reutilizado como calço do esteio 6. Será de considerar para este, tendo em conta a ambiência que rodeia a edificação de um dólmen e que poucos seriam os atos inocentes dos seus obreiros, uma deposição ritual de índole fundacional.

Na câmara funerária, na base da camada 4,identificou-se uma peça funcionalmente distinta das restantes. A litologia do suporte escolhido, um arenito metamorfizado (metagrauvaque de grão fino), aliado ao facto de se encontrar integralmente polida e com os cantos arredondados, trona-a numa peça singular. O anverso da peça encontra-se parcialmente deprimido em função do uso a que foi sujeito, facto que lhe confere um perfil longitudinal tendencialmente côncavo (II-Est. XXVIII).

O suporte escolhido e as características evidenciadas, apontam para uma possível pedra de afiar, potencialmente relacionada com as deposições primárias.

6. Análise tipológica dos artefactos em cerâmica e indicações crono-culturais regionais

Genericamente, o espólio cerâmico compulsado pela intervenção da *Anta do Penedo do Com* — composto por cerca de oito centenas de cacos (795) globalmente de fabrico manual, muito fragmentados e parcialmente desgastados — foi maioritariamente recuperado em situação estratigráfica pouco segura, distribuindo-se heterogeneamente

pelas camadas revolvidas da câmara e corredor (c.3 e c.4), bem como pelas terras acumuladas pelos violadores em torno da estrutura ortostática interna (c.1). A ação destrutiva/violadora foi de tal forma acentuada que permitiu a colagem de fragmentos recolhidos em situação estratigráfica distinta e localizados em partes opostas do monumento.

Excetua-se desta realidade um parco conjunto de cerâmicas recolhido sobre o nível de circulação preservado no corredor e átrio (c.6) — um vaso esférico fechado no átrio (APC.98 – 593) (III-Fig. 32-1), um semiesférico identificado no fecho do átrio (APC.98 – 25) (III-Fig. 33-2) e um vaso com corpo em calote de esfera (APC.98 - 494) (III-Fig. 34-1) na entrada do corredor sob o piso de circulação (c.6) — associados ao período de uso primário da sepultura.

A exumação deste interessante conjunto artefactual possui/detém, acima de tudo, um importante valor cronológico, uma vez que a maioria das cerâmicas recolhidas, nomeadamente campaniformes e troncocónicos, possuem uma cronologia mais tardia comparativamente à fase primária de utilização do sepulcro, percebendo-se desde logo momentos distintos de ocupação.

Assim, a análise detalhada das pastas e formas patenteadas pelos diferentes fragmentos cerâmicos, assim como a colagem de um significativo número de cacos, permitiu a reconstituição gráfica e parcial de 37 recipientes (III-Quadro XI), integrando pelo menos 9 tipos de formas distintas: quatro **esféricos** de boca fechada (III-Fig. 31, 32 e 33; III-Est. XXX, XXXI e XXXII) (Fig.13) e um outro, provavelmente de diferente período cronológico, com decoração em espinha paralela ao bordo (III-Fig. 44-1; III-Est. XXXIX-2), sete **calotes de esfera** (ligeiramente fechados e abertos) (III-Fig.33-3, 34, 35 e 36-1; III-Est. XXXIII-3, XXXIV e XXXV; Est. XXXII e XXXIII-1), dois **semiesférico** (III-Fig. 33-2 e 44-1; III-Est. XXXI-2 e XXXVIII-2) — um dos quais, eventualmente de cronologia distinta, profusamente decorado sobre o colo e a pança com duas bandas de triângulos invertidos incisos, internamente preenchidos por puncionamentos; um **globular** fechado (III-Fig. 36-2) e outro ligeiramente aberto (III-Fig. 36-3; Est. XXXII-1), 12 de **corpo troncocónico**, de feitura grosseira e bases planas (III-Figs. 37, 38, 39 e 41-2; III-Est. XXXIV, XXXV e XXXIII-2), aos quais devemos juntar mais um recipiente de **corpo subcilíndrico** (III-Fig. 44-2; Est.

XXXIX-1) — decorado com linhas incisas que pendem na vertical de uma linha horizontal sob o bordo, preenchidas internamente por linhas obliquas dispostas em espinhas.

Como **campaniformes** temos os que se seguem. Três recipientes de forma acampanulada — um liso (III-Fig. 41-1) e dois decorados, estes últimos integráveis no complexo Marítimo: estilo pontilhado de bandas, variante internacional e linear (III-Fig. 42-2 e 43-2; Est. XXXVII-1 e XXXVIII-1); três outros carenados, dois dos quais de carena baixa, apresentando-se um sem decoração, mas com a superfície externa polida (III-Fig. 40-1; Est. XXXVI-1)), e os outros dois decorados, sendo um integrável no complexo Marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante internacional (III-Fig. 42-1; Est. XXXVI-2) e outro no estilo pontilhado geométrico (III-Fig. 43-1; XXXVII-2).

Deve igualmente ser considerado dois fragmentos de uma colher, identificados no corredor, associada a deposições secundárias (III-Fig. 45-1; Est. XL-1)

Acresce referir a presença de outros recipientes, de forma indeterminada, decorados ou com aplicações plásticas decorativas e/ou de cariz funcional. Referimo-nos concretamente a dois fragmentos de bojos com asa de pressão horizontal (III-Fig. 46-1 e 2; Est. XL-2), um bojo com aplicação plástica de contorno subcircular e depressão central (III-Fig. 46-3, Est. XL-2), uma asa em rolo (III-Fig. 46-4; Est. XL-2) e dois fragmentos, com colagem, de uma possível caçoila carenada campaniforme, decorada através de bandas delimitadas por uma linha horizontal contínua, internamente preenchidas por linhas oblíquas com orientação alternada, separadas por bandas lisas, integrável no complexo Marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante internacional, pertencentes possivelmente à caçoila com decoração e forma idêntica anteriormente descrita (III-fig. 42-3).

Esta alargada panóplia de formas e decorações patenteada pelos recipientes cerâmicos exumados na Anta do Penedo do Com evidenciam , no seu conjunto, elementos de valor cronológico que nos permitem reconhecer (re)utilizações secundárias ou terciárias ao longo de mais de um milénio (dos finais do IV aos inícios do II mil. a.C.), observadas anteriormente no conjunto artefactual lítico, mormente nas já referenciadas pontas de seta evolucionadas.

Nesta perspetiva, assumindo os dados atualmente disponíveis para o megalitismo da Beira Alta (Senna-Martinez, 1989; Gomes, 1994; Cruz, 2001; Carvalho, 2005) integramos o conjunto de recipientes constituído pelas formas mais arcaicas — recipientes de corpo esférico (Fig.13) tendencialmente fechado, taças em calote de esfera, o pequeno recipiente de corpo semiesférico e as formas globulares — nas deposições primárias perpetradas pelas comunidades neolíticas construtoras/utilizadoras do monumento (Cf. ponto 7), admitindo-se que este momento tenha ocorrido em momento incerto da primeira metade do IV milénio a.C., altura em que o dólmen terá sido construído, e que, no limite, se possa ter prolongado, segundo as datações radiocarbónicas calibradas atualmente disponíveis para a região, até finais do IV mil. cal AC (Cruz, 2001: 187).

Outros apontam deposições situáveis durante todo o III mil. a.C. (Valera, 2017). Referimo-nos concretamente a um conjunto de vasos de corpo troncocónico, subcilíndricos e bases planas ou plana/convexas, na sua larga maioria toscos, apresentando alguma decoração plástica à base de mamilos e, provavelmente, asa em fita ou pega de pressão horizontal, associados aos vasos acampanulados e às formas carenadas, lisas ou decoradas, campaniformes.

A estes deve juntar-se uma colher, aparentemente sem pega de pressão, com evidentes paralelos nos povoados e/ou recintos calcolíticos regionais, nomeadamente no *Castro de Santiago* (Valera, 1997) e no *Habitat da Malhada* (Valera, 1995), ambos localizados no vizinho concelho de Fornos de Algodres.

A este conjunto podem ainda ser adscritos alguns recipientes do grupo anterior, sobretudo os semiesféricos e as taças em calote, cujas formas integram a tabela geral considerada para a área em estudo no III milénio a.C. (Valera, 2007: 365).

Os vasos troncocónicos invertidos e os subcilíndricos encontram-se em clara maioria entre todos os recipientes observados, representando cerca de 35% do total da amostra. Este tipo específico de recipiente, grosseiro e de certa forma estereotipado (Fig. 14), aparece em contextos regionais invariavelmente associado aos momentos iniciais da Idade do Bronze, como no n*a Malhada* e, com superior expressão, na *Fraga da Pena* (Valera, 2007: 375).

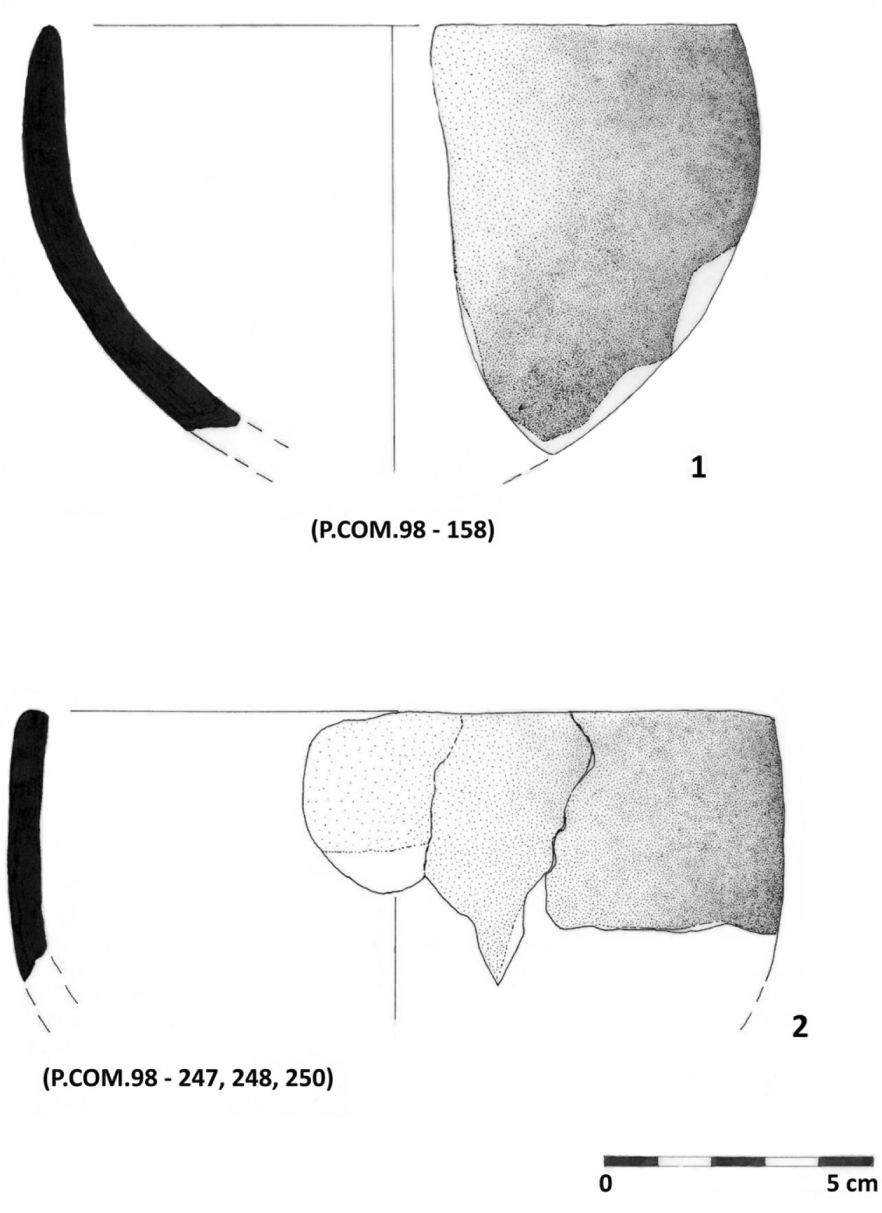


Fig. 13 -.Recipientes cerâmicos de corpo esférico.

Observamos igualmente a sua regular presença em reutilizações tardias de monumentos megalíticos Beirões, como na *Anta da Arquinha da Moura* (Tondela) (Cunha, 1995), *Orca do Outeiro do Rato* (Carregal do Sal) (Senna-Martinez, 1994), *Arcaínha do Seixo* (Perpétuo e Gomes, 2012), *Dólmen da Sobreda* e *Dólmen da Bobadela* (Oliveira do Hospital), em plena plataforma do Mondego, ou no Alto Paiva — no *Dólmen de Porto Lamoso*, *Orca de Merouços, Juncais* (V. N. de Paiva) (Cruz, 2001: 185), *Orca de Seixas* (Moimenta da Beira), ou *Orca de* Forles (Satão) (Leisner, 1998) —, não raras vezes "associados"[64] a artefactos campaniforme.

Neste âmbito e pela proximidade regional, localizado sensivelmente a 18 km a E.SE., destaca-se o conjunto de troncocónicos do *Dólmen 3 do Carapito* (Aguiar da Beira), que apresentam quase sempre asas (fita ou rolo) e não raras vezes decorações mamilares junto ao bordo, sendo esta situação comum em outros contextos funerários similares como na *Orca das Castenairas*, na *Orca dos Juncais* (V. N. Paiva) ou na *Orca do Tanque* (Satão) (Valera, 2007: 376).

Esta situação, ainda que não seja dominante, está igualmente atestada na *Anta do Penedo do Com* por um vaso com decoração mamilar (III-Fig. 41-2) e por uma asa em fita pertencente, eventualmente, a um recipiente congénere (III-Fig. 46-4).

Relativamente às restantes decorações, incisas (espinha em banda junto ao bordo e em métopas delimitadas por incisão vertical pendente de linha horizontal sob o bordo) ou com adição de puncionamentos (bandas de triângulos invertidos preenchidos por puncionamentos) (III-Fig. 44-1), encontram-se regionalmente atestadas em contextos calcolíticos pelo menos desde a primeira metade do III milénio a.C. (Senna-Martinez, 1994: 181) enquadrando, entre outros locais, os padrões decorativos do *Castro de Santiago* (Valera, 1997: 85).

[64] O termo utilizado pode não ser o mais correto, uma vez que essa "associação" não se encontra comprovada arqueologicamente, tendo em conta os contextos de revolvimento em que por norma são exumados estes artefactos.

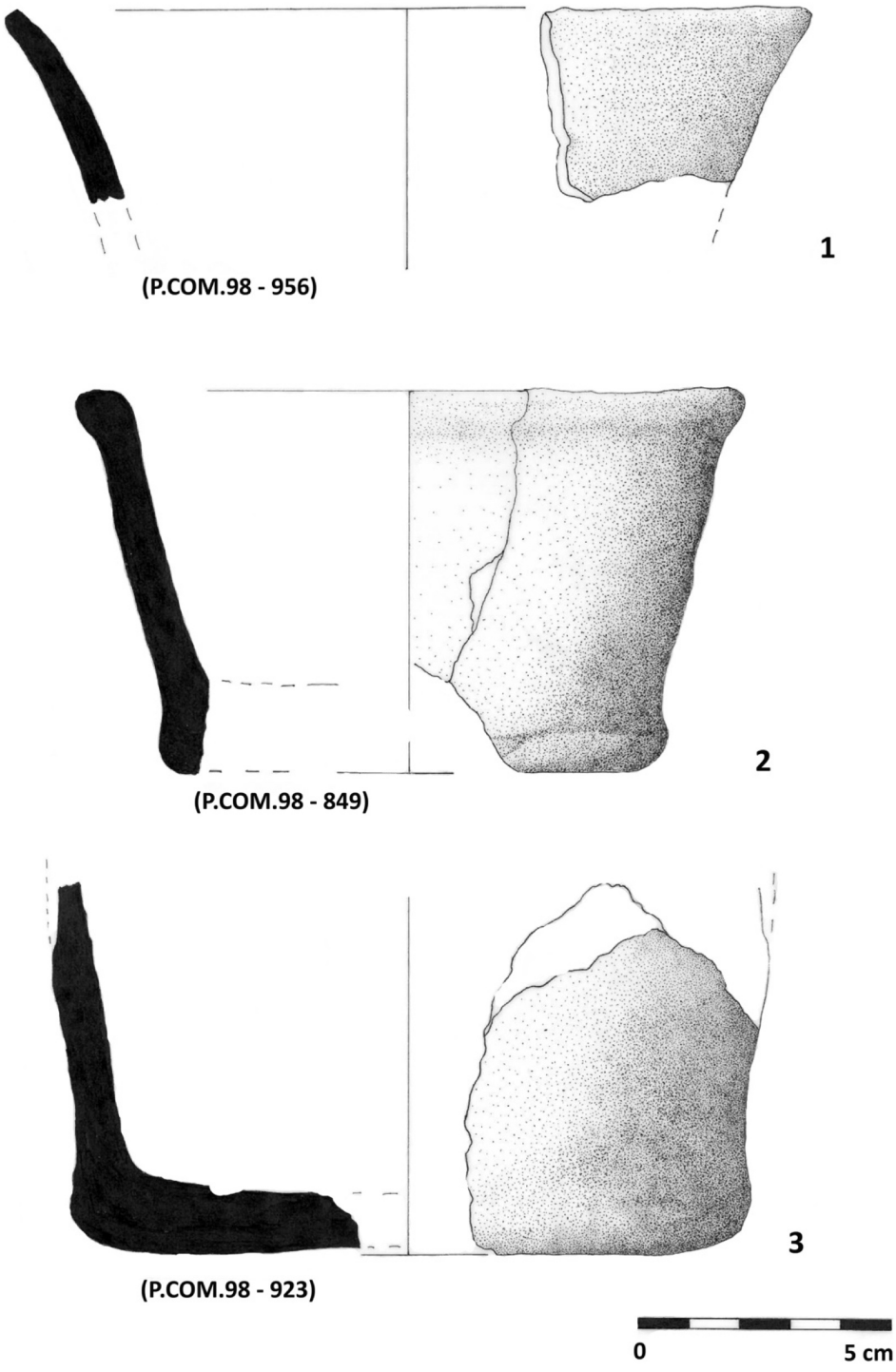


Fig. 14 - Recipientes troncocónicos.

Dentro dos contextos abordados, merece especial atenção a possível relação com dois fragmentos de um recipiente espinhado recuperados na *Orca de Corgas da Matança* (Cruz, *et alii*, 1988-89: 37), admitindo António Valera que estes possam integrar uma reutilização daquele dólmen durante o 3° milénio a.C., assumindo-se o motivo espinhado como um dos mais comuns na área em estudo e com provável carga simbólica (Valera, 2007: 375).

Por último, cite-se a presença de decorações em espinha no *Abrigo 1 do Penedo da Penha* (Nelas)65 associadas a um vaso acampanulado, troncocónicos e taças de carena baixa datáveis, eventualmente, de uma fase de transição do Calcolítico para a Idade do Bronze (Senna-Martinez, 1994: 181).

Ainda que esta reutilização dos grandes dólmens beiraltinos esteja perfeitamente documentada pela cultura material, não existe um conjunto coerente de datações, muito em função dos contextos de recolha, capaz de comprovar diretamente as cronologias propostas.

Excetua-se o caso da *Arquinha da Moura* (Tondela)[66], monumento funerário megalítico construído nos inícios do IV milénio a.C. (ainda que sem datas absolutas para este momento) e reutilizado em momentos posteriormente[67] (Cunha, 1995). O incrível estado de conservação em que chegou aos nossos dias, facultou o reconhecimento de contextos preservados, a recolha de um numeroso espólio arqueológico e a identificação de ossos humanos cuja datação de três amostras, estatisticamente semelhantes, apontou para os inícios da Idade do Bronze (2197-1978 cal. AC), que é ajustada com parte significativa do espólio, nomeadamente os vasos cerâmicos (Cruz, 2001:266).

---

[65] Refira-se a este propósito que o habitat em causa apresenta claras semelhanças tipológicas e, provavelmente, cronológicas com o Abrigo 1 do Penedo do Com.

[66] Este magnifico dólmen, profusamente decorado com pinturas nos esteios da câmara, foi construído sobre uma pequena elevação natural, com amplo domínio sobre o vale que se desenvolve na periferia, conferindo-lhe um expressivo destaque ambiental.

[67] Aguarda-se pelo estudo pormenorizado dos resultados desta intervenção, nomeadamente do extenso e importante espólio exumado.

A cerâmica campaniforme

O conjunto de fragmentos campaniformes identificados (44 exemplares), à semelhança da restante cerâmica, caracteriza-se pelo seu estado fragmentado e corroído. A maioria reporta-se a bojos e panças de diminutas dimensões, cuja decoração, executada com matriz denteada formando impressões retangulares, se integra no complexo Marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante internacional — representado pelo vaso clássico em forma de campânula invertida e por vasos carenados —, na variante linear e no estilo pontilhado geométrico.

Podemos afirmar com alguma certeza, tendo em conta os profundos revolvimentos identificados no espaço da câmara e corredor, que a larga maioria, se não mesmo a totalidade dos fragmentos exumados, encontrava-se deslocada da sua posição original tendo sido identificados — camadas 3 e 4 — na câmara (11 exemplares), no corredor e áreas anexas (26 exemplares) e no área fronteira do monumento (7 exemplares), antevendo-se que estes últimos possam ter vindo em terras removidas do interior do corredor.

Ainda assim, fragmentos recolhidos ao nível de base da câmara funerária (5 exemplares) e nas fossas de esteios da câmara (E8) e corredor (E1), fazem antever, à semelhança do registado em outros dólmens da Beira Alta, que as deposições tenha ocorrido preferencialmente nestes dois espaços concretos.

Nesta perspetiva, tendo em conta as afinidades técnicas de execução dos motivos decorativos e semelhanças entre pastas, foi possível identificar pelo menos seis recipientes distintos (III-Quadro XI).

Assim, reporta-se a presença de um recipiente de corpo acampanulado com carena (APC.98-965), decorado segundo o estilo de pontilhado de bandas, variante internacional (III-Fig. 42-1; Est. XXXV-2).

Com os mesmo padrão decorativo e forma análoga, registou-se a presença de um segundo vaso com duas bandas pontilhadas paralelas ao bordo (III-Fig. 42-2; Est.XXXVII).

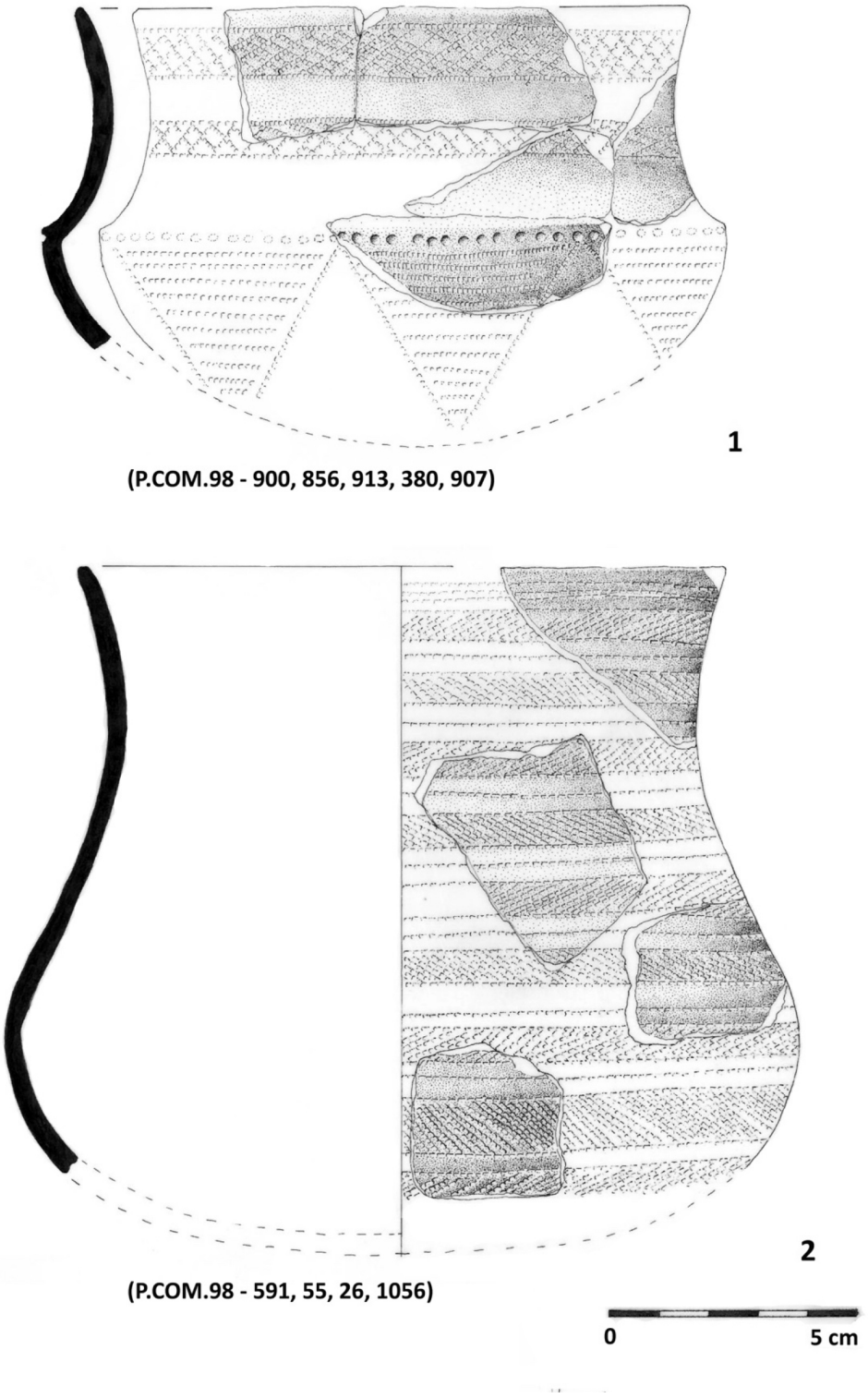


Fig. 15 - Recipiente acampanulado com carena baixa decorado segundo estilo pontilhado geométrico; 2 Recipente acampanulado decorado segundo o estilo pontilhado de bandas, variante linear.

Ainda do complexo Marítimo refira-se a presença de um vaso acampanulado decorado segundo o estilo pontilhado bandas, na variante linear (III-Fig. 43-2; Est. XXXVII-1) (Fig.15).

Dos recipientes decorados, refira-se, por último, um recipiente de carena baixa e colo estrangulado, integrável no estilo pontilhado geométrico (III-Fig. 43-1; Est. XXXVII-2) (Fig.15).

A estes, juntamos dois recipientes lisos, uma "caçoila" de carena baixa (III-Fig. 40-1; Est. XXXVI-1) e um vaso, possivelmente, acampanulado (III-Fig. 41-1).

Admite-se para este último, ao contrário de todos os outros, uma produção local. Esta afirmação, num momento em que não existe nenhum estudo específico sobre esta matéria, tem por base a observação direta da composição das pastas e deve ser encarada com as devidas reservas.

Na verdade, quer a tonalidade da pasta quer os e.n.p que a compõem, diferem do observado no restante conjunto considerado, aproximando-se mais da realidade observada nos vasos troncocónicos e subcilíndricos, grosseiros e toscos, em nossa opinião de fabrico local.

Nesta perspetiva e com as mesmas reservas anteriormente consideradas, pondera-se um caracter exógeno para os restantes vasos campaniformes.

No recinto cerimonial da *Fraga da Pena* (Fornos de Algodres), sítio arqueológico da Beira Alta onde se registou o maior número de recipientes campaniformes (32 ex.), datado do último quartel do 3º milénio AC (Valera, 2000, 2007 e 2017), um estudo arqueométrico das pastas de cerâmicas, com especial ênfase nas campaniformes, revelou uma larga predominância do fabrico local, admitindo-se no entanto a possibilidade de importação de fora da área de estudo de quatro recipientes campaniformes — 1 pontilhado de bandas, 1 pontilhado linear, 1 "ponteado" de bandas e 1 liso — assim como de um recipiente com decoração penteada e uma forma lisa de tradição calcolítica, admitindo-se igualmente uma proveniência de depósitos argilosos distantes e diferentes dos amostrados das argilas utilizadas na produção destes vasos pertença (Dias et alli, 2000:260).

Neste âmbito, e para as comunidades calcolíticas que reutilizaram os dólmens beirões com deposições campaniformes (Quadro I), onde o estilo pontilhado de bandas e o pontilhado geométrico são largamente predominantes, tem-se vindo a reconhecer contactos privilegiados com a orla litoral estremenha (Gomes e Carvalho, 1993; Senna-Martinez, 1994: 180).

		Contextos funerários													Não Funerários					
ESTILOS		Dólmen da Bobadela	Dólmen da Sobreda	Arcaínha do Seixo	Outeiro do Rato	**Penedo do Com**	Orca de Forles	Moinhos de Rua	Orca das Castenairas	Orca de Pendilhe	Orca dos Juncais	Rapadouro 1	Rapadouro 3	Orca de Seixas	Penedo da penha	Quinta da Assentada	Linhares	Fraga da Pena	Chã das Lameiras	TOTAIS
PONTILHADO DE BANDAS	Internacional	2		1	1	**2**	1							1		1		5		14
	Linear								1				1					2		4
	internacional e linear		2	1	1	**1**		1						1						7
PONTILHADO GEOMÉTRICO		1		2	1	**1**				1		1						2	1	9
INCISO	Espinhas em bandas														1					1
	Linhas em bandas													1						1
	Traços em bandas																	1		1
IMPRESSO	Ponteado em bandas																	2		2
	Ungulado																	11		11
INCISO E IMPRESSO																	1			1
LISO						**2**				1	1							9		13
TOTAIS		3	2	4	3	**6**	1	1	1	2	1	1	1	3	1	1	1	32		64
		29														35				

Quadro 1 — Relação dos recipientes campaniformes na Beira Alta (adaptado e atualizado de Valera, 2017: 216)

Tendo em conta a repartição dos contextos funerários conhecidos pela região, sobressai a relação estabelecida com os principais cursos fluviais (ver mapa): Mondego, Dão e Alva

para os dólmens implantados na Plataforma do Mondego, Vouga, Paiva e Távora para os monumentos dos Planaltos Centrais (Alto Paiva/Serra da Nave) (Cardoso, 2014: 326).

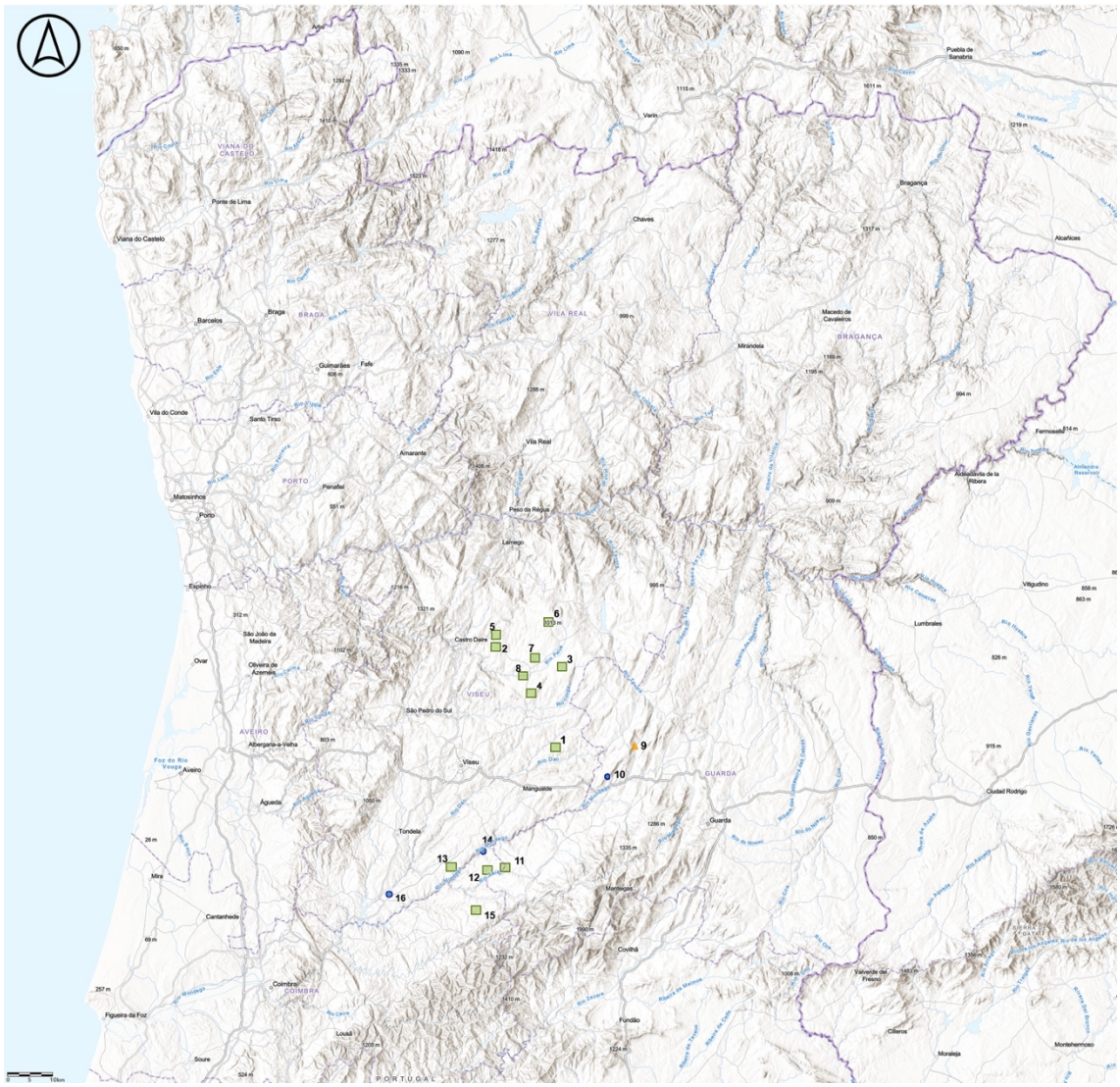


Fig. 8 - Localização de sítios arqueológicos com campaniformes na Beira Alta. 1. Orca de Seixas; 2. Rapadouro 1 e 2; 3. Orca de Pendilhe; 4. Castonairas; 5 Moinho de Rua (Porto Lamoso); 6. Forles; 7. Juncais; 8- Penedo do Com; 9. Fraga da Pena; 10. Quinta da Assentada; 11. Penedo da Penha 1; 12. Linhares; 13. Outeiro do Rato; 14. Seixo da Beira; 15. Sobreda; 16. Bobadela. Os quadrados correspondem a monumentos megalíticos; as bolas a povoados; o triangulo é um recinto cerimonial.

A presença de vasos campaniformes na região, associada ou não a objetos metálicos em cobre, joias ou ao braçal de arqueiro, reveste-se, se excetuarmos o sítio da *Fraga da Pena* (Fornos de Algodres), de um carácter de exceção, não sendo despropositado,

atribuir a estes um valor simbólico, de prestígio e importância relevante enquanto diferenciador social (Senna-Martinez, 1994), posição clássica recentemente contestada[68].

A assimilação destes "bens" pelas comunidades calcolíticas locais, tem vindo a ser considerada como um fenómeno tardio, situado nos últimos séculos do III milénio a.C, integrando os alvores da Idade do Bronze.

Tal premissa, sustentada inclusive pelo único contexto datado na região[69], baseia-se na associação, observada principalmente nos espólios exumados em monumentos megalíticos reutilizados (*Bobadela, Arcainha do Seixo, Sobreda, Orca do Outeiro do Rato, Castenairas, Seixas*[70], etc...), de formas cerâmicas tardias — taças carenadas, potes de colo estrangulado, troncocónicos invertidos ou até campaniformes lisos — integráveis já nos momentos iniciais do Bronze regional (Senna-Martinez, 1994, 182).

A realidade observada na *Anta do Penedo do Com* pode enquadrar um cenário idêntico, ressalvando-se, no entanto, que o contexto de recolha deste espólio, em função dos profundos e extensos revolvimentos registados, não foi o mais credível, reservando-se as devidas cautelas interpretativas no que concerne a uma associação entre estes.

Na verdade, observamos entre este, mormente naquele recolhido entre os estratos revolvidos da câmara e corredor ortostáticos, matérias arqueológicos transversais a todo o 3° milénio a.C.

Por norma, estes espólios têm sido associados a contextos funerários relacionados com enterramentos individuais[71]. No entanto, o reduzido número de monumentos

---

[68] "Beakers are a sign of times in the 3rd / early 2nd millennium BC, but they signal those times in many different ways, playing diversified roles and assuming plural meanings in the context of complex social relations. This versatility can hardly be clarified by a simple categorization like prestige goods" (Valera, 2017: 228).

[69] Setor 1 da *Fraga da Pena*, datação absoluta de radiocarbono para a base do solo de ocupação Sac-1543: 3710±60 — 2282 -1 922 cal AC (2σ).

[70] Para o caso concreto refira-se a presença, para além de ter vasos campaniformes, de um machado em cobre arsenical, uma ponta de seta de tipo Palmela e um Braçal de arqueiro, denotando um carácter acentuadamente mais tardio (Leisner, 1998:17).

[71] O sugestivo conjunto artefactual recolhido na *Orca de Seixas* (Moimenta da Beira) parece enquadrar este propósito (Leisner, 1998)

reutilizados (13), aliado à falta de outra tipologia de sepulturas contemporâneas, bem como a falta de evidência arqueológica que comprove a deposição de corpos juntamente com este material, levou a que recentemente esta teoria fosse colocada em causa (Valera, 2017: 225)[72].

O escrutínio meticuloso das datas e contextos campaniformes do norte de Portugal e da bacia do rio Douro, mormente do Buraco da Pala (nível I) — um abrigo sobre rocha da Serra de Passos (Mirandela)— do recinto monumental do Castro de Palheiros (Murça), do recinto de fossos da Forca (Maia) e do recinto cerimonial da Fraga da Pena (Fornos de Algodres), admite a circulação destas peculiares cerâmicas desde a primeira metade do 3º mil. AC até aos inícios do 2º mil. AC (2700 – 1900 cal. AC) (Sanches *et alii,* 2017: 251).

Nesta área contabilizaram-se 55 sítios com cerâmicas campaniformes divididos por sítios funerários (34 casos) — dólmenes, mamos e cairns — e não funerários (21 casos) — Abrigos/grutas, povoados, recintos monumentais e de fossos, não sendo evidente diferenças acentuadas na frequência[73] de cerâmicas campaniformes entre os sítios do litoral e do interior, ainda que exista, para já, um maior numero de sítios no litoral (Sanches *et alii,* 2018: 114), confirmando-se pela análise dos contextos, bem como pela associação com outros artefactos, a cerâmica campaniforme como material de exceção quer nos monumentos funerários como no resto dos sítios.

A diversidade estilística que se observa em contextos do interior é demonstrativa da interação quer com grupos do litoral, quer com grupos da meseta, situação observável desde o 4º mil. AC em contextos funerários (Sanches *et alii,* 2018: 122).

Os artefactos metálicos em cobre parecem circular nesta região, ainda que de forma incipiente, na primeira metade do 3º mil. AC[74], sem, no entanto, se poder estabelecer uma relação direta entre metalurgias complexas e cerâmicas campaniformes como se

[72] "So, the association of beaker to funerary depositions is simply an assumption…" (Valera, 2017: 225)

[73] Ainda assim, salvo raras exceções (Castro Palheiros e Fraga da Pena) a cerâmica campaniforme é bastante escassa quer em número de recipientes, quer em número de cacos (Sanches, *et alii,* 2018:118)

[74] No nível I do *Buraco da Pala* (machado e alcaraviz) e na *Lorga de Dine* (machado, cinzel e agulha) (Sanches *et alii,* 2018:124).

um conjunto unitário se tratasse, situação que só se verifica na segunda metade do 3º mil. AC como podemos observar por exemplos nos contextos funerários da *Mamoa 1 de Chã de Carvalhal* (dois punhais e cinco pontas de palmela) ou na *Orca de Seixas* (machado, ponta de palmela e braçal de arqueiro em rocha), cuja tipologia e composição são típicas de uma fase tardia do Calcolítico ou já mesmo da Idade do Bronze (Sanches *et alii*, 2018:124).

Neste sentido, independentemente de não ter fornecido cerâmica campaniforme, deve ser valorizada uma datação obtida para um monumento sob *tumulus* da Regadoura 2, intervencionado no âmbito da arqueologia de Salvaguarda em Armil/Fafe.

Tratava-se de um pequeno montículo de terra e pedra de dimensões médias, no centro do qual foi identificada uma estrutura potencialmente cistoide com depressão central (hipotética área de enterramento). Facultou a exumação de vários recipientes cerâmicos (taças de bordo arredondado e obliquo e dois troncocónicos) bem como artefactos líticos — braçal de arqueiro, um amolador e um martelo — e uma ponta de seta de tipo Palmela (Pereira, 2018).

Uma datação obtida de material carbonoso recolhido sobre o solo enterrado pela construção do *tumulus*, possivelmente relacionada com uma queimada prévia à construção — D-MAS 008415: 3900±26 BP — 2468-2332 cal. AC (2σ) — constitui-se como um *terminus post quem* para a construção.

Em função do exposto, e para o caso concreto das cerâmicas campaniformes provenientes da *Arca do Penedo do Com*, permite-se tecer algumas considerações:

— os dados provenientes da escavação arqueológica permitem entender que o monumento funerário, construído provavelmente durante o primeiro terço do IV milénio a.C., foi encerrado/condenado, possivelmente só finais do IV milénio a.C., antes da deposição de cerâmicas campaniformes ou de outros recipientes — troncocónicos e subcilíndricos — cujas tipologia nos rementem para momentos mais tardios da Pré-história recente regional, facto que nos leva a admitir que este momento tenha acontecido em contexto de reutilização utilizando acessos diferentes dos primitivos, tratando-se nesse sentido de "arrombamento".

— os estratos estratigráficos revolvidos (c.1, c.2, c.3 e c.4) onde foram exumadas estas cerâmicas (campaniformes, troncocónicos, etc.…), dada a sua natureza, não permitem estabelecer uma relação temporal entre elas, associando-se não raras vezes a outros artefactos, líticos e cerâmicos, considerados mais arcaicos (micrólitos, lâminas não retocas, pontas de seta de base triangular, etc.…);

— os estilos/decorações — marítimo (variante internacional e internacional/linear), pontilhado geométrico e liso — observam-se um pouco por todo o território da Beira Alta e Norte de Portugal, tanto em contextos funerários como não funerários, admitindo-se uma circulação dos mesmos em zonas mais setentrionais interiores desde a primeira metade do 3º mil. AC (Sanches *et alii*, 2017: 251), levantando algumas duvidas sobre a posição clássica defendida para Beira Alta que a sua introdução seria um fenómeno tardio, situado nos últimos séculos do III milénio a.C.(Senna-Martinez, 1994);

— que não é possível estabelecer uma ligação direta, como se de um "conjunto artefactual se tratasse", entre as cerâmicas campaniformes e as cerâmicas troncocónicas, podendo o grupo destes materiais cerâmicos (e doutros) mais tardios, terem entrado sob a forma de combinatórias diversas, em ritos espaçados, também estes, ao longo do 3º milénio e inícios do 2º mil. AC;

— por último, regista-se igualmente que os mesmos grupos técnico-estilísticos encontram-se associados a metalurgias complexas — entendidos como um conjunto unitário capaz de materializar o processo de complexificação social na segunda metade do 3º mil. AC (Sanches e Barbosa, 2018:124) — em contextos funerários como acontece na *Mamoa 1 de Chã de Carvalhal* ou na *Orca de Seixas*. Nesta medida, julgamos que contextos funerários datados associados a metais contemporâneos devem ser valorizados como o monumento sob *tumulus* da *Regedoura 2* (Fafe)e, eventualmente, a *Arquinha da Moura* (Tondela).

Nesta perspetiva, a inserção/interpretação cronológica dos materiais campaniformes da Beira Alta, nos quais se inserem os do *Penedo do Com*, devem ser apreciados com as devidas reservas, aguardando-se por escavações futuras capazes de identificar contextos seguros que possam clarificar a situação.

7. Uso e encerramento do Penedo do Com. Uma perspetiva de síntese sobre a cronologia.

Para a *Arca do Penedo do Com* não se dispõe de momento de qualquer datação por método de carbono 14. A intervenção arqueológica, tendo em conta as profundas violações/revolvimentos de que as áreas fulcrais do monumento foram alvo, não permitiu a recolha de macrorestos vegetais carbonizados ou vestígios osteológicos capazes de garantir a datação segura de contextos relacionados com a fase de construção/uso e encerramento(I-1.5; I-Fig-7)[75].

No atual estado da investigação sobre as construções tumulares da Beira Alta, dispõe-se de um leque alargado de datações que permitiram estabelecer cronologias absolutas para os momentos anteriores à construção (*terminus post quem),* construção, uso e encerramento de um grupo alargado de monumentos megalíticos complexos — dólmenes com corredor ou vestíbulo, envolvidos por massa tumular e com estruturas sobre a área fronteira associáveis ao funcionamento do conjunto sepulcral —dispersos por áreas distintas da Beira Alta (Cruz, 2001: 256)[76].

Em função do exposto, socorremo-nos das principais datações disponíveis para monumentos congéneres da região (quadro 2), por forma a contextualizar cronologicamente os momentos de construção, uso e encerramento primários do *Dólmen do Penedo do Com,* não sendo, no entanto, objetivo do presente texto uma análise exaustiva dos dados disponíveis, tarefa anteriormente realizada por outros

[75] Com as devidas reservas, poderiam ter sido consideradas válidas para datação a amostra 1 (recolhida no corredor ao nível de base da camada 6, quando muito poderia constituir-se como um *terminus post quem* para a construção), amostra 3 (recolhida no topo do piso de circulação do corredor, datando hipoteticamente um momento de utilização) e a amostra 6 (entre os calços do esteio 6 da câmara, eventualmente relacionada com a construção do dólmen).

[76] Excetua-se, eventualmente, o *Dólmen do Carapito 1*, hipoteticamente um monumento de câmara simples. A dimensão dos esteios que o compõem fazem dele o maior dólmen da Beira Alta, estranhando-se a ausência de estruturas de acesso complexas — corredor ortostático, corredor intratumular e átrio. Escavações em curso, no âmbito do um projeto de conservação, restauro e valorização, com especial incidência sobre o *tumulus* e área fronteira à câmara não facultaram a identificação de dados concretos que aferissem ou negassem esta hipótese.

autores em diversos trabalhos (Cruz, 1993 e 2001; Gomes, 1996; Carvalho, 2005), mas sim uma breve síntese da capaz de integrar os contextos por nós observados.

As datações aqui apresentadas podem relacionar-se com *terminis post quem* para a construção dos megálitos (*Lameira de Cima 1 e 2, Carapito 1, Orca dos Padrões e Antelas)*, com a fase de construção (*Senhora do Monte*), utilização inicial (*Senhora do Monte, Lameira de cima 2, Sangrino, Areita, Carapito 1, Castonairas, Picoto do Vasco, Seixas e Orca de Merouços*), utilização continuada (*Castonairas e Antelas*) e encerramento (Senhora do Monte, Lameira de Cima 2, Picoto do Vasco, Seixas e Merouços).

Excetuando as datações referentes a *termini post quem* e algumas datações referentes a utilizações prolongadas no tempo de alguns monumentos (*Carapito 1*, *Castonairas e Antelas*), os diferentes eventos são "...indistinguíveis, ocorrem em tempo curto não discernível na cronologia absoluta; podemos estimar que tal tenha acontecido entre 4000 e 3650 a.C." (Cruz, 2001: 257), não se observando igualmente diferenças evidentes entre dólmenes de tipo vestibular (*Picoto Vasco, Lameira de Cima 2*) e os dólmenes de corredor.

A *Orca das Castonairas*, cuja construção e início de utilização terá ocorrido entre 3970 e 3710, esteve em funcionamento por um período alargado de tempo, confirmado por datação obtida no nível superior da câmara e confirmada por um conjunto de datações realizadas com amostras do átrio e do corredor intratumular[77], que se situará entre 3500 e 2908 cal. AC ("soma das probabilidades") (Cruz, 2001:241.

Situação análoga pode ter acontecido no *Carapito 1* e em *Antelas*, uma vez que ambos possuem datações mais tardias, interpretáveis, porventura, como uma utilização contínua até finais do Neolítico, ainda que nestes casos específicos não se registem diferenças assinaláveis ao nível da cultura material (Cruz, 2001:257).

[77] As amostras destas últimas datações encontravam-se associadas a materiais líticos e cerâmicos tardios (Cruz, 2001:241).

Principais datações de C 14 dos dólmens da Beira Alta (Quadro 2)[78]					
Identificação Monumento	**Tipo de Monumento**	**Ref. Lab.**	**Datação BP**	**Calibração (AC) 2 sigma**	**Contexto/observações**
Carapito I (Aguiar da Beira	Dólmen de câmara simples	GrN-5510	4850±40	3704-3537	Carvão vegetal. Cam. inf. base da câmara – utilização inicial. Kalb, 1981, 1987, 1990; Cruz, 2001.
		HV-s/n°	4590±65	3519-3097	Carvão vegetal. Nível sup. Câmara — Utilização tardia. Kalb, 1981, 1987, 1990; Cruz, 2001.
		média pond. Oxa-3733+ TO-3336[79]	5121±36	3981-3800	Carvão vegetal. Fossa de assentamento do esteio E. — *terminus post quem* para a construção. Cruz e Vilaça, 1994.
Lameira de Cima 1 (Penedono)	Dólmen de corredor	OxA-4084	4990±80	3964-3641	Carvão vegetal. Sob lajeado existente no corredor intratumular — *terminus post quem* para a construção Gomes, 1996.
Lameira de Cima 2 (Penedono)	Dólmen de vestíbulo.	OxA-5102	5360±55	4336-4002	Carvão vegetal. Sob lajeado do corredor intratumular - *terminus post quem* para a construção/utilização inicial. Idem
		média pond. GrN-21353+ CSIC-1113+ CISC-1114[80]	4981±19	3886-3705	Cortiças carbonizadas. Topo das terras (piso) do corredor intratumular, sob a condenação — utilização/momentos imediatamente anteriores ao encerramento. Idem
Senhora do Monte (Penedono)	Dólmen de corredor	média pond. GrN-20791+ ICEN-1200+ GrN-21304[81]	5102±30	3970-3798	Cortiça e carvão carbonizados. Piso do corredor intratumular, sob est. de condenação — utilização/momentos imediatamente anteriores ao encerramento. Carvalho, 2005.
Sangrino (Penedono)	Dólmen de corredor	CISC-1325	4951±31	3791-3655	Cortiça carbonizada. Nível de utilização da câmara — utilização inicial. Carvalho, 2005.
Orca dos Padrões (Mangualde)	Dólmen de corredor	OxA-4484	4960±65	3942-3641	Idem. Base dos calços dos esteios do corredor — *terminus post quem* para a construção. Gomes e Carvalho, 1995.

[78] As datações apresentadas, por vezes considerando apenas a média ponderada para amostras estatisticamente indistinguíveis e contextualmente idênticas, foram selecionadas entre um total de pelo menos 71 datas disponíveis para o megalitismo funerário da Beira Alta, tendo por base a análise criteriosa exposta por Domingos Jesus da Cruz na sua Dissertação de Doutoramento (Cruz, 2001).

[79] Oxa-3733: 5125±70 BP; TO-3336: 5120±40 BP.

[80] GrN-21353: 4990±40 BP; CSIC-1113:4961±27 BP; CISC-1114: 4999±29 BP.

[81] GrN-20791: 5130±40BP; ICEN-1200: 5100±40 BP; GrN-21304: 5060±40 BP.

Dólmen de Antelas (Oliveira de Frades)	Dólmen de corredor	média pond. GrA-5417+ GrA-5418+ GrA-5498[82]	5096±32	3970-3796	Idem. Terras *in situ* do corredor intratumular, sob laje — *terminus post quem* para a construção. Cruz, 1995a, 1997b
		OxA-5433	4655±60	3632-3142	Pigmento preto das pinturas da laje de cabeceira —utilização Cruz, 2001.
Dólmen de Areita (São João da Pesqueira)	Dólmen de corredor	GrA-18497	4840±60	3710-3518	Ossos humanos. Base da câmara selada — utilização. Cruz, 2001:245
Orca de Merouços (Vila Nova de Paiva)	Dólmen de Corredor	média pond. GrA-14767+ GrA-14768+ GrA-14765+ GrA-14770[83]	4960±60	3784-3664	Carvão vegetal. Átrio — utilização/encerramento. Cruz,2005.
Orca de Seixas (Moimenta da Beira)	Dólmen de Corredor	GrN-5734	4900±40	3766-3639	Carvão vegetal. Base da câmara — utilização inicial. Kalb, 1981, 1987; Cruz 2005.
		média pond. CISC-1665+ CISC-1664[84]	4934±25	3771-3653	Cortiça carbonizada. Piso corredor intratumular e átrio — utilização/ encerramento. Cruz, 2005.
Orca das Castonairas (Vila Nova de Paiva)	Dólmen de Corredor	GrN-4924	5060±50	3968-3710	Cortiça carbonizada. Base da câmara — construção/utilização inicial. Kalb, 1981, 1987, Cruz 2005.
		GrN-4925	4610±50	3517-3121	Idem. Câmara, nível superior — utilização posterior[85]. Kalb, 1981, 1987, Cruz 2005.
Dólmen do Picoto do Vasco (Vila Nova de Paiva	Dólmen de vestíbulo	média pond. CISC-1221+ GrN-22817+ GrN-22443+ CISC-1328+ CISC-1199+ OxA-6910[86]	4974±50	3891-3664	Carvão vegetal. Câmara, vestíbulo e corredor intratumular — utilização primário, funcionamento e encerramento. Cruz, 2005:237

Quadro 2 — Principais datações de C14 dos dólmens da Beira Alta.

[82] GrA-5417: 5120±50BP; GrA-5418: 5090±50BP; GrA-5498: 5070±BP.

[83] GrA-14767: 49990±40BP; GrA-14768: 4980±40BP; GrA-14765: 4960±40BP; GrA-14770: 4910±40BP.

[84] CISC-1665: 4939±34BP; CISC-1664 4929±25BP.

[85] A par desta datação, a *Orca das Castonairas* dispõe de um conjunto de 8 outras datações — provenientes da última intervenção científica e estatisticamente indistinguíveis — relativas a este momento específico de utilização continuada do monumento, numa altura em que grande parte dos dólmenes beiraltinos já se encontravam encerrados (exclui-se deste contexto a reutilização intrusiva dos finais do Calcolítico / inícios da Idade do Bronze).
A probabilidade estatística (2 sigma) de que esta possa ter acontecido entre 3373 e 2908 cal. AC é de 93,3%.

[86] CISC-1221: 5160±42BP; GrN-22817: 5100±60BP; GrN-22443:5140 ±40BP; CISC-1328: 5124±30BP; CISC-1199: 4998±31BP ;OxA-6910:4930±60BP.

Perante este cenário, admite-se que a *Arca do Penedo do Com* terá sido construída e começado a funcionar (tal como os monumentos complexos anteriormente analisados), durante o primeiro terço do 4º milénio a.C., preconizando-se para ela um uso continuado atingindo, eventualmente os inícios do 3º milénio a.C., contrariando em certa medida a tendência expressa pela maioria dos dólmens beiraltinos, até momento mais tardio, não se considerando neste âmbito a reutilização Calcolítica e/ou dos Inícios da Idade do Bronze.

No Norte de Portugal, mais concretamente na Serra da Aboboreira, o momento inicial das construções tumulares com mamoa ocorre sensivelmente a partir dos finais 2º e 3º quarteis do 5º milénio a.C.

Estes primeiros sepulcros não são monumentos complexos, como os anteriormente analisados para a Beira Alta, mas sim de dólmens simples (*Mamoa 3 e 4 de Chã de Parada ou Mamoa 1 de Outeiro de Ante*) — abertos ou fechados — ou *tumuli* (mamoas), desprovidos de estrutura megalítica interna (*Mamoa 2 de Chã de Santinhos* ou *Mamoa das Cabras);* a análise do conjunto de datações obtidas para os supracitados monumentos permite concluir que a sua construção/uso terá ocorrido entre 4320 e 3640 a.C. (Cruz, 2001:275). Porém, a consideração conjunta da Mamoa das Cabras e Monte Maninho, localiza a construção destes *tumuli* sem estrutura formalizada `a maneira de dólmen, no 2º e 3º quartel do 5º mil. AC (Sanches, 2020:132; Cruz, 2001:303, nota 191).

O *Dólmen de Chã de Parada 1*, monumento complexo composto por câmara e corredor ortostáticos precedidos de átrio, terá sido construído no intervalo de tempo entre 3900/3800 e 3600 cal. AC à semelhança do aferido para monumentos complexos beiraltinos.

Em Trás-os-Montes, onde para além de uma mamoa sem dólmen construída na 1ª metade do IV milénio AC (*Pena Mosqueira 3*), só há datações de dólmenes complexos, este momento parece ter ocorrido nos inícios do IV milénio a.C., sendo a *Mamoa*

d'Alagoa (3939-3651 cal. AC) e, eventualmente, a *Mamoa do Castelo* (3979-3798 cal. AC)[87] um bom exemplo disso (Nunes, 2003:84).

No *Dólmen de Madorras*, onde a cronologia de construção não se encontra perfeitamente definida, admite-se que tenha sido construído durante a 1ª metade do 4º milénio a.C., eventualmente durante o segundo quartel (Gonçalves e Cruz, 1994; Cruz, 2001:286).

8. Integração da Anta do Penedo do Com no fenómeno dolménico da Beira Alta

8.1. Relação entre o povoamento neolítico e a construção de mamoas e dólmenes. As interpretações possíveis.

Na Beira Alta, região geográfica cujos limites naturais se encontram perfeitamente definidos, assistimos, a partir dos finais do V milénio a.C., à construção de monumentos funerários megalíticos envolvidos por *tumuli* implantados em sítios, aparentemente, selecionados.

A investigação arqueológica tem vindo a demonstrar que os locais escolhidos para a edificação destes monumentos são espaços frequentados anteriormente (CRUZ, 2001:309), sítios ancestrais, hipoteticamente ocupados de forma cíclica ao longo do tempo, certamente em regime de semi-sedentarismo, tornando-se referências para estas comunidades neolíticas, ao ponto de poderem ser sacralizados pela edificação de monumentos de carácter marcadamente funerário/religioso.

O reconhecimento no norte do território nacional, desde finais dos anos 80 do século passado, da existência de locais de habitat datáveis do Neolítico Inicial ou Antigo como

[87] Admite-se para este monumento uma segunda hipótese interpretativa que coloca a sua construção entre 3504 e 3031 cal. AC (Nunes, 2003:84).

a *Fraga d'Aia* (S. João da Pesqueira)[88] , *Lavra I* (Serra da Aboboreira)[89] *Buraco da Pala IV* (Mirandela)[90] e *Prazo* (V. Nova de Foz Côa)[91], veio colmatar o desconhecimento de um povoamento mais antigo do interior Centro e Norte, zonas onde até então as manifestações neolíticas identificavam-se com as mais antigas construções funerárias (Cruz, 2001, 294).

Na Plataforma do Mondego, mais concretamente nos concelhos de Carregal do Sal, Nelas e Fornos de Algodres, foram sendo reconhecidos sítios atribuíveis a este período, distribuídos por habitats abertos (*Folhadal, Outeiro dos Castelos de Beijós, Quinta da Assentada e Quinta das Rosas*), oficinas de talhe (*Carriceiras e Quinta do Soito*) ou ocupações em abrigo (*Penedo da Penha 1 e Buraco da Moura de S. Romão*[92]) (Ventura, 2018:53).

Vestígios arqueológicos diretos ou indiretos, identificados nos *tumuli* que envolvem estas construções ortostáticas, sob estas e/ou em áreas limítrofes, corroboram esta ideia. Refira-se na Beira Alta as cerâmicas recolhidas em solos enterrados pela construção dos monumentos na *Orquinha dos Juncais* (Vila Nova de Paiva) (Cruz, 2001: 309), da *Arcaínha do Seixo* (Oliveira do Hospital) (Perpétuo e Gomes, 2012: 97) ou na plataforma do rio Mondego onde foram identificadas materiais em situação estratigráfica de palimpsesto nas terras das mamoas da *Orca 2 do Ameal, Orca 2 de Oliveira do Conde* e *Orca do Folhadal* (Ventura, 2018:53).

No norte do país, mais concretamente na serra da Aboboreira, em monumentos como *Mina do Simão*, *Furnas 2*, *Chã de Santinhos 1 e 2*, *Serrinha*, *Chã de Parada 1 e Igrejinhas*, verificou-se situação idêntica. Observou-se igualmente, sob os *tumuli* de alguns

[88] 2ª metade do VI, V e o início do IV milénio AC (Sanches 2003: 169).
[89] 1º metade do V milénio (Sanches, M. J, 1997:154.
[90] Final do VI, o V e o 3° quartel do IV milénio AC.
[91] Final do VI e inícios do V mil. AC (Monteiro-Rodrigues, 2011:342).
[92] Acreditamos que o Abrigo 1 do Penedo do Com poderá ter uma ocupação neolítica, situação que só poderá ser comprovada futuramente por trabalhos arqueológicos.

monumentos, indícios de habitats, que datam genericamente de meados do V a meados do IV milénio a.C.[93].

Na *Chã de Arcas* (Carrazedo do Alvão, Vila Pouca de Aguiar), para além dos indícios indiretos da presença de um povoado nas imediações da necrópole, materializado por uma forte presença de cerâmicas e material lítico nas terras dos *tumuli* de todos os monumentos, identificaram-se sob estes e nas suas imediações, ao nível de topo do solo antigo - de formação anterior à construção da necrópole – contextos arqueológicos de cariz doméstico - materializados por estruturas diversas (lareiras, empedrados, pisos de argila, buracos de poste, fossas circulares, um hipotético fosso, etc.) e associadas a um "rico" e diversificado espólio arqueológico – que comprovam que todas estas sepulturas, exceção feita ao monumento 5, foram construídas, hipoteticamente, sobre um povoado preexistente (Perpétuo, 2019) ou simplesmente vestígios de uso doméstico do local no decurso de construção e uso, ao longo do tempo, desta necrópole.

Deste ponto de vista, estas construções tumulares poder-se-iam relacionar com estratégias de utilização do espaço — sazonais ou permanentes — antigas, materializando a legitimação de um território através da sua monumentalização com sepulturas sob *tumulus* (Ventura, 2018:57).

As parcas cerâmicas e artefactos líticos, identificados na área fronteira externa da *Arca do Penedo do Com*, juntamente com alguns produtos debitados e material residual lítico, poderão indiciar uma situação idêntica.

A paisagem pré-histórica das primeiras comunidades neolíticas compunha-se de matas de distintas espécies de *Quercus* (carvalho, sobreiro, azinheira, carrasqueiro), onde o

93 A mamoa da *Mina do Simão*, na qual foi recolhido sob o topo do "solo" antigo soterrado pelo tumulus, um significativo conjunto cerâmico (150 fragmentos), seixos rolados, lascas residuais, lascas e lamelas com retoques, etc. (Jorge, 1984); A *Mamoa 3 de Monte Maninho* (Cruz, 1987); Na *Mamoa 2 de Furnas*, dólmen simples, onde na camada 3, subjacente ao monumento, se recolheram 40 fragmentos cerâmicos, um raspador, uma lasca e um denticulado (Jorge et alli, 1987); *Mamoa das Cabras*, onde para além de material arqueológico foram identificadas estruturas em negativo (buracos de poste e uma fossa) e uma lareira, ainda que esta tenha sido correlacionada com o momento de construção do monumento (Stockler e Varela, 1995); *Mamoa 2 de Santinhos*, com duas lareiras construídas sobre o "solo" antigo soterrado [Jorge, 1985]; *Mamoa 1 de Chã de Parada* com cerâmica decorada nas terras da mamoa (Jorge e Bettencourt, 1988; Jorge et alli, 1992)

zimbro, aveleira, freixo e amieiro se associavam frequentemente, assistindo-se em determinados períodos ao domínio da vegetação arbustiva (estevas e urzes), bem como aos prados de gramíneas, notando-se a partir do 6º milénio a.C. uma degradação do coberto arbóreo e arbustivo, cuja causa mais plausível parece ter sido a intervenção antrópica (Cruz, 2001; Ventura, 2018:54), visando porventura a abertura de clareiras, eventualmente através da pratica de queimadas, primeiramente como estratégia de caça, posteriormente associada ao pastoreio e mais tarde também à agricultura.

Julgamos ser nesta ambiência que nos finais do V milénio a.C., um pouco por toda a Beira Alta, comunidades de caçadores/pastores, vão dar início a um processo de monumentalização da paisagem através da construção edifícios sepulcrais monumentais sob *tumulus*, eventualmente pela construção de pequenos dólmens de câmara simples (fechada ou aberta), que rapidamente evoluem, sensivelmente entre 4000 e 3700 a.C., para formas mais complexas (dólmens de corredor providos de estruturas fronteiras rituais de acesso) acompanhando a evolução social e económica destas comunidades.

O megalitismo, neste sentido, corresponde na região a um episódio de curta duração, cuja fase de construção poderá ter prevalecido durante 300 ou 400 anos (Gomes, 1996; Cruz, 2001, Carvalho, 2005), estimando-se igualmente um curto espaço de tempo de uso para cada sepultura, ao fim do qual era ritualmente condenados, sucedendo-lhes uma nova construção.

Alguns, aparentemente poucos, permaneceram em utilização por um período de tempo mais alargado, porventura até finais do 4º mil. a.C. ou inícios do 3º mil a.C., como parece ter acontecido na *Orca das Castonairas*, na *Anta do Penedo do Com* e, eventualmente, em *Antelas* e no *Carapito 1.*

8.2. O *Dólmen do Penedo do Com* e os seus congéneres. Questões de comportamentos simbólicos formalizados na escala regional: aproximações e distanciamentos

A *Arca do Penedo do Com* enquadra o modelo canónico de dólmens com corredor da Beira Alta, seguramente o mais representativo dentro dos sepulcros congéneres da região em estudo.

Integra o subgrupo de monumentos de câmara de planta poligonal sub-retangular, alargada, situação provocada pelo prolongamento intencional da cabeceira com a adição de um esteio justaposto, com corredor ortostático de dimensões medianas, precedido de um átrio frontal aberto, definido pelo prolongamento do contraforte para SE. em ambos os lados do corredor e pela estrutura pétrea de fecho, com abertura centralizada com o eixo axial do monumento, conferindo-lhe uma planta de contorno semicircular.

Trata-se, pois, de uma complexa estrutura, de cariz marcadamente funerário/sagrado, que desde a sua construção até ao seu encerramento se encontrava imbuída de uma forte carga simbólica/ritual, caracterizada por espaços distintos, com funções próprias, envolvidos por uma monumental colina artificial em terra e pedra.

O planeamento e construção do monumento, reveste-se em si de uma importante carga simbólica, traduzida por cerimónias fundacionais com a utilização do fogo, deposição de pequenos seixos do rio sobre estruturas enterradas, etc. Infelizmente, e para o caso concreto em estudo, o registo arqueológico não nos permitiu observara tais práticas, como a limpeza a limpeza da vegetação através fogo, identificadas em outros monumentos do género.

Implantada sobre uma pequena colina, no limite SO. de um amplo vale e desfrutando de um vasto campo visual sobre o território circundante, o monumento localiza-se a pouco mais de 100 m da margem direita da Ribeira de Sezures.

No que toca às particularidades de implantação no espaço é comum para a região em estudo, nomeadamente nos concelhos mais a norte (Penedono, São João da Pesqueira ou Tabuaço) ou onde o relevo é mais acentuado (Castro Daire, Vouzela), observarmos monumentos megalíticos insertos em "palteaux" elevados, cumeadas ou no coruto dos montes, isolados ou em necrópoles/núcleos (Gomes, 1996:155), como é o caso da *Necrópole da Lameira de Cima* (Penedono), *Necrópole da Senhora do Vencimento* (São João da Pesqueira), o *Dólmen do Picoto do Vasco* (Vila Nova de Paiva) ou a *Lapa de Meruje* (Vouzela).

A *Arca do Penedo do Com*, contrariando essa tendência, integra o "grupo" de grandes dólmens que foram construídos, isolados ou em necrópoles, em bacias depressionárias (vales abertos, largos, de fundo chato) próximos de importantes cursos de água ou em de linhas de água secundárias subsidiárias destes, acentuando a diversidade de escolha.

Julgamos não se ter tratado de um ato inocente, mas antes uma escolha premeditada e seletiva, de importância maior para a comunidade construtora, o domínio sobre um amplo vale e, subsequentemente, sobre extensas pastagens de gramíneas capazes de suprir as necessidades alimentares dos rebanhos de ovicaprídeos ou, eventualmente, para a incipiente exploração agrícola de alguns terrenos, atividades de subsistência que seriam ainda fortemente complementadas com a recoleção (frutos, frutos secos (bolota), raízes e tubérculos) e a caça, seguramente de importância maior.

Nesta medida, temos vindo a observar na Beira Alta a presença de monumentos ou necrópoles implantadas nas proximidades de linhas de água — *Dólmen da Pêra do Moço* (Guarda), *Dólmen de Rio Torto* (Gouveia), *Anta da Cunha Baixa* (Mangualde), *Necrópole do Carapito* (Aguiar da Beira), *Orca dos Juncais, Orca das Castonairas*, *Porto Lamoso, Orca de Pendilhe, Orca de Merouços*(Vila Nova de Paiva) ou *Orca de Forles* (Satão).

Entre estes, destaca-se o caso da *Necrópole da Chã das Lameiras* (Moimenta da Beira). Situada em vale de montanha, definido em torno dos relevos culminantes da Serra da Nave (+ 1000 m alt.), em área atualmente alagadiça e de drenagem limitada, onde se encontram as nascentes do rio Varosa. Em trono desta depressão alagada foram edificados vários monumentos com *tumulis*, alguns em áreas mais elevadas (*Carqueja* e

Seixas), outros a cotas mais baixas (*Orca Grande, Bebedouro 1 e 2 e Fonte do Rato*) em zonas sazonalmente inundadas, admitindo-se mesmo que alguns destes monumentos possam ter estado em tempos parcialmente submersos

Domingos Cruz admitiu para esta zona concreta uma estreita relação entre as condições ecológicas da área e os primeiros habitantes deste território [CRUZ, 2005: 204].

Os dólmens da Beira Alta podem apresentar-se dispostos em necrópoles, por vezes com elevado número de monumentos, observando-se regularmente a adição de pequenos *tumuli* períodos posteriores, como na *Fonte da Malga*.

Existe indubitavelmente uma maior concentração de monumentos nos concelhos Viseu, Vila Nova de Paiva, S. Pedro do Sul e Vouzela, dispostos em extensas necrópoles, pequenos núcleos ou isolados.

No Norte da Beira, como vimos anteriormente, observamos ainda a presença regular de necrópoles com significativo número de monumentos — Areita, Senhora do Monte, Lameira de Cima 2 — a última das quais talvez seja a da Aldeia do Carapito (4 monumentos) já no concelho de Aguiara da Beira, observando-se depois uma tendência para uma redução significativa do número de monumentos megalíticos[94] e para o desaparecimento das necrópoles em benefício dos monumentos isolados de dimensões significativas, havendo uma tendência para a escolha de terras mais baixas, bem irrigadas e fornecedoras de bons pastos. Nos concelhos mais a nascente, nos limites ocidentais da meseta, este tipo de monumentos funerários são raríssimos[95].

Na parte central da Plataforma do Mondego, nomeadamente nos concelhos da margem direita (Nelas e Carregal) observamos um aumento significativo do número de dólmens (simples e complexos) observando-se uma tendência a estes se disporem no terreno paralelos ao curso do próprio rio.

---

[94] Fornos de Algodres temos a Orca de corgas da Matança e o Cortiçô); Gouveia a Orca de Rio Torto; Penalva do Castelo Arca do Penedo do Com, Mangualde a Cunha Baixa, Padrões, Orca de Braçais, Orca de Gandufe e a Orca de Alcafache.

[95] Anta da Aldeia Velha em Trancoso (Valera, 2007:344); Casa dos Mouros em Celorico da Beira (Moita, 1966); Pêra do Moço na Guarda; Pedra d´Anta de Malhada Sorda em Almeida (Leisner, 1998:72)

Na margem esquerda, zona da beira serra, no interflúvio com o rio Alva, os monumentos megalíticos aparecem isolados, exceção talvez aos dois monumentos do núcleo do Chaveiral (Seia), paralelos ao curso dos dois rios e dispostos em espaços sequenciais equidistantes — Mondegã, Fontão e Chaveiral no concelho de Seia; Sobreda, Arcaínha do Seixo, Fiais do Ervedal e Bobadela em Oliveira do Hospital; Moinhos de Vento em Arganil; São Pedro Dias em Poiares.

Não sendo de todo possível estabelecer uma regra/conduta que explique tal fenómeno, julgamos que esta, a existir, se prende diretamente com uma maior densidade populacional destas áreas, propiciada pelas vantajosas condições naturais que a região oferecia em função da crescente, mas muito débil, economia produtora destas primitivas sociedades auto-suficientes.

Contudo, estas comunidades demarcam-se pela capacidade demonstrada em perpetuarem as suas convicções perante a morte e a ancestralidade, através da edificação destes enormes monumentos.

Nesta medida, "O sepulcro megalítico não é apenas um depósito de restos mortuários. É principalmente um centro cerimonial, onde se realizam cultos, em torno de ancestrais e, provavelmente, outros rituais, cujos contornos são difíceis de definir." (CRUZ, 2001: 315).

Estes, globalmente, apresentam uma diversidade acentuada de soluções arquitetónicas e construtivas, um polimorfismo estrutural, que, em nossa opinião, não se resume à tipologia do dólmen (simples/complexo), à planta da câmara ou ao tamanho e morfologia do corredor, mas também à forma como são pensadas e dimensionadas as estruturas fronteiras a descoberto ou os constrangimentos impostos ao longo do percurso até ao âmago da sepultura.

A sepultura megalítica, independentemente do seu nível de complexidade, pode ser alvo de análises a diferentes escalas no que respeita à sua arquitetura e aos fatores — rituais, culturais ou regionais — que a condicionaram.

Lugares e comunidades diferentes implicam arquiteturas distintas e peculiares disparidades ao nível da forma como se perceciona o cerimonial, idiossincrasias próprias dentro de um ritual que condiciona uma arquitetura, aparentemente, comum.

Nesta perspetiva, referindo-nos a transformações estruturais de vulto que alteraram a forma de pensar e utilizar o monumento, julgamos que o caso mais paradigmático é o do *Dólmen de Dombate* (Corunha, Galiza), onde sobre um monumento de câmara simples é construído um monumental dólmen de corredor (Bello, 1992-93). Um novo monumento, implantado no mesmo sítio pela mesma comunidade, expressando uma clara necessidade de ampliar, complexificar e readaptar a sepultura/templo coletiva (CRUZ,2001: 303).

Na necrópole megalítica da Chã de Arcas (Carrazedo do Alvão/Vila Pouca de Aguiar), testemunhamos pessoalmente, em todos os monumentos escavados[96],alterações estruturais significativas durante o tempo de uso[97]. Questiona-se "...se os monumentos

[96] Exceção ao *monumento 6* que se encontrava em estado de ruína muito adiantado.

[97] Refira-se as mais significativas, no *monumento 2*, após uma construção primitiva relativamente simples (pequena câmara ortostática simples envolvida por uma mamoa cónica revestida por uma couraça pétrea parcial), a área fronteira é monumentalizada pela construção de um semicírculo pétreo projetando a mamoa para nascente e redimensionando a sua volumetria. O ato é antecedido por um ritual com fogo materializado pela presença de uma lareira onde foram depositados ritualmente um dormente e um movente de mó. O acesso ao interior do monumento, entrada em embudo aberta nas primitivas terras da mamoa, manteve-se inalterada com esta reforma estrutural do monumento.

No *monumento 3*, igualmente uma câmara funerária simples, ainda que com dimensões e planta distinta do anterior, após a construção de um primitivo tumulus igualmente cónico e de reduzido perímetro, redimensionou-se o tamanho deste pela adição de uma nova camada de terra e pela construção de um anel pétreo de delimitação/contenção das terras. Subsequentemente, em período que julgamos distinto, exclusivamente na área fronteira nascente da mamoa, encostado ao exterior do referido anel pétreo exterior, construi-se um semicírculo pétreo policromático no centro do qual foram depositados uma série de oito "ídolos" gravados. O Acesso ao interior da camara funerária, em "embudo" e implicando sempre que parte do trajeto fosse feito sobre as terras da mamoa, permaneceu inalterado.

No *monumento 4*, câmara simples aberta, o acesso ao interior do sepulcro processava-se primitivamente por uma entrada em poço ou "embudo". Posteriormente, com o redimensionamento da mamoa e delimitação da mesma com um anel pétreo de fecho do *tumulus*, o acesso foi alterado para um corredor intratumular não estruturado rasgado sobre as erras da mamoa

No *monumento 1*, dólmen "vestibular" precedido de corredor intratumular e átrio, observou-se que estas duas estruturas de acesso são profundamente reformuladas em período intermédio do tempo de utilização do monumento. Este ato é antecedido da construção de uma couraça pétrea de revestimento parcial da mamoa, e implicou a colocação de um novo piso térreo no corredor intratumular, acompanhado de um revestimento das paredes externas deste com lajes graníticas.

O *monumento 5*, igualmente um dólmen de vestíbulo, é o que sofre o maior número de alterações, com aumentos sucessivos da mamoa e subsequentes construções de couraças pétreas parciais e pela alteração do acesso ao interior do monumento, processado num primeiro momento por um pequeno átrio

evoluem em função do ritual ou se é o ritual que adapta à nova morfologia/arquitetura dos monumentos, conjeturando-se nesta perspetiva que o advento da mesma tenha surgido exclusivamente por questões de ordem prática" (Perpétuo, 2019:629).

Na Beira Alta, mais do que alterações/adaptações observamos uma série de particularidades que consideramos poderem fazer parte de atos rituais próprios. Se o *Dólmen do Picoto do Vasco* (Vila Nova de Paiva) é provido de um extenso corredor intratumular e na *Arca do Penedo do Com* ele é inexistente é admissível ponderar que a forma de conceber o ritual de entrada do monumento é distinta.

Se em alguns átrios e corredores intratumulares observamos a presença de estruturas que segmentam/condicionam o acesso — *Chão Redondo 2*, *Capela dos Mouros* ou *Lameira de Cima 1* — ou a presença de pilares nas passagens do corredor ortostático para a câmara, é lícito admitir que a aqui foram colocados com um propósito de ordem ritual/cerimonial próprio.

Neste âmbito, refira-se igualmente propósitos distintos para as próprias entradas dos átrios, materializada por uma estrutura pétrea com ou sem abertura (*Lameira de Cima 2, Picoto do Vasco, Orca de Merouços*) e nos casos em que esta existe umas vezes encontra-se axializada com o eixo do monumento (*Penedo do Com, Lameira de Cima 1*) outras propositadamente descentrada (*Madorras, Chão Redondo 2, Sangrino*), antevendo-se cenário idêntico para as fachadas monumentalizadas e ou "encenadas" dos dólmens da *Lapa de Meruje* e da *Orca de Merouços*.

Por último, mencione-se o singular caso da *Orca da Lapa do Lobo* (Lapa do Lobo/Nelas), recentemente intervencionado na Plataforma do Mondego, um monumento megalítico implantado sobre um habitat do neolítico inicial, que após uma fase de uso e eventual encerramento, foi ritualmente desmantelado, os seus esteios foram depositados no interior da primitiva câmara e o local foi transformado num santuário, com a colocação de estelas-menir e a deposição de pequeno ídolos em quartzo (Senna-Martinez, 2018).

---

subcircular, substituído posteriormente por um amplo átrio monumentalizado pela construção de uma expressiva estrutura de fecho/delimitação, abarcando toda a área fronteira do monumento.

Nesta perspetiva, indo buscar um conceito defendido para a forma como a arte se expressa nos monumentos megalíticos do Noroeste peninsular, há que ter em conta o papel da "negociação" cultural intercomunitária, uma vez que o monumento na sua totalidade (arquitetura, arte, conteúdo material e ritual) resulta de um acordo que mistura elementos comuns a uma "cosmogonia" mais abrangente e a outros de carácter mais específico (Sanches, 2008-2009).

Ainda que não tenha sido observada na *Arca do Penedo do Com a* arte pintada e/ou gravada aparece na região da Beira Alta associada a monumentos complexos, de grandes dimensões, demonstrativa da complexidade e importância crescente dos cerimoniais fúnebres destas sociedades de caçadores/pastores.

Os motivos artísticos representados nos dólmenes da Beira Alta integram-se no mundo da arte do Noroeste Peninsular, caraterizada essencialmente pela "organização decorativa geometrizante" (Sanches, 2008-2009:27) onde proliferam não raras vezes representações antropomórficas associadas a outros motivos naturalista, encenando-se por vezes ocorrências quotidianas como a singular cena de caça da *Orca dos Juncais*.

A ideia da presença de um grupo de arte autónomo no conjunto de monumentos em torno de Viseu com reportório temático próprio alegado por E. Shee nos inícios dos anos 80 (Twohig, 1981) foi recentemente refutada em extenso artigo critico e revisionista (Santos *et alii,* 2017).

Refira-se, entre outros, alguns monumentos beiraltinos onde estas manifestações foram notadas como é o caso da *Areita (São João da pesqueira), Orca dos Juncais* (Queiriga, Vila nova de Paiva), *Dólmen de Juncal* (Manhouce, São Pedro do Sul), *Antelas* (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades), Chão Redondo 2 (Sever do Vouga), *Arquinha da Moura* (Lageosa do Dão, Tondela), *Dólmen da Cunha Baixa* (Cunha baixa, Mangualde), *Mamoa 1 da Lameira do Fojo/Lobagueira 4* (Couto de Cima, Viseu) ou a *Anta de Pedralta* (Côta, Viseu)[98].

[98] O fenómeno é transversal a outras regiões do Noroeste Peninsular, nomeadamente a Trás-os-Montes — Dólmen de Madorras 1 (São Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa), Casa da Moura (Zedes, Carrazeda de Anciães), Pala da Moura (Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Anciães), Fonte Coberta (Chã de Alijó,

Aluda-se sinteticamente a alguns casos mais interessantes começando desde logo pelo enigmático *Dólmen de Antelas* (Oliveira de Frades, Viseu), monumento de corredor médio ostentando uma câmara cujos esteios se apresentam profusamente pintados e com gravuras (Twohig, 1981; Cruz, 1995b).

A presença de figuras antropomórficas é relativamente comum na Beira Alta, aparecendo agrupadas como na Orca do Tanque, (Queiriga, Viseu), em associação com motivos de carácter naturalista (zoomorfos) como na Arquinha da Moura, munidas de arco e em associação a outro antropomorfo como a *Mamoa 1 da Lameira do Fojo* (*Lobagueira 4)*, ou de arco e flecha como na já referida cena de caça representada no esteio 2 da *Orca dos Juncais*, aqui igualmente na presença de outros motivos zoomorfos (cervídeos, um cão?) (Twohig, 1981; Cunha, 1993; Cruz, 1993; Carrera, 2005).

Algumas representações humanas parecem associar-se com outros elementos com eventuais conotações mágico/religiosas, como parece ser o caso do motivo central do esteio de cabeceira da *Arquinha da Moura* (Tondela) onde um antropomorfo localizado na parte superior encontra-se ligado a uma figura designada por E. Shee como "pele esticada" por meio de uma figura circular (Carrera, 2005: 271).

Os motivos ondulantes são comuns, aparecendo exclusivamente por vezes a ocupar toda a superfície do esteio, desenvolvendo-se em linhas paralelas, oblíquas, verticais ou horizontais ao sentido da peça lítica, ou em associação com outros motivos (antropomorfos, solares, etc.). Podem aparecer sob a forma de pintura, gravura ou em conjugação das duas técnicas. Entre outros monumentos onde se pode observar este específico tipo de motivos, cite-se o *Dólmen de Antelas* ou de *Pedralta*.

No *Dólmen de Areita* (Paredes da Beira, São João da Pesqueira, Viseu), que ostenta um magnifico friso gravado no esteio de cabeceira, registou-se a presença de motivos

---

Alijó) e o Dólmen das Caravelas (Valpaços), por vezes com associação de duas técnicas, em que a pintura se sobrepõe à gravura (Gonçalves & Cruz, 1994) — ou à região Norte Litoral — Mamoa de Afife (afife, Viana do Castelo), Dólmen da Barrosa (Vila Praia de Âncora, Caminha), Mamoa de Cimo de Vila (Palmeira de Faro, Esposende), Dólmen do Padrão (Paredes, Porto), Monumento V de Chã de Arcas (Loivos do Monte, Baião), Mamoa 2 do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço) ou a Mamoa 1 da Aliviada (Escariz, Arouca).

subrectangular interiormente segmentados por linhas paralelas e/ou perpendiculares (Gomes, et alii, 1998), adiantando os autores poderem tratar-se de figurações simbólicas de objetos de carácter "idoliforme", não se descartando a hipótese de representações antropomórficas abstratas.

Em jeito de conclusão podemos dizer que *Anta do Penedo do Com* é um monumento de tipo complexo, provido de câmara poligonal de nove esteios, e corredor de médias dimensões, orientado a SE.

Tipologicamente, este tipo de câmara alargada, por vezes com a cabeceira ladeada por dois esteios mais estreitos em forma de pilar, adossados e não sobrepostos com o restante conjunto, constitui uma solução arquitetónica com alguns paralelos na região[99].

Do corredor, diferenciado da câmara em planta e alçado, foi possível constatar que a totalidade dos seus esteios se apresentariam adossados e não sobrepostos, ao invés do que acontece na maioria dos dólmens da Beira Alta.

A envolver toda esta estrutura megalítica interna identificou-se um poderoso contraforte, definido por lajes de médio e grande porte, que não se limitava a contornar a construção dolménica, findando junto aos primeiros esteios do corredor, mas prolongando-se para SE, definindo um novo espaço simétrico, aberto — átrio —, de planta semicircular, tendencialmente ovalada.

Estes espaços costumam ser precedidos por uma área de acesso a descoberto — corredor intratumular[100] — que, no caso concreto, era inexistente.

O átrio era delimitado a SE por uma estrutura semicircular — o fecho do átrio — com uma abertura central que servia de passagem.

---

[99] Refira-se, a título de exemplo, o *Dólmen da Lapa do Repilau* (Viseu), monumento com câmara de nove esteios e corredor longo (Cruz, 1989), o *Dólmen do Vale da Cabra* (Viseu), monumento com câmara de onze esteios e corredor médio (?) [Carvalho e Gomes, 1995), o *Dólmen da Cova dos Moiros* (Nelas), monumento com câmara de nove esteios e corredor médio (?) (Moita, 1966: 256-257).

[100] Este tipo de estrutura tem sido observada amiúde em dolmenes do NO peninsular (centro/norte de Portugal e Galiza), destacando-se para a Beira Alta os casos observados no Alto Paiva — Picoto do Vasco, Castonairas, Seixas, entre outros — ou nas necrópoles de Penedono e São João da Pesqueira — Capela Nossa Srª do Monte, Sangrino, Lameira de Cima 1 e 2 ou Areita.

Resumidamente, o acesso ao interior do sepulcro era feito a partir deste espaço aberto, de planta semicircular tendencialmente centrada com o eixo longitudinal do sepulcro.

Espaço livre e local de práticas rituais diversas, fúnebres ou não, materializadas pela deposição de objetos diversos, associados ou não a fogueiras[101],ou a artefactos de caracter ideotécnico, como os apontados ídolos, colocados sobre o fecho, marcando a passagem a um espaço venerável.

No presente caso, ainda que tais figurações não tenham sido observadas, adscrevemos um simbolismo funcional idêntico, marcado pela passagem bem delineada sobre a estrutura de fecho do átrio, e por possíveis atos/rituais precedidos pela deposição de alguns artefactos, recolhidos in situ no nível de circulação primário (c.6), sob as terras e pedras da estrutura de selagem [102] .

O caracter marcadamente tardio de alguns destes materiais[103],leva-nos a supor, num momento em que ainda não dispomos de datações absolutas para o dólmen, que este possa ter estado em funcionamento por um período de tempo mais longo que aquele que é preconizado para a maioria dos dólmens da Beira Alta, onde a sua edificação terá ocorrido entre 4000 e 3700 a.C., tendo sido ritualmente encerrados pouco tempo depois (Cruz, 1995: 104; Cruz, 2001: 302; Gomes: 1996; Carvalho: 2005).

Nesta medida, e em áreas geográficas próximas, encontramos dólmens que se mantiveram em funcionamento até finais do IV milénio a.C. como a *Orca das Castonairas*104 (V. N. Paiva), *Tanque e Forles* (Satão) (Cruz, 2001: 302).

---

[101] Caso do Dólmen de S. Pedro Dias (Poiares) onde apareceram 19 facas em sílex, associadas a cinzas e seixos e fragmentos cerâmicos (Tavares, 1980: 82).

[102] 3 micrólitos (1 segmento, 1 trapézio assimétrico e 1 trapézio retângulo), 1 elemento de foice sob lâmina, 9 pontas de seta — 3 de base triangular, 2 de base convexa, 1 de base reta, 1 de base côncava, 1 base bicôncava e 1 pedunculada — e 3 elementos de adorno (pendente triangular em aplito, conta de colar em variscite cilíndrica e conta de colar em quartzito polido cilíndrica).

[103] O elemento de foice encontra paralelos ao nível do calcolítico regional, por exemplo no Castro de Santiago (Fornos de Algodres) ou no Buraco da Moura de São Romão (Seia). Os pendentes, exceção feita ao do Dólmen do Sangrino (Penedono), estão por norma associados a reutilizações (Carvalho, 2005: 166). As pontas de seta (retas, côncavas e pedunculadas), já por si considerados artefactos introduzidos nos espólios fúnebres dos dolmenes em momento tardio, apresentam-se aqui com duas bases convexas, uma reta e outra bicôncava, características já da Idade do Cobre.

[104] O conjunto de datações atualmente disponíveis para a Orca das Castonairas permite perceber que este foi construído entre 3968 e 3710 cal. AC (2sigma) encontrando-se ainda em funcionamento entre 3517 e

No momento em que o monumento deixou de ser utilizado, esta área ritual, que define o acesso ao interior do dólmen, terá sido totalmente obliterada com terra e algum cascalho à mistura. Este é o momento de selagem do monumento, encerrando para sempre o acesso ao seu interior.

A mamoa é regularizada, resultando, num momento final, numa colina artificial, onde a estrutura pétrea interna fica completamente coberta. O monumento após selagem/condenação torna-se numa "...realidade que a partir daquele instante ganhava o estatuto de memória..." (Sanches *et alii*, no Prelo)

A estrutura de selagem do átrio da *Anta do Penedo do Com* era maioritariamente composta por terra (c.5) com alguns elementos pétreos à mistura, não tendo sido diferenciada qualquer cobertura em pedra[105] .

Quanto ao montículo envolvente, já sem os seus limites mais exteriores e em grande parte circunscrito pelo fecho dos contrafortes, apresentava uma forma tendencialmente subcircular — cerca de 15 m no sentido NW – SE por 13 m no sentido oposto, conservando uma espessura máxima de 1,20 m junto dos esteios laterais da câmara —, encontrando-se num avançado estado de degradação e muito compactado.

O espólio exumado permite-nos afirmar que, após um primeiro momento de utilização e subsequente encerramento, o mesmo foi reutilizado, em período incerto do III milénio a.C, admitindo-se que tais práticas se possam ter prolongado até ao fim deste milénio.

Na verdade, a par de artefactos tipicamente neolíticos (micrólitos, lâminas, lamelas, contas de colar ou pontas de seta, entre outros), foram exumadas cerâmicas inseridas cronologicamente em períodos mais recentes da Pré-história (vasos campaniformes e troncocónicos).

3121 cal.AC (2 sigma), afiançando-se que o seu encerramento final, tendo por base um conjunto de datas provenientes do corredor intratumular e átrio associadas ao encerramento, possa ter ocorrido na 2ª metade do IV ou nos inícios do III milénio AC (Cruz, 2001: 170).

[105] Este tipo de solução, embora não muito comum, foi registada no Dólmen de Antelas (Oliveira de Frades) (Cruz, 1995: 2649 ou na Mamoa 1 de Madorras (Sabrosa) (Gonçalves e Cruz, 1994).

Esta reutilização ter-se-á feito sem a desobstrução da primitiva área de acesso (átrio), mas antes recorrendo-se, muito presumivelmente, à deslocação e/ou remoção de algum dos elementos pétreos de cobertura do corredor para se aceder ao interior[106].

Ainda que de momento não existam datações absolutas para a Anta do Penedo do Com, quer os testemunhos preservados, nomeadamente a arquitetura do monumento e os materiais arqueológicos associados, quer as datações atualmente disponíveis para a região em causa (Cruz, 1995 e 2001 Gomes, 1996; Carvalho, 2005), indiciam-nos situar a sua construção no primeiro terço do IV milénio cal. AC[107] , pressupondo-se que o seu encerramento possa ter ocorrido nos finais deste milénio, tendo sido reutilizado — por comunidades sócio, económica e politicamente distintas — durante um período incerto do III/inícios do II milénio a.C., num momento em que na Beira Alta se assiste a uma maior complexificação das relações sociais, refletidas igualmente na forma de pensar e ritualizar a "morte" com o aparecimento, lento e progressivo, de novas formas de sepultar, materializada em pequenos *tumuli*[108], implantados no topo de cumeadas, esporões ou plataformas baixas, com variações estruturais e rituais, cuja prevalência trespassará toda a Idade do Bronze (Cruz, Gomes e Carvalho, 1998; Cruz e Vilaça, 1999; Cruz et allii, 2000).

106 Esta situação, visível em outros monumentos megalíticos reutilizados (Orca das Castonairas e dos Juncais), é sintomática na Orca de Seixas (Moimenta da Beira), reutilizada igualmente por comunidades portadoras do vaso campaniforme, onde a porta e o enchimento pétreo da "condenação" que se lhe encostava e cobria parcialmente, permaneceram in situ (Leisner, 1998: 15-17, Abb.1; Cruz, 2001: 302).

107 Na perspetiva de definir o momento de construção/utilização inicial dos dolmenes da Beira Alta, observou-se que a "soma de probabilidades" das datações conhecidas corresponde ao período de tempo entre 4036-3544 cal.AC (2 sigma), observando-se uma probabilidade estatística de 98,7% para que esse período se situe entre 3994 e 3637 cal.AC (CRUZ, 2001: 257).

108 Refira-se a título de exemplo os monumentos da Serra da Muna e da Casinha Derribada (Viseu), Srª da Ouvida (C. Daire) ou o grupo do Pousadão (V.N. Paiva).

Parte II – Conservação e restauro

O *Arca do Penedo do Com* foi alvo de duas intervenções de conservação e restauro distintas, separadas no tempo por mais de uma década.

A primeira ocorreu na prossecução da escavação arqueológica e visou, para além da estabilização de toda a estrutura ortostática interna, retribuir ao monumento uma condição próxima à primitiva, mormente pela requalificação da câmara e corredor pétreo, bem como do montículo artificial envolvente (mamoa) e áreas fronteiras abertas (átrio).

Este trabalho pautou-se por rigorosas premissas de carácter científico recolhidas no curso intervenção, materializadas, entre outras situações, durante o processo de recolocação dos esteios tombados ou removidos, aproveitando sempre as primitivas fossas e os calços preservados como indicadores seguros das originais localizações, na reconstituição do tumulus — contrafortes e limites periféricos — ou na definição das originais cotas de circulação do átrio e, em parte, do corredor ortostático.

Ressalva-se, no entanto, que a falta de um considerável número de esteios e lajes de cobertura, mormente do corredor pétreo, obrigou à seleção criteriosa, em áreas periféricas, de uma significativa quantidade de esteios e "tampas", posteriormente colocadas nos locais em falta, capazes de devolver ao dólmen uma configuração próxima da original. Tal opção, polémica e discutível, justificou-se na medida em que teve presente o discurso museológico que se pretendia para o monumento e o seu valor didático, tendo em vista futuras visitas, feitas por um público que nem sempre dispõe de conhecimentos suficientes para entender a dinâmica arquitetónica destas sepulturas.

A segunda intervenção, em âmbito distinto, ocorre após se observar que os dois esteios do alçado sul da câmara (E.11 e E.12) que suportam, juntamente com o esteio de cabeceira, o peso laje de cobertura, cederão ligeiramente, colocando em risco a estabilidade de toda a estrutura. Dentro deste campo de ação, aproveitou-se a oportunidade para corrigir alguns pormenores estruturantes, nomeadamente o

alteamento dos esteios fraturados da câmara, facto que permitiu uma ampla definição do espaço funerário interno, e o aumento da massa tumular envolvente, que conferiu maior monumentalidade à sepultura.

Estas duas intervenções, espaçadas no tempo, mas com os mesmos intervenientes, pautaram-se por princípios orientadores presentes em outros restauros de monumentos megalíticos da Beira Alta, resultado de experiências práticas e reflexões teóricas que se desenvolveram ao longo dos anos (Gomes, *et al*., 2013).

Todas as ações foram definidas com o intuito de salvaguardar a integridade física/química dos elementos constituintes e garantir o respeito pelo seu significado cultural, histórico, estético. Esta definição condicionou a natureza, a extensão e limites das medidas e intervenções programadas.

Assim, os métodos utilizados foram definidos em função do estado de conservação das estruturas arqueológicas em causa, após limpeza pormenorizada e diagnóstico das patologias, assim como dos resultados obtidos anteriormente com a escavação arqueológica, seguindo uma linha metodológica onde estiveram sempre presente os critérios da reversibilidade, da estabilidade e da compatibilidade dos materiais e tratamentos utilizados, fatores fundamentais que devem sempre orientar qualquer intervenção desta natureza.

A linha seguida na recolocação dos elementos pétreos pautou-se sempre por uma compreensão prévia das técnicas construtivas aplicadas e na sua subsequente reprodução.

A reintegração dos esteios incompletos seguiu uma linha metodológica idêntica, primando sempre pela utilização de materiais compatíveis, capazes de recriar o aspeto original dos mesmos.

Nesta perspetiva, descreve-se sucintamente as atuações experimentadas em ambos os momentos, relevando-se os métodos e materiais distintos utlizados em cada um dos diferentes programas estabelecidos.

Assim, e num primeiro trabalho, iniciou-se o restauro da câmara funerária com a remoção de todos os esteios deslocados, incluindo a pesada laje tampa, definindo-se em seguida os sítios exatos onde iriam assentar as suas bases dos esteios, tendo por referência parte da planta de base preservada e as fossas primitivas (est. X-1 e 2; est. XI-1).

Posteriormente, foi construída uma sapata em pedra e reposicionaram-se os esteios com o auxílio de uma Auto grua. Estes, à medida que iam sendo colocados, sobrepostos, eram imediatamente calçados interiormente, em pressão contra a sapata pétrea anteriormente edificada, e reforçados exteriormente com a reconstrução do contraforte. (est. XII-1 e 2)

Por fim, todo o espaço da câmara funerária foi coberto com saibro que, depois de ter sido regado e compactado, deu consistência a toda a estrutura de base.

No esteio 11, fraturado a nível do topo, foi implantado/colocado um bloco de granito, previamente afeiçoado, por forma a permitir o assentamento da laje de cobertura.

O processo de colocação da tampa foi igualmente muito demorado, uma vez que o excessivo peso desta poderia por em risco a estabilidade de toda a estrutura. Assim, e numa primeira fase, procedeu-se à elaboração de um molde, à escala 1:1, da referida laje. Este molde foi utilizado posteriormente para ver exatamente onde e como assentava a tampa. Uma vez mais recorrendo ao contributo de uma auto-grua, colocou-se a laje de cobertura (est. XIII-1).

Do corredor, cujos monólitos do lado SW. se apresentavam completos e tombados, foi possível reerguê-los e posicioná-los nas suas devidas posições (est. XIII-2). Do lado oposto, apenas restava um monólito conservado e igualmente tombado (E13). Foi igualmente possível, através da observação do seu congénere lateral e dos vestígios proporcionados no decorrer dos trabalhos, reconstituí-lo na sua íntegra. Para o efeito, e face à inexistência de alguns dos esteios, recorreu-se à utilização de monólitos do género existentes na área envolvente.

O corredor foi, à semelhança do que havia sido feito na câmara, preenchido com uma sapata de pedra, que conferiu estabilidade a esta estrutura de aceso. No exterior, os respetivos contrafortes foram reconstruídos.

Quanto às primitivas lajes de cobertura deste espaço de acesso, apenas uma, identificada durante os trabalhos de escavação, terá pertencido inicialmente ao monumento (B), tendo sido recolocada, naquele que pensamos ser, o seu sítio de origem. Relativamente à restante cobertura, já inexistente, recorreu-se uma vez mais à matéria-prima criteriosamente selecionada nas redondezas (est. XIV-1).

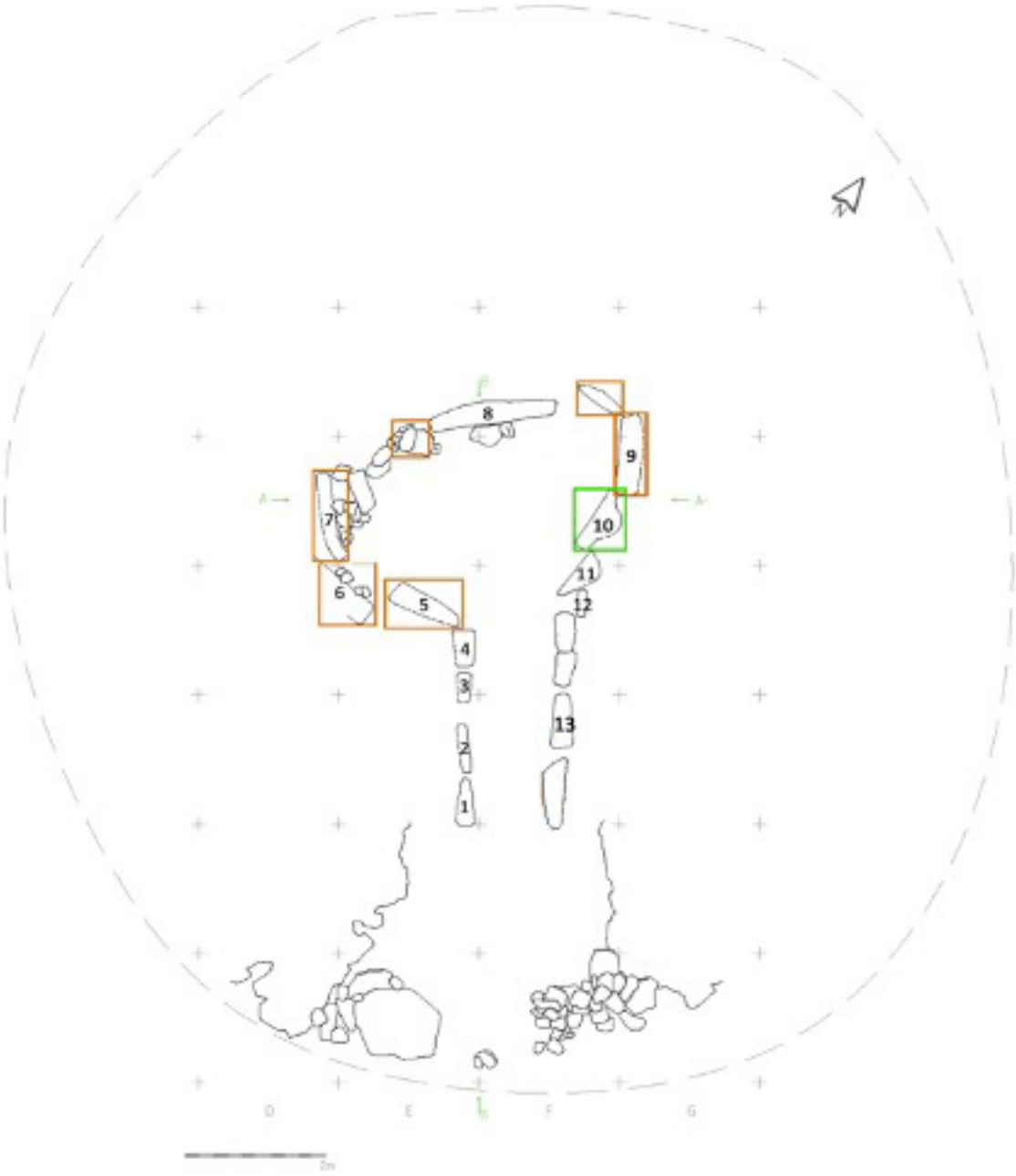
No átrio do monumento, área que havia sido escava até à rocha de base, foi colocada terra até ao nível da cota de circulação primitiva. O prolongamento da estrutura de contrafortagem do corredor que o definia, assim como a sua estrutura de fecho, foram devidamente consolidados pela colocação de terra nos interstícios pétreos (est. XIV-2).

Do montículo artificial envolvente, bastante compactado e destruído, foi possível o seu alteamento, resultando numa imagem que não estará muito longe da que primitivamente ostentaria.

No lado NW, local onde a mamoa se encontrava mais destruída, delimitou-se o fim de esta, tendo por base os resultados recolhidos durante a escavação, com um anel de pedras. O contraforte, cujos limites ainda eram evidentes, foi restaurado na integra. O espaço entre este e o fim do montículo foi preenchido com terra e pedra distribuída aleatoriamente (est. XI-1).

Por seu turno, no lado NE, que também havia sofrido perturbações profundas, a estrutura de foi igualmente recuperada integralmente, tendo a mamoa adquirido a sua primitiva forma.

O segundo restauro da Anta surge inserida no projeto “Rede de Percursos Culturais do Concelho de Penalva do Castelo”, levado a cabo pela autarquia local e executado pela empresa Arqueohoje Ldª



arqueohoje

Projeto de Conservação e Restauro
Anta do Penedo do Lom (Penalva do Castelo, Viseu)

Limite da rocha
Esteios a reintegrar
Esteio a restaurar

Apesar da sua monumentalidade e razoável estado de conservação, a Anta do Penedo do Com apresentava uma série de patologias que colocavam em causa a estabilidade de todo o conjunto.

Os trabalhos iniciaram-se precisamente com a remoção da pesada laje de cobertura, por forma a permitir-se a recolocação e devida estabilização dos esteios em causa.

O elevado peso da laje de cobertura da Anta do Penedo do Com (c. de 7,5 toneladas), obrigou à presença de uma Auto-Grua.

Num segundo momento, e tendo em vista a recolocação dos esteios 10 e 11, houve necessidade de se proceder ao desmonte parcial da mamoa e respetiva estrutura de contrafortagem, sobre a parte externa destes dois monólitos.

Os esteios foram recolocados pela ordem inversa à colocação primária, isto é, num primeiro momento repôs-se o esteio 11 e só depois o 10, respeitando a ordem de sobreposição das "peças". Esta ação foi levada a cabo com recurso a um Garibalde de 10 toneladas, auxiliado pelas já citadas cintas de nylon.

Em momento posterior, executou-se à colagem de um bloco granítico, previamente afeiçoado, no topo fraturado do esteio 10, por forma a obter-se uma altura próxima da original, capaz de suster parte do peso da laje de cobertura.

A colagem foi feita com resina epóxida e reforçada pela colocação de dois varões de aço inox, igualmente embebidos em substância idêntica.

O acabamento final da zona de fratura, com dosagem previamente testada e verificada em ensaios cromáticos, foi feito à base de uma solução pastosa de resina epóxida misturada com pó de granito previamente triturado e elementos graníticos de calibres ligeiramente maiores. A colocação premeditada de tais inertes permitiu, após picagem da superfície onde se aplicou a dita solução pastosa, uma aparência próxima com a textura e cor natural do granito de base, dissimulando a zona de fratura.

Após a colocação, as bases dos esteios foram calçadas com lajes graníticas de dimensões consideráveis, colmatando o espaço entre a sapata pétrea elaborada anteriormente e a face interna do ortóstato. De igual forma, e sempre colocadas de cutelo, foram

ajustados calços na face externa, por forma a que, e finda esta acção, o esteio se sustenha por si próprio.

Por fim repôs-se o contraforte. Esta estrutura, como o próprio nome indica, confere um peso extra às faces externas dos monólitos, impedindo que sublevem para o interior, acondicionando externamente toda o "esqueleto" pétreo interno.

Esta estrutura, de tipo "cairn", é concebida pela sobreposição sucessiva de lajes graníticas, com poucos ou nenhuns espaços interestíciais, em forma de escama, com descargas sucessivas de peso umas sobre as outras, acondicionando a estrutura pétrea interna e não a submetendo a uma descarga excessiva de peso sobre as suas superfícies externas.

Prosseguiu-se o trabalho com a recolocação e reintegração dos esteios fragmentados da câmara (E5, .6, E7 e E9), monólitos fragmentados a nível mesial baixo, cuja reintegração parcial facilitou o alteamento do tumulus.

A sua reposição, com verticalidade próxima da original, foi feita com recurso a garibalde e cintas de nylon, com processo de estabilização idêntico ao descrito anteriormente.

A posterior reintegração, até uma altura máxima de 0,50 cm acima das cotas preservadas, foi feita pelo processo de recriação de "falsa pedra" (Perpétuo & Garcia, 2007).

Perfurou-se as superfícies de contacto por forma a permitir a colocação de varões de aço inox embebidos previamente em resina epóxida com varões de espessura inferior colocados transversalmente.

Subsequentemente, construi-se um molde para cada um dos esteios, com recurso a pequenas ripas de madeira e contraplacado. Este molde foi preenchido com argamassa de cal hidráulica, argila expandida de granulometria e inertes (est. XV-1). Após secagem, o molde foi removido e as suas superfícies externas preparadas para a aplicação do acabamento final.

A argamassa de revestimento final foi produzida através de uma mistura cal hidráulica, cal hidratada e areia limpa isenta de sais, verificada em ensaios prévios de integração cromática (est. XV-2).

A aplicação desta argamassa sobre o maciço interno, permite modelar a reintegração à forma original do esteio que, após um parcial processo de secagem, é escovada por forma a se obter uma textura próxima à pedra original.

A nível da câmara funerária procedeu-se ainda à recriação de um falso esteio, no espaço que mediava a cabeceira do monumento e o esteio 7, aproveitando-se um muro em pedra seca aí colocado em 1998. Este foi alteado em cerca de 0,40 m, seguido de colmatação de juntas e revestimento total com argamassa idêntica à utilizada nos acabamentos das reintegrações anteriormente descritas (I-Est. XVI-1).

Estas ações facultaram o alteamento da massa tumular, permitindo-se a colocação de cerca de 16 m cúbicos de terras vegetal de boa qualidade e isenta de vegetação infestantes, modelada ao contorno da mamoa, arrancando junto ao topo dos esteios reintegrados e rematados na zona do anel periférico, este último artificialmente reconstruído durante os trabalhos de restauro do século passado.

Por último, colocou-se no interior da câmara, corredor e átrio, um piso de pequenos seixos rolados de tonalidades várias, criando um notável efeito cénico, contrastante com a restante estrutura, delimitando-se o monumento com troncos de madeira tratada, por forma a dificultar o acesso ao topo do tumulus de veículos motorizados (I-Est. XVI-2 e I-Est. XVII-1 e 2).

Referências Bibliográficas

ALARCÃO, J. de (1988), *Roman Portugal*, Warminster, Aris & Phillips Ltd., 2 vols., 148+216 pp., 8 mapas, 164 fotos.

ALONSO MATHÍAS, F.; BELLO DIÉGUEZ, J. M. (1995), "Aportaciones del monumento de Dombate al megalitismo noroccidental: dataciones de carbono 14 y su contexto arqueológico", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 25 (1), Porto, SPAE, pp.153-181.

AUBRY, T.; NEVES, M. J.; ALMEIDA, M.; MANGADO LLACH, J. (2008) "Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas no Baixo Mondego durante o holocénico: dados novos e revisão de séries arqueológicas", in *Atas do IV Congreso del Neolítico Peninsular,* Hernández Pérez, M. S.; Soler Díaz, A.; Lopez Padilla, J. A. (Coord.), MARQ, Diputacion Provincial de Alicante.

AUBRY, T.; MANGADO LLACH, J.; MATIAS, H. (2014) "Matérias-primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal", in Dinis, P. A.; Gomes, A.; Monteiro Rodrigues, S. eds, Proveniência de materiais geológicos: abordagens sobre o Quaternário em Portugal. Associação Portuguesa para o estudo do Quaternário, Coimbra, 2014, pp. 165-192.

BELLO DIÉGUEZ, J. M. (1992/93), "El Monumento de Dombate en el marco del megalitismo del Noroeste Peninsular", *Portugália*, Nova Série, vols. XIII-XIV, Porto, pp. 139-148.

CARDOSO, J. L. (2014), "A presença campaniforme no território Português", *Estudos Arqueológicos de Oeiras, 21,* Câmara Municipal de Oeiras, p. 295-348.

CARRERA RAMÍREZ, F. (2005) *El arte parietal em monumentos megalíticos del Noroeste peninsular: dimensión del fenómeno y propuestas de conservación, [s.1.],* Universidad Nacional de Educación a Distancia (Tese de Doutoramento, policopiada).

CARVALHO, A.F., (2018), "Anta da Lapa de Meruje (Vouzela, Portugal). Resultados preliminares dos Trabalhos em curso", J.C. Senna-Martinez, Mariana Diniz e A. Faustino

de Carvalho, Eds. De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte no Ocidente Peninsular. Fundação Lapa do Lobo, p.201-216.

CARVALHO, A.F.; PEREIRA, T.; GIBAJA, J.F. (2018), "Proveniências e utilização do sílex no megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). Primeira abordagem a partir dos conjuntos dos dólmenes de Lapa de Meruje e de Antelas", J.C. Senna-Martinez, Mariana Diniz e A. Faustino de Carvalho, Eds. De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte no Ocidente Peninsular. Fundação Lapa do Lobo, p. 217-232.

CARVALHO, P. S. (2005), *A necrópole megalítica da Nossa Senhora do Monte (Penedono, Viseu), um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta*, "Estudos Pré-históricos", 12, Viseu, CEPBA.

CARVALHO, P. S.; GOMES, L. F. C. (1992), "A colecção arqueológica "Engº Francisco Manuel Alvelos", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 32 (1-4), Porto, SPAE, pp. 337-357, VII ests.

CRUZ, D. J. da (1986), "Escavação da Mamoa do "Monte da Olheira" (Serra da Aboboreira - Baião), *Arqueologia*, nº 13, Porto, pp. 125-139.

CRUZ, D. J. da (1987), "Escavação da Mamoa de "Monte Maninho" (Serra da Aboboreira – Baião)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia,* Vol. XXVII (1-4), SPAE, Porto, pp. 65-84.

CRUZ, D. J. da (1988), "O megalitismo do Norte de Portugal", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-4), Porto, SPAE, pp.15-42, VII ests. [Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Porto-Baião, 22 a 24 de Setembro de 1988)].

CRUZ, D. J (1989), *Trabalhos Arqueológicos na Lapa do Repilau (Couto de Cima, Viseu).* Relatório inédito.

CRUZ, D. J (1991), *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no Contexto Arqueológico da Serra da Aboboreira e da Pré-história Recente do Norte de Portugal*, Coimbra, 216 pp., XXVII ests. [trabalho apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no âmbito das provas públicas de aptidão pedagógica e capacidade científica, dactilografado].

CRUZ, D. J (1992), A: 75-77]. *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira).* Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ["Conímbriga/Anexos", 1].

CRUZ, D. J (1993), "Monumentos megalíticos do Concelho de Fornos de Algodres", *Estudos Pré-históricos, 1,* Viseu, pp. 111-112.

CRUZ, D. J (1995a), "Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste Peninsular e da Beira Alta", *Estudos Pré-Históricos,* 3, Viseu, pp. 81-119.

CRUZ, D.J (1995b) "Dólmen de Antelas (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, Viseu). Um sepulcro-templo do Neolítico final", *Estudos Pré-históricos,* 3, Viseu, pp. 263-264.

CRUZ, D.J (1997a) "Aspectos do megalitismo na Beira Alta", in *Colóquio A Pré-história na Beira Interior (Tondela, 21 a 23 de Novembro de 1997). Livro do Colóquio,* Tondela, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp.27-28.

CRUZ, D.J (1997b) "Dólmen de Antelas", in *Colóquio A Pré-história na Beira Interior (Tondela, 21 a 23 de Novembro de 1997). Livro do Colóquio,* Tondela, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp.15-18.

CRUZ, D. J (2001), *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*, Coimbra, 2 vols. (dissertação de doutoramento em Pré-história e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiada).

CRUZ, D. J. da; CUNHA, A. M. C. L. da; GOMES, L. F. C., (1988-89), "A Orca de Corgas da Matança (Fornos de Algodres)", *Portugália*, nova série, 9-10, Porto, FLUP, pp. 31-47, 9 figs., V ests.

CRUZ, D. J. da; VILAÇA, R. (1989), "A Anta da Cunha Baixa (Mangualde). Escavação, Restauro e Conservação de um Monumento Megalítico", *colecção "Ser e Estar"*, 2, Governo Civil do Distrito de Viseu, pp. 51-60 [Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu].

CRUZ, D. J. da; VILAÇA, R. (1990), "Trabalhos de Escavação e Restauro no Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, dist. da Guarda). Resultados preliminares", *Trabalhos do*

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», 45, Porto, Faculdade de Ciências, 23 pp., VI ests., 1 desd.

CRUZ, D. J.; VILAÇA, R. (1994), O Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): Novas datações de Carbono 14, "Estudos Pré-históricos", 2 [Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal", Mangualde, Nov. 1992], pp. 63-68, I est.

CRUZ, D. J, GOMES, L. F. C., CARVALHO, P. M. S (1998 a) "O grupo de *tumuli* da "Casinha Derribada" (concelho de Viseu). Resultados preliminares da escavação arqueológica dos monumentos 3, 4 e 5"*, Conimbriga*, 37, Coimbra, pp.5-76.

CRUZ, D. J, GOMES, L. F. C., CARVALHO, P.M.S (1998 b), "O monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação"*, Estudos Pré-históricos*, 6, Viseu, pp.375-395.

CRUZ, D.J, VILAÇA, R. (1999) "O grupo de *tumuli* da Senhora da Ouvida (Monteiras / Moura Morta, Castro Daire). Resultado dos Trabalhos Arqueológicos"*, Estudos Pré-históricos*, 7, Viseu, pp. 129-161.

CRUZ, D. J, VILAÇA, R., SANTOS, A. T., MARQUES, J. N. (2000), "O grupo de *tumuli* do Pousadão (Pendilhe, Vila Nova de Paiva)"*, Estudos Pré-históricos*, 8, Viseu, pp. 125-150.

DIAS, I., PRUDÊNCIO, I., PRATES, S., GOUVEIA, A. e VALERA, A. C., (2000), "Tecnologias de

CUNHA, A. M. C. L. (1993), "Pinturas rupestres na Anta da Arquinha da Moura (Conc. de Tondela, Viseu): Notícia preliminar", Estudos Pré-históricos, 1, pp. 83-95.

CUNHA, A. M. C. L. (1995), "Anta da Arquinha da Moura (Tondela)", Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 25 (1), Porto, SPAE, pp.134-152.

DELIBES DE CASTRO, G.; SANTONJA, M. (1986), El Fenómeno Megalítico en la Provincia de Salamanca, Ediciones de la Disputación de Salamanca.

produção e proveniência da matéria-prima das cerâmicas campaniformes da Fraga da Pena (Fornos de Algodres - Portugal)", *Pré-História Recente na Península Ibérica (Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*) – 1999, Porto, ADECAP, pp.253-268.

EGUILETA FRANCO, J.M (1999), *A baixa Limia Galega na Preshistoria recente. Arqueoloxía dunha paisaxe na Galicia interior,* Ourense.

ESTEVINHA, I. M.; SENNA MARTINEZ, J. C.; VALERA, A. C. (1989), "O Complexo 1 do Penedo da Penha, Vale de Madeiros (Canas de Senhorim): alguns resultados preliminares da campanha 1(987)", *colecção "Ser e Estar"*, 2, Governo Civil do Distrito de Viseu, pp. 125-142 [Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu].

FÁBREGAS VALCARCE, R. (1991), *Megalitismo del Noroeste de la Península Ibérica. Tipologia y sequência de los materiales líticos*, Universidad Nacional de Educaión a Distancia, Madrid, 523 págs., LIX Lâms.

FÁBREGAS VALCARCE, R. (1993), "Las representaciones de bulto redondo en el megalitismo del noroeste", *Trabajos de Prehistoria*, 50, pp. 87-101.

FÁBREGAS VALCARCE, R.; FUENTE ANDRÉS, F. (1988), "Aproximaciones a la cultura material del megalitismo gallego: la industria litica pulimentada y el material cerâmico", *Árqueohistorica*, nº 2, Universidad de Santiago de Compostela.

FÁBREGAS VALCARCE, R.; FUENTE ANDRÉS, F. (1991-92), "Excavación da Mámoa 6 de Os Campiños (Leiro, Rianxo). Campaña de 1984"*, Brigantium*, vol.7, pp. 91-149.

FÁBREGAS VALCARCE, R; RELLÀN, C. R.; CAMAÑO, A. P. (2020), ¿Ecos del sur? Figuras de piedra em los magalitos del noroeste ibérico. In RAMIREZ, P. B.; SOLER DÍAZ, J. A., coord. — *Ídolos: miradas milenearias.* Alicante: Museo Arqueológico de Alicante. Catálogo. p. 177-191.

FARO, S. CLETO, J. CARNEIRO, A. L. (1988), "A escavação da Mamoa de Outeiro no contexto do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, SPAE, pp. 251-262, XI ests.

FERREIRA, B. (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia,* Lisboa, Centro de Estudos Geográficos ["Memórias do Centro de Estudos Geográficos", 4].

G.E.E.M. (Groupe d'Étude de l'Épipaléolithique-Mésolithique), Épipaléolithique-Mésolithique. Les Microlithes Geométriques, "Bulletin de la Société Préhistorique Française - Étuds et Travaux", 66, Paris, 1969, pp. 355-366.

GOMES, L. F. C. (1996) *A necrópole megalítica da Lameira de Cima (Penedono – Viseu),* Estudos Pré-históricos, 4, Viseu, CEPBA.

GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S. (1993), "Novos elementos sobre o vaso campaniforme na Beira Alta"*, Estudos Pré-históricos,* 1, Viseu, CEPBA, pp. 29-49.

GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S.; PERPÉTUO, J. M. A; MARRAFA, C. (1998), "O Dólmen de Areita (S. João da Pesqueira, Viseu)", *Estudos Pré-históricos*, 6, Viseu, CEPBA, pp. 33-93.

GONÇALVES, A.H.B. (1988), "Escavação da Mamoa da Touta (Serra da Aboboreira – Baião), *Arqueologia*, 17, Porto, GEAP, pp. 58-72.

GONÇALVES, A. H. B. & CRUZ, D. J. (1994), "Resultados dos trabalhos de escavação da Mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real)", *Estudos Pré-históricos*, 2 [Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal", Mangualde, Nov. 1992], pp. 172-232.

HARRISON, R. J. (1974), "Ireland and Spain in the Early Bronze Age. Fresh Evidence for Irish and British Contacts with the Proto-Atlantic Bronze Age in Spain in the Second Millennium B.C.", *Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland*, 104, pp. 52-73.

HARRISON, R. J. (1977), *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, American School of Prehistoric Research, Peabody Museum, "Harvard University Bulletin", 35, Cambridge, Massachusets, 257 pp.

HARRISON, R. J. (1988), "Bell Beakers in Spain and Portugal: working with radiocarbon dates in the 3rd millennium BC", *Antiquity*, vol. 62, nº 236, p. 464-472.

HODDER, I (2012), *Entangled:* an archaeology of the relationships between humans and things, Wiley-Black Well ed.

JORGE, S.O. (1978) "Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste Peninsular"*, Minia*, 2.ª série, 2, Braga, pp. 99-175.

JORGE, S. O. (1986), *Povoados da Pré-história recente da região de Chaves - Vª Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3 vols. [dissertação de doutoramento].

JORGE, V. O. (1979), "Escavações das mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira - Baião). Notícia Preliminar", *Revista de Guimarães*, 89, Guimarães, pp. 251-264, 6 desd., III ests.

JORGE, V. O. (1980a), "A Mamoa 2 de Outeiro de Gregos - Serra da Aboboreira, Baião", *Revista de Guimarães*, vol. XC, Guimarães, 191-209, 18 figs.

JORGE, V. O. (1980b), "A Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião)", *Portugália*, Nova Série, I, Porto, pp. 9-28.

JORGE, V. O. (1980-1981), "Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Ante. Serra da Aboboreira – Baião", *Setúbal Arqueológica*, 6-7, Setúbal, pp. 85-111, II ests., 1 desd.

JORGE, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto - os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*, 2 vols., Porto, Faculdade de Letras. Dissertação de doutoramento.

JORGE, V. O. (1983a), "Escavação da mamoa 2 de Cabritos", *Arqueologia*, nº 8, Porto, pp. 24-36.

JORGE, V. O. (1983b), "Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto, Serra da Aboboreira, Baião", *Arqueologia*, nº 7, Porto, pp. 23-29.

JORGE, V. O. (1984), "Escavação da Mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira - Amarante)", *Arqueologia*, nº9, pp. 3-21.

JORGE, V. O. (1985a), "Les Tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble Mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal)", *Arqueologia*, nº 12, Porto, pp. 96-128.

JORGE, V. O. (1991a), "Novos dados sobre a Fraga D'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 31 (1-4), Porto, SPAE, pp.181-184, I est.

JORGE, V. O. (1992), Novas escavações na Mamoa 1 de Chã de Parada — Baião, Serra da Aboboreira, 1990, "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", 32 (fasc. 1-4), Porto, SPAE, pp. 173-185, XIV ests.

JORGE, V. O. MOREIRA, Maria Margarida (1987), "Escavação da Mamoa 4 de Chã de Parada (Baião, 1987)", *Arqueologia*, nº 16, Porto, pp. 40-50.

JORGE, V. O. BAPTISTA, A. M.; SANCHES, M. J. (1988), "A Fraga D'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) - Arte Rupestre e Ocupação Pré-histórica", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28 (1-2), Porto, SPAE, pp. 201-218, VII ests.

JORGE, V. O. BETTENCOURT, A. M. S. (1988), "Sondagens arqueológicas na mamoa 1 de Chã de Parada", *Arqueologia*, nº 17, Porto, pp. 73-118.

JORGE, V. O. ALONSO, F. DELIBRIAS, G. (1988), "Novas datas de Carbono14 para as Mamoas da Serra da Aboboreira", *Arqueologia*, 18, Porto, pp. 95-98.

JORGE, V. O., PEREIRA, A. NUNES, C. S.; VARELA, J. M. (1992), "Novas escavações na Mamoa 1 de Chã de Parada - Baião, Serra da Aboboreira, 1990", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 32 (1-4), Porto, SPAE, pp.173-185, XIV ests.

JORGE, V. O.; BATISTA, A. M.; SILVA, E. J. L; JORGE, S.O. (1997), *As Mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço)*, Textos, SPAE, Porto.

LEISNER, G; LEISNER V. (1956), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, "Madrider Forschungen ", band 1, Berlim.

LEISNER, V. (1998), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, "Madrider Forschungen ", band 1, Berlim, Walter de Gruyter (org. de P. Kalb).

LEISNER, V.; RIBEIRO, L., (1956), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, "Madrider Forschungen ", band 1, Berlim.

LEISNER, V.; RIBEIRO, L. (1966), "A Escavação do Dólmen-Orca das Castenairas, Fráguas, Vila Nova de Paiva", *Lucerna*, 5, Porto, pp. 376-382, I est. [Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia].

LEISNER, V.; RIBEIRO, L., (1968), *Die Dolmen von Carapito*, "Madrider Mitteilungen", 9, Berlim, pp. 11-62.

MOITA, I. (1966), "Características Predominantes do Grupo Dolménico da Beira Alta", *Ethnos*, 5, Lisboa, pp. 189-277, 2 desds., XX ests.

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2011), *Pensar o Neolítico Antigo,* Estudos Pré-históricos, vol.16, Viseu.

MORAL, F.C.; RODRIGUEZ, J.Y.; GÓMEZ, M.L.; PÉREZ, F.V.; RAMIREZ, F.C. (2011) *El Dolmen de Dombate. Arqueología, arquitectura y conservación.* Diputación de A Coruña.

MOREIRA, M.; CARNEIRO, L. (1995), "A Mamoa V de Chã de Arcas - Baião. Primeira notícia", *Trab. de Antrop. e Etnol*., vol. XXXV, fasc. 3, Porto, pp.183-188, II ests.

PEREIRA, G.R, (2018) "O monumento sob *tumulus* da Regedoura 2 (Fafe/No Portugal)". In: Hernández Gutiérrez, N.; Larrabal Galarza, J.; Portero Hernández, R. (coord.), *Arqueología em valle del Duero: Del Paleolítico a la Edad Media. 6. Actas de las VI jornadas de arqueologia del valle del Duero. Oporto, 17-19 de novembro de 2016. Glyphos Publicaciones.*

PERPÉTUO, J.M.A. (2001) "A Arca do Penedo do Com (Esmolfe, Penalva do Castelo)", *Estudos Pré-históricos*, vol. 9, Viseu, pp. 143-144.

PERPÉTUO, J.M.A. (2019) *Aproveitamento Hidroelétrico de Gouvães. Trabalhos arqueológicos na Necrópole de Chã de Arcas (Vila Pouca de Aguiar, Vila Real),* Policopiado, Relatório apresentado à Direção Regional de Cultura do Norte em janeiro de 2019.

PERPÉTUO, J.M.A.; SANTOS, F.J.C. (2010) "Bronze age space and symbols — The Paramuna settlement and rock engravings (Penalva do Castelo): A case study from central Portugal". in: Ana M. S. Bettencourt, M. Jesus Sanches, Lara B. Alves & Rámon Fábregas Valcarce (eds.), *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the upper Paleolithic to the Iron age in Europe,* Proceedings of the 15th congress of the International Union for Prehistoric and

Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006, BAR International Series, Ed. Archeopress, Oxford.

PERPÉTUO, J.M.A.; GOMES, L.F.C. (2012*)* "Arcainha do Seixo (Oliveira do Hospital) – Um século depois de Santos Rocha"*, Santos Rocha. A Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*, Figueira da Foz, pp. 81-113.

REGUGE, J. (2004) — "Uma proposta para reconceptualizar a materialidade arqueológica: o campaniforme no Norte de Portugal e regiões contíguas*", Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 44 (1-2), pp.111-186.

RAMOS, J.; GILES, F. GUTIÉRREZ, J. M.; CASTAÑEDA, V. CÁCERES, I. TORRES, J.; MARTÍNEZ, C. LOZANO RAMÍREZ, J.; LOZANO SÁNCHEZ, J.; SAMPIETRO, D.; AGUILERA, L.; PRIETO, C. HIGUERAS, A. PÉREZ, M.; RUIZ, J. A. SANTIAGO, A. LAZARICH, M.; ALMAGRO, A. ROMERO, J. L.; MÁRQUEZ, L. (1994), "El Dolmen de Alberite. Aportaciones al estúdio de la ideolgía y del espacio megalítico", *Revista de Arqueologia*, nº 158, pp. 10-19.

ROCHA, A. S. (1899), "As Arcainhas do Seixo e da Sobreda", *Portugália*, 1, Porto, pp. 13-22.

RODRÍGUEZ CASAL, A. A. (1989), La Necropolis Megalítica de Parxubeira (San Fins de Eirón, Galicia). Campañas Arqueológicas de 1977 a 1984, Corunha, 78 pp., XXIII est., 3 desd. [Monografias Urxentes do Museu, nº4].

SANCHES, M. J. (1987), "A Mamoa 3 de Pena Mosqueira", Sanhoane (Mogadouro), *Arqueologia*, 15, Porto, GEAP, pp. 94-115.

SANCHES, M. J. (1989), "Cinco datas de C 14 para a Pré-história recente do leste de Trás-os-Montes", *Arqueologia*, 19, Porto, GEAP, pp. 114-115.

SANCHES, M. J. (1994), "Megalitismo na Bacia de Mirandela", *Estudos Pré-históricos*, 2 [Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal", Mangualde, Nov. 1992], pp. 249-284, II ests.

SANCHES, M. J. (1997), *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*, 2 vol., Textos, 1, SPAE, Porto.

SANCHES, M. J. (2008/2009) “Arte dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica”, *Portugália,* nova série, vol. XXIX-XXX, Porto, pp. 5-42.

SANCHES, M. J. (2020) “Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na baixa bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo.” Em ARNAUD, J. M.; NEVES, C.; MARTINS, A.; *Arqueologia em Portugal. 2020- Estado da Questão.* Lisboa: AAP e CITEM: 125-138.

SANCHES, M.J; NUNES, S.A, (2004), “Resultados da escavação da mamoa d’Alagoa (Toubres, Jou) – Murça (Trás-os-Montes)”, *Portugália*, Nova Série, vol. 25, Departamento de ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras do Porto, Porto, pp. 5-42.

SANCHES, M.J; NUNES, S.A; SILVA, M.S, (2005a), A Mamoa 1 do Castelo (Jou) – “Murça (Trás-os-Montes): Resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum dólmen de vestíbulo”, *Portugália,* Nova Série, vol. 25, Departamento de ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras do Porto, Porto, pp. 5-39.

SANCHES, M.J; NUNES, S.A (2005 b), “Monumentos em pedra numa região de Trás-os-Montes – Nordeste de Portugal. Sua expressão na paisagem habitada durante o 4º e 3º mil. B.C”, Revista da Faculdade de Letras, ciências e técnicas do património, 4, Porto, pp. 53-82.

SANCHES, M. J; BARBOSA, M. H. L; VIEIRA, A. M. F. (2017*),* “Bell beaker contexts in Portugal: the northern and the Douro region basin”, *Sinos e Taças — Junto ao Oceano e mais longe. Aspetos da presença campaniforme na Península Ibérica,* Estudos & Memórias, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 238-257.

SANCHES, M. J & BARBOSA, M. H. L. (2018), “Campaniforme no Norte de Portugal. Perspetivas interpretativas instigadas pela leitura de dados recentes”, *Portugália,* Nova série, vol.39, Porto, DCTP-FLUP, pp.97-150.

SANCHES, M. J; BARBOSA, M. H. L. (2018), “Campaniforme: chronology, pottery and contexto of a long term phenomenon in the Portuguese Douro Basin”, *Journal of Neolithic*

Archaeology, Institute of Pre -and Protohistoric Archaeology, Kiel University, Kiel, pp.23-58.

SANCHES, M. J.; TEIXEIRA, J. C.; BARBOSA, M. H.; PERPÉTUO, J. A. (no prelo), Trespassando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-história recente do Norte de Portugal. In RAMIREZ, P. B.; SOLER DÍAZ, J. A., coord. — *Ídolos: olhares milenares.*

SANTOS, F. J. C; PERPÉTUO, J. M. A.; SANTOS, A. T.; GOMES, L. F. C (2010) "O Dólmen 2 de Chão Redondo (Sever do Vouga, Aveiro). Um monumento com iconografias. Resultados preliminares dos trabalhos de escavação e restauro", *Portugália*, vol. 31-32, Porto, DCTP-FLUP, pp. 5-41-

SANTOS, A.T.; CRUZ, D. J.; BARBOSA, A. F. (2017) "Gravuras e pinturas em dólmenes. O "grupo de viseu" de E. Shee (1981) trinta anos depois.", *Estudos Pré-históricos,* 17, [Atas da mesa redonda "A Pré-história e Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspetivas de futuro" (Mangualde, Nov, 2011)], Viseu, pp. 25-57.

SENNA MARTINEZ, J. C. (1982), "Materiais Campaniformes do concelho de Oliveira do Hospital (distrito de Coimbra)", *Clio*, 4, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade de Lisboa, pp. 19-34, IV ests.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1983), Ideologia e práticas funerárias no megalitismo das beiras: A sepultura periférica do quadrante NW da mamoa do dólmen 1 dos Moinhos de Vento, Arganil, "Revista de História Económica e Social", 11, Janeiro-Junho, Lisboa, pp. 1-27.

SENNA MARTINEZ, J. C. (1989), *Pré-história Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*, Lisboa, 3 vols. [dissertação de doutoramento apresentada à FLUL, policopiada].

SENNA-MARTINNEZ, J. C. (1993), "A ocupação do Bronze Pleno da sala 20 do Buraco da Moura de São Romão"*, Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Colibri, pp.55-75.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994), “Notas para estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta: o fenómeno campaniforme”, *Trabalhos de Arqueologia de EAM*. 2. Lisboa. Edições Colibri. pp. 173-200.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994b), Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP), "Estudos Pré-históricos", 2 [Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal", Mangualde, Nov. 1992], pp. 15-29.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1998), “Pastores, recolectores e construtores de mégalitos na Plataforma do Mondego nos IV e III milénios AC: O sítio do habitat do Ameal VI”. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M,* 3-4: 83-122.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2018), “A Shrine in the Neolithic? Orca da Lapa do Lobo, Nelas (C. 5000-3000 BC)”, J.C. Senna-Martinez, Mariana Diniz e A. Faustino de Carvalho, Eds. De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte no Ocidente Peninsular. Fundação Lapa do Lobo, pp.167-181.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; AMARO, R. M. C. (1987), “Campaniforme tardio e inícios da Idade do Bronze na Orca do Outeiro do Rato, Lapa do Lobo: nota preliminar”, *Da Pré-história à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*, Lisboa, Editorial Delta, pp. 265-271.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M.Q. (2000), “Pastores, recoletores e construtores de megálitos: O Neolítico Final. J.C. Senna-Martinez e I. Pedro, Eds. Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, pp.53-62.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M.Q. (2008), “Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois.” Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras,*16, Oeiras. Câmara Municipal, pp.317-350.

SILVA, A. M. (1995), “Restos humanos exumados na Anta da Arquinha da Moura (Tondela, Viseu), *Estudos Pré-históricos, 3,* Viseu, CEPBA, pp. 141-150

SILVA, F. A. P. da (1991), "Cerâmicas Campaniformes da Bacia do Arda (Arouca - Oliveira de Azeméis) -Aveiro: notícia preliminar"*, Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 237-252.

STOCKLER, C.; VARELA, J. M. (1995) "Novas escavações arqueológicas na serra da Aboboreira", *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular,* Vol. VII (Porto, 12-18 Out. 1993), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia, XXXV* (4), SPAE, Porto, pp. 117-132.

TAVARES, A. A. (1980), "O Dólmen de S. Pedro Dias (Poiares)2, *Clio*, vol. 2, INIC, pp. 39-58.

TEJEDOR RODRIGUEZ, C.; ROJO GUERRA, M.; GARRIDO PENA, R.; MARTINEZ de LAGRÁN, I.; PALOMINO LÁZARO, A. (2017), "Biografia de um monumento megalítico: fases del uso y clausura em el Dolmen de el Teriñuelo (Aldeavieja de Tormes, Salamanca), *Zephyrus – Revista de Prehistoria y Arqueologia,* Vol. LXXIX, enero-junio 2017, Universidad de Salamanca, p. 39-61.

THOMAS, J. (2015), "What do we mean by "Neolithic Societies", in: Fowler, C.; Harding, J; Hofmann, D. (eds.), *The Oxford Handbook of Neolithic Europe,* Oxford: Oxford University Press.

TIXIER, J. (1963), Typologie de l'Epipaléolithique du Magreb. Paris, Arts et Métiers Graphique.

TIXIER, J.; INIZAN, M. L.; ROCHE, H.; DAUVOIS, M. (1980), Préhistoire de la pierre taillée (Terminologie et technologie), Antibes, Centre de Recherches et d'Etudes Préhistoriques.

TWOHIG, E. S. (1981), The megalithic art of Western Europe, Oxford, Clarendon Press.

VALERA, A. C. (1997), *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda). Aspetos da calcolitização da bacia do alto Mondego*, Textos Monográficos 1, Lisboa, Câmara Municipal de Fornos de Algodres.

VALERA, A. C. (2000), "O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena, Pré-História Recente na Península Ibérica". *Actas do 3° Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto ADECAP. pp. 269-290.

VALERA, A. C. (2005), “O habitat da Malhada (Fornos de Algodres – Guarda): uma análise preliminar no contexto do Povoamento local durante o III milénio AC”*, Estudos Pré-históricos*, vol. 3, Viseu, pp. 121-139.

VALERA, A. C. (2007), *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3° milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Braga. CMFA/TA.

VALERA, A. C. (2017), “Beakers in Central Portugal: social roles, confluences and strange absences”*, Sinos e Taças — Junto ao Oceano e mais longe. Aspetos da presença campaniforme na Península Ibéric*a, Estudos & Memórias, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 214-229.

VENTURA, J.M.Q (2018), “O Núcleo Megalítico dos Fiais-Azenha (Carregal do Sal, Portugal): um balanço*”,* J.C. Senna-Martinez, Mariana Diniz e A. Faustino de Carvalho, Eds. De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte no Ocidente Peninsular. Fundação Lapa do Lobo.

VILAÇA, R.; CRUZ, D. J. da (1990), *A Casa da Orca da Cunha Baixa (Mangualde)*, "Terras de Azurara e Tavares", 2, Câmara Municipal de Mangualde, 37 pp., 2 desds., IV ests.

VILLALOBOS GARCIA, R.; ODRIZOLA, C. P.; DELIBES DE CASTRO, G; SANTONJA GÓMEZ, M.; PÉREZ MARTIN. R; BENET JORDANA, N.; FABIÁN GARCIA, J. F.; GUERRA DOCE, E.; ZAPATERO MAGDALENO, P. (2018) “Cadena operativa y análises teco-tipológico de los adornos del centro-sur-occidente de la Meseta Norte Española. Historia de uma tradicion artesanal”, *Complutum,* 29 (1), Universidad Complutense de Madrid, 2018, pp. 59-77

Anexos

Anexo I - Plantas, cortes e descrição da metodologia de intervenção e da estratigrafia

1 Metodologia de escavação e resultados

1.1. **Metodologia aplicada** (I-Fig.1)

Numa primeira fase, e após registo fotográfico do local, procedeu-se à remoção de tudo quanto era alheio ao monumento — pedras e outros resíduos —, bem como à limpeza da cobertura vegetal do terreno; saliente-se o derrube de alguns pinheiros-bravos que cresciam em cima das terras da mamoa — numa área de 616 metros quadrados, que correspondem à demarcação de um retângulo com 28 m de comprimento por 36 m de largura, retângulo esse abrangendo o espaço envolvente do monumento (I-Est. II-1).

Concluídas as limpezas superficiais, quadriculou-se o interior do retângulo com uma rede de quadrados de 2 x 2 m orientados segundo o eixo do monumento, passando o eixo longitudinal central pelo meio da câmara e corredor. Assim no eixo SW-NE, das abcissas (x) foram atribuídas letras de A a N; no eixo SE- NW, das coordenadas (y), números de 1 a 11 (I-Fig. 1.) (I-st. III.1).

Procedeu-se ainda ao levantamento topográfico, correspondendo o ponto 0.00 convencional ao topo do esteio de cabeceira (E8) do monumento (ponto de cota mais elevado). As leituras ao centímetro daí resultantes foram todas negativas.

Relativamente à escavação propriamente dita, a metodologia utilizada para o estudo da Anta do Penedo do Com foi a mesma a que normalmente se recorre para o estudo de monumentos com tumulus, conjugando-se a amostragem por sondagem e a escavação em área.

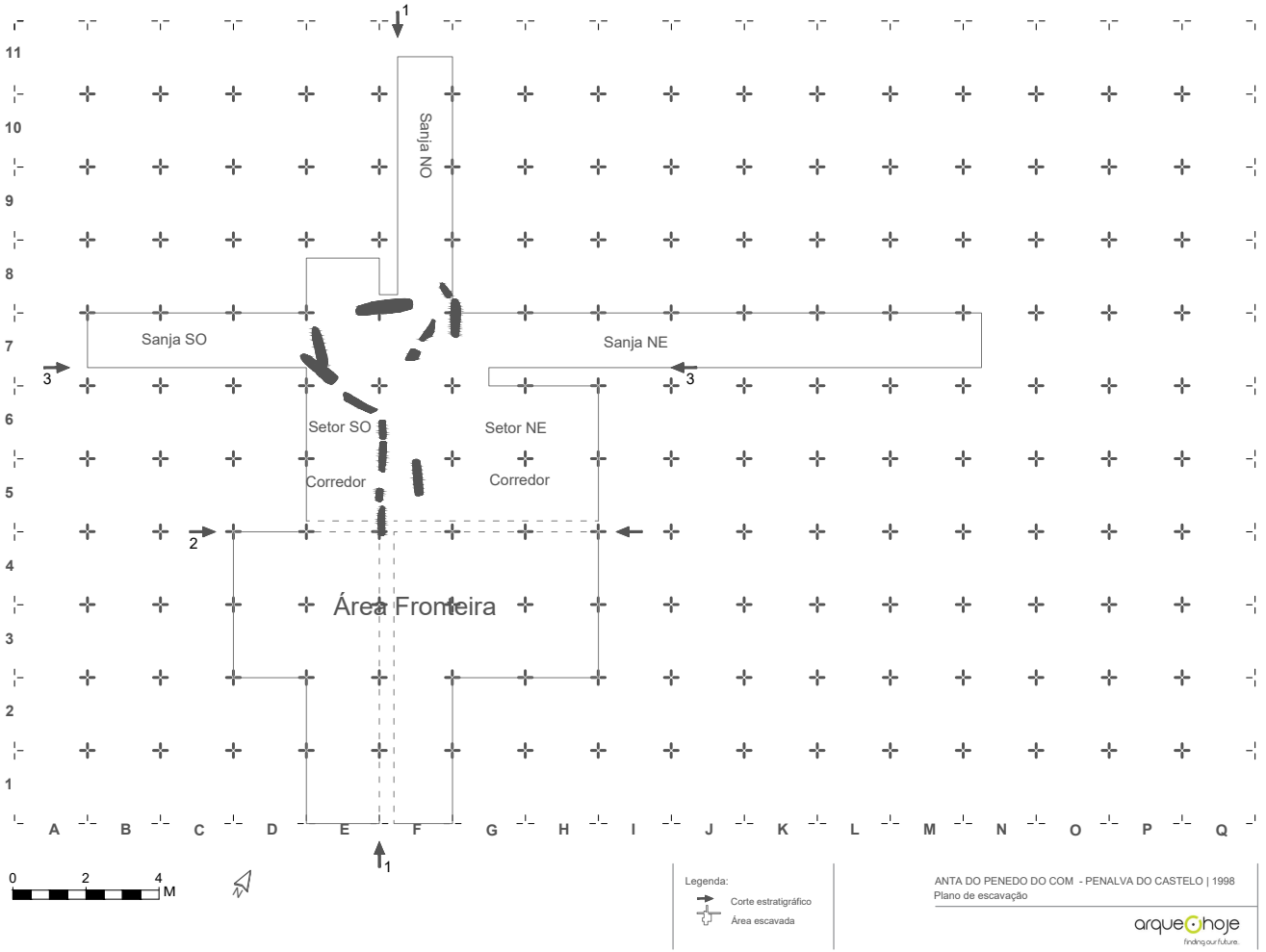


Fig. 1 – Plano de Escavação

1.2. **O sepulcro** (I-Fig. 2, 5 e 6)

A *Anta do Penedo do Com*, monumento megalítico de tipo "clássico" ou composto, provido de câmara poligonal tendencialmente sub-retangular e corredor de médias dimensões, em granito, encontrava-se muito perturbada e arruinada, conservando apenas o esteio de cabeceira na sua posição original (E8) (I-Est. I-1).

No interior da câmara, deslocada e encostada ao monólito central, jazia, numa posição inclinada e parcialmente truncada, a laje de cobertura (A) apoiada em dois esteios tombados (E11 e E12) da câmara que, por sua vez, se sobrepunham ao que restava dos congéneres 9 e 10 (I-Est. I-2).

Do corredor apenas eram observáveis alguns fragmentos de lajes pertencentes ao sistema de cobertura (I-Est. III-1).

1.2.1. **A câmara e o corredor** (I-Fig. 2, 5, 6 e 7)

Numa primeira fase começou-se por escavar o interior da câmara do monumento, preservando-se um testemunho central de modo que permitisse uma leitura vertical do espaço.

Procedeu-se à remoção de um primeiro nível de terras (c.1), com uma espessura que variava entre os 0,30 m junto à laje de cabeceira e os 0,20 m à entrada do corredor, correspondendo a uma camada de terras castanhas escuras com raízes de calibres diversos e uma grande quantidade de elementos pétreos dispersos à mistura.

Tal ação possibilitou a recolha de uma grande quantidade de materiais líticos e cerâmicos, de cronologia diversa, confirmando não só a utilização do monumento em diferentes momentos bem como as profundas violações de que este foi alvo.

A escavação da camada 1 permitiu ainda a identificação do esteio 5, primeiro esteio do lado SW da câmara. Este encontrava-se fragmentado e tombado para dentro da câmara, tendo arrastado consigo parte do contraforte, que agora se lhe sobrepunha (I-Est. IV-1). Tinha as seguintes dimensões: 1,10m de comprimento por 0,95m de largura máxima, variando a espessura entre os 0,40m e os 0,20m.

Finda esta ação, iniciou-se a escavação da camada estratigráfico subjacente (c.4), mais compacto e com menos elementos pétreos relativamente ao que se lhe sobrepunha, pese embora igualmente remexido.

Artefactos líticos tipicamente neolíticos, como por exemplo micrólitos e lamelas, continuavam a aparecer junto de fragmentos de vasos campaniformes e troncocónicos, inseríveis cronologicamente em períodos posteriores.

A situação em que se encontravam os monólitos E11 e E12, assim como a laje de cobertura (A), não possibilitava a continuidade da intervenção no lado oposto da câmara, só possível após a remoção dos mesmos (I-Fig.5).

Assim, e pelo recurso a uma auto-grua, começou-se por retirar a laje de cobertura da câmara, pesando c. de 15 toneladas (Perpétuo, 2001: 143). Fragmentada numa das extremidades, ostentava uma configuração subtriangular, medindo sensivelmente 3 m de lado, variando a espessura entre os 0,30 m e a 0,60 m. Seguidamente, procedeu-se à remoção dos esteios 11 e 12, que se encontravam tombados para o interior da câmara. O esteio 12, apoiado sobre o esteio 11, apresentava-se completo, medindo 2,80 m de comprimento e 0,70 m de largura máxima, variando a espessura entre 0,40 m e 0,30 m. O seu congénere, fragmentado ao nível do topo, media 2,60 m de comprimento, 0,80 m de largura máxima e 0,40/0,30 m de espessura[109].

Concluída a tarefa de remoção dos elementos pétreos em causa, concluiu-se a escavação da camada estratigráfica 4, verificando-se que esta se sobrepunha ao solo geológico.

No lado SW. da câmara foi possível observar os calços ainda preservados dos esteios (E6 e E7) cujas bases ainda permaneciam *in situ*, assim como do congénere em falta que ladeava o esteio de cabeceira (I-Fig.2).

[109] Numa fase de restauro, reconstituiu-se o fragmento em falta, conferindo estabilidade à laje de cobertura.

Ainda que fragmentados e deslocados dos seus primitivos sítios, era agora possível observar o que restava dos esteios 10 e 11. O primeiro, mais estreito, media 1,10 m de altura, 0,50 m de largura e pouco mais 0,20 m de espessura. O esteio 11, mais largo e espesso, encontrava-se reduzido ao nível da base e ligeiramente deslocado da sua primitiva posição. Com uma altura máxima preservada de 0,90 m, media 1,20 m de largura e uma espessura máxima de 0,30 m.

Prosseguindo a intervenção arqueológica para o espaço reservado ao corredor, sem esteios visíveis, mas cuja presença era indiciada por alguns fragmentos do primitivo sistema de cobertura, e após a remoção da camada superficial (c.1), identificou-se, intacta, uma das tampas do corredor (B) (I-Est. III-2).

A remoção das camadas 1, 2, 3 e parte da 4, ao longo dos quadrados E4 a 6 / F4 a 6, colocou a descoberto a totalidade dos monólitos tombados que compunham o lado SW do corredor (E1 a E4), assim como um do lado oposto (E13) (I-Est. IV -1 e 2).

Nos quadrados E4 e F4 preservavam-se os calços do E1, bem como do seu congénere lateral, já espoliado, definindo-se assim o início do mesmo (I-Fig. 6) (I-Est. X – 1 e 2).

A escavação do corredor da *Anta do Penedo do Com* possibilitou a observação de uma estratigrafia um pouco mais complexa da patenteada no espaço da câmara.

A camada 1 era aqui menos espessa (c. 0,10 m) e continha menos elementos pétreos. Em pequenas bolsas superficiais dispersas, verificou-se a ocorrência de uma unidade estratigráfica (c.2), caracterizada por terras castanhas amareladas, pouco compactas com raízes de calibres diversos.

Subjacente a esta, desenvolvia-se a camada 3, mais compacta e homogénea, com muitos elementos pétreos à mistura e materiais arqueológicos descontextualizados. Após a intervenção da última camada (c.4), concluiu-se que todo o espaço do corredor havia também sido profundamente remexido. Contudo, estas perturbações não atingiram o substrato rochoso, preservando-se intacto o nível de base, provavelmente correspondente ao solo antigo (c.6).

Este era composto por uma espessa camada (c. de 0,20 m) de terra castanha amarelada, granulosa e relativamente compacta com raízes de calibre médio e fino. Acreditamos que o topo desta camada poderá ter servido de piso de circulação (I-Fig. 7). Aliás, os materiais arqueológicos provenientes deste estrato integram as deposições votivas da primeira fase de utilização do dólmen.

De acordo com os dados acumulados, podemos caracterizar a Anta do Penedo do Com como um dólmen de corredor, medindo, ao nível de base, c. de 6,30 m de comprimento e orientado a SE, bem diferenciado da câmara quer em planta quer em altura. A matéria-prima utilizada foi o granito, abundante na região circundante (I- Fig. 2).

A câmara, originalmente composta por nove esteios, apresentava-se bastante destruída, preservando apenas sete monólitos cuja situação era a seguinte: E5 — base deslocada, fragmentado ao nível médio inferior; E6 — base in situ, fragmentado ao nível médio inferior; E7 — idem; E8 — base in situ, completo; E9 — deslocado e reduzido ao nível de base; E10 — idem; E11 — tombado para o interior da câmara, fragmentado ao nível de topo; E12 — idem, completo (I-Fig. 5 e 6). Ostentaria uma planta tendencialmente sub-retangular, medindo 3,60 m de comprimento por 3,20 m de largura, sendo internamente estabilizada com calços posicionados ao nível da base. Especial destaque para o esteio de cabeceira, in situ, subvertical e completo, medindo 3,28 m de altura, 2,30 m de largura máxima e 0,40 m de espessura (I-Fig.2).

O corredor é de dimensões medianas — 3,10 m de comp.— conservando cinco dos seus oito primitivos monólitos (quatro de cada lado), justapostos, aumentando gradualmente de altura — 1,20 m / 1,90 m — à medida que se desenvolve para o interior. A largura é de 1,00 m à entrada e 1,20 m junto à câmara (I-Fig.2) (I-Est. XIII-2).

Todos os esteios preservados do corredor estavam tombados, ainda que as bases não estivessem muito longe das suas posições originais. O desnível entre a altura da câmara (topo do E8) e do corredor (topo de E4) é de 0,96 m.

Relativamente ao sistema de cobertura, preservaram-se duas lajes completas — a que cobriria o espaço da câmara (A) e uma do corredor (B) —, bem como fragmentos de outras.

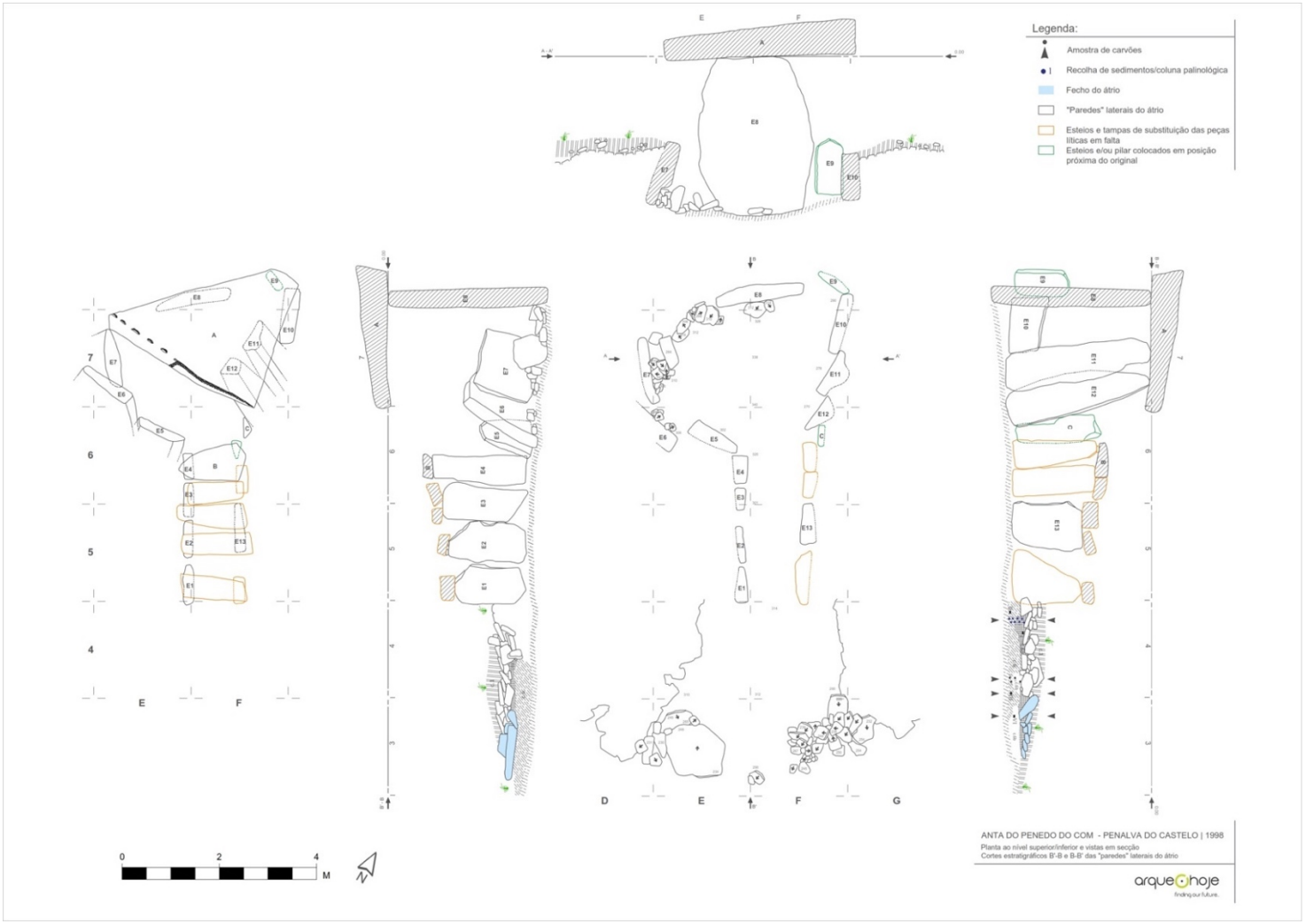


Fig. 2 – Plantas e alçados da câmara, corredor e átrio. À esquerda planta final ao nível superior; ao centro planta ao nivel inferior e alçados após recolocação dos esteios.

1.3. O *tumulus* (I-Fig. 3 e 4)

À data do início dos trabalhos, o montículo artificial envolvente da *Anta do Penedo do Com*, truncado pelo estradão que lhe passa pelo lado SW, apresentava-se bastante destruído e compactado, fruto de constantes revolvimentos ocorridos ao longo do tempo e mais recentemente devido ao plantio de um pinhal (I-Est. I-1).

Com c. de 1,20 m de altura máxima junto aos esteios laterais da câmara, e já sem os seus limites mais exteriores, ostentava um contorno tendencialmente subcircular — c. de 15 m no sentido NW-SE por 13 m no sentido oposto (I-Fig. 3 e 4). O desnível entre este e o topo do esteio de cabeceira (E8) era aproximadamente de 1,70 m.

Ao invés da área reservada ao corredor, completamente obliterada com terra e onde eram visíveis alguns fragmentos de lajes de cobertura, por detrás do esteio de cabeceira observava-se uma acentuada cratera de violação, atingindo o solo de base e revolvendo intensamente o contraforte pétreo do monumento (I-est. III-1).

Após a remoção de todos os elementos alógenos ou deslocados, e com base na quadriculagem inicialmente criada, procedeu-se à seleção das áreas de intervenção, dando-se especial destaque à área fronteira do monumento. Além da definição do corredor, pretendia-se saber algo mais sobre as soluções adotadas no presumível acesso "intratumular", a descoberto, e subsequente encerramento final do monumento.

1.3.1. **Área fronteira** (I-Fig. 2, 5, 6 e 7)

O estudo pormenorizado das áreas fronteiras deste tipo de monumentos tem-se revelado do maior interesse para compreender as estruturas de acesso ao interior do sepulcro e subsequente encerramento definitivo do mesmo. Com efeito, no limite mais exterior do montículo é comum registar-se a presença de um pequeno espaço, a descoberto — átrio —, destinado à realização de periódicos rituais fúnebres. A passagem deste local para o interior do monumento é normalmente feita através de um pequeno corredor intratumular, também a descoberto, normalmente definido pelo prolongamento dos contrafortes do corredor ortostático ou das próprias terras do *tumulus*.

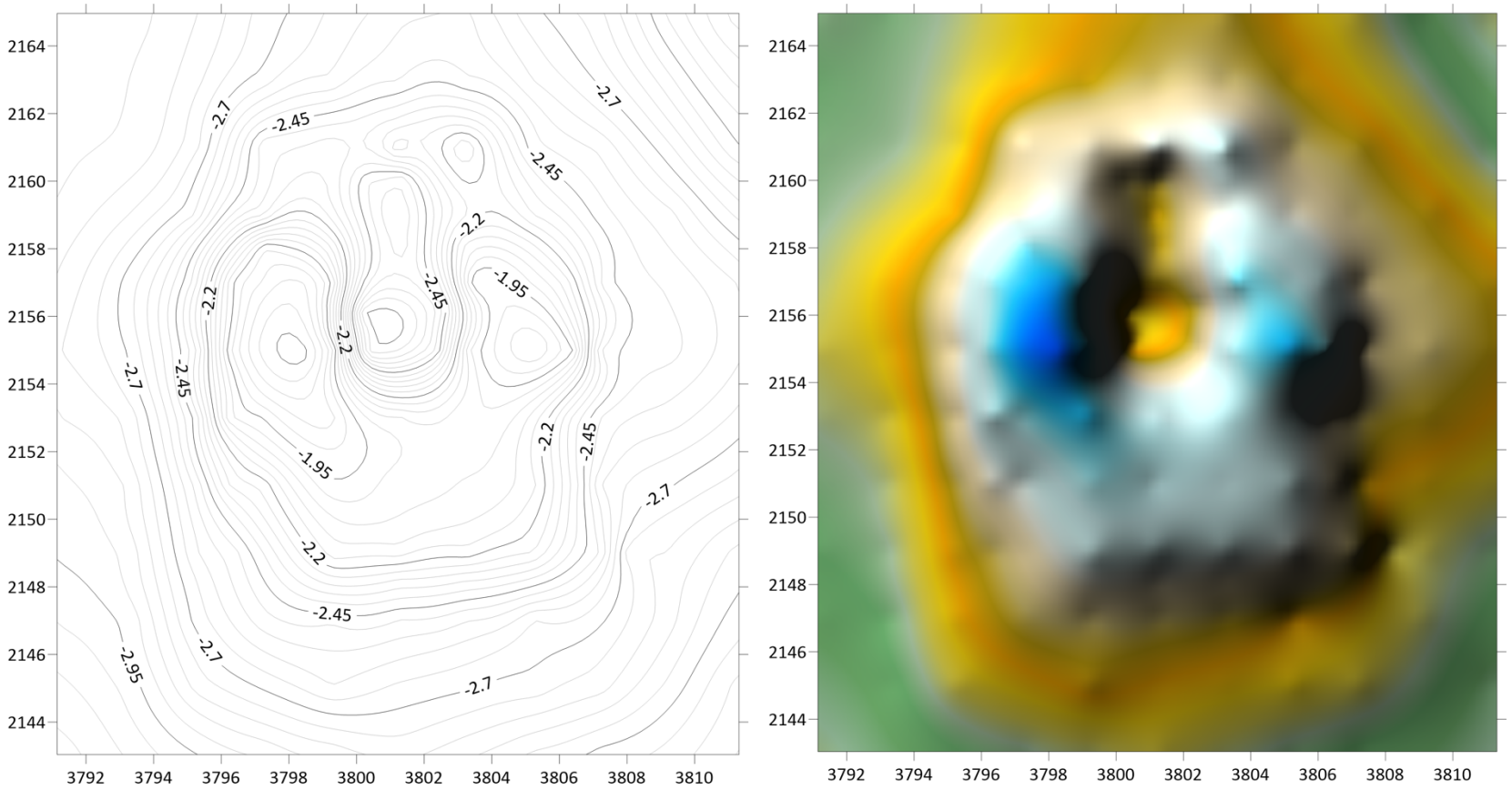


Fig. 3 – Levantamento topográfico do Dólmen do Penedo do Com.
Medida expressa em metros e equidistância das curvas de nível de 5 cm
(Gentileza do Dr. Fábio Rocha, Arqueohoje Ld.ª)

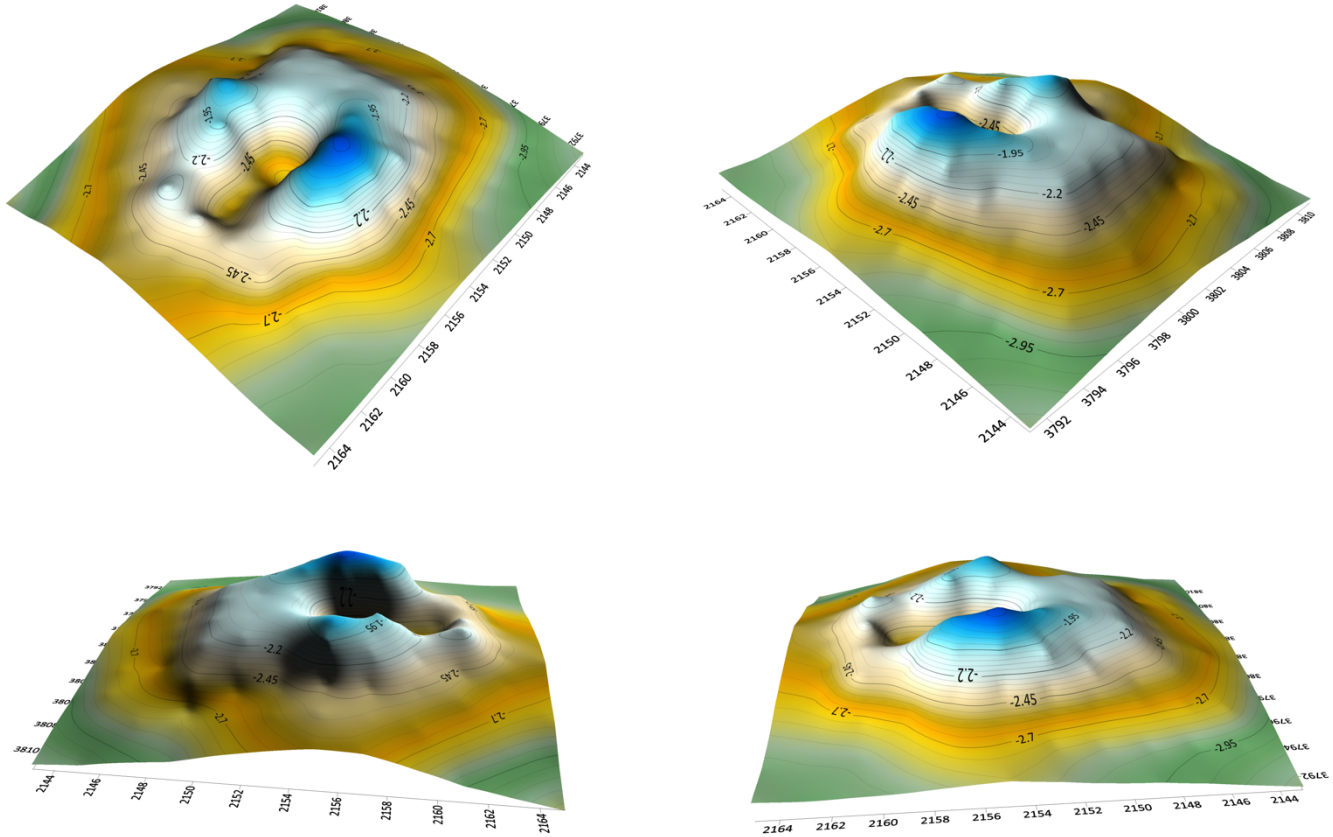


Fig. 4 – Dólmen do Penedo do Com.

Projeção ortogonal oblíqua das Curvas de nível. Vistas de O – E, S – N, NE – SO e SO – NE.

(Gentileza do Dr. Fábio Rocha, Arqueohoje Ld.ª)

Estas áreas, de vital importância para o funcionamento pleno do monumento, eram obliteradas com terra e pedras aquando do encerramento deste, prestando uma uniformidade mamilar ao montículo envolvente. Não raras vezes eram feitas fogueiras rituais no topo destas estruturas de acesso, como que celebrando o definitivo encerramento do monumento, para sempre reservado ao mundo dos mortos.

Em face do exposto, procedeu-se à demarcação do denominado Quadrante SE (54 m^2) e subsequente decapagem da terra humosa superficial (c.1).

A área circunscrita aos quadrados E3/4 e F3/4 encontrava-se profundamente revolvida, muito em parte devido à ação da raiz de um pinheiro de grandes dimensões.

Foram identificadas as camadas estratigráficos 3 e 4, associadas na área do corredor e da câmara, a contextos estratigráficos perturbados, com grande quantidade de elementos pétreos provenientes dos derrubes do contraforte (I-Est. III-1). A crivagem destas terras permitiu a exumação de materiais arqueológicos, tal como acontecera anteriormente.

Subjacente a estes estratos, começava a definir-se uma camada de terras de cor castanha escura, mais compactas, com carvões à mistura e uma significativa quantidade de pedras dispersas, de calibre diverso (c.5). No topo desta camada jazia, no quadrado F3, um fragmento de um esteio, provavelmente do corredor (I-Fig. 5).

Após o encerramento definitivo do monumento, ter-se-á selado o espaço de acesso ao interior do sepulcro através do recurso de terra com alguns elementos pétreos à mistura (c.5), originalmente encostando à laje de fecho, disposta transversalmente à entrada do corredor, hoje inexistente.

Concluída a remoção da camada 5, constatou-se que o espaço do átrio não havia sofrido qualquer perturbação desde o seu encerramento, bem definido pelo prolongamento, para nascente, de ambos os lados do contraforte do corredor (I-Est. V- 1 e 2).

Este desenvolvimento era composto por lajes graníticas, de dimensões médias, colocadas em forma de escama, sobrepondo-se umas às outras em camadas (I-Est. VI – 1 e 2) (I-Fig. 6).

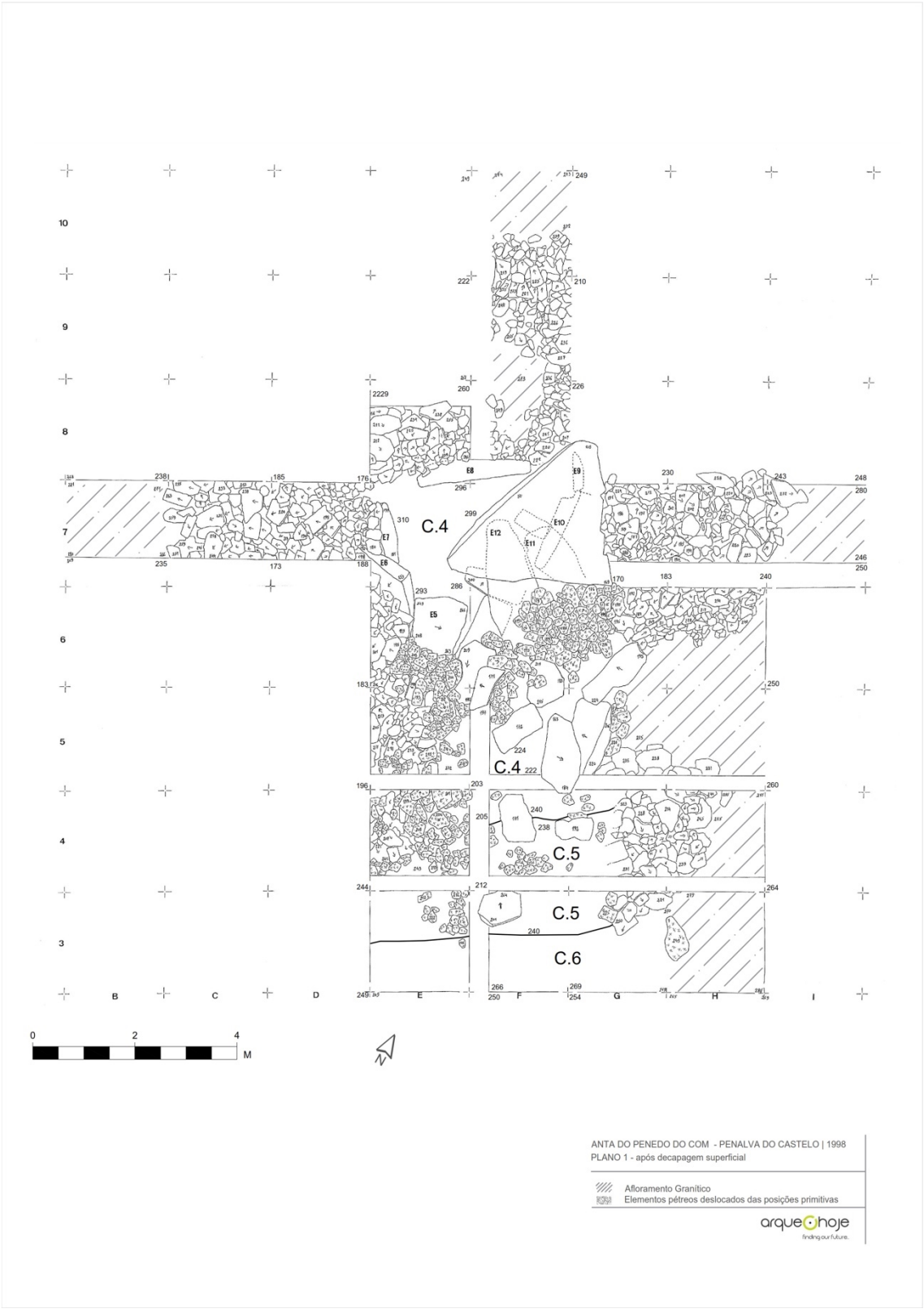


Fig. 5 – Plano 1. Aspecto do monumento após decapagem superficial. Indicam-se, em planimetria, as camadas 4, 5 e 6 (C.4, C.5, C.6)

Refira-se o facto de os contrafortes estarem apenas cobertos pelas camadas 1, 3 e 4, não tendo sido identificada aqui a camada 5, associada ao encerramento do monumento.

Ao contrário do que acontece na maioria dos dólmens da Beira Alta, a *Anta do Penedo do Com* não possuía um corredor intratumular. Na verdade, o espaço do átrio definia-se logo a partir do primeiro esteio do corredor, abrindo harmoniosamente e de forma simétrica relativamente ao eixo do monumento. De configuração semicircular tendencialmente ovalado, este átrio media 2,60 m desde entrada até ao corredor e 3,40 m no eixo transversal (I-Fig. 6) (I-Est. V – 1 e 2).

No limite mais exterior do átrio foi identificada a estrutura de fecho do mesmo, iniciando-se simetricamente em cada uma das duas extremidades do prolongamento do contraforte. O lado SW era composto por um enorme bloco granítico disposto na horizontal associado a lajes de porte consideravelmente inferior.

Por seu turno, o lado NE era formado a partir de elementos pétreos de proporções médias, sobrepostos. Ao meio existia uma passagem aberta, com cerca de 1,40 m de largura. No centro desta passagem aberta, e à cota do piso de circulação (topo da camada 6), jaziam dois pequenos elementos graníticos, como que projetando, com o meio do esteio de cabeceira, o eixo de simetria do monumento (I-Est. V-2).

1.3.2. Setor a NE do corredor (Fig. 5 e 6)

A intervenção do corredor revelou a presença de uma área extremamente perturbada no lado NE, composta por um enorme aglomerado de pedras soltas, desconexas, e alguns fragmentos de esteios ou tampas. Perante este cenário, optou-se pela escavação de todo este sector, compreendido entre os quadrados G5/6 e H5/6 (I-Fig.1).

Num primeiro momento procedeu-se à escavação à decapagem da terra humosa (c.1), acumulada nas áreas pré-definidas. Assim, e após a remoção de tais sedimentos, observou-se que a situação de profundo revolvimento anteriormente verificada no corredor se prolongava para esta zona, ainda que as acumulações de pedras soltas não fossem tão evidentes.

Por seu turno, continuava-se a exumar uma considerável quantidade de materiais arqueológicos associando, à semelhança do que se havia verificado em outras áreas profundamente remexidas, espólio mais antigo com cerâmicas mais recentes (vasos troncocónicos e campaniformes).

O prosseguimento dos trabalhos nesta parte do monumento, permitiu identificar também aqui a camada 4, que se desenvolvia até ao solo geológico.

Finda a escavação deste espaço foi possível observar que o contraforte dos esteios do corredor havia sido completamente desmontado. Ainda que não tenha sido possível clarificar quando se procedeu a esta perturbação, parece-nos tratar-se mais uma vez de uma ação premeditada de recolha de pedra em tempos mais recentes (I-Est. VII – 1 e 2).

1.3.3. A Sanja NE (Fig. 1, 5, 6 e 7)

A intervenção da Sanja NE, compreendendo os quadrados G7 a M7 e numa extensão de 14 x 1,50 m, proporcionou unicamente a observação do contraforte desenvolvendo-se numa extensão de 4,00 m, sendo maioritariamente composto por lajes graníticas cuidadosamente dispostas e imbricadas, de dimensões consideráveis, tipo "cairn", assentando diretamente no substrato rochoso. No fim deste foram colocados, numa posição subvertical, blocos graníticos que teriam funcionado como calços do contraforte (I-Est. VII- 1 e 2).

Pese embora a extensão desta vala, não se constatou qualquer indício do fecho do *tumulus*, totalmente destruído.

1.3.4. A Sanja SW (Fig. 1, 5, 6 e 7)

A abertura desta sondagem, na continuidade da sua congénere oposta e compreendendo os quadrados A7 a D7, numa extensão de 8 x 1,50 m, já não conservava a primitiva estrutura pétrea de revestimento do *tumulus*, nem tão pouco o seu fecho, truncado pelo estradão que lhe passa ao lado.

A escavação da camada 1, principalmente nos quadrados C7 e D7, propiciou a recolha de inúmeros materiais líticos e cerâmicos, possivelmente contidos nas terras, acumuladas pelos violadores, vindas do interior da câmara.

Subjacente a esta identificaram-se duas novas camadas (c.8 e c.9) compostas por terras castanhas claras, arenosas e medianamente compactas, sendo a segunda de tonalidade mais amarelada, artefactualmente estéreis. Estaremos perante as únicas terras *in situ* do *tumulus* registadas em toda a intervenção (I-Fig. 7) (I-Est. IX -2)

A remoção destas camadas estratigráficas permitiu colocar a descoberto o contraforte dos esteios do lado SW da câmara funerária com dimensões e características idênticas ao observado no lado oposto (I-Fig. 5 e 6). Sem dúvida uma estrutura sobrevalorizada por parte dos seus construtores, obedecendo a aturados cuidados não só na sua elaboração como também na seleção da própria matéria-prima, maioritariamente constituída por lajes delgadas, por vezes de grandes dimensões (I-Est. IX – 1 e 2).

1.3.5. A Sanja NW (Fig. 1, 5, 6 e 7)

Com uma extensão de 8 m e correspondendo ao desenvolvimento, para Noroeste, do *tumulus* do monumento a partir do esteio de cabeceira (E8), esta sanja abarcava uma área extremamente remexida, patenteando-se inúmeros elementos pétreos, dispersos e descontextualizados.

Com a escavação da camada de terra vegetal (c.1), constatou-se a profunda perturbação da estrutura de contrafortagem, por vezes atingindo o solo de base (I-Est. VIII - 1). Ainda assim, nos quadrados F9 e F10, observaram-se duas fiadas de pedras dispostas obliquamente que, aparentemente, poderão corresponder ao fim da referida estrutura.

Por detrás do esteio de cabeceira, no quadrado F8, e após a remoção do que restava do contraforte, registou-se a presença de uma unidade estratigráfica distinta (c.7), sendo composta por terras castanhas escuras, medianamente compactas, que se desenvolviam ao nível do solo geológico e ao longo de 0,75 m a partir da base do esteio de cabeceira (I-Est. VIII – 2).

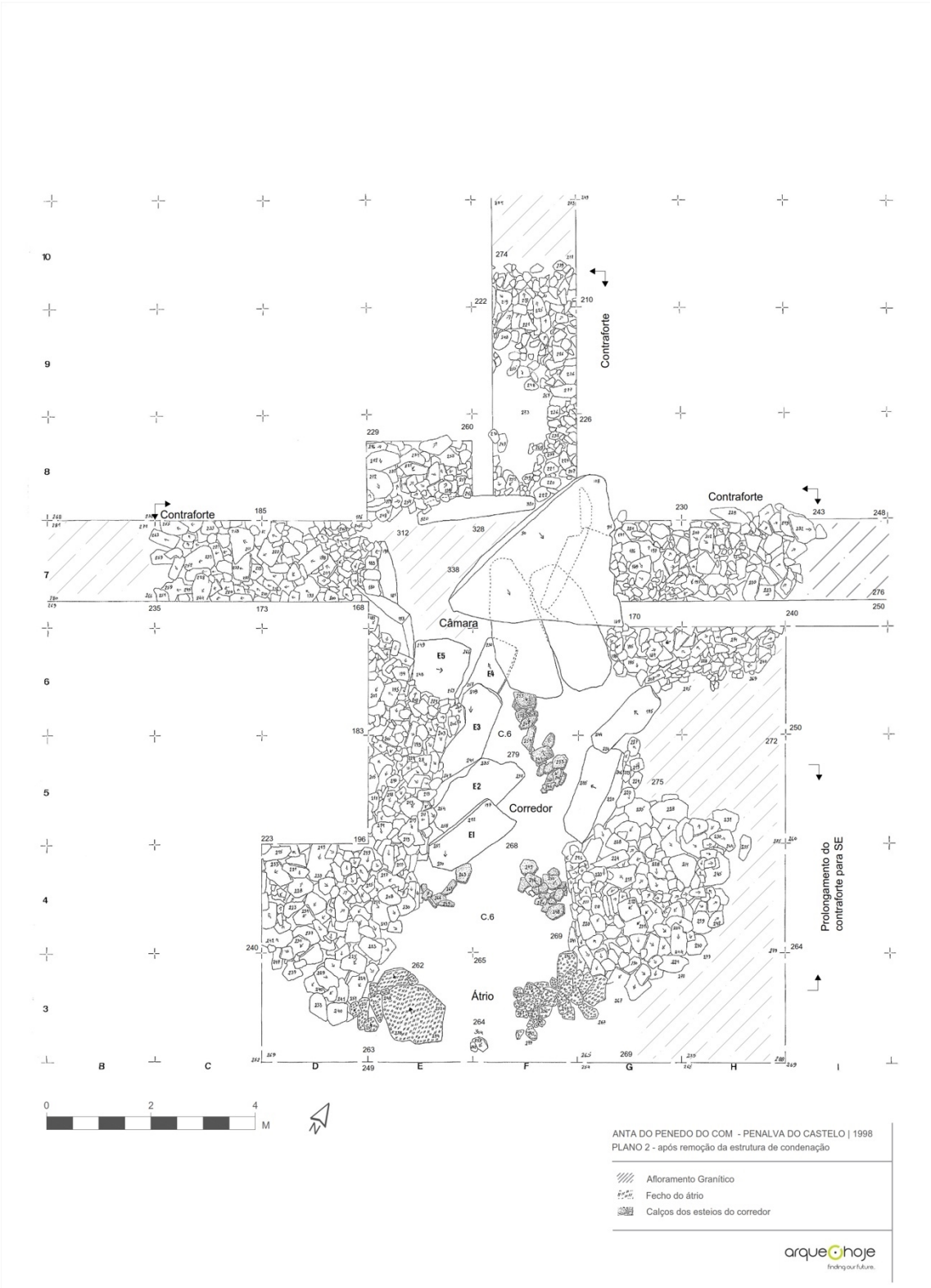


Fig. 6 – Plano 2. Aspecto do monumento ao nível de circulação primário (C.6), após remoção da estrutura de condenação (C.5) e dos elementos pétreos deslocados.

Estávamos na presença da fossa de assentamento da laje de cabeceira que, para além das terras anteriormente descritas, se encontrava preenchida com elementos pétreos de pequenas e médias dimensões, funcionando como calços externos.

A fossa, de configuração semicircular, desenvolvia-se para o quadrado E8, acompanhando o monólito. Atingia uma profundidade máxima de 0,55 m junto à base deste.

Por motivos de avaliação do estado de conservação da estrutura de contrafortagem do esteio de cabeceira, assim como por necessidade de desmontar parte desta estrutura que se deslocou, aquando da espoliação do esteio que sustinha, para o interior do espaço da câmara funerária, procedeu-se à abertura do quadrado E8 (I-Fig. 5 e 6).

Após a remoção da camada superficial (c1), constatou-se a presença do contraforte, ainda bem preservado e com características muito idênticas ao já observado em outras áreas.

1.4. Estratigrafia

A *Anta do Penedo do Com* proporcionou uma estratigrafia que aparece registada nos 5 perfis, os mesmos que em muito contribuíram para um melhor entendimento do modo de construção e das características das diferentes estruturas do monumento, pese embora o adiantado estado de degradação do montículo envolvente, não possibilitou a definição dos seus limites mais externos, ou seja, do *tumulus*.

1.4.1. Corte estratigráfico 1 (F1 a F11) (I-Fig.7)

O corte estratigráfico 1, desenvolvendo-se no sentido SE-NO e com 21 metros de comprimento, secciona longitudinalmente todo o monumento, passando pelo interior da estrutura megalítica.

Pese embora os profundos remeximentos, este corte possibilitou a observação de um conjunto de estruturas com funções claramente distintas, quer no interior do sepulcro

— câmara e corredor ortostáticos — quer na área fronteira a este, relacionável com o acesso intratumular, a descoberto:

— No quadrado F3, é possível observar em secção (projetada) o fecho do átrio;

— Vista, em secção, dos calços do primeiro esteio do corredor (E1), marcando o início do mesmo;

— Vista, em secção, dos esteios tombados do corredor, lado SW (E1, E2, E3 e E4);

— Vista, em secção, do esteio 8 (laje de cabeceira), bem como da sua fossa de implantação e — dos calços que, sob o contraforte, o consolidaram externamente;

— Nos quadrados F9 e F10 observa-se ainda o limite do contraforte, que nesta área do tumulus se encontrava num avançado estado de degradação.

Assim, e tendo como ponto de referência o limite exterior do fecho do átrio, poderemos dizer que primitivamente o *tumulus* se iniciava sensivelmente a 9,60 m para SE da laje de cabeceira e a 2,70 m dos primeiros esteios do corredor.

Para além da identificação de um conjunto de estruturas funcionalmente distintas, este corte estratigráfico permitiu ainda a seguinte leitura estratigráfica.

Camada 1 — Terra humosa superficial, castanha escura, com muitas raízes de calibre diverso e com elementos pétreos dispersos à mistura. Compactidade mediana. Camada resultante de acumulações paulatinas sobre o montículo envolvente, bem como de remeximentos do interior do sepulcro. Foram exumados alguns materiais arqueológicos, dispersos e descontextualizados.

Camada 2 — Terras castanhas amareladas, com raízes de calibre diverso e elementos pétreos dispersos. Compactidade reduzida. Este nível resulta de um processo idêntico, um pouco anterior, ao verificado para a camada 1. No entanto, e ao contrário do verificado anteriormente, aparece em áreas localizadas, geralmente em forma de pequenas bolsas. Foram exumados alguns materiais arqueológicos, dispersos e descontextualizados.

Camada 3 — Terras castanhas amareladas, muito semelhantes às da camada anterior, mas muito mais compactas.

Camada 4 — Terras castanhas escuras, com raízes de calibre diverso, apresentando alguns elementos carbonosos. Compactidade média, distribuindo-se de forma homogénea por toda a área da câmara e corredor. Esta camada é fruto das várias violações tidas ao longo dos séculos, violações essas que atingiram por vezes o afloramento rochoso. Possibilitou a recolha de um significativo número de materiais arqueológicos, pertencentes pelo menos a dois momentos distintos de ocupação do monumento, dispersos e descontextualizados.

Camada 5 — Terras castanhas escuras, com raízes de calibre diversos compacta, com muitos elementos pétreos dispersos e com poucos carvões. Localizada à saída do corredor e no átrio, esta camada pode ter sido depositada no momento de encerramento da sepultura, selando o espaço do átrio e regularizando a configuração da mamoa. Presença de alguns materiais arqueológicos, possivelmente *in situ.*

Camada 6 — Terras castanhas amareladas, granulosas, com raízes de calibre médio/fino. Compactidade mediana, desenvolvendo-se de forma homogénea desde o início do átrio, desaparecendo apenas na área da câmara onde as perturbações foram mais profundas. Esta camada corresponderá ao solo antigo enterrado pela construção do monumento, cujo topo foi utilizado como piso de circulação. Foram exumados alguns materiais arqueológicos, eventualmente próximos do local onde primitivamente foram depositados.

Camada 7 — Terras castanhas escuras, com raízes de calibre médio/fino. Compactidade média, relacionando-se com o enchimento primário da fossa de implantação do esteio de cabeceira, englobando os calços exteriores do mesmo. Foram exumados alguns materiais arqueológicos, eventualmente relacionados com depósitos votivos englobados nos rituais fundacionais.

1.4.2. Corte estratigráfico 2 (C4 a H4) (I-Fig.7)

O corte estratigráfico 2, numa extensão de 12 m e transversal à estrutura interna megalítica, passando junto ao primeiro esteio do corredor, propiciou a observação das seguintes estruturas:

— No interior do corredor, tombado obliquamente para o interior do monumento, é possível observar o primeiro esteio do corredor (E1);

— No quadrado H4, ainda que com muitas reservas, poderemos estar na presença do que restou do revestimento pétreo da mamoa, apoiando-se sobre o contraforte;

— De ambos os lados do corredor, é possível observar-se o contraforte, de tipo "cairn" e cuidadosamente elaborado, desenvolvendo-se simetricamente em cerca de 3,5 m para cada lado e com uma altura máxima de 0,65 m.

Do ponto de vista estratigráfico, para além das camadas previamente descritas, cite-se.

Camada 4b — Terras negras com muitas cinzas, relacionáveis com uma combustão histórica sobre e entre uma camada de pedras. Inclusão de raízes de calibres médio/fino, compactidade mediana.

1.4.3. Corte estratigráfico 3 (B7 a I7) (I-Fig.7)

O corte estratigráfico 3, com 16 m de comprimento e transversal à estrutura interna megalítica, passando sensivelmente a meio da câmara funerária, apresenta características bastante semelhantes ao anterior, permitindo reforçar algumas particularidades e revelar outras.

Assim e para além da vista em projeção dos esteios da câmara, foi possível observar as seguintes estruturas:

— No interior da câmara, e encostando ao elemento central (E8), a laje de cobertura (A) tombada obliquamente.

— O desenvolvimento do contraforte ladeando os esteios da câmara e prolongando-se simetricamente ao longo de 4 m para cada lado).

Fig. 7 – Cortes estratigráficos 1 a 3

Estratigraficamente, é possível observar as seguintes camadas.

Camada 1b — Apresentando características muito idênticas à c.1, sendo tendencialmente mais compacta.

Camada 8 — Terras castanhas-amareladas, arenosas com raízes finas. Compactidade média. Terras *in situ* do *tumulus*.

Camada 9 — Terras castanhas claras, arenosas, compactas. Terras *in situ* do *tumulus*.

1.4.4. Corte estratigráfico B'-B (G4-G3) (I-Fig.2)

Neste perfil, correspondente ao corte preservado no lado NE do átrio do monumento, observam-se:

— As lajes, de grandes dimensões, do fecho do átrio, assentes no solo antigo de base (c.6), cujo topo terá funcionado como piso de circulação.

— O prolongamento, para SE, do contraforte do corredor, delimitando o espaço do átrio, sendo constituído por lajes graníticas sobrepostas, de médio e grande porte.

— Os calços do primeiro esteio do corredor, já inexistente.

Estratigraficamente, observa-se uma nova camada.

Camada 6a — Terras castanhas amareladas, com manchas castanhas escuras, granulosas, e com raízes de calibre médio/fino. Compactidade mediana, ainda assim menos compacta que a camada 6, desenvolvendo-se de forma homogénea sob as pedras do prolongamento do contraforte para SE delimitando o espaço do átrio. Esta camada ao topo original da camada 6 preservado sob o contraforte.

1.4.5. Corte estratigráfico B-B' (E3-E4) (I-Fig.2)

Este corte estratigráfico preservado no lado SO do átrio do monumento, a escassos 3,50 m do anterior, apresenta características bastante semelhantes, clarificando melhor a realidade anteriormente observada:

— O fecho do átrio, menos possante que o congénere oposto, sendo composto por lajes de pequeno e médio porte, sendo que aquelas que encostavam ao contraforte dispunham-se na vertical, exercendo já funções de fecho do *tumulus*, ajudando, desta forma, a suster as terras do mesmo.

— O contraforte, à semelhança do lado oposto, era formado por blocos e lajes de proporções médias, sobrepostos.

Estratigraficamente, observa-se uma nova camada 6b.

Camada 6b — Este estrato é idêntico à camada 6a observada no corte estratigráfico do lado oposto do átrio (B'-B), e a sua interpretação é a mesma. Difere desta na medida em que se apresenta em bolsas, ostenta uma tonalidade mais escura e é mais compacta.

1.5. Amostragem de carvões para análise radiocarbónica (I-Fig. 7)

No decurso dos trabalhos arqueológicos foram recolhidas, ao nível de topo do solo geológico, nas camadas estratigráficas 4 e 6, na fossa de implantação de um esteio e entre os calços de outro, nove amostras de madeira carbonizada visando, sobretudo, a subsequente realização de datações radiocarbónicas.

Ainda que as amostras recolhidas na camada 4, apareçam descontextualizadas, em zonas que foram alvo de profundos revolvimentos, as restantes devem ser valorizadas, uma vez que foram recolhidas no possível piso de circulação do monumento (camada 6) ou ao nível do contacto deste com o solo geológico.

Amostra nº 1 — Nódulo lenhoso carbonizado: 5 x 3 x 1,5 cm. Corredor, quadrado F6; 40 x 24 x 292, camada 6, sobre o afloramento.

Amostra nº 2 — Nódulo lenhoso carbonizado: 4 x 1,5 x 1 cm. Corredor, na fossa do 1º esteio do lado N.E, quadrado F4; 133 x 160 x 310.

Amostra nº 3 — Nódulo lenhoso carbonizado: 3,5 x 2,5 x 0,5 cm. Entrada do corredor, quadrado F4; 122 x 50 x 283, topo da camada 6 (possível piso de circulação).

Amostra nº 4 — Dois nódulos lenhosos carbonizados: 2,5 x 2 x 2,5 cm e 1,5 x 1 x 0,5 cm. Corredor, quadrado F5; 141 x 25 x 267, camada 4.

Amostra nº 5 — Concentração de elementos vegetais carbonizados, próximo de uma mancha de cinzas, um dos quais com dimensões consideráveis: 4 x 2,5 x 1 cm. Corredor, quadrado F5; 181 x 12 x 234, camada 4.

Amostra nº 6 — Pequeno nódulo lenhoso: 2,5 X 1,5 X 0,5 cm. Câmara, nos interstícios dos calços do esteio 6, quadrado E6; 87 X 190 X 307.

Amostra nº 7 — Nódulo lenhoso carbonizado: 3 x 2 x 1 cm. Câmara, próximo da base do esteio de cabeceira sobre o afloramento granítico, Q. E7; 160 x 198 x 322, camada 4.

Amostra nº 8 — Dois pequenos nódulos lenhosos carbonizados. Câmara, quadrado E7; 150 x 75 x 328, camada 6 (possível piso de circulação).

Amostra nº 9 — Dois nódulos lenhosos carbonizados, um dos quais apresentando dimensões consideráveis: 3,5 x 3 x 1 cm. Câmara, quadrado E7; 169 x 97 x 333, camada 4, sobre o afloramento rochoso.

1.6. **Amostragem de sedimentos e restos vegetais** (I-Fig. 8)

No seguimento dos estudos pedológicos e palioambientais, visando um melhor conhecimento da cobertura vegetal, características e potencialidades agronómicas dos solos em tempos pré-históricos, efetuaram-se diversas amostragens de sedimentos em diferentes cortes estratigráficos do monumento.

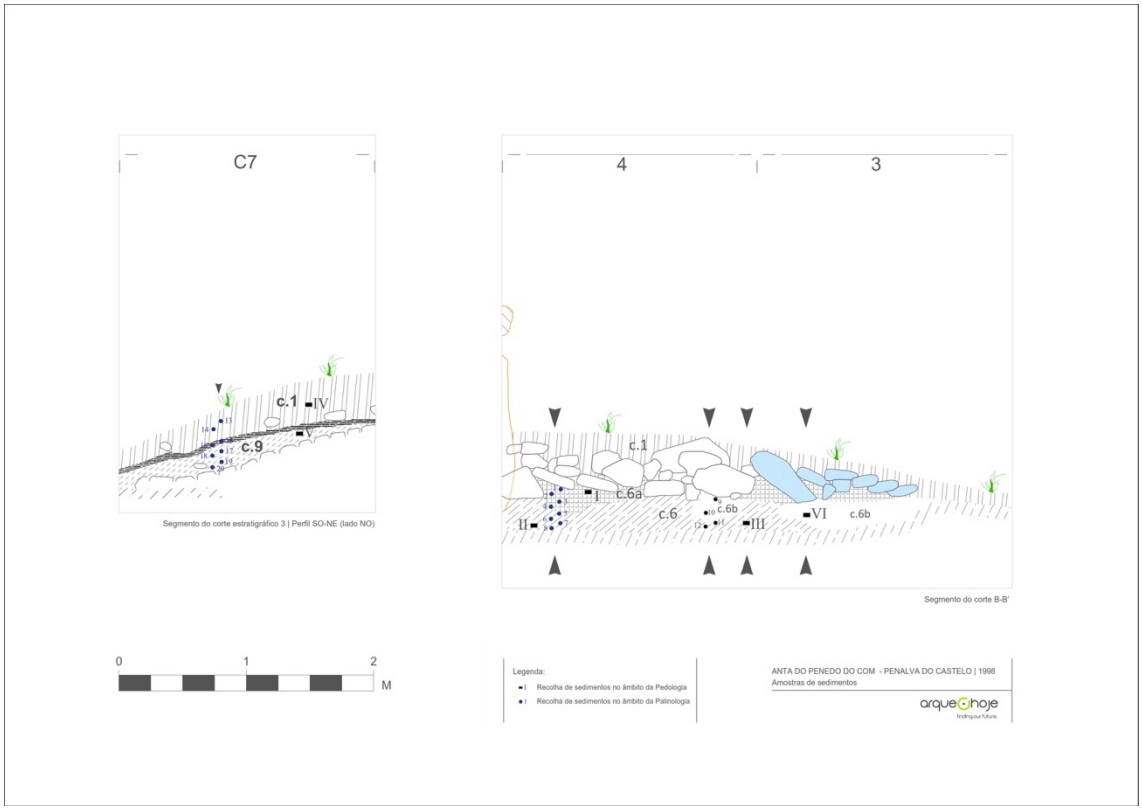


Fig. 8 – Localização de amostragem de sedimentos. Projeção dos cortes 3 e B – B'.

No âmbito da Palinologia, recolheram-se, sensivelmente em quantidades iguais, 20 amostras de terra efetuadas nos cortes estratigráficos 3 e B-B' (Quadro 1).

AMOSTRAGEM DE SEDIMENTOS NO ÂMBITO DA PALINOLOGIA (QUADRO 1)		
N°	**LOCALIZAÇÃO**	**OBSERVAÇÕES**
1	F4; (160x253) Camada 6a; Topo do paleosolo	Corte estratigráfico B-B'
2	F4; (160x258) Camada 6a; Topo do paleosolo	Idem
3	F4; (160x263) Camada 6a; Topo do paleosolo	Idem
4	F4; (160x268) Camada 6; Paleosolo	Idem
5	F4; (160x273) Camada 6; Paleosolo	Idem
6	F4; (160x278) Camada 6; Base do paleosolo	Idem
7	F4; (160x283) Camada 6; Base do paleosolo	Idem
8	F4; (160x288) Camada 6; Base do paleosolo	Idem
9	F4; Camada 6b; Paleosolo	Idem
10	F4; Camada 6b; Paleosolo	Idem
11	F4; Camada 6b; Paleosolo	Idem
12	F4; Camada 6; Base do paleosolo	Idem
13	C7; Camada1;	Corte estratigráfico3
14	C7; Camada 1;	Idem
15	C7; Camada 8; terras do *tumulus in situ*	Idem
16	C7; Camada 8; Terras do *tumulus in situ*	Idem
17	C7; Camada 9; Terras do *tumulus in situ*	Idem
18	C7; Camada 9; Terras do *tumulus in situ*	Idem
19	C7; Camada 9; Terras do *tumulus in situ*	Idem
20	C7; Camada 9; Terras do *tumulus in situ*	Idem

Aproveitando os mesmos cortes estratigráficos, ainda que em diferentes perfis, efetuaram-se 6 amostragens no âmbito da Pedologia (Quadro 2)[110].

AMOSTRAGEM DE SEDIMENTOS NO ÂMBITO DA PEDOLOGIA (QUADRO 2)		
N°	**LOCALIZAÇÃO**	**OBSERVAÇÕES**
I	F4; Camada 6ª; Topo do paleosolo	Corte estratigráfico B-B'
II	F4; camada 6; Base do paleosolo	Idem
III	F4; camada 6; Paleosolo	Idem
IV	C7; Camada 1	Corte estratigráfico 3
V	C7; Camada 8 e 9; Terras do *tumulus in situ*	Idem
VI	F3; Camada 6b; Paleosolo	Corte estratigráfico B-B'

[110] Refira-se a este propósito que nenhum deste material foi estudado/analisado, encontrando-se em reserva nas instalações da Arqueohoje Lda.

2 Fotografias do Anexo I

Estampa I

1 – *Arca do Penedo do Com* antes do início dos trabalhos (1997). Vista de SE.

2 – Pormenor do estado de conservação da câmara funerária. Vista de NW.

Estampa II

1 – Abrigo 1 do Penedo do Com. Vista de SW.

2 – Monte de Stº Ildefonso. Vista de NW.

Estampa III

1 – *Dólmen do Penedo do Com* após limpeza e implantação da quadriculagem.

2 – Corredor e área fronteira após primeira decapagem, observando-se o profundo estado de destruição da zona em questão. Vista de SW

Estampa IV

1 – Esteios tombados do lado NW do corredor e contraforte parcialmente sobreposto.

2 – Corredor e átrio ao nível primário de circulação. Vista de SW.

Estampa V

1 – Pormenor do átrio. Vista de Sul.

2 – Vista geral de SE com o átrio em primeiro plano.

Estampa VI

1 – Vista geral da escavação.

2 – Vista de Este. Em primeiro plano o prolongamento do contraforte definindo o lado NE do átrio.

Estampa VII

1 – Mamoa e contraforte parcialmente destruidos no lado NE do corredor.

2 – Contraforte bem preservado na sanja NE

Estampa VIII

1 – Sanja NW com o contraforte parcialmente destruído.

2 – Fossa de implantação da cabeceira, com calços externos, observada na sanja NW.

Estampa IX

1 – Sanja SW. com o contraforte em primeiro plano.

2 – Estratigrafia da sanja SW. Atente-se às camadas 8 e 9 a cobrirem o contraforte.

Estampa X

1 – Calços e fossas de implantação dos esteios do lado SW do corredor.

2 – Pormenor da área de implantação de E.1 que permitiu definir o início do corredor.

Estampa XI

1 – Reconstituição do *tumulus* com anel pétreo artificial a definir o limite máximo identificado.

2 – Remoção dos esteios tombados da câmara para futura reposição.

Estampa XII

1 – Ensaio com molde em madeira antes da recolocação dos esteios derruídos da câmara.

2 – Esteios do lado NE da câmara recolocados e devidamente “calçados”.

Estampa XIII

1 – Colocação da laje de cobertura da câmara apoiada na cabeceira e nos esteios recolocados.

2 – Esteios primitivos da câmara e corredor reerguidos nas posições originais.

Estampa XIV

1 – Recolocação da única laje de cobertura preservada do corredor.

2 – Aspeto final da *Arca do Penedo do Com* após o restauro de 1998.

Estampa XV

1 – Preenchimento de molde com argamassa para reintegração do topo do esteio.

2 – Aplicação da argamassa de revestimento final da “falsa pedra”.

Estampa XVI

1 – Aspeto dos esteios da câmara reintegrados.

2 – Corredor e câmara com piso de circulação em seixos do rio.

Estampa XVII

1 – Aspeto final após o restauro de 2008.

2 – Vedação em troncos de madeira tratada a delimitar a periferia do monumento.

Anexo II – Artefactos recuperados em rocha ou mineral. Quadros descritivos, desenhos e fotografias

A classificação técnica do material lítico compreendeu a identificação, por observação macroscópica ou com recurso a lupa da matéria-prima[111],análise técnica de talhe e debitagem, o retoque, as dimensões obtidas de acordo com os respetivos eixos morfológicos de cada peça (comprimento, largura e espessura), bem como particularidades da peça (fragmentação, restos de córtex, vestígios de uso).

Para as lâminas, lamelas e micrólitos e, em certa , também para os raspadores, esta foi feita seguindo os conceitos básicos do estabelecido nos trabalhos do G.E.E.M (1969), à semelhança do que tem sido realizado por outros investigadores da Península Ibérica (Fábregas, 1991; Sanches, 1997; Carvalho, 2005), permitindo uma comparação tipológica para áreas geograficamente amplas (Cruz, 2001:43).

Na classificação das pontas de seta, seguimos os critérios estabelecidos por S.O. Jorge (Jorge, 1978), também amplamente utilizado ao longo dos anos (Gomes, 1996; Cruz 2001; Gomes & Perpétuo, 2012).

Para o machado de pedra polida a descrição circunscreve-se a dimensões, forma, perfil, bordos, secção, fio e perfil do gume, talão, técnica, e identificação da matéria -prima.

Também para os moinhos, polidores/percutores, seixos de rio e cristais de quartzo optou-se por uma simples descrição morfológica, dimensões e identificação da matéria-prima.

Os quadros das contas de colar, para além destes, integram ainda descritores como a cor, a forma, a perfuração e outras observações pertinentes.

Acrescem os núcleos, esquírolas e restos de talhe, que não se tratando de artefactos, importa entender a sua semântica uma vez que estamos a tratar de um contexto funerário.

---

[111] A identificação de algumas matérias-primas menos comuns foi feita pelo Dr. António Alberto Huet Bacelar (pendente em aplito), do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, e pelo Doutor Pedro Manuel Proença e Cunha (contas em Lidito, quartzo polido e calcite, bem como um polidor/amolador em Metagrauvaque), Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, a quem, uma vez mais, expressamos sincero agradecimento.

1 Micrólitos geométricos

1.1 Micrólitos geométricos. Quadros descritivos

ANTA DO PENEDO DO COM — Micrólitos geométricos (Quadro I)										
Nº ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**CLASSIFICAÇÃO** [seg. G.E.E.M., 1969]	**SECÇÃO**	**RETOQUES**	**MEDIDAS**			**OBSERVAÇÕES**
							Comp.	Larg.	Esp.	
1 Fig. 10.1	APC-98-1044	E7; câmara, c.4; 100 x 144 x 282 cm	Sílex castanho	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior curta; truncatura menor côncava	Trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	1,9	1,1	0,3	Deslocado da posição original
2 Fig. 10-2	APC-98-302	E8; fossa do E.8, c.7; 65 X 10 X 267 cm	Sílex Bege	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior curta	Trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	2,4	1,6	0,4	*Idem?*
3 Fig. 10-3	APC-98-935	F6; câmara; c.4; 140 x170 X 292 cm	Sílex	Trapézio simétrico	Triangular	Abruptos nas truncaturas	2,5	1,3	0,4	*Idem*
4 Fig. 10-4	APC-98-617	F4; átrio, transição c. 5 para c.6; 7 x 50 x 270 cm	Sílex	Segmento simétrico	Trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	2,5	1,2	0,2	Possivelmente *in situ*
5 Fig. 10-5	APC-98-1038	E6; câmara, base da c.4; peneiração	Sílex	Trapézio retângulo c/ truncatura maior curta	Triangular	Abruptos nas truncaturas	2,4	1,5	0,4	Deslocado da posição original
6 Fig. 10-6	APC-98-293	F5; passagem do átrio para o corredor, topo c.6; peneiração	Sílex Castanho	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior curta; truncatura menor côncava	Trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	2	1,6	0,5	Fragmentado. Possivelmente *in situ*
7 Fig. 10-7	APC 98 871	G5; periferia do corredor, c.4; 6 X 80 x 292 cm	Quartzo hialino	Trapézio retângulo, assimétrico, com truncatura maior curta.	Triangular	Abruptos nas truncaturas e rasantes	1,7	1,3	0,4	Deslocado da posição original; possível ponta microlítica s/ lasca?
8 Fig. 10-8	APC-98-943	F7; câmara, c.4; 40 x 1,70 x 295 cm	Quartzo hialino	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior curta	Triangular	Abruptos nas truncaturas	2,4	1,2	0,3	*Idem*
9 Fig. 10-9	APC-98-1052	F5; corredor, c. 6; peneiração	Sílex	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior curta, sub-convexa	Triangular	Abruptos na truncatura	2,2	1,4	0,4	*In situ*

10 Fig.10-11	APC-98-287	E7; câmara, c. 4; peneiração	Sílex Bege	Trapézio retângulo, com truncatura maior longa	Triangular	Abruptos na truncatura maior	2,3	1,3	0,3	Deslocado da posição original
11 Fig.10-12	APC-98-315	F7; câmara, c. 4; 150 x 72 x 297 cm	Sílex	Trapézio retângulo c/ truncatura maior longa	Triangular	Abruptos nas truncaturas	2,2	1,2	0,3	*Idem*
12 Fig.10-13	APC-98-652	F9; entre as pedras do contraforte, c.1; peneiração	Sílex	Segmento simétrico largo	Trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	2,6	1,2	0,3	*Idem*
13 Fig.10-14	APC-98-608	F4; átrio, topo da c.6; 90 x 17 x 270 cm	Sílex translucido	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior curta; truncatura menor côncava	Trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	2	0,9	0,2	*In situ*
14 Fig.10-15	APC-98-612	F4, átrio, c. 5/c.6; peneiração	Sílex	Trapézio retângulo c/ truncatura maior longa	Sub-trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	2,6	1,1	0,2	*Idem*
15 Fig. 10.16	APC-98-291	F4; átrio, c.5/c.6; peneiração	Sílex Bege	Trapézio assimétrico c/ truncatura maior longa sub-côncava e truncatura menor côncava	Triangular	Abruptos nas truncaturas	2,2	1,2	0,35	Possivelmente *in situ*
16 Fig. 10-17	APC-98-653	G5; periferia corredor, c. 4; peneiração	Sílex mosqueado	Trapézio retângulo c/ truncatura maior curta	Sub-Trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	2,2	1,2	0,3	Deslocado da posição original
17 Fig. 10-18	APC-98-865	E7; câmara, nível inferior de c. 4; 96 x 112 x 324 cm	Sílex	Trapézio retângulo c/ truncatura maior curta	Sub-Trapezoidal	Abruptos nas truncaturas	2,1	1,1	0,2	*Idem*
18 Fig. 10-10	APC-98-869	E6; câmara sob E.5, c.4; 155 x 161 x 304 cm	Sílex bege claro	Trapézio retângulo c/ truncatura maior longa	Triangular	Abruptos na truncatura menor, semi-abruptos na truncatura Maior e rasantes na base (serrilhado)	3,2	1,8	0,3	*Idem*

1.2 Micrólitos geométricos. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

A intervenção arqueológica na *Arca do Penedo do Com* permitiu a recolha de 18 micrólitos geométricos (7 trapézios retângulos, 7 trapézios assimétricos, 1trapézio simétrico e 2 segmentos).

A maioria destes foram exumados fora do seu contexto primário de deposição, nas terras revolvidas da câmara (5 trapézios retângulo, 2 trapézios assimétricos e 1 trapézio simétrico) e corredor (2 trapézios retângulo).

Entre estes, salvaguarda-se um trapézio retângulo (APC.98-1038) (II-Fig. 10-5) recolhido na câmara ao nível de base da camada 4, praticamente em contacto com o substrato de base, que, com as devidas reservas, poder-se-ia encontrar em localização próxima à primária.

Neste âmbito, deve ser igualmente considerado um trapézio assimétrico (APC.98-302) recolhido na lateral SW. da fossa do esteio de cabeceira (E.8) e um segmento identificado entre as pedras do contraforte na sanja NW (APC.98-652) (II-Fig. 10-2 e 13).

No primeiro caso, admite-se um ato deliberado, eventualmente relacionado com uma deposição ritual fundacional. Ainda assim, e tendo em conta que a área em causa foi profundamente perturbada com a remoção do esteio que originalmente ladeava a cabeceira a SO., é possível que este artefacto tenha integrado um enxoval fúnebre depositado no interior da câmara e que paulatinamente tenha sido arrastado para o interior da fossa fundacional de E.8.

Quanto ao segmento recolhido na estrutura de contrafortagem, tendo em conta que a área onde foi recolhido se encontrava visceralmente remexida, a hipótese de se tratar de um ato intencional afigura-se mais remota.

No átrio do monumento, ao nível de topo do piso de circulação (c.6) foram identificados *in situ* 2 trapézios assimétricos (APC.98-291 e 608), um trapézio retângulo (APC.98- 612) e um segmento (APC.98-617) (II-Fig. 10-16, 14 e 4). No mesmo contexto estratigráfico recolheram-se mais dois trapézios assimétricos, um na passagem do átrio para o corredor (APC.98-293) e outro já em pleno corredor (APC.98-1052).

Os artefactos recolhidos no átrio, sob a camada de terras (c.5) que condenou o monumento, podem ter integrado oferendas/deposições relacionadas com rituais de encerramento primário da sepultura e/ou outros dos momentos em que esta se encontrou em uso, sendo adscrito um significado distinto para aquele que se encontrava no corredor, eventualmente associado a oferendas fúnebres.

1.3 Desenhos e fotografias

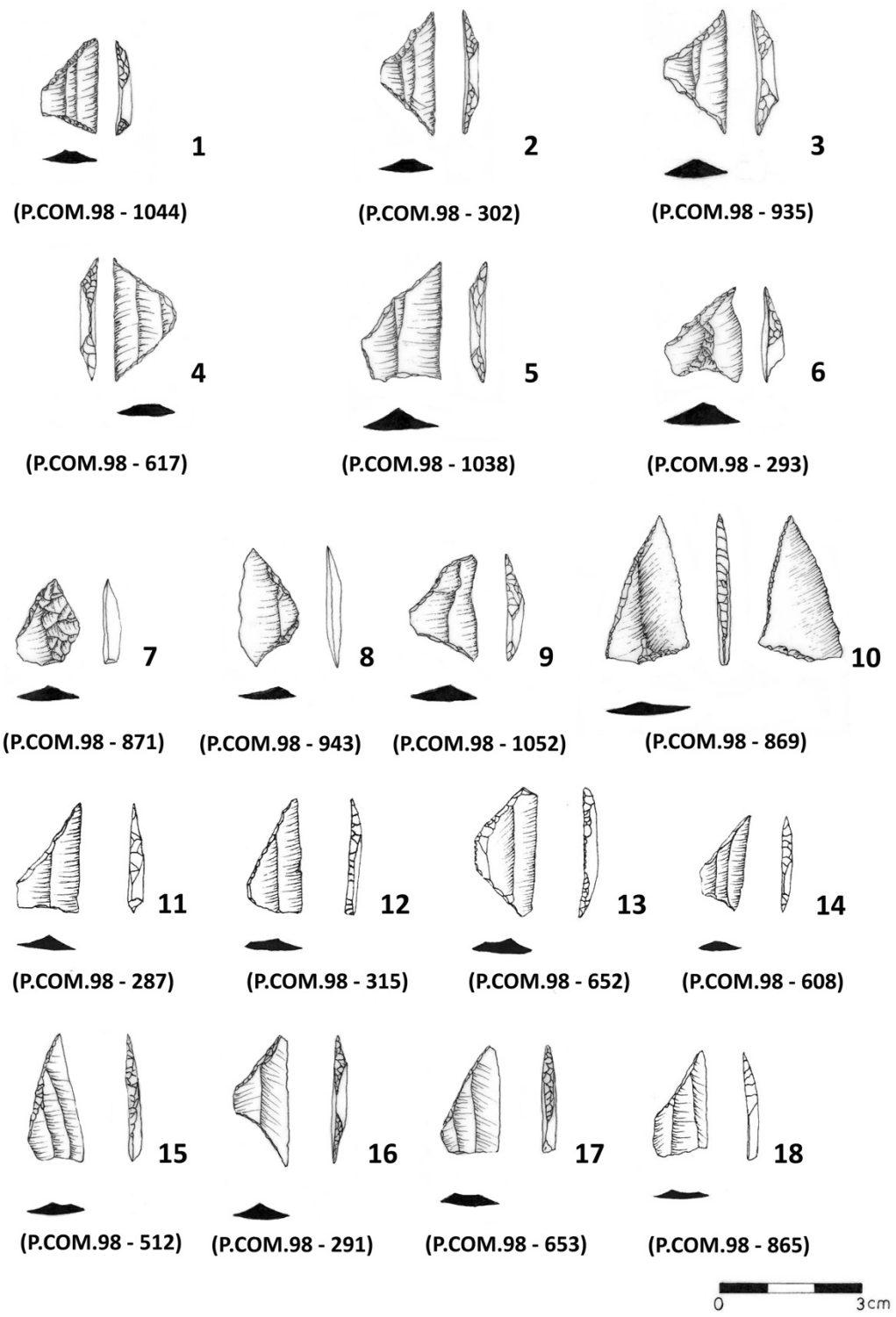


Fig. 10 – Anta do Penedo do Com. Micrólitos geométricos.

Estampa XVIII

1 – Exemplos das diferentes tipologias de micrólitos.

2 – Micrólito retângulo com truncaturas finamente retocadas (serrilhado) (APC.98-869).

2 Lâminas e lamelas

2.1 Lâminas e lamelas. Quadros descritivos

ANTA DO PENEDO DO COM — Lâminas (Quadro II)											
N° ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**TALÃO**	**MORFOLOGIA**		**RETOQUES**	**MEDIDAS (cm)**			**OBSERVAÇÕES**
					SECÇÃO	**PERFIL**	**Inclinação / Amplitude / Direção / Modo / Distribuição**	**comp.**	**larg.**	**esp.**	
1 Fig. 11-1	APC-98-610	F4; átrio, c.3; peneiração	Sílex Bege	Facetado com retoques semi-abruptos	Triangular	Retilíneo	Abruptos e semi-abruptos, marginais, indiretos, paralelos, contínuos	1,8	1,5	0,4	Fragmento mesial; retoques muito finos
2 Fig. 11-2	APC-98-283	E3; átrio, c.3; peneiração	Sílex castanho claro	Incipientes retoques semi-abruptos	Sub-trapezoidal	Sub-retilíneo	Rasantes, marginais, indiretos, Subparalelos, descontínuos	2,8	2	0,7	Fragmento distal; retoques incipientes
3 Fig. 11-3	APC-98-300	G5; corredor, c.3; peneiração	Sílex castanho claro	—	Sub-trapezoidal	Sub-retilíneo	Semi-abruptos rasantes, marginais, indiretos, irregulares, descontínuos	2,3	1,8	0,3	Fragmento proximal; retoques incipientes
4 Fig. 11-4	APC-98-658	F5; corredor, c.3; (167x80x233)	Sílex Branco	—	Sub-trapezoidal	Sub-curvilíneo	Semi-abruptos, marginais, diretos, Subparalelos, descontínuos	2,5	1,7	0,3	Fragmento da extremidade proximal, retoques incipientes.
5 Fig. 11-5	APC-98-274	E5; corredor, c.3; peneiração	Quartzo hialino	—	Sub-trapezoidal	Retilíneo	Sem retoques	5,1	1,9	0,6	Completa
6 Fig. 11-6	APC-98-643	G6; periferia câmara, c.3; (140x170x208)	Sílex Bege	liso	Triangular	Sub-curvilíneo	Semi-abruptos e rasantes, marginais, diretos, irregulares, descontínuos.	4,2	1,7	1,1	Fragmentado na extremidade proximal; retoques incipientes
7 Fig. 11-7	APC-98-616	G4; periferia átrio, c.1; (170x30x228)	Sílex castanho mosqueado	Liso	Sub-trapezoidal	Sub-retilíneo	Rasantes, marginais, indiretos, Subparalelos, descontínuos	4,06	2	1,1	Fragmentada na extremidade proximal; retoques incipientes
8 Fig. 11-8	APC-98-313	F5; corredor, c.1; (65x125x219)	Sílex castanho claro	Facetado com retoques abruptos	Sub-trapezoidal	Retilíneo	Semi-abruptos, marginais, diretos, Subparalelos, descontínuos	2,8	2	0,6	Fragmento mesial; retoques incipientes e escassos
9 Fig. 11-9	APC-98-1017	F6; corredor, c.4; peneiração	Sílex acinzentado	Liso	Sub-trapezoidal	Sub-curvilíneo	Semi-abruptos e rasantes, marginais, diretos e bifaciais, contínuos.	4,7	1,9	0,6	Fragmentada na extremidade proximal, retoques bem demarcados;
10 Fig.12-1	APC-98-307	G6; periferia corredor, c.1; (71x10x230)	Sílex branco	Liso	Trapezoidal	Sub-curvilíneo	Semi-abruptos, marginais, diretos, Subparalelos, descontínuos	8,2	2,7	0,7	Fragmentada na extremidade proximal; retoques incipientes e escassos
11 Fig.12-2	APC-98-627	E3; átrio, c.6; (120x130x289)	Sílex castanho (acinzentado)	—	Triangular	Sub-curvilíneo	Semi-Abruptos, marginais, diretos, paralelos e escamosos, contínuos	3,5	1,3	0,45	Fragmentada na extremidade distal; retoques bem demarcados
12 Fig. 12-3	APC-98-795	F6; corredor, c.3; (1,11x149x256)	Sílex castanho mosqueado	—	Triangular	Curvilíneo	Abruptos; Marginais, Inversos; Subparalelos; Descontínuos.	4,9	1,6	0,4	Fragmentada na extremidade distal;

ANTA DO PENEDO DO COM — **Lamelas** (Quadro III)											
N.° ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**TALÃO**	**MORFOLOGIA**		**RETOQUES**	**MEDIDAS (cm)**			**OBSERVAÇÕES**
					SECÇÃO	**PERFIL**	**Inclinação / Amplitude / Direção / Modo / Distribuição**	**comp**	**larg.**	**esp.**	
1 Fig.13- 8	APC-98-1050	E4; átrio, c.6; peneiração	Sílex castanho	—	Sub-trapezoidal	Retilíneo	Sem retoques	1,1	0,6	0,2	Fragmento mesial
2 Fig. 13-9	APC-98-647	E3; átrio, c.6; 91x123x 274 cm	Sílex	Liso	Sub-trapezoidal	Retilíneo	Sem retoques	1,1	0,7	0,2	Fragmento distal
3 Fig.13-1	APC-98-986	F6; câmara, c.4; 116x187x269 cm	Quartzo hialino	Facetado c/ retoques abruptos	Sub-trapezoidal	Sub-curvilíneo	Rasantes, marginal, diretos, subparalelos, contínuos.	3,4	0,9	0,3	Completa. Retoques incipientes.
4 Fig.13-2	APC-98-879	F8; fossa exterior da cabeceira, c.7; 75x70x307 cm	Quartzo hialino	Liso	Subtriangular	Sub-retilíneo	Rasantes, marginal, diretos, paralelos, contínuos.	2,7	0,9	0,2	Completa
5 Fig.13-3	APC-98-1025	F7; câmara, c.4; peneiração	Quartzo hialino	Liso	Sub-trapezoidal	Sub-retilíneo	Sem retoques	2,8	0,8	0,2	Completa
6 Fig.	APC-98-1008	G7; câmara, c.4; 4x32x 2,92 cm	Quartzo hialino	Liso	Triangular	Retilíneo	Sem retoques	2,1	0,4	0,2	Completa
7 Fig.13-4	APC-98-877	F5; corredor, c.6; 135x152x280 cm	Quartzo hialino	Liso	Triangular	Sub-curvilíneo	Sem retoques	1,3	0,6	0,2	Completa
8 Fig.13-5	APC-98-985	F6; câmara, c.4; peneiração	Quartzo hialino	Liso	Sub-trapezoidal	Sub-retilíneo	Rasantes, marginal, diretos, paralelos, contínuos.	1,6	0,6	0,2	Completa. Retoques incipientes.
9 Fig. 13-6	APC-98-934	F6; câmara, c.4; 140 x 170 x 299	Quartzo hialino	Facetado c/ retoques rasantes	Triangular	Sub-curvilíneo	Sem retoques	1,8	0,6	0,2	Completa?
10 Fig.13-7	APC-98-944	F7; câmara, c.4 (base); 40x170x325 cm	Quartzo hialino	_	Trapezoidal	Sub-curvilíneo	Rasantes, cobridores, diretos, escamosos, contínuos.	2,2	0,9	0,3	Fraturada na extremidade proximal
11 Fig.13-14	APC-98-984	F6; câmara, c.4; peneiração	Quartzo hialino	Liso	Triangular	Curvilíneo	Sem retoques	2,2	0,9	0,4	Completa
12 Fig.13-10	APC-98-668	E4; átrio, c.6; 180x100x275 cm	Quartzo hialino	Facetado c/ retoques rasantes	Triangular	Curvilíneo	Rasantes, marginal, diretos, paralelos, descontínuos.	3,5	1	0,3	Completa
13 Fig. 13-11	APC-98-667	E3; átrio, c.3; peneiração	Quartzo hialino	Facetado c/ retoques rasantes	Triangular	Sub-curvilíneo	Rasantes, marginal, diretos, subparalelos, descontínuos.	3,2	1	0,3	Completa. Retoques incipientes.
14 Fig.13-12	APC-98-295	F5; corredor, c.4; 69 x 152 x 232 cm	Quartzo hialino	Liso	Sub-trapezoidal	Curvilíneo	Rasantes, marginal, diretos, subparalelos, contínuos/descontínuos.	2,6	1,1	0,3	Completa
15 Fig. 13-13	APC-98-669	F4; átrio/corredor, topo de c.6; 122x50x275 cm	Quartzo hialino	Liso	Triangular	Sub-retilíneo	Rasantes, marginal, diretos, paralelos, contínuos/descontínuos.	3,6	1,1	0,4	Lig. fraturada na extremidade proximal

2.2 Lâminas e lamelas. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

A escavação arqueológica da *Anta do Penedo do Com* facultou a recolha de 12 lâminas, 1 completa e 11 fragmentadas, e 15 lamelas, 9 das quais completas.

Em sentido lacto, este instrumento mais não é que uma lasca alongada, tipologicamente definida em termos métricos —o comprimento deverá ser igual ou superior a duas vezes a largura — distinguindo-se da lamela na medida em que esta não deve ultrapassar uma largura superior a 12 mm (Cruz, 2001:43).

As lâminas encontravam-se maioritariamente deslocadas dos seu locais de deposição primário, dai não ser de estranhar o caracter marcadamente fragmentado do conjunto, em níveis estratigráficos revolvidos (c.3 e c.4) da câmara e corredor, ou em áreas periféricas a estes.

Releva-se, no entanto, um exemplar (APC-627) (II-Fig.12-2) literalmente enterrado no átrio, encostado à estrutura de fecho (Quadrado E.3; c.6), lembrando, de certa forma, o conjunto de lâminas "cravadas" no átrio do Dólmen de São Pedro Dias, Poiares (Tavares, 1980), ou a considerável quantidade de espólio, com predominância de lâminas lisas e retocadas, identificado no átrio da Orca de Moinhos de Vento (Arganil) (Leisner, 1998: 139-142, Abb. 7ª), aqui eventualmente relacionadas com os momentos finais de utilização destes dólmens (Cruz, 2001: 307), quiçá com os rituais pré-selagem ocorridos nesta área especifica dos monumentos.

Identificaram-se igualmente 15 lamelas, predominantemente em quartzo hialino, das quais 9 encontravam-se distribuídas aleatoriamente nas camadas (c.3 e c.4) revolvidas da câmara (7 exemplares), corredor (1 exemplar) e área fronteira (1 exemplar); e 6, recolhidas nas camadas 6 e 7, em posição próxima à deposição primária.

Destas últimas, 4 exemplares encontravam-se sobre o nível de circulação do átrio (APC.98 – 1050, 647, 668 e 669) (II-Fig.13-8, 9, 10, 13), admitindo-se, principalmente para as duas magnificas lamelas completas e retocadas (APC.98 – 668 e 669) (II-Fig. 13-10, 13), um ato intencional na sua deposição, eventualmente, integrando os rituais de encerramento/condenação do monumento e/ou outros próximos a este momento.

No corredor, ao nível de topo da camada 6, recolheu-se uma lamela completa (APC.98-877) (II-Fig.13-4) de reduzidas dimensões que, com as devidas reservas, julgamos próxima da sua posição original, possivelmente associada à panóplia de materiais que integraram as deposições primárias ocorridas no espaço do interno fechado da sepultura.

No interior da fossa externa de E.7 (câmara funerária), sob os calços que acondicionavam a base do esteio à fossa, foi achada, em contexto estratigráfico seguro, uma lamela completa em quartzo hialino (APC.98 – 879) (II-Fig.13-2). Tendo em conta o contexto da recolha, é possível que este artefacto tenha sido depositado intencionalmente no interior da fossa; eventualmente no espaço de tempo que mediou a colocação do esteio de cabeceira e o acondicionamento da cavidade com calços em pedra e terra, incluso num rito fundacional, quiçá em contexto idêntico ao do trapézio assimétrico (APC.98 – 302) (II-Fig.12-2), recolhido na lateral SW. desta mesma fossa.

Nesta medida, aceita-se que todo este conjunto de lâminas e lamelas tenha integrado as deposições primárias ocorridas no monumento, ainda que pareça evidente que nem todas tenham servido os mesmos propósitos.

2.3 Desenhos e fotografias

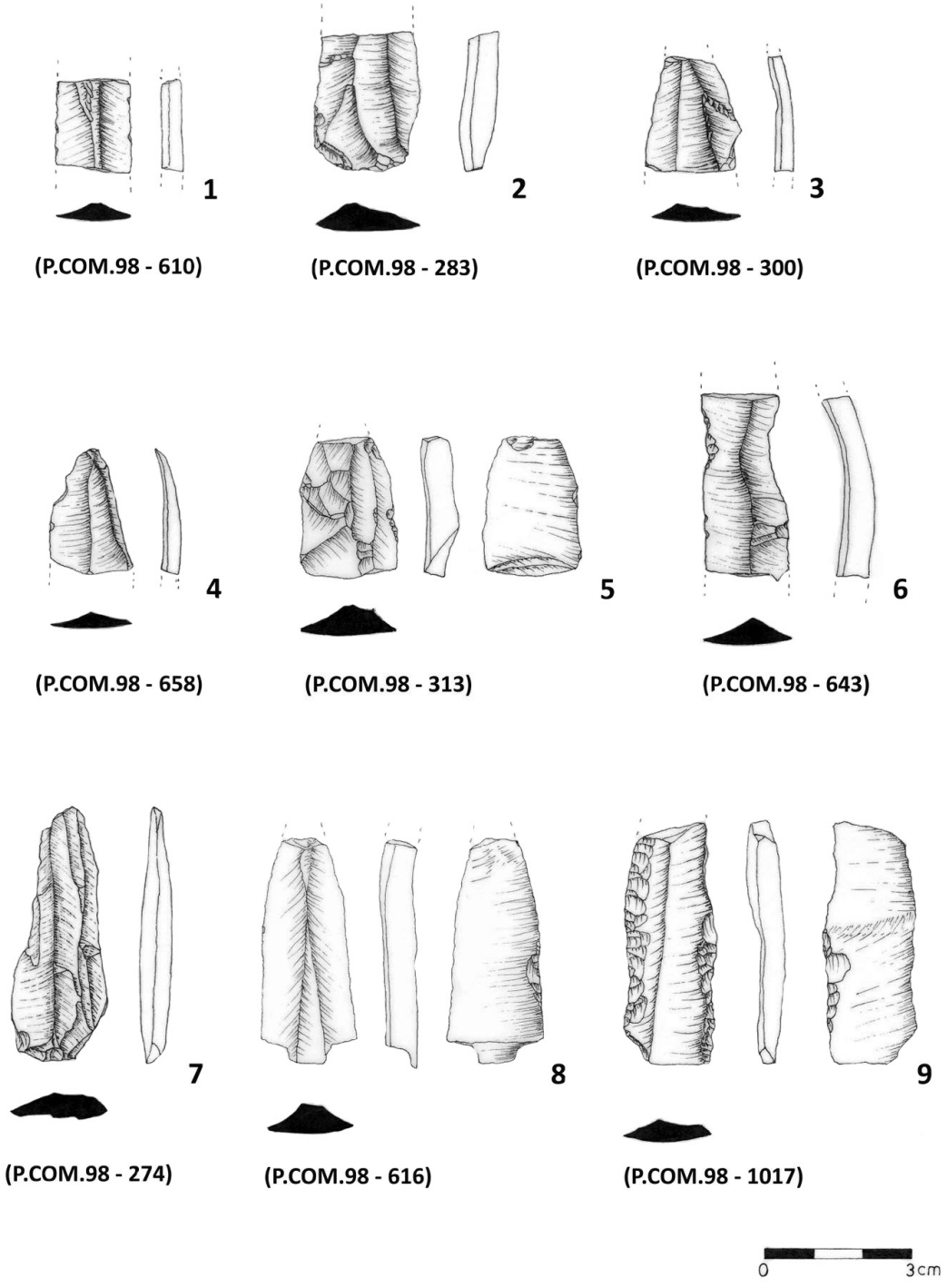


Fig. 11 – Lâminas.

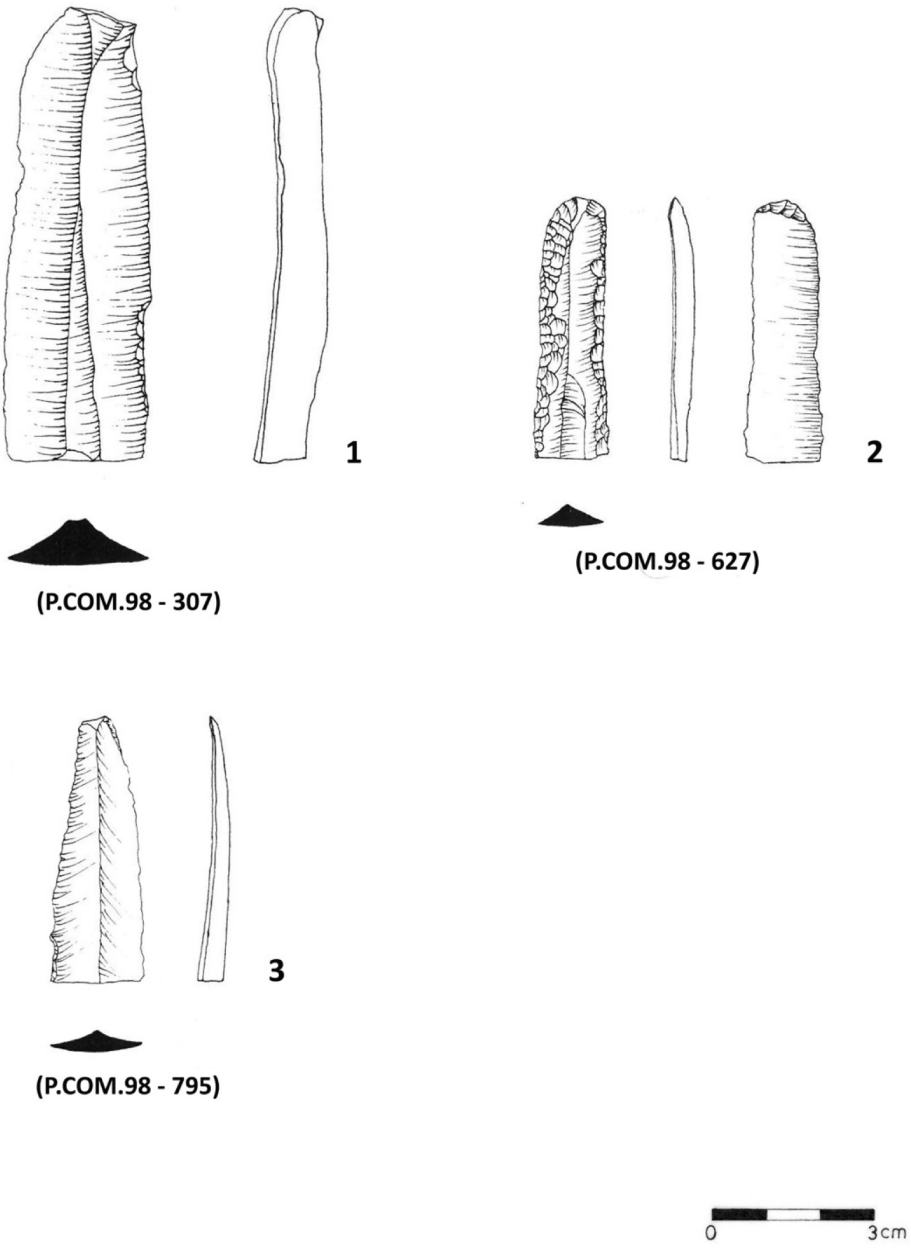


Fig. 12 – Lâminas e lamela.

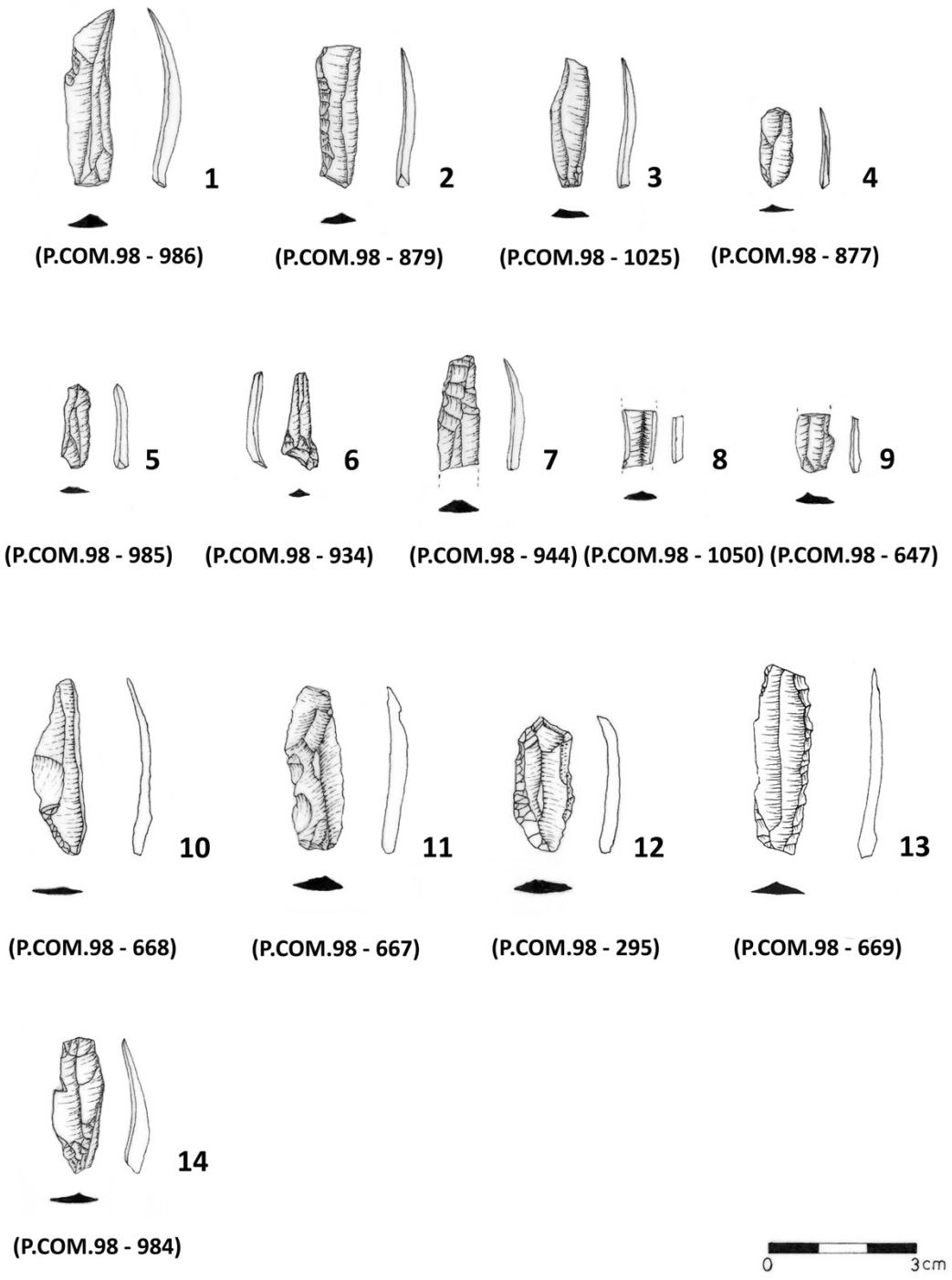


Fig. 13 –Lamelas.

Estampa XIX

1. Fragmentos de Lâminas.

2. Lâmina profusamente retocada (APC.98-627) (II-Fig. 12-2) exumada no átrio (c.6).

1. Lamelas em quartzo hialino.

3 Pontas de seta

3.1 Pontas de seta. Quadros descritivos

Anta do Penedo do Com - Pontas de seta [Quadro IV]																												
Nº ORDEM	**IDENT**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**ORDEM**	**GRUPO**	**TIPO**	**SUBTIPO**	**VARIANT**	**MEDIDAS (cm)**					**ÍNDICES (cm)**				**MORFOLOGIA**				**RETOQUES (anverso e reverso)**					**OBS.**
									I	L	ESP	L1	L2	L/I	I / ESP	L1/L2	L1/I	PONTA	CORPO	BASE	PERFIL	INCLINAÇÃO	AMPLITUDE	DIRECÇÃO	MODO	DISTRIBUIÇÃO	
1 Fig.15-1	APC-98-297	F6; câmara; c.4 191 x110 x 211	Sílex vermelho	Triangular	Reta	Curto	Sem aletas	Alteada	1,7	2,5	0,3	-	-	1,47	4,85	-	-	Inteira, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos sub-convexos	Reta	Côncavo-convexo	Rasantes	invasores, longos	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	-
2 Fig. 15-2	APC-98-284	G6; corredor; c.4; 114 x 10 x 218	Sílex, castanho claro/acinzentado	Triangular	Triangular	Alongado	Sem aletas	Alteada	1,25	3,4	0,3	2,8	0,6	2,72	4,16	4,66	2,17	Aguçada, assimétrica Bordos côncavos	Alongado, bordos sub-convexos.	Triangular assimétrica	Plano-convexo	Semi-abruptos-rasantes	invasores, longos	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos, descontínuos	-
3 Fig. 15-3	APC-98-615	G5; contraforte; c.3; 153 x 122 x238	Sílex, castanho com tonalidades roxas	Triangular	Côncava	Elevado	Sem aletas	Alteada	2,1	4,2	0,4	-	-	2	5,25	-	-	Lig. Fraturada, assimétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, bordos sub-côncavos	Côncava	Convexo-convexo	Rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	Ponta ligeiramente fraturada
4 Fig. 15-4	APC-98-317	F5; corredor; c.4 180 x 59 x 234	Sílex, bege com tonalidades rosa	Triangular	Bicôncava	Elevado	Sem aletas	Alteada	1,3	2,8	0,3	-	-	2,15	4,33	-	-	Inteira assimétrica Bordos côncavos	Elevado, bordos sub-convexos.	Bicôncava, assimétrica	Plano-convexo	Semi-abruptos-rasantes	Cobridores, invasores, longos	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	-
5 Fig.16-1	APC-98-280	G6; periferia corredor; c.4; peneiração	Sílex bege	Triangular	Reta	Elevado	Aletas simétricas	Alteada	1,70	3,45	0,35	-	-	2,02	4,85	-	-	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Elevado, bordos retilíneos	-	Plano-convexo	Rasantes	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	Lig. frag. numa das aletas
6 Fig. 16-2	APC-98-624	G5; periferia corredor; c.4; 13 x 170 x 276	Sílex castanho claro	Triangular	Pedunculada	Alongado	Sem aletas	Alteada	1,50	3,60	0,30	3,20	0,40	-	5,00	8,00	2,13	Aguçada, assimétrica, bordos sub-retilíneos convergentes	Alongado, bordos sub-retilíneos	Pedunculada, curta, bordos sub-côncavos	Plano-côncavo	Rasantes	Invasores, marginais	Bifaciais	Subparalelos, escamosos	Contínuos	-
7 Fig. 16-3	APC-98-630	F8; contraforte; c.1; peneiração	Sílex branco	Triangular	Triangular	Mediano	Sem aletas	Espessa	1,30	2,10	0,35	1,55	0,55	-	3,71	2,81	1,19	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos, Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos sub-convexos	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores Invasores	Bifaciais	Escamosos, paralelos	Contínuos	Base lig. convexa
8 Fig. 16-4	APC-98-314	F5; corredor; c.4; 87 x 158 x 232	Sílex rosa	Losângica	Triangular	Curto	Esboço de uma aleta	Alteada	2,00	2,20	0,50	1,20	1,00	-	4,00	1,20	0,60	Aguçada, assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, assimétrico, bordos retilíneos	Triangular, mediana, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
9 Fig. 17-1	APC-98-650	D7; sobre o contraforte; c.1; peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Reta	Elevado	-	Espessa	1,90	3,90	0,50	-	-	2,05	3,80	-	-	Fragmentadas, lig. assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Elevado, bordos retilíneos	-	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos Subparalelos	Contínuos, descontínuos	Fragmentada tanto na ponta como na base
10 Fig. 17-2	APC-98-860	E7; câmara; c.4 150x100	Quartzo hialino	Pedunculada	Pedunculada	Mediano	Sem aletas	Espessa	1,70	3,40	0,60	3,00	0,40	1,76	2,83	7,50	1,76	Aguçada, bordos convexos, convergentes	Mediano, bordos convexos	Pedunculada, curta, assimétrica, bordos côncavos	Plano-convexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	-
11 Fig. 17-3	APC-98-298	G5; periferia corredor; c.4; peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Mediano	Sem aletas	Espessa	1,70	2,55	0,65	1,65	0,90	-	2,61	1,83	0,9	Fragmentada, assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos retilíneos	Biconvexo	Rasantes, abruptos, e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	Fragmentada na ponta
12 Fig. 17-4	APC-98-662	G6; periferia corredor; c.4; 120 x10 x 253	Quartzo hialino acinzentado	Triangular	Triangular	Mediano	Sem aletas	Alteada	2,00	2,90	0,45	2,05	0,85	-	4,44	2,94	1,02	Fragmentada, assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos sub-rectilíneos	Biconvexo	Semi-abruptos	Marginais, invasores	Bifaciais	Escamosos, Subparalelos curtos	Contínuos	Frag. na ponta

13 Fig. 18-1	APC-98-625	F3; entrada do átrio; c.6 67 x 140 x 267	Sílex rosa	Triangular	Pedunculada	Alongado	Sem aletas	Alteada	1,80	4,70	0,45	4,40	0,30	-	4,00	1,46	2,44	Fragmentada, simétrica, bordos retilíneos, convergentes	Alongado, bordos retilíneos	Curta, bordos sub-côncavos	Plano-convexo	Rasantes	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos,	Contínuos,	Lig. Frag. na ponta e na base
14 Fig. 18-2	APC-97-614	F5; corredor; c.3 194 x 66 x 201	Sílex bege	Triangular	Convexa	Elevado	-	Espessa	1,40	4,15	0,45	-	-	2,96	3,11	-		Lig. frag., simétrica, bordos sub-convexos convergentes	Elevado, bordos convexos	-	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos	Lig. frag. na ponta
15 Fig. 18-3	APC-98-657	F3; átrio; c.6 67x183x286 cm	Sílex branco "sujo"	Triangular	Triangular	Mediano	Sem aletas	Espessa	1,30	2,90	0,45	2,40	0,50	-	2,88	4,80	1,84	Aguçada, lig. assimétrica, bordos Sub-retilíneos convergentes	Mediano, bordos Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Plano-convexo	Abruptos, semi-abruptos, rasantes	Cobridores, invasores, marginais curtos	Bifaciais, diretos	Escamosos	Contínuos, descontínuos	-
16 Fig.18-4	APC-98-631	E3; átrio; c.5/topo c.6 164x110x267 cm	Sílex branco "sujo"	Triangular	Reta	Curto	-	Alteada	2,20	2,80	0,45	-	-	1,27	4,88	-	-	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos retilíneos	-	Plano-convexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
17 Fig. 19-3	APC-97-276	G5; periferia do corredor; c.4; 10x194x242 cm	Sílex bege	Triangular	Reta	Curto	-	Espessa	2,15	2,85	0,50	-	-	1,32	1,04	-	-	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	-	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
18 Fig.19-2	APC-98-306	G5; periferia NE do corredor; c.3 20x140x 211 cm	Sílex castanho	Pedunculada	Bicôncava	Alongado	Sem aletas	Alteada	1,60	3,6	0,35	3,00	0,60	2,25	4,57	5	1,87	Inteira, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Alongado, bordos retilíneos.	Bicôncava, assimétrica	Plano-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores, invasores, longos	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	-
19 Fig.19-1	APC-98-633	F4; átrio; c.5 180x10x251 cm	Sílex rosa	Triangular	Côncava	Elevado	-	Espessa	1,80	4,85	0,50	-	-	2,69	3,60	-	-	Aguçada, lig. assimétrica, bordos Sub-retilíneos convergentes	Elevado, bordos retilíneos	-	plano-convexo	Rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	-
20 Fig.19-4	APC-97-678	F5; corredor; c.3 peneiração	Sílex rosa	Triangular	Reta	Curto	-	Alteada	1,65	3,25	0,35	-	-	1,96	4,71	-	-	Aguçada, simétrica, bordos Sub-retilíneos, convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	-	Sub-convexo, convexo	Rasantes e semi-abruptos	Invasores, marginais curtos	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos, descontínuos.	-
21 Fig. 20-1	APC-98-644	F3; fecho do átrio, c.6 90 x160 x 258 cm	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Alongado	Sem aletas	Espessa	1,90	4,95	0,80	4,25	0,70	-	2,37	6,07	2,23	Lig. frag., simétrica, bordos retilíneos convergentes	Alongado, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Plano-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores, invasores	Bifaciais	Subparalelos, escamosos	Contínuos	Lig. fraturada na ponta
22 Fig. 20-2	APC-98-318	G6; periferia NE do corredor; c.4; 70 x 80 x 218 cm	Sílex cinzento claro	Triangular	Triangular	Alongado	Esboço de aletas assimétricas	Espessa	1,20	3,00	0,40	2,50	0,50	-	3,00	5,00	2,08	Aguçada, assimétrica, bordos lig. convexos convergentes	Alongado, Sub-retilíneo	Triangular, curta, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Plano-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores, invasores, marginais longos	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	-
23 Fig. 20-3	APC-98-607	F4; passagem do átrio para o corredor; c.6 90x170x270 cm	Sílex castanho claro	Triangular	Bicôncava	Elevado	Sem aletas	Alteada	1,60	4,10	0,35	-	-	2,56	4,57	-	-	Aguçada, Lig. assimétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, bordos retilíneos	Bicôncava, assimétrica	Plano-convexo	Rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	-
24 Fig. 20-4	APC-98-635	F3; na estrutura do fecho do átrio; c.6 80 x198 x 264 cm	Sílex rosa	Triangular	Triangular	Mediano	Sem aletas	Alteada	1,35	2,95	0,20	2,55	0,40	-	6,75	6,37	1,88	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos, serrilhados convergentes	Mediano, bordos retilíneos, serrilhados	Triangular, curta, assimétrica, bordos côncavos	plano, convexo	Rasantes	Invasores, marginais curtos	Diretos, bifaciais	Paralelos, subparalelos	Descontínuos	-
25 Fig. 20-5	APC-98-622	F5; entrada da câmara; c.4; peneiração	Sílex branco "sujo"	Triangular	Triangular	Mediano	Esboço de uma aleta	Alteada	1,80	2,75	0,35	1,95	0,80	-	5,14	2,43	1,08	Aguçada, lig. assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos Sub-retilíneos e sub-côncavos	Plano-convexo	Rasantes	Invasores, marginais curtos e longos	Bifaciais, diretos	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	-
26 Fig. 21-1	APC-97-289	G5; corredor; c.3 145x110x223 cm	Quartzo hialino	Triangular	Bicôncava	Elevado	Com aletas	Espessa	1,60	3,60	0,65	-	-	2,25	2,46	-	-	Aguçada, simétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, sub-convexos	Bicôncava, assimétrica de bordos lig. côncavos	plano-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	Aleta direita pouco definida

ANTA DO PENEDO DO COM - Pontas de seta (Quadro IV – continuação)

Nº ORDEM	IDENT.	PROVENIÊNCIA	MATÉRIA-PRIMA	ORDEM	GRUPO	TIPO	SUBTIPO	VARIANTE	MEDIDAS (cm)					ÍNDICES (cm)				MORFOLOGIA				RETOQUES (anverso e reverso)					OBS.
									I	L	ESP	L1	L2	L/I	I/ESP	L1/L2	L1/I	PONTA	CORPO	BASE	PERFIL	INCLINAÇÃO	AMPLITUDE	DIRECÇÃO	MODO	DISTRIBUIÇÃO	
27 Fig. 21-2	APC-97-286	E7; câmara; c.4; peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Mediano	-	Espessa	1,50	2,90	0,50	2,70	0,20	-	3,00	13,5	1,80	Lig. Frag, assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular, curta, simétrica, bordos retilíneos	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, paralelos	Descontínuos	Lig. frag. na ponta
28 Fig. 21-3	APC-98-294	F4; área fronteira c.3 topo de c.5; 70x98x228	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Curto	Aletas assimétricas	Alteada	2,75	2,90	0,60	2,20	0,70	-	4,58	3,14	0,80	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Biconvexo	Rasantes, semi-abruptos	Invasores	Bifaciais	Escamosos e subparalelos	Contínuos	Deslocada da sua posição original
29 Fig. 21-4	APC-98-664	F6; corredor; c.3 153x44x251	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Curto	Aletas fraturadas	Espessa	1,60	2,30	0,60	1,65	0,65	-	2,66	2,53	1,03	Parc. frag., simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Biconvexo	Rasantes, semi-abruptos	Invasores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Parc. frag. na ponta e aletas
30 Fig.22-1	APC-98-656	F5; corredor; c.4 120x38x256	Sílex cinzento	Triangular	Triangular	Alongado	Sem aletas	Alteada	1,80	4,10 4,85	0,45	3,45 4,10	0,75	-	4,00	4,60 5,46	1,91 2,27	Fragmentada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Alongado, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos sub-retilíneos	Plano-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores, invasores	Diretos, bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	Frag. na ponta
31 Fig. 22-2	APC-98-623	G5; periferia NE do corredor; c.4 13x170x276	Sílex bege	Triangular	Convexo	Elevado	-	Espessa	1,30	3,95	0,45	-	-	3,03	2,88	-	-	Aguçada, simétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, bordos Sub-retilíneos	-	Biconvexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores invasores	Bifaciais	Escamosos Subparalelos	Contínuos	-
32 Fig. 22-3	APC-98-279	E4; átrio; c.5 90x84x216	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Mediano	Aletas assimétricas	Espessa	2,45	3,35	0,70	2,45	0,90	-	3,50	2,72	1,00	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos recti-líneo/côncavo	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Deslocada da posição original
33 Fig. 22-4	APC-98-621	F5; corredor; c.4 148x22x247	Sílex alaranjado	Triangular	Reta	Elevado	Aletas simétricas	Espessa	1,30	2,80	0,35	-	-	2,15	3,71		-	Aguçada, simétrica, serrilhada, bordos sub-retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos, serrilhados	-	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	-
34 Fig. 22-5	APC-98-654	E4; átrio; c.6; 23x150x264	Sílex rosa	Triangular	Triangular	Mediano	Aletas assimétricas	Espessa	1,20	2,90	0,65	2,30	0,60	-	1,84	3.83	1,91	Aguçada, assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos sub-retilíneos	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Deslocada da posição original?
35 Fig. 22-6	APC-98-292	F6; corredor; c.4 67x22x240	Sílex rosa	Triangular	Triangular	Mediano	Uma aleta	Espessa	1,30	2,65	0,40	2,10	0,55	-	3,25	3.81	1,61	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos retilíneos	Curvilíneo	Rasantes e semi-abruptos	Invasores cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Deslocada da posição original
36 Fig. 23-1	APC-98-796	E7; câmara; c.4; 165x93x298	Sílex castanho claro	Triangular	Reta	Elevado	-	Alteada	1,60	3,80	0,35	-	-	2,37	4,57	-	-	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos	Elevado, bordos retilíneos	-	Plano-convexo	Rasantes	Invasores, marginais longos e curtos	Bifaciais	Paralelos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	-
37 Fig. 23-2	APC-98-842	E6; à entrada da câmara (entre E.5 e E.6): peneiração	Sílex cinzento claro	Triangular	Bicôncava	Mediano	Sem aletas	Espessa	1,80	2,82	0,90	-	-	1,56	2,00	-	-	Aguçada, assimétrica, bordos sub-convexos, convergentes	Mediano, bordos sub-convexos	Bicôncava, Lig. assimétrica	Plano-convexo	Rasantes	Cobridores, invasores, longos	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	-
38 Fig. 23-3	APC-98-866	E8; contraforte do esteio de cabeceira; c.1 108x30x251	Sílex bege	Triangular	Triangular	Curto	Aletas assimétricas	Alteada	1,40	2,70	0,35	0,70	2,00	-	4,00	0,35	0,50	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos	Curto, bordos convexos e Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos convexos e Sub-retilíneos	Plano-convexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores e invasores	Diretos e bifaciais	Escamosos e paralelos curtos	Contínuos	Uma das aletas é incipiente

39 Fig. 23-4	APC-98-864	E7; câmara; c.4 (base) 140x80x324	Sílex bege	Triangular	Triangular	Mediano	Aletas assimétricas	Espessa	1,45	2,60	0,40	2,00	0,60	-	3,62	3,33	1,37	Aguçada, assimétrica, bordos retilíneo/curvilíneo convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos sub-retilíneos	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	Fragmentada na base
40 Fig. 23-5	APC-98-859	E7; câmara; c.4 (base) peneiração	Sílex bege	Triangular	Triangular	Curto	Aletas assimétricas	Alteada	1,95	2,50	0,35	1,95	0,55	-	5,57	3,54	0,00	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos sub-côncavos	Plano-convexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores Marginais	Bifaciais	Subparalelos escamosos	Contínuos subcontínuos	Lig. frag. na base
41 Fig. 23-6	APC-98-867	D7; topo do contraforte; c1; peneiração	Sílex bege	Triangular	Triangular	Mediano	Aletas assimétricas	Alteada	1,50	2,50 3,00	0,30	1,70 2,20	0,80	-	5,00	2,12 2,75	1,13 1,46	Fragmentada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos retilíneos, sub-retilíneos	Plano-convexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores, marginais curtos e longos	Bifaciais	Escamosos, paralelos	Contínuos Descontínuos	Fragmentada na ponta
42 Fig. 23-7	APC-98-881	F4; saída do corredor; c.4; peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Curto	Aletas simétricas	Alteada	2,35	2,75	0,50	1,65	1,10	-	4,70	1,50	0,70	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos retilíneos	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, paralelos	Contínuos	Ponta de aleta fraturada
43 Fig. 23-8	APC-98-872	E6; câmara; c.1; 160 x 175 x 285	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Curto	Com aletas assimétricas	Espessa	2,01	2,65	0,55	2,00	0,65	-	3,65	3,07	0,99	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Biconvexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Aleta fraturada
44 Fig.24-1	APC-98-655	F3; átrio; c.6 (topo) 140 x 170 x 260	Sílex bege	Triangular	Bicôncava	Elevado	Sem aletas	Alteada	1,45	3,20	0,30	-	-	2,20	4,83	-	-	Aguçada, Lig. assimétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, bordos retilíneos	Bicôncava, assimétrica de bordos côncavos	Plano-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos , paralelos	Descontínuos, contínuos	Apresenta um esboço de pedúnculo
45 Fig. 24-2	APC-98-619	F4; área fronteira; c.3; peneiração.	Sílex bege	Triangular	Triangular	Curto	Esboço de aletas	Alteada	1,60	2,10	0,40	1,50	0,60	-	4,00	2,50	0,93	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos subcôncavos	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
46 Fig. 24-3	APC-98-638	D7; contraforte; c.1 peneiração	Sílex rosa	Triangular	Triangular	Curto	Sem aletas	Alteada	1,65	2,00	0,25	1,30	0,70	-	6,60	1,85	1	Aguçada, assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos retilíneos	Triangular, mediana, assimétrica, bordos retilíneos	Plano-convexo	Rasantes	Invasores, marginal curto	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos	Deslocada da sua posição original
47 Fig. 24-4	APC-97-663	F6; entrada câmara (sob E.4 tombado), c.4; 120 x 10 x 253	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Mediano	Sem aletas	Espessa	1,15	1,60	0,35	1,15	0,45	-	3,28	2,55	1,00	Aguçada, assimétrica, bordos Sub-retilíneos convergentes	Mediano, bordos Sub-retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Biconvexo	Rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
48 Fig. 24-5	APC-98-661	C7; contraforte; c.1 Peneiração	Sílex castanho mesclado	Triangular	Côncava	Curto	-	Alteada	1,50	2,80	0,35	-	-	1,86	4,28	-	-	Lig. fragmentada, simétrica, bordos Sub-retilíneos convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	-	Biconvexo	Rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Lig. frag. na ponta
49 Fig. 24-6	APC-98-670	F4; átrio, c.6; 10 x 70 x 284	Sílex castanho escuro	Triangular	Convexa	Elevado	-	Espessa	0,85	2,90	0,30	-	-	3,41	2,83	-	-	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Elevado, bordos Sub-retilíneos	-	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos Subparalelos	Contínuos	-
50 Fig. 24-7	APC-97-282	G5; periferia NE do corredor; c.3; 120 x 170 x 220	Sílex rosa	Triangular	Triangular	Mediano	Uma aleta	Espessa	1,20	2,30	0,60	1,40	0,90	-	2,00	1,55	1,16	Aguçada, assimétrica, bordos subparalelos convergentes	Mediano, bordos Sub-retilíneos	Triangular, mediana assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Biconvexo	Abruptos, semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
51 Fig. 25-1	APC-98-634	E4; entrada corredor (sobre a fossa de E.1); base da c.4; 170 x 160 x 263	Sílex castanho	Triangular	Côncava	Elevada	-	Alteada	2,60	5,50	0,40	-	-	2,11	6,50	-	-	Fragmentada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Elevado bordos retilíneos	-	Biplano	Rasantes	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos , paralelos	Descontínuos, contínuos	Fragmentada na ponta
52 Fig. 25-2	APC-98-606	F3; átrio; c.6 145 x 185 x 271	Grés silicioso acinzentado claro	Triangular	Triangular	Curto	Aletas assimétricas	Espessa	2,50	4,55	0,65	4,10	0,45	-	3,84	6,30	1,80	Fragmentada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular, curta, assimétrica, bordos retilíneos	Biconvexo	Rasantes e semi-abruptos	Cobridores Invasores	Bifaciais	Escamosos, paralelos	Contínuos	Fragmentada na ponta
53 Fig. 26-1	APC-98-632	G5; pedras do contraforte; c.1 84x 150 x 239	Sílex bege	Pedunculada	Bicôncava	Alongado	Com aletas	Abatida	1,9	4,9	0,2	4,7	0,2	2,57	9,5	23,5	2,47	Inteira simétrica Bordos côncavos	Alongado, bordos convexos	Bicôncava simétrica	Côncavo-convexo	Rasantes	Invasores	Bifaciais	Escamosos, paralelos	Contínuos, descontínuos	In situ

ANTA DO PENEDO DO COM - Pontas de seta [Quadro IV - continuação]

Nº ORDEM	IDENT.	PROVENIÊNCIA	MATÉRIA-PRIMA	ORDEM	GRUPO	TIPO	SUBTIPO	VARIANTE	MEDIDAS (cm)					ÍNDICES (cm)				MORFOLOGIA				RETOQUES (anverso e reverso)					OBS.
									I	L	ESP	L1	L2	L/I	I/ESP	L1/L2	L1/I	PONTA	CORPO	BASE	PERFIL	INCLINAÇÃO	AMPLITUDE	DIRECÇÃO	MODO	DISTRIBUIÇÃO	
54 Fig. 26-2	APC-98-1023	F7; câmara; c.4 120 x 50 x 302 cm	Sílex	Triangular	Triangular	Mediano	Sem aletas	Abatida	3	4,6	0,3	3,8	0,8	1,53	10	4,75	1,26	Inteira simétrica Bordos côncavos	Mediano, bordos convexos	Curta, Triangular	Côncavo-convexo	Rasantes	Invasores, longos	Diretos, bifaciais	Escamosos, paralelos	Contínuos, descontínuos	-
55 Fig. 26-3	APC-98-954	F6; câmara; c.4 130 x 50 x 303 cm	Sílex, bege com tonalidades cinzentas	Triangular	Triangular	Alongado	Sem aletas	Alteada	1,8	3,6	0,35	2,8	0,8	2	5,14	3,5	1,55	Inteira, assimétrica, bordos côncavo-convexo	Alongado, bordos irregulares	Curta, triangular assimétrica	Convexo-convexo	Semi-abruptos-rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamoso, paralelos	Contínuos	
56 Fig. 26-4	APC-98-1036	E6; corredor; c.6; peneiração.	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Mediano	Com aletas	Alteada	1,9	2,25	0,35	1,65	0,6	1,18	5,42	2,75	0,86	Inteira, assimétrica, bordos Sub-retilíneos	Mediano, bordos retilíneo-convexo	Alongada, triangular assimétrica	Plano-convexo	Semi-abruptos-rasantes	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	In situ
57 Fig. 26-5	APC-98-915	F7; câmara; c.4 199 x 140 x 319 cm	Sílex, castanho claro	Triangular	Triangular	Mediano	Com aletas	Alteada	1,5	3,8	0,4	2,9	0,9	2,53	3.75	3,22	1,93	Fragmentada, simétrica, bordos retilíneos, convergentes	Alongado, bordos retilíneos	Curta, bordos sub-côncavos	Plano-convexo	Semi-abruptos, rasantes	invasores	Bifaciais	Escamosos, paralelos	Contínuos.	-
58 Fig. 26-6	APC-98-1046	F6; corredor; topo c.6 20 x 25 x 275 cm	Calcedónia, cinzento	Triangular	Bicôncava	Curto	Sem aletas	Alteada	1,9	3,15	0,35	-	-	1,75	5,4	-	-	Aguçada, Lig. assimétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Curto, bordos convexos	Bicôncava, assimétrica	Convexo-convexo	Rasantes	Marginal, longo	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	Apresenta um esboço de pedúnculo
59 Fig. 26-7	APC-97-903	F7; câmara; c.4; peneiração	Sílex, branco	Triangular	Convexa	Elevada	Sem aletas	Alteada	1,3	2,6	0,3	2,52	0,3	2	4,3	8,4	1,4	Aguçada, assimétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, sub-côncavo e retilíneo	Curta, convexa	Côncavo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores, Invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	-
60 Fig. 27-1	APC-98-1047	E4; átrio; c.6; peneiração	Sílex, cinzento	Triangular	Triangular	Mediano	Com aletas	Alteada	2,1	2,9	0,3	2,1	0,8	1,38	7	2,62	1	Aguçada, assimétrica, bordos sub-convexos, convergentes	Mediano, bordos Sub-retilíneos	Triangular curta, Lig. assimétrica	Côncavo-convexo	Rasantes	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos	-
61 Fig. 27-2	APC-98-1045	E7; câmara; c.2 100 x 144 x 282 cm	Sílex cinzento	Triangular	Triangular	Mediano	Sem aletas	Alteada	1,4	2,85	0,3	2,35	0,5	2,03	4,66	4,7	1,67	Aguçada, assimétrica, bordos Sub-retilíneos, convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular curta assimétrica	Plano-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores, Invasores	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	Apresenta um esboço de aleta
62 Fig. 27-3	APC-98-651	E.4; átrio; topo da c.6; 128 x 36 x 272 cm	Sílex cinzento claro	Triangular	Triangular	Mediano	Com aletas	Espessa	1,5	2,7	0,5	1,9	0,8	1,8	3	2,37	1,26	Aguçada, assimétrica, bordos Sub-retilíneos, convergentes	Mediano, bordos Sub-retilíneos	Triangular curta simétrica	Plano-convexo	Semi-abruptos, rasantes,	Cobridores, Invasores	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos	-
63 Fig. 27-4	APC-98-948	F7; câmara; c.4; peneiração	Sílex, cinzento/rosa	Losângica	Triangular	Curto	Com aletas	Alteada	1,2	2,1	0,3	1,05	1,05	1,75	4	1	0,87	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos, convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	Triangular alongada simétrica	Convexo-convexo	Rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos	-
64 Fig. 27-5	APC-98-975	F6; câmara; c.4; peneiração	Sílex translucido	Losângica	Triangular	Curto	Com aletas	Alteada	1,3	2,1	0,3	1,05	1,05	1,61	4,33	1	0,80	Aguçada, assimétrica, bordos Sub-retilíneos, convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	Triangular alongada assimétrica	Convexo-convexo	Rasantes	Cobridores, Invasores/marginais	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos	-
65 Fig. 27-6	APC-98-324	F3; área fronteira; c.3; peneiração	Sílex cinzento	Triangular	Triangular	Mediano	Com aletas	Alteada	1,65	1,8	0,35	1,10	0,7	1,09	4,71	1,57	0,66	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular curta, Lig. assimétrica	Convexo - plano	Rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	-
66 Fig. 27-7	APC-98-1069	E4; corredor; c.6; peneiração	Quartzo hialino	Losângica	Triangular	Curto	Com aletas	Espessa	1,2	1,4	0,4	0,7	0,7	1,16	3	1	0,58	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos retilíneos	Triangular alongada assimétrica	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores, Invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	-

67 Fig. 27-8	APC-98-958	Superfície	Arenito silicificado	Losângica	Triangular	Curto	Sem aletas	Espessa	1,1	1,8	0,3	0,9	0,9	1,63	3,6	1	0,81	Inteira, assimétrica de bordos Sub-retilíneos	Curto, bordos Sub-retilíneos	Triangular curta, Lig. assimétrica	Convexo-convexo	Rasantes	Cobridores, Invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	-
68 Fig. 27-9	APC-98-983	F6; câmara; c.4; peneiração	Sílex branco	Triangular	Triangular	Curto	Sem aletas	Alteada	1,65	1,7	0,35	1	0,7	1,06	4,71	1,42	0,60	Aguçada, assimétrica, bordos retilíneos, convergentes	Curto, bordos retilíneos	Triangular, mediana assimétrica	Convexo-convexo	Rasantes	Cobridores, Invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	Lig. Fraturada no extremo esquerdo
69 Fig. 27-10	APC-98-969	F6; câmara; c.4; 83 x 136 x 277 cm	Quartzo hialino	Triangular	Convexa?	Curto	Sem aletas	Espessa	1,7	2,55	0,4	1,9	0,65	1,34	0,66	2,92	0,84	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos, convergentes	Curto, bordos retilíneos	Convexa curta	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	Fraturada nos dois extremos da base
70 Fig. 27-11	APC-98-290	G5; corredor; c.3; peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	curto	Sem aletas	Alteada	1,9	2,5	0,45	1,6	0,9	1,31	4,22	1,77	0,84	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos Sub-retilíneos	Triangular mediana, assimétrica	Convexo-convexo	Rasantes	Invasores cobridores	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos	-
71 Fig. 27-12	APC-98-1014	E6; entrada da câmara; c.4; peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Mediano	Com aletas	Espessa	1,85	3,7	0,6	3	0,7	2	3,08	4,28	1,62	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Mediano, bordos retilíneos	Triangular curta assimétrica	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	Aletas incipientes
72 Fig. 27-13	APC-98-880	F4; entrada corredor; c.4, peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Triangular	Curto	Sem aletas	Alteada	1,50	1,55	0,30	1,25	0,3	1,03	5,00	4,16	0,83	inteira, simétrica, bordos sub-convexos convergente	Curto, bordos retilíneos	Curta, bordos sub-côncavos	Convexo-convexo	Rasantes	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	-
73 Fig. 27-14	APC-98-294	F4; entrada do corredor; c.3; 70x98x228	Sílex castanho/amarelado	Triangular	Convexa	Curto	Sem aletas	Alteada	1,1	2	0,25	1,7	0,3	1,81	4,40	5,66	1,54	Aguçada, Lig. assimétrica, bordos retilíneos convergentes	Curto, bordos retilíneos	Convexa curta	Plano-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Descontínuos, contínuos	-
74 Fig. 28-1	APC-97-980	F6; câmara; c.4; peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Convexa	Elevado	Sem aletas	Alteada	1,80	3,50	0,40	3,10	0,4	2,25	4,5	7,5	1,72	Aguçada, simétrica, bordos Sub-retilíneo convergente	Elevado, bordos retilíneos	Convexa curta	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	-
75 Fig. 28-2	APC-98-870	F4; entrada corredor; c.3; 38x22x225	Sílex, cinzento	Triangular	Convexa	Elevado	Sem aletas	Espessa	1,30?	3,90?	0,40	3,70?	0,20	3?	3,25?	18,5?	2,84?	Fraturada	Elevado, bordos retilíneos	Convexa curta	Plano-convexo	Rasantes	Cobridores, invasores/longos	Bifaciais	Escamosos, paralelos, subparalelos	Contínuos	Fraturada na ponta e no lado direito da base
76 Fig. 28-3	APC-98-970	F6; câmara; c.4 83x136x277	Quartzo hialino	Triangular	Convexa	Elevado	Sem aletas	Espessa	1,80	2,85	0,50	2,65	0,20	1,58	3,60	13,25	1,47	Aguçada, Lig. assimétrica, bordos sub-retilíneos convergente	Elevado, bordos Sub-retilíneos	Convexa curta	Plano-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores, invasores/longos	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	Lig. fraturada na ponta
77 Fig. 28-4	APC-98-1024	F7; câmara; c.4; peneiração	Sílex castanho escuro	Triangular	Reta	Elevado?	Sem aletas	Alteada	1,75	4,5?	0,3	-	-	2,57	5,83	-	-	Fraturada	Elevado, bordos Sub-retilíneos	Reta	Côncavo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores, invasores/marginais	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	Lig. fraturada na ponta
78 Fig. 28-5	APC-98-965b	G7; câmara; c.4 4x32x252	Sílex castanho	Triangular	Reta	Elevado	Sem aletas	Alteada	1,50	2,5	0,3	2,4	0,10	1,66	5	24	1.10	Aguçada, Lig. assimétrica, bordos Sub-retilíneos convergente	Elevado, bordos Sub-retilíneos	Convexa curta	Plano-convexo	Rasantes	Cobridores, invasores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos, descontínuos	-
79 Fig. 28-6	APC-98-863	F6; câmara; c.4; 150x160x312	Quartzo hialino	Triangular	Reta	Elevado	Sem aletas	Espessa	1,5	2,7	0,4	-	-	1,8	3,75	-	-	Inteira, assimétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, bordos Sub-retilíneos	Reta	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
80 Fig. 28-7	APC-98-1065	F7; câmara; c.4; peneiração	Sílex, castanho claro	Triangular	Reta	Elevado	Sem Aletas	Alteada	2,3	2,8	0,3	-	-	1,21	7,66	-	-	Fraturada	Elevado, bordos Sub-retilíneos	Reta	Convexo-côncavo	Rasantes	Cobridores, marginais/longos	Bifaciais	Escamosos, subparalelos	Contínuos	Fraturada na ponta

ANTA DO PENEDO DO COM - Pontas de seta [Quadro IV - continuação]

Nº ORDEM	IDENT.	PROVENIÊNCIA	MATÉRIA-PRIMA	ORDEM	GRUPO	TIPO	SUBTIPO	VARIANTE	MEDIDAS (cm)					ÍNDICES (cm)				MORFOLOGIA				RETOQUES (anverso e reverso)					OBS.
									I	L	ESP	L1	L2	L/I	I/ESP	L1/L2	L1/I	PONTA	CORPO	BASE	PERFIL	INCLINAÇÃO	AMPLITUDE	DIRECÇÃO	MODO	DISTRIBUIÇÃO	
81 Fig.28-8	APC-98-1075	Superfície	Sílex, Laranja	Triangular	Reta	Elevado	Sem aletas	Abatida	1,7	2	0,20	-	-	1,17	8,5	-	-	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos	Elevado, bordos retilíneos	Reta	Sinuoso-sinuoso	Rasantes	Invasores, marginais/longos	Bifaciais	Escamosos (serrilhado)	Contínuos	-
82 Fig.28-9	APC-98-946	F7; câmara; c.4; peneiração	Quartzito, branco	Triangular	Reta	Elevado	Sem aletas	Alteada	2,2	3,1	0,50	-	-	1,40	4,4	-	-	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos	Elevado, bordos retilíneos	Reta	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos (serrilhado)	Contínuos	-
83 Fig. 28-10	APC-98-1004	G7; câmara; c.4; 4x32x252	Sílex negro	Triangular	Reta?	Elevado	Sem aletas	Alteada	1,5?	2,1?	0,40	-	-	1,40 ?	3,75 ?	-	-	Aguçada, assimétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, bordos retilíneos ?	Reta?	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Fraturada ao nível da base
84 Fig. 28-11	APC-98-924	F7; câmara (base do esteio de cabeceira); c.4; peneiração	Sílex castanho escuro	Triangular	Côncava	Elevado	Sem aletas	Espessada	1,6	2,5	0,40	-	-	1,56	4	-	-	Aguçada, simétrica, bordos retilíneos convergentes	Elevado, bordos retilíneos	Reta	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
85 Fig. 28-12	APC-98-1049	E4; átrio; c.6; peneiração.	Sílex, castanho/acinzentado	Triangular	Reta	Elevado	Sem aletas		1,9	2,8	0,4	-	-	1,47	4,75	-	-	Aguçada, assimétrica, bordos Sub-retilíneo convergentes	Elevado, bordos retilíneos	Reta	Convexo-convexo	Semi-abruptos, rasantes	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	-
86 Fig. 28-13	APC-98-305	F5; corredor; c.4; peneiração	Quartzo hialino	Triangular	Côncava	Curto	Sem aletas	Alteada	2,0	2,0	0,45	-	-	1	4,44	-	-	Inteira, assimétrica, bordos Sub-retilíneos, convergentes	Curto bordos Sub-retilíneos	Côncava	Plano-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	-
87 Fig. 25-3	APC-98-927	F7; câmara (base esteio de cabeceira); c.4; peneiração	Sílex castanho avermelhado	Triangular	Côncava	Elevado	Sem aletas	Alteada	1,20	3,80	0,40	-	-	3,16	3	-	-	Aguçada, simétrica, bordos Sub-convexos convergentes	Elevado, bordos Sub-retilíneos	Côncava	Côncavo-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos, subparalelos, paralelos	Contínuos	-
88 Fig. 25-4	APC-97-277	G6; próximo do corredor; c.4; peneiração	Sílex	Triangular	Côncava	Elevado ?	Sem aletas	Espessa	2?	3,60 ?	0,3	-	-	1,80 ?	3,33 ?	-	-	Fragmentada	Elevado, bordos Sub-retilíneos	Côncava	Convexo-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Fragmentada na ponta e na base
89 Fig. 25-5	APC-98-868	D7; topo do contraforte; c.1; peneiração	Sílex bege escuro	Triangular	Côncava	Elevado ?	Sem aletas	Alteada	1,80 ?	4,40 ?	0,40	-	-	2,44 ?	4,50 ?	-	-	Fragmentada	Elevado, bordos Sub-retilíneos	Côncava	Convexo-convexo	Rasantes, semi-abruptos	Cobridores	Bifaciais	Escamosos	Contínuos	Fragmentada na ponta e na base

3.2 Pontas de seta. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

As pontas de seta surgem-nos como artefacto dominante do *Dólmen do Penedo do Com*, encontrando-se representado por 89 peças recuperadas durante a última intervenção científica, às quais se devem juntar mais 12 referenciadas por Leite Vasconcelos na transcrição que faz de um artigo publicado no Jornal "O Século" referente a achados arqueológicos do Concelho de Penalva do Castelo (Vasconcelos, 1916: 355-356) que se encontram depositadas no Museu e Laboratório Antropológico do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Destas, Vera Leisner faz a descrição de 9 na sua obra de referência "Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen" (Leisner, 1998: pp. 62-63, estampas 55 e 143), as quais, com base nos dados fornecidos, podemos descreve da seguinte forma (Fig.14):

1. Ponta de seta de base triangular, em sílex castanho, fraturada na ponta, com retoques bifaciais longos e contínuos no anverso e num dos lados no reverso.
2. Ponta de seta de base triangular, aparentemente com aletas, em sílex acastanhado, com retoques bifaciais contínuos, abruptos/semi-abruptos (grosseiros) no anverso e rasantes (finos) no reverso.
3. Ponta de seta de base triangular, em quartzo branco, com retoques bifaciais, supostamente longos e contínuos.
4. Ponta de seta de base triangular, aparentemente com aletas, em quartzo branco, retocada em ambos os lados e com a ponta quebrada.
5. Ponta de seta de base côncava em sílex castanho/amarelado, com ponta grosseira, exibindo retoque fino linear no reverso (retoques rasantes).
6. Ponta de seta de base côncava, em sílex vermelho translucido, com retoques rasantes, bifaciais, contínuos em ambos os lados.
7. Ponta de seta em quartzo branco, com base atípica fragmentada.
8. Ponta de seta de base reta, em sílex castanho/avermelhado claro, com retoques, possivelmente rasantes, lineares, bifaciais contínuos em ambos os lados.
9. Ponta de seta de base reta, em sílex branco/acinzentado, com retoques, possivelmente rasantes, lineares, bifaciais contínuos em ambos os lados.

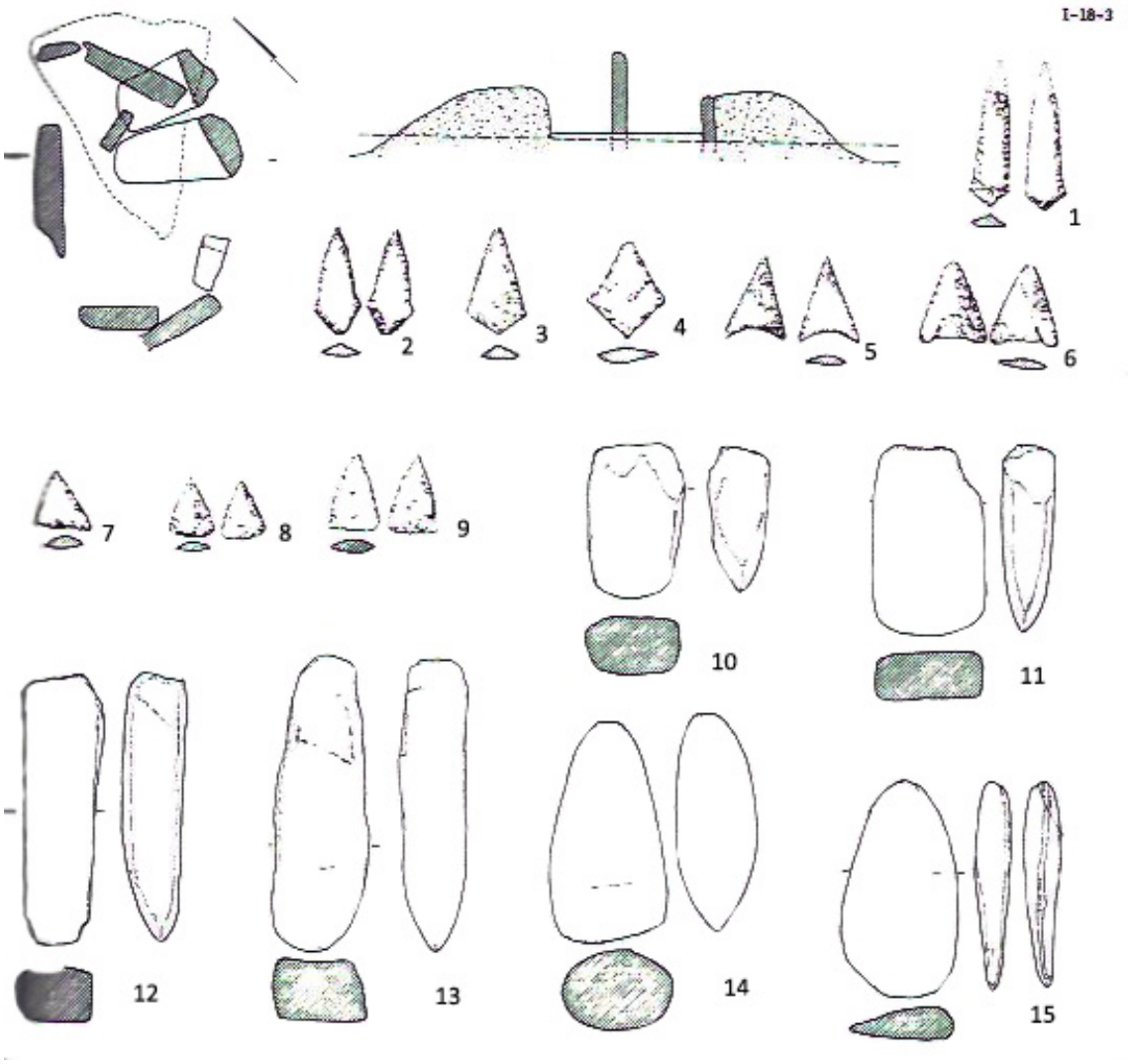


Fig. 14 – Planta do dólmen, perfil da mamoa e desenhos do material arqueológico observado por Vera Leisner (Leisner, 1998 – I-18-3).

Infelizmente, os dados fornecidos sobre estes projeteis em pedra não nos permitem tecer qualquer consideração sobre a sua localização no monumento.

As **pontas de seta** exumadas na presente intervenção (Quadro IV, II-Fig. 15 a 28) são provenientes na sua larga maioria do interior da câmara (28 exemplares) e áreas periféricas (9), do corredor e zonas adjacentes revolvidas (27), do átrio (21), da fossa de implantação do esteio de cabeceira (2) e de recolhas à superfície (2).

A matéria-prima mais utilizada na produção destes artefactos foi o sílex (64 exemplares – 72%) seguido do quartzo (22 exemplares – 25%) e por último do grés silicioso, arenito silicificado e quartzito (1 exemplar cada – 1%).

Tipologicamente observamos que 46 dos exemplares são pontas de seta de base triangular (51,6%) — das quais 5 são losângicas (5,6%) — 16 apresentam base reta (18%), 10 têm base côncava (11,2%), 8 base convexa (8%), 6 enquadram-se na tipologia das bases bicôncavas (6,8%) e 3 são pedunculadas (3,4%).

O corpo das peças é igualmente variável notando-se um predomínio dos elevados/alongados (44% – 39 exemplares) sobre os medianos (29% – 26 exemplares) e os curtos (27% – 25 exemplares).

Os retoques são predominantemente semi-abruptos ou rasantes, na larga maioria invasores, bifaciais e dispostos de modo escamoso com distribuição contínua/descontínua, notando-se uma tendência, não generalizada, para as inclinações rasantes estarem mais relaciona das com o talhe de sílex, enquanto que o retoque semi-abrupto é dominante no quartzo.

Excluindo um grupo considerável de pontas de seta predominantemente de base triangular, maioritariamente produzidas em quartzo leitoso e quartzo hialino (22%), podemos atentar que na sua maioria são evolucionadas, demonstrando uma técnica apurada de retoque e grande investimento de tempo na sua elaboração.

A irregularidade dos perfis e aparência rude que algumas peças apresentam, encontra relação direta na matéria-prima utilizada (quartzo), propensão essa observada igualmente nas espessuras evidenciadas e nos retoques tendencialmente semi-abruptos.

Os perfis longitudinais são maioritariamente de morfologia biconvexa (49%) ou plano-convexa (37%), identificando-se igualmente a variante côncavo-convexo (11%), plano-convexo (1%), biplano (1%) e sinuoso (1%).

Procedeu-se à contextualização estratigráfica destes artefactos com base na sua tipologia, que, como vimos anteriormente, podem integrar deposições distintas, ocorridas em tempos diferentes.

Pontas de seta de base triangular

As pontas de seta de base triangular são o tipo predominante, totalizando 37 exemplares.

Encontravam-se distribuídas pelas diversas áreas do monumento, contabilizando-se 11 peças na câmara, 9 no corredor, 11 no átrio/área fronteira e 6 nas terras superficiais da mamoa, na periferia da câmara funerária.

Apenas 8 peças foram exumadas em contexto estratigráfico seguro, mais concretamente no topo da camada 6 — átrio (APC.98 – 606, 635, 644, 651, 654, 657 e 1047) (II- Fig. 25-2; 20-4; 20-1; 27-4; 22-5; 18-3 e 27-4) e corredor (APC.98 — 1036) (Fig. II-26-4) As restantes encontravam-se distribuídas pelas camadas revolvidas da câmara, corredor e mamoa, admitindo-se que estas últimas possam ter vindo misturadas em terras removidas do interior do sepulcro.

As pontas de seta de base triangular, consideradas de tradição mais antiga e dominantes na Beira Alta, podem ter integrado deposições primárias, ocorridas em maior número no interior do sepulcro, eventualmente associadas às deposições funerárias que acompanharam os defuntos, e no átrio do monumento, quiçá no decurso dos rituais de encerramento da sepultura e/ou outros ocorridos durante a fase primária de uso.

Pontas de seta losângicas

A ponta de seta Losângica mais não é que uma peculiar variante da ponta de seta de base triangular, com a particularidade de o corpo ter dimensões muito idênticas às da base, ostentando, alguns exemplares, aletas laterais marcando a divisão entre as duas áreas.

No *Dólmen do Penedo do Com* foram identificados 4 exemplares. Destes três encontravam-se deslocados da sua localização primária. Um à superfície nas terras da mamoa (APC.98 – 958) (II-Fig-27-9), outro na câmara funerária em contexto estratigráfico duvidoso (APC.98 — 975) (II-Fig. 27-6) e um terceiro no corredor na camada 4 próximo da entrada na câmara.

Um quarto exemplar (APC.98-1069) (II-Fig.27-8), foi observado *in situ* à entrada do corredor, sob o derruído esteio 1, no topo da camada 6 (nível de circulação primário), integrando o conjunto de oferendas votivas depositadas no interior do monumento antes do seu encerramento.

Pontas de seta de base convexa

Do conjunto de pontas de seta de base convexa, totalizando 10 exemplares, destaca-se uma peça recolhida no átrio no meio da camada 6 (APC.98 — 670) (II-Fig. 24-6), antevendo-se que possa aí ter sido depositada, eventualmente em contexto ritual, durante a fase de uso do monumento. As restantes 9 encontravam-se dispersa pelos estratos revolvidos do corredor (4 exemplares) e câmara (4 exemplares) destacando-se nesta última uma peça recolhida junto ao esteio de cabeceira, na base da camada revolvida (c.4), em posição que julgamos próxima da original, em contexto de depósito fúnebre primário.

Pontas de seta de base bicôncava

As pontas de base bicôncava, contrariando a tendência da generalidade do espólio arqueológico da *Arca do Penedo do Com*, encontravam-se maioritariamente *in situ* ou pelo menos em contexto estratigráfico próximo da deposição original.

No átrio, sobre a camada 6 e selado pela camada 5, foram identificados dois exemplares — um ao centro deste espaço (APC.98 —655) (II-Fig.24-1), outro na transição para o corredor (APC.98 — 607) (II-Fig.20-2), não havendo dúvidas que estas foram aqui depositadas durante a utilização primária do monumento, eventualmente em momento próximo ao encerramento sepulcro. No corredor, em situação estratigráfica idêntica, observou-se a presença de um outro exemplar (APC.98-1046) (II-Fig.26-6), próximo da entrada na câmara. Na câmara funerária, na base do espaço intersticial dos esteios 5 e 6, foi recolhido um exemplar que julgamos em posição próxima à original (APC.98 – 842) (II-Fig.23-2).

Para além destes, em situação estratigráfica duvidosa, recolheu-se mais uma peça no corredor (APC.98 — 317) (II-Fig.15-4) e duas nas terras revolvidas da mamoa (APC.98 — 306 e 632) (II-Fig.19-2 e 26-1).

Pontas de seta pedunculadas

Do parco conjunto de pontas de seta pedunculadas, composto apenas por três exemplares, ressalva-se uma (APC.98-625) (II-Fig.18-1) identificada *in situ* — topo da camada 6, selada pela camada 5 — ao centro da entrada do átrio do monumento, na interrupção da estrutura de fecho. A sua posição estratigráfica pode relacioná-la com os momentos que antecederam o encerramento da sepultura, quiçá talvez com os depósitos rituais que integram esse mesmo cerimonial.

As restantes duas pontas de seta foram recolhidas de estratos revolvidos da câmara (c.4) e da área muito destruída a NE. do corredor, deslocadas da sua posição original.

Pontas de seta de base reta

Os 18 exemplares de pontas de seta de base reta recolhidos no *Dólmen do Penedo do Com* encontravam-se dispersas pela câmara funerária (8 peças), corredor (3 peças), átrio (2 peças) e nas terras revolvidas da mamoa (5 peças).

Apenas duas pontas, recolhidas no átrio ao nível topo da camada 6 (APC.98 – 631 e 1049) (II-Fig.18-4 e 28-12), se achavam *in situ* ou próximas do seu local original de deposição, encontrando-se as restantes dispersas pelas camadas revolvidas da câmara, corredor e mamoa (c.1, c.3 e c.4), aceitando-se que estas últimas tenham sido transportadas em terras acumuladas pelos violadores provenientes do interior da sepultura.

Pontas de seta de base côncava

Representadas apenas por 5 exemplares identificados no corredor (2), no átrio (1) e nas terras da mamoa (3).

Apenas os exemplares recolhidos no átrio (APC.98 – 633) (II-Fig.19-1), entre as terras que encerraram o acesso ao interior do dólmen (c.5), e na entrada do corredor (APC.98 – 634) (II-Fig.25-1), no interior da fossa de implantação de E.1, aparentavam estar em posição próxima da original, eventualmente integrando os últimos momentos de utilização do dólmen antes e/ou durante o encerramento primário.

Este tipo de ponta de seta, comum não só em contextos funerários, mas também habitacionais, surgem geralmente relacionadas com estratos calcolíticos, apontando a sua presença para momentos adiantados/tardios da ocupação dos dólmens beiraltinos, corroborando a ideia de que o encerramento primário desta sepultura possa ter ocorrido já na transição do IV para o III milénio a.C.

3.3 Desenhos e fotografias

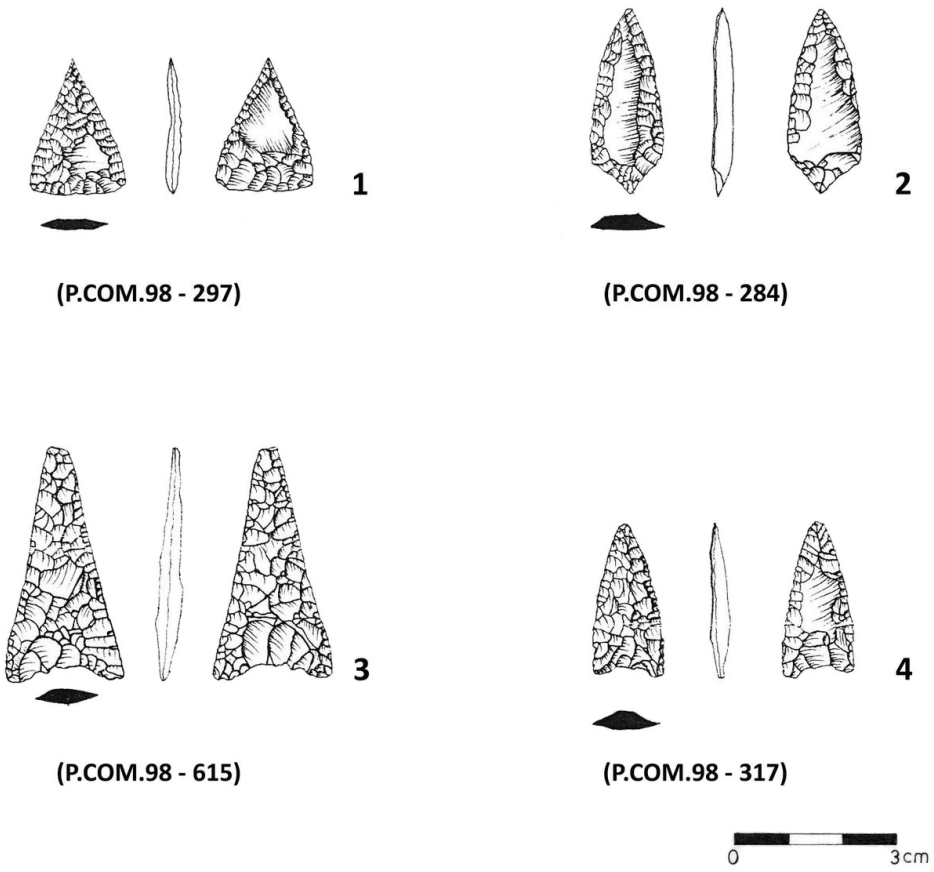


Fig. 15 – Pontas de seta.

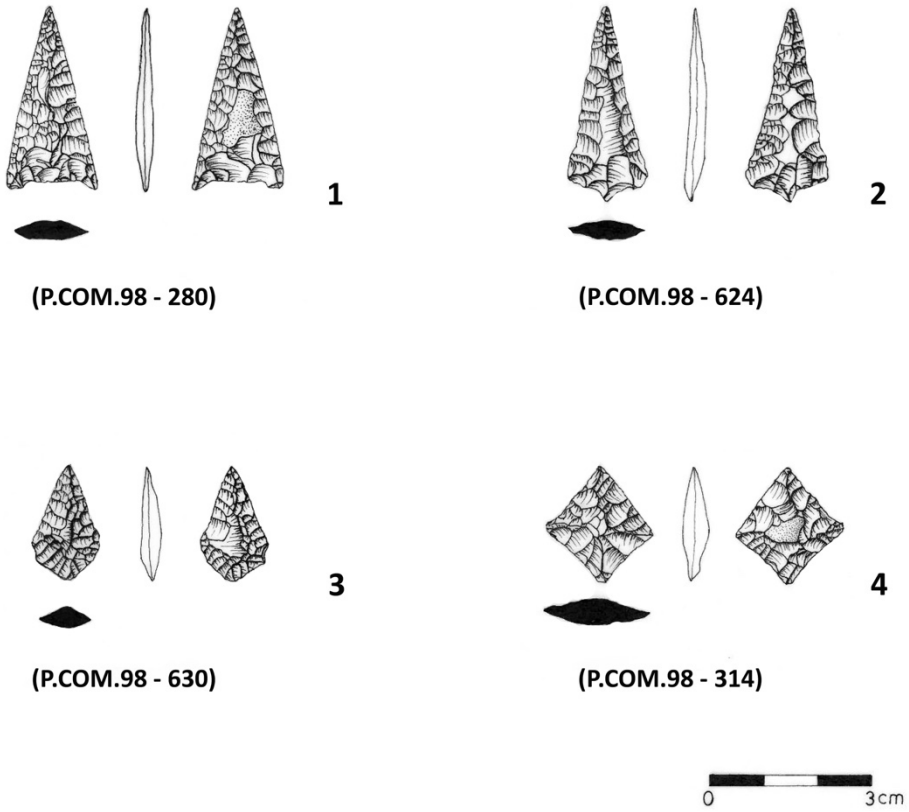


Fig. 16 – Pontas de seta.

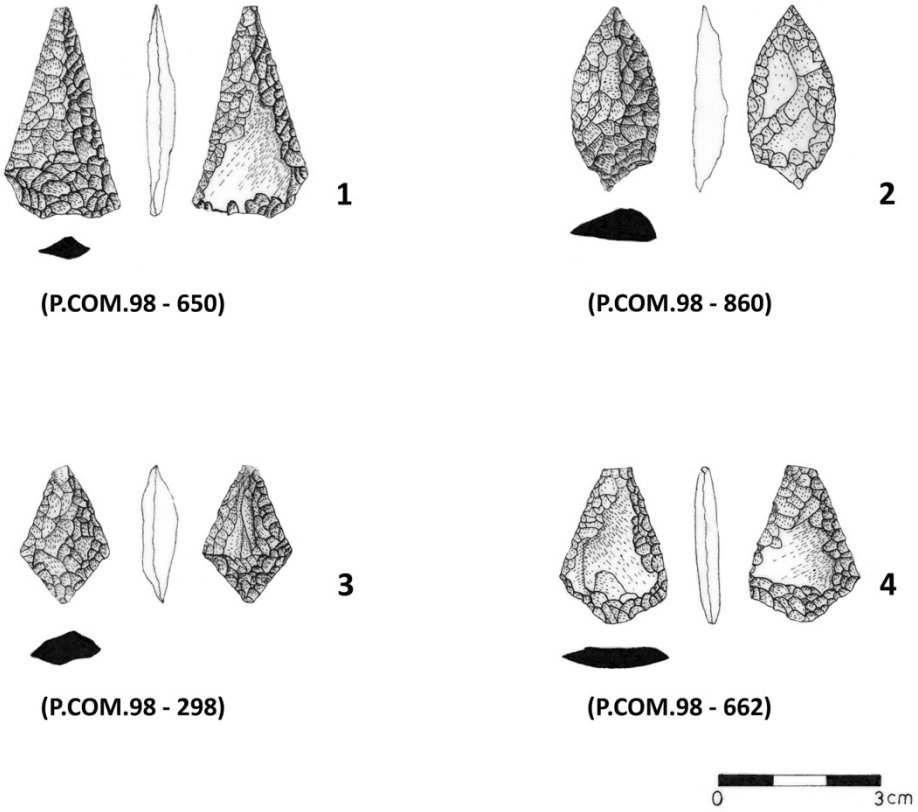


Fig. 17 – Pontas de seta.

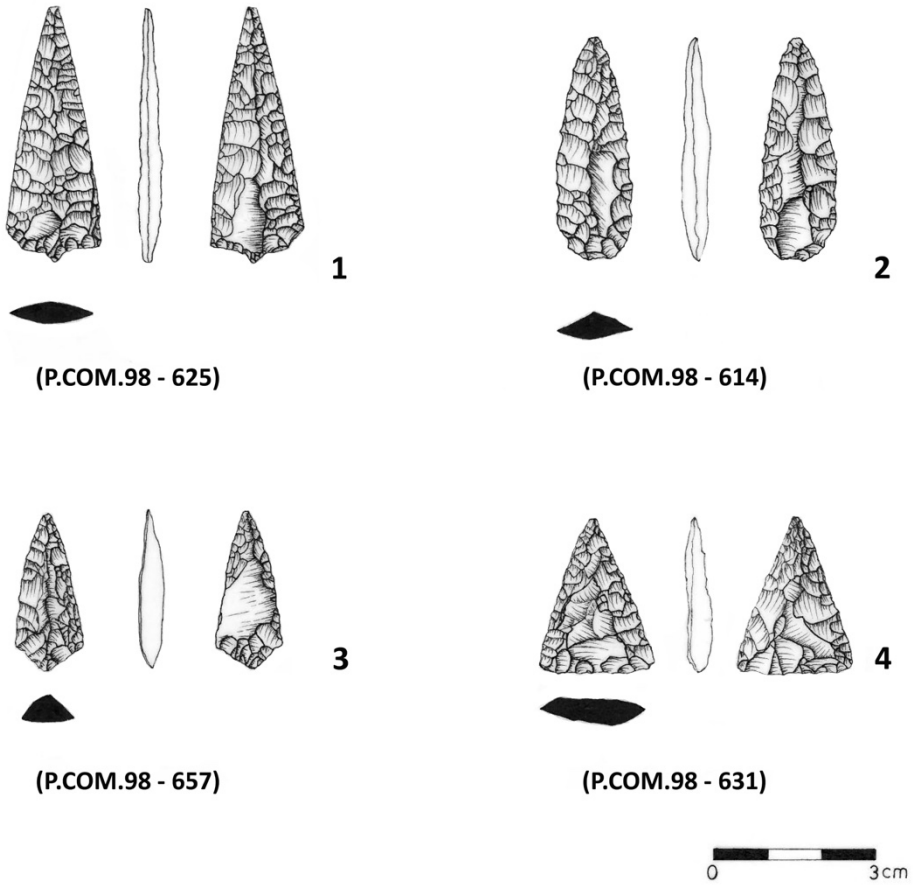


Fig. 18 – Pontas de seta.

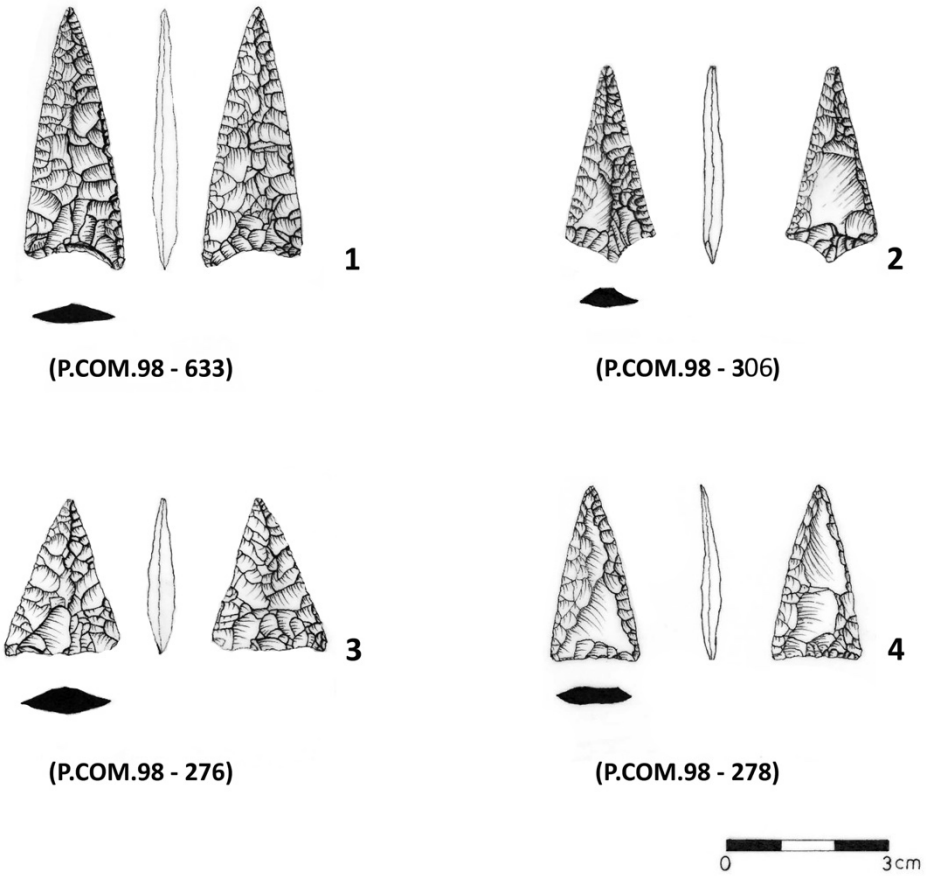


Fig. 19 – Pontas de seta.

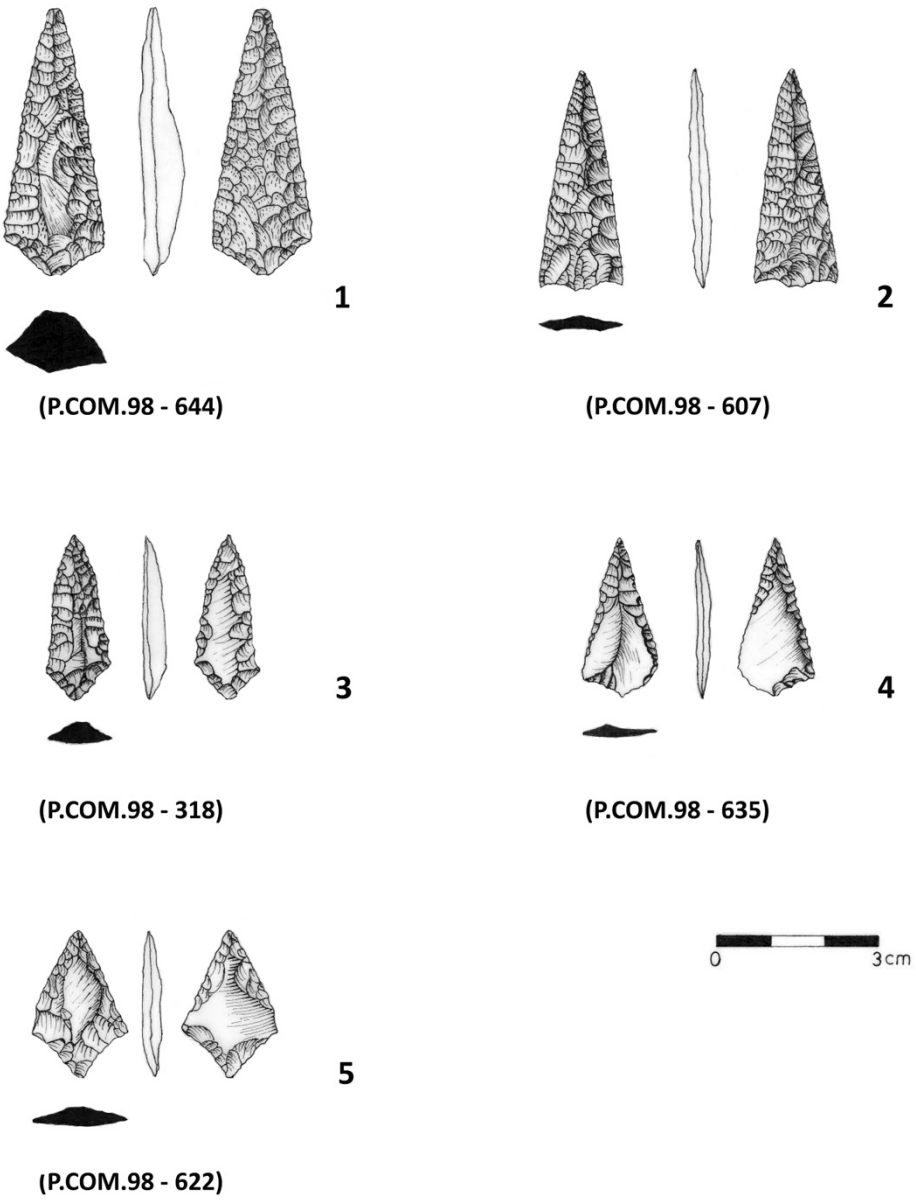


Fig. 20 – Pontas de seta.

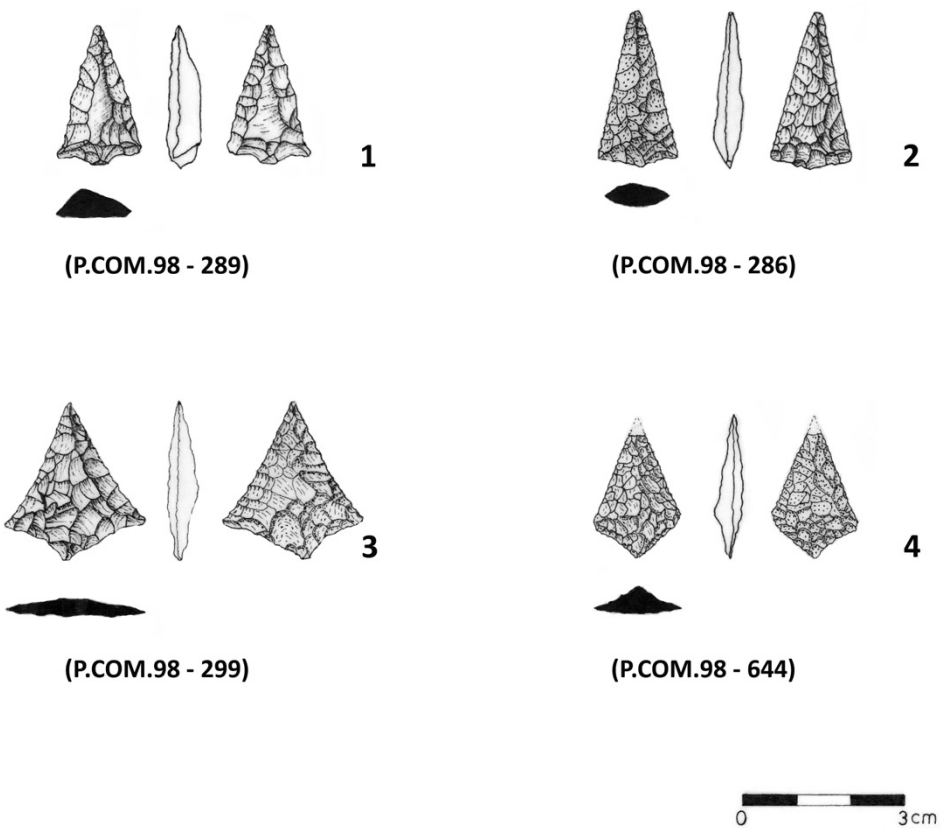


Fig. 21 – Pontas de seta.

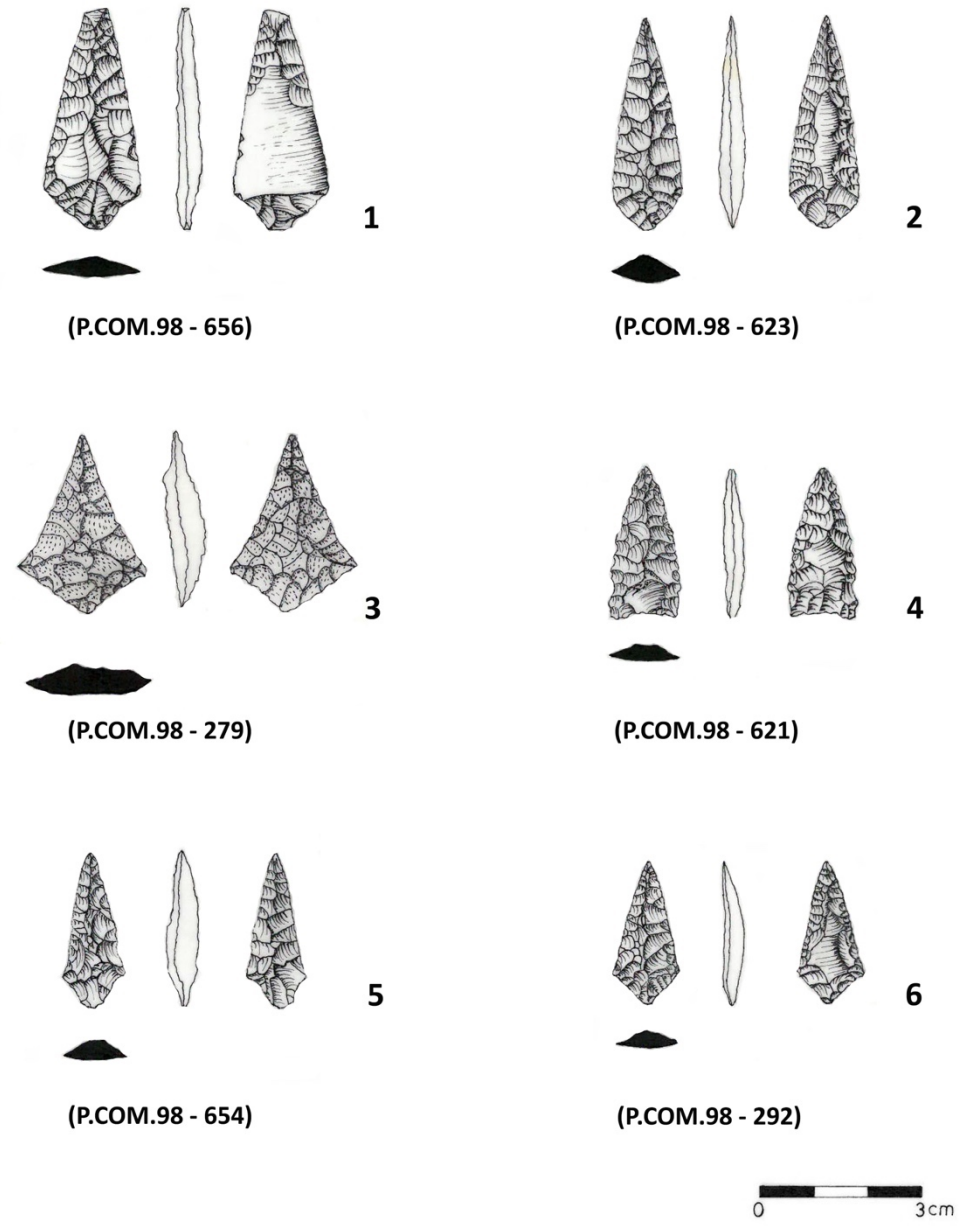


Fig. 22 – Pontas de seta.

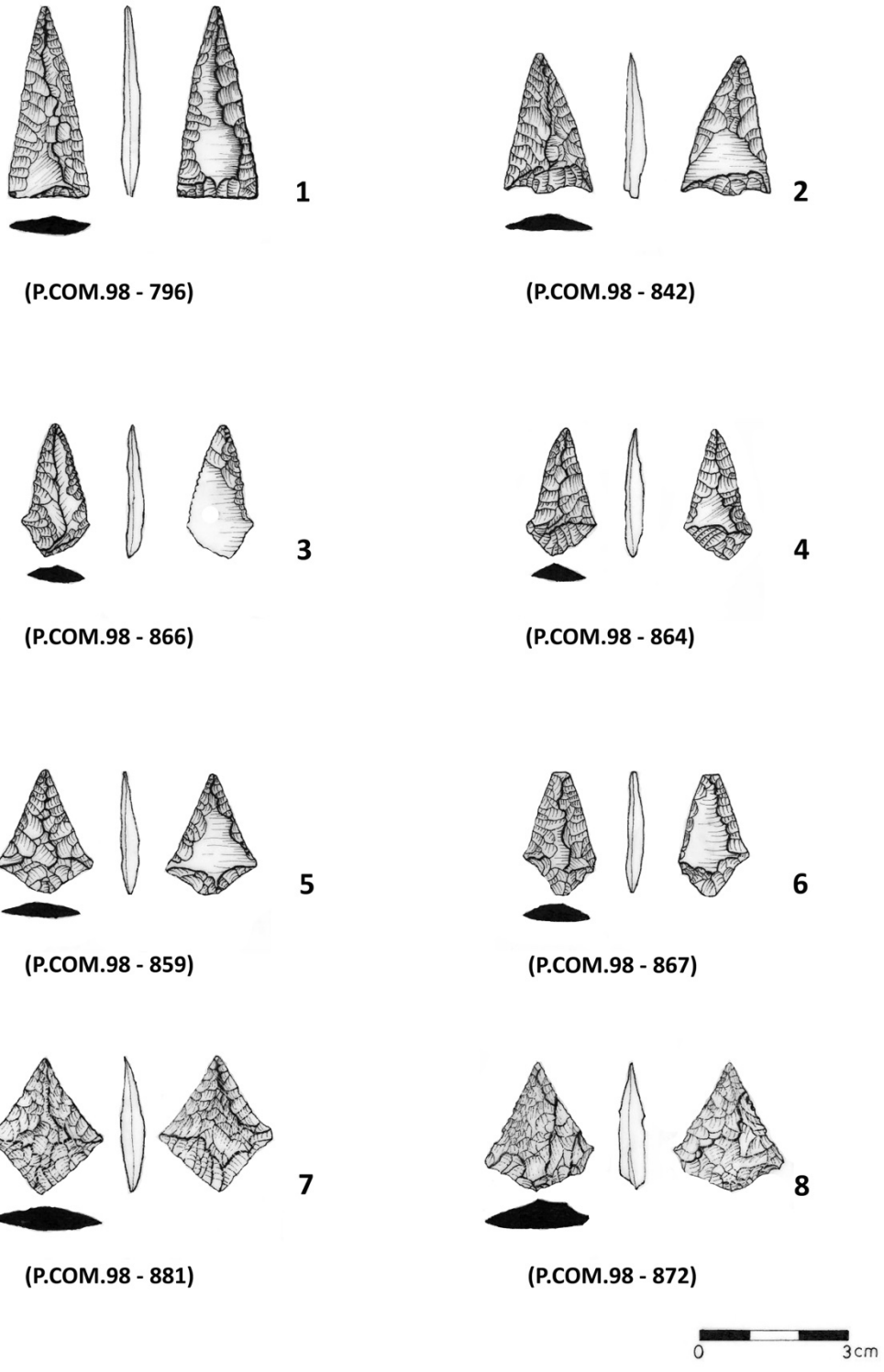


Fig. 23 – Pontas de seta.

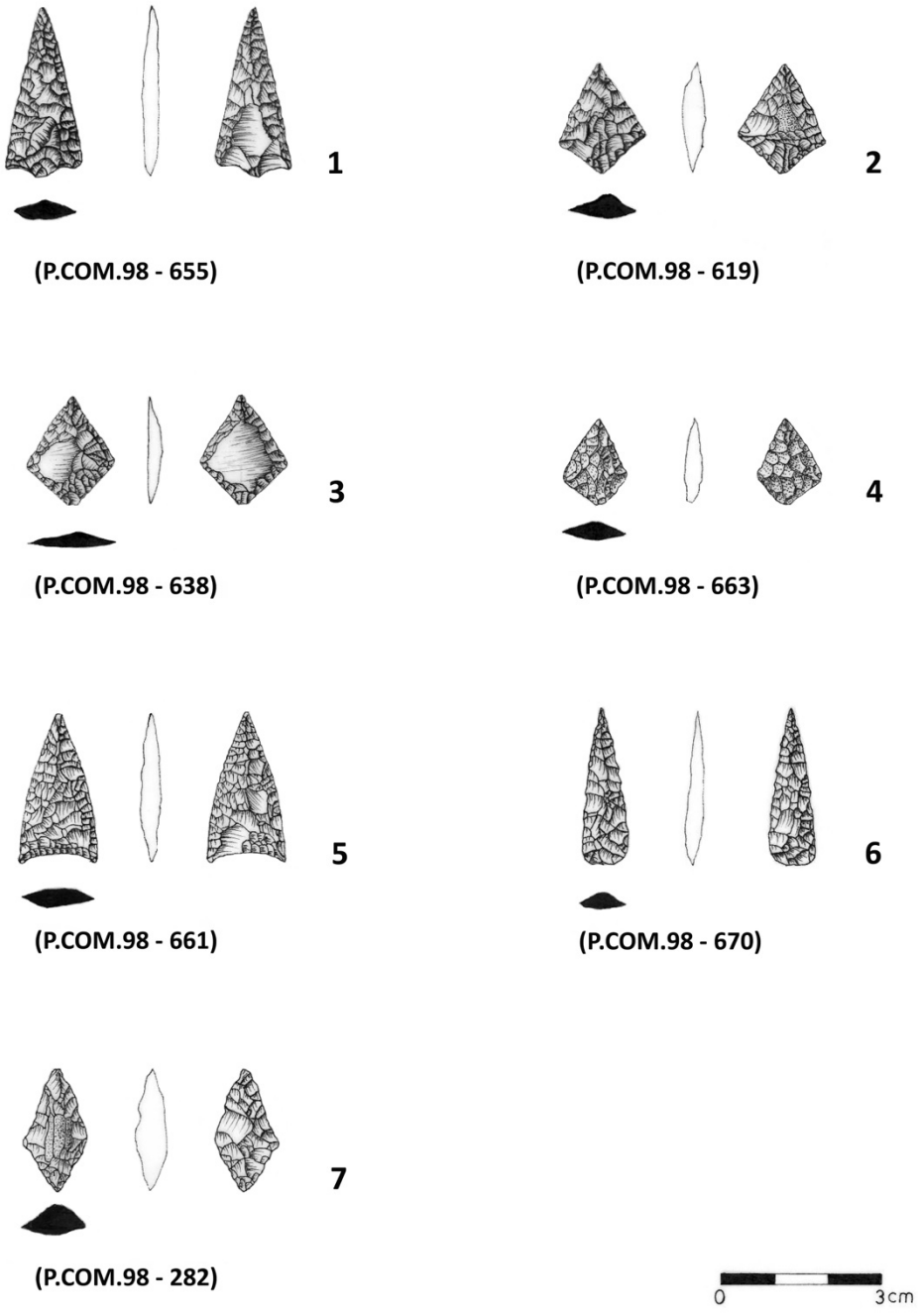


Fig. 24 – Pontas de seta.

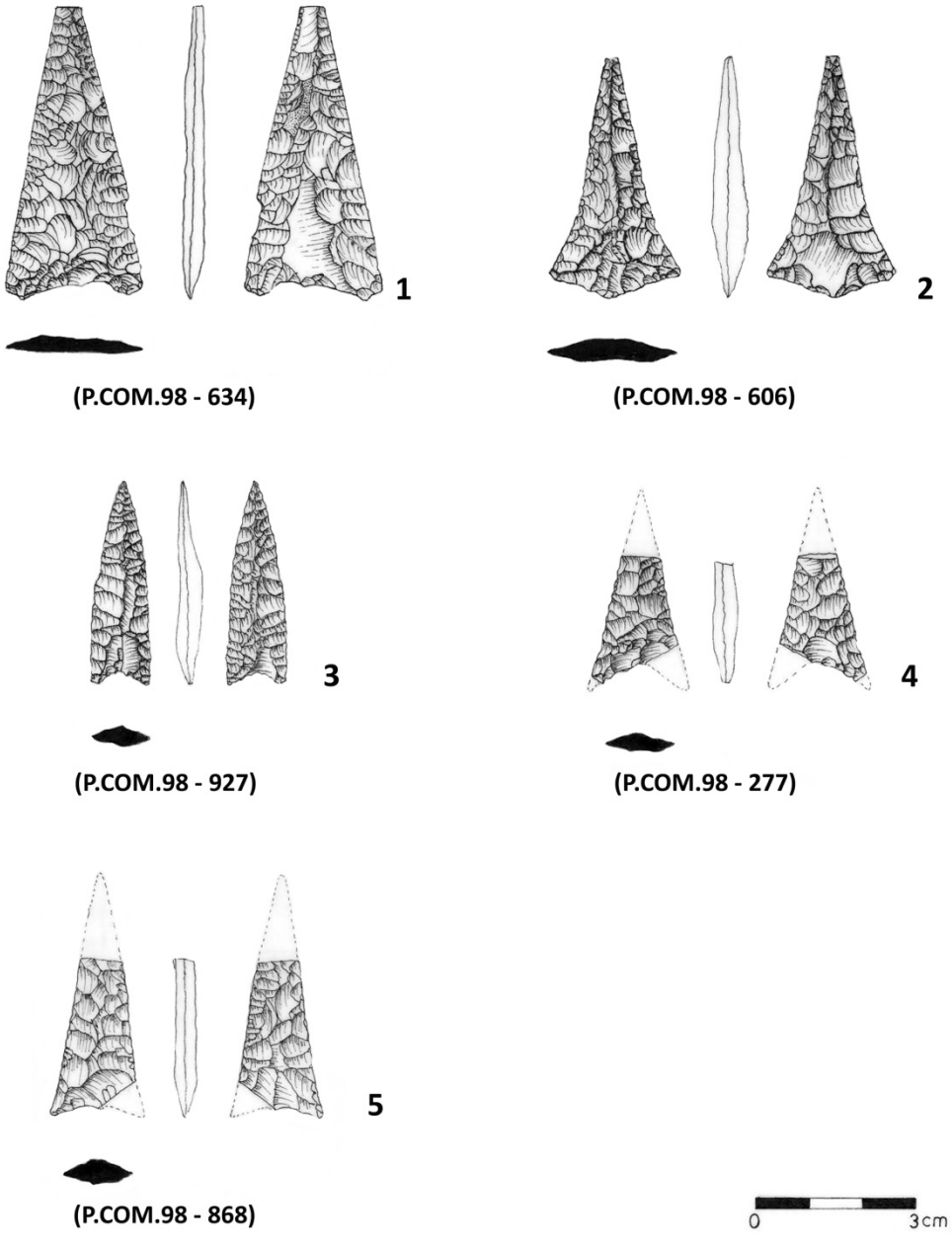


Fig. 25 – Pontas de seta.

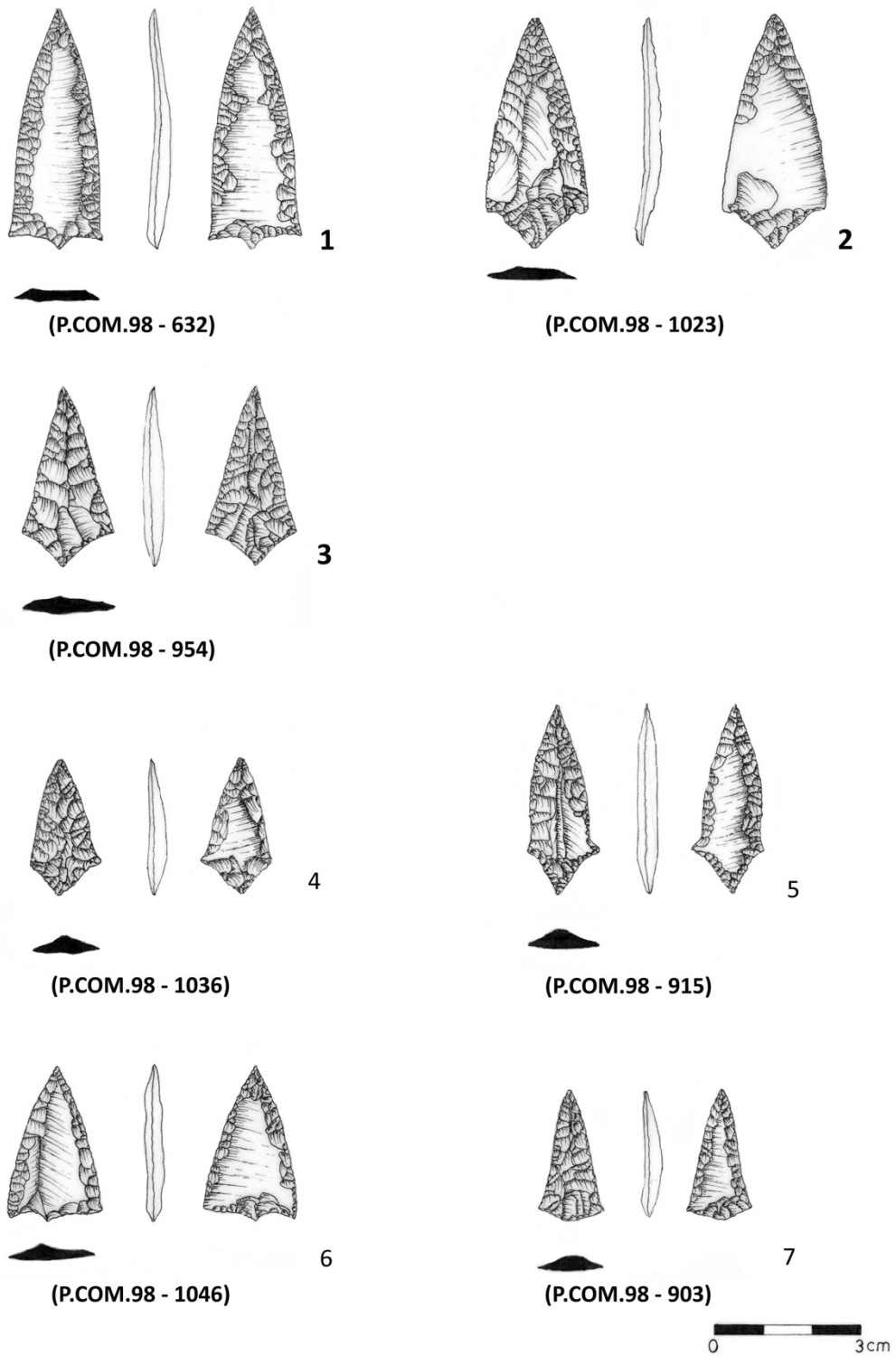


Fig. 26 – Pontas de seta.

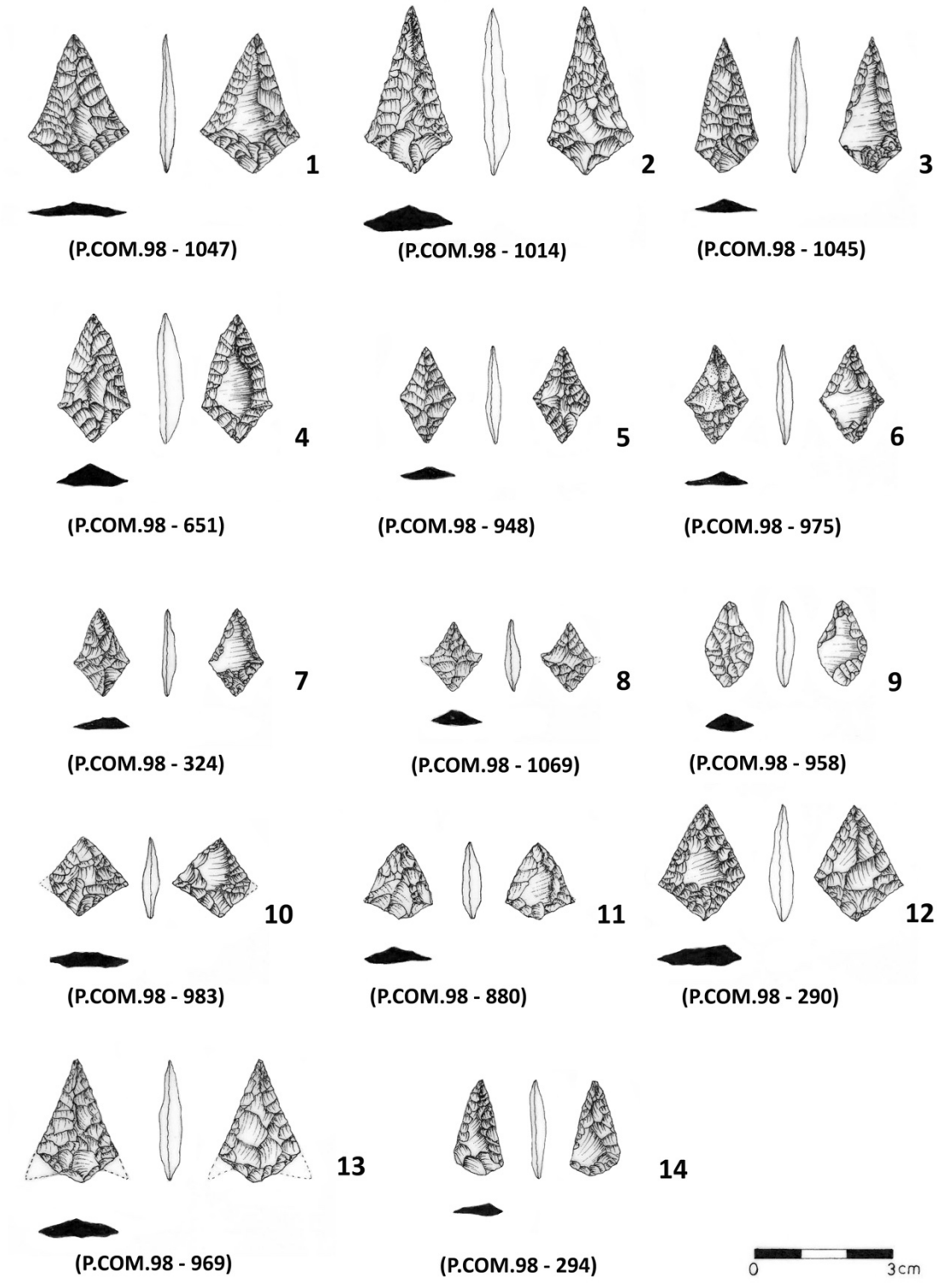


Fig. 27 – Pontas de seta.

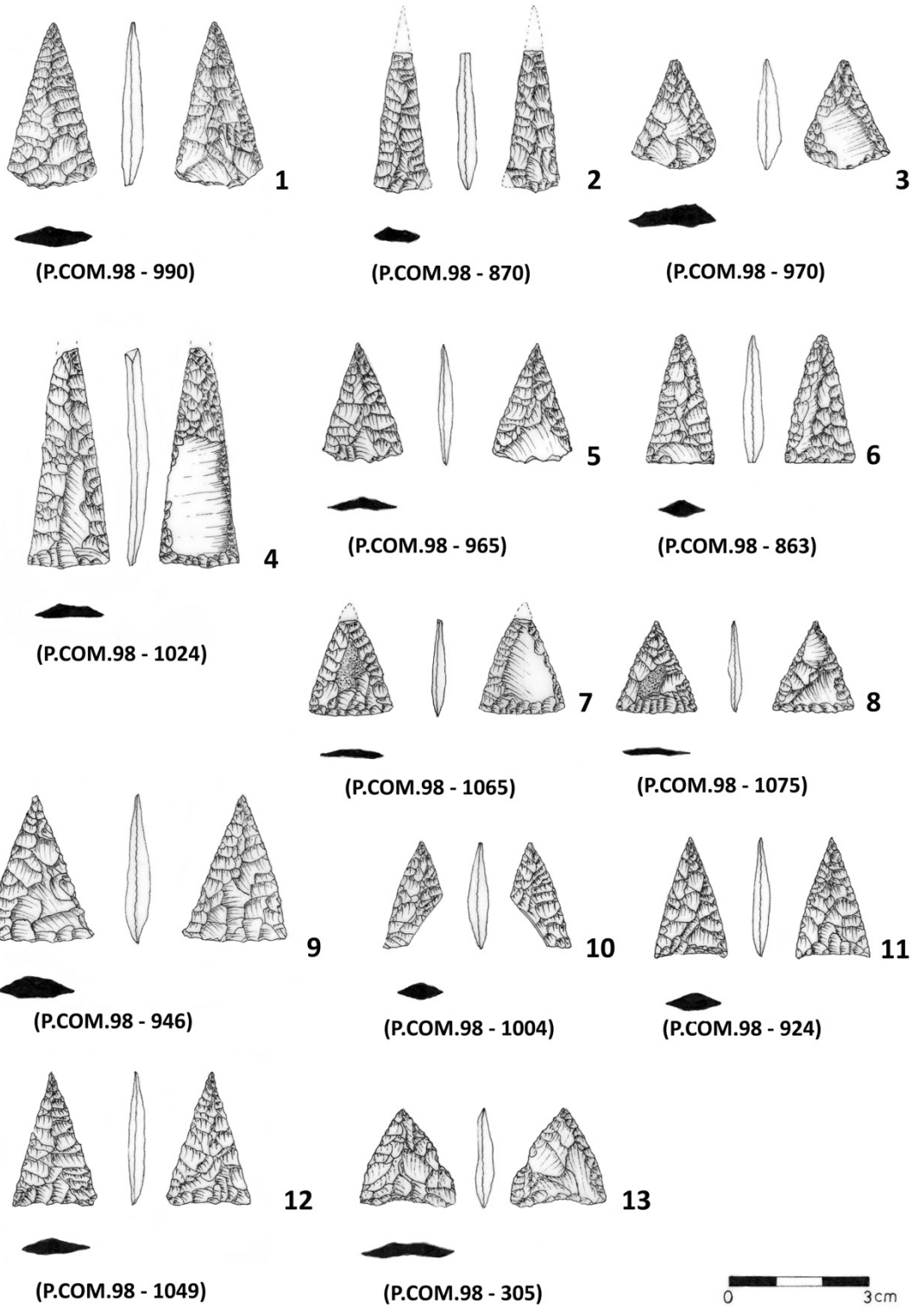


Fig. 28 – Pontas de seta.

Estampa XX

1 – Pontas de seta de base reta.

2 – Pontas de seta de base triangular.

Estampa XXI

1 – Pontas de seta de base triangular com aletas.

2 – Pontas de seta losângicas.

Estampa XXII

1 – Pontas de seta de base bicôncava.

2 – Pontas de seta de base côncava.

Estampa XXIII

1 – Pontas de seta de base convexa.

2 – Pontas de seta de base pedunculada.

4 Raspadores

4.1 Raspadores. Quadros descritivos

ANTA DO PENEDO DO COM – Raspadores (Quadro V)								
N° DE ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**MORFOLOGIA**	**DIMENSÕES (cm)**			**OBS.**
					Eixo maior	Eixo menor	Esp.	
1 Fig. 29-1	APC-98-902	F7; câmara, c.4; peneiração	Sílex castanho escuro	Raspador sobre lasca de configuração subcircular, com ténues retoques abruptos em parte do gume.	2,6	2,5	0,9	-
2 Fig. 29-2	APC-98-1083	Superfície	Sílex castanho amarelado	Raspador sobre lasca de configuração sub-retangular, com retoques rasantes em todo o gume.	2,9	2,1	0,5	-

4.2 Raspadores. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

Os dois raspadores sobre lasca, tenuemente retocadas e/ou com retoques simples sobre o gume (APC.98 – 902 e 1083) (II-Fig.29-1 e 2), foram exumadas fora do seu contexto de deposição original — uma na c.4 da câmara funerária, outra à superfície na periferia do monumento —, facto que nos impede de tecer qualquer consideração sobre o seu contexto deposicional e cronológico.

4.4 Desenhos e fotografias

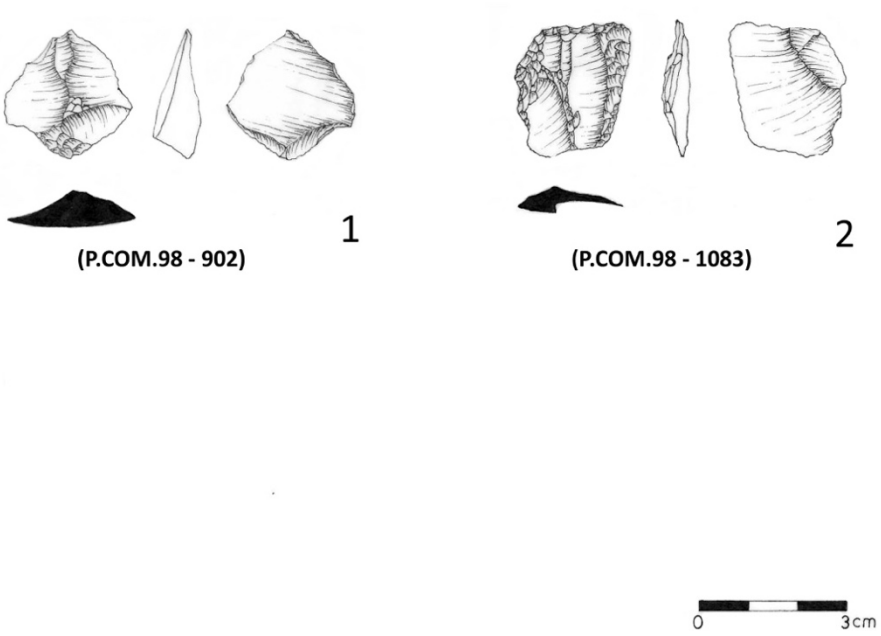


Fig. 29 – Raspadores sobre lasca.

Estampa XXIV

1. Raspadeiras sobre lasca.

5 Machados

5.1 Machados. Quadros descritivos

ANTA DO PENEDO DO COM –Machados (Quadro VI)														
N° DE ORDEM	**IDENT.**	**PROV.**	**DIMENSÕES**			**MATÉRIA-PRIMA**	**FORMA**	**PERFIL**	**BORDOS**	**SECÇÃO**	**FIO DO GUME**	**PEFIL DO GUME**	**TALÃO**	**TÉCNICA**	**OBSERVAÇÕES**
			Comp.	Larg.	Esp.										
1 Fig. 30-1	APC-98-938	F6; câmara, c.4; 158x1,00x269	19,7	3,9	3,4	Anfibolito	Sub-retangular	Biconvexo	Sub-retilíneos	Retangular	Convexo simétrico	Convexo simétrico	Reto	Polimento total no gume e em algumas áreas das faces	Fio do gume ligeiramente fraturado, evidenciando indícios de uso

5.2 Machados. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

O único machado em pedra polida (APC.98 – 938) (II-Fig. 30-1) recuperado na escavação de 1997/98, encontrava-se no interior da câmara do monumento, sob os esteios tombados (E.11 e E.12) em camada estratigráfica profundamente revolvida (c.4).

A peça, medindo 19,7 cm de comprimento, 3,9 cm de largura e 3,4 cm de espessura, apresenta indícios de uso com o fio do gume ligeiramente fragmentado. Apresenta contorno sub-retangular, perfil biconvexo, bordos sub-retilíneos, secção sub-retangular e talão reto; polimento total do gume (convexo/simétrico) e parcial das faces.

Este não é, no entanto, o único artefacto em pedra polida proveniente do *Dólmen do Penedo do Com*, tendo Vera Leisner observado e desenhado mais três machados e uma enxó (II-Fig. 14 – 10, 12, 13 e 15) depositados no Museu e Laboratório de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e outros dois machados em pedra polida (II-Fig.14 – 11 e 14) de uma coleção privada de F. de Morais Ferreira da Silva (Leisner, 1998:pp. 62-63, estampas 55 e 143), desconhecendo-se, no entanto, o contexto da sua recolha.

Segundo os dados fornecidos por esta investigadora alemã, podemos descreve este material da seguinte forma:

— Machado em anfibolito, de forma sub-retangular, perfil e bordos retilíneo-convexos, seção sub-retangular, fio do gume convexo simétrico, perfil do gume convexo assimétrico e talão, possivelmente, sub-retangular (II-Fig. 14 -10).

— Machado de pedra polido em ambos os lados, gume afiado, tonalidade castanho-azulado escuro. Forma sub-retangular, perfil e bordos retilíneo-convexos, seção retangular, fio do gume convexo simétrico, perfil do gume convexo assimétrico e talão sub-retangular (II-Fig. 14 – 11).

— Enxó “grosseira” em anfibolito azul-acinzentado, com ambos os lados planos, ligeiramente polidos. forma sub-retangular, perfil e bordos retilíneo-convexos, seção

retangular, fio do gume convexo simétrico, perfil do gume convexo assimétrico e talão, possivelmente, sub-retangular (II-Fig. 14 -12).

— Machado "grosseiro" em diabásio, de tonalidade castanho-azulado, polido em ambos os lados apenas junto ao gume. forma sub-retangular, perfil e bordos retilíneo-convexos, seção retangular, fio do gume convexo simétrico, perfil do gume simples convexo e talão, possivelmente, retangular (II-Fig. 14 -13).

— Machado em excelente estado de conservação, de tonalidade castanho-acinzentado escuro, ambos os lados curvos com secção transversal oval, gume obliquo sem evidentes sinais de uso (bem preservado). Forma Sub-trapezoidal, perfil e bordos convexos, fio do gume convexo simétrico, perfil do gume convexo assimétrico e talão, possivelmente, arredondado (II-Fig. 14 -14).

— Machado ou enxó? em diorito preto, com o gume afiado no bordo inferior. Forma Sub-trapezoidal, perfil e bordos convexos, seção subelíptica, fio do gume convexo assimétrico, perfil do gume simples-convexo e talão, possivelmente, arredondado (II-Fig. 14 -15).

O material em pedra polida, principalmente machados, enxós e goivas, incorporam espólios funerários tanto dos monumentos mais antigos, nomeadamente alguns dólmens de câmara simples da Serra da Aboboreira — *Mina do Simão, Chã de parada 3, Chã do Loureiro ou Outeiro de Gregos* —, aos dólmens complexos, nomeadamente os que amiúde tem sido intervencionados na Beira Alta — *Areita, Senhora do Monte, Sangrino, Lameira de Cima 1, Orca das Castonairas* — integrando igualmente espólios funerários de monumentos funerários mais tardios.

A perspetiva de que os machados/enxós de secção arredondada e polimento tendencialmente integral integraram os espólios mais antigos do megalitismo regional (Senna-Martinez, 1989a, 1989b e 1994b) pode indiciar uma deposição primária para os exemplares com estas características. Ainda assim, observamos que os machados de secção transversal retangular fazem parte igualmente dos enxovais fúnebres de alguns destes dólmens (Carvalho, 2005: 184) registando-se a sua prevalência em monumentos,

como é presente caso, que se mantêm em uso até momentos mais tardios, não raras vezes reutilizados em períodos posteriores após encerramento primário.

Por outro lado, observa-se um diminuto número de artefactos em pedra polida nas deposições primárias dos dólmens da Beira Alta (ex: *Areita* – 2 machados, 1 enxó e 1 goiva; *Orca das Corgas da Matança* — 1 machado; *Carapito* 1 — 2 machados; *Sangrino* — 1 machado e 2 goivas; *Senhora do Monte* – 1 machado) o que deve certa forma pode perspetivar que o excessivo número registado no *Dólmen do Penedo do Com* (5 ou 6 machados e 1 ou 2 enxós) se prenda com o facto de este ter permanecido em uso por um período de tempo mais alargado e/ou com as reutilizações perpetradas em períodos posteriores da Pré-história recente.

Aparentemente, todos estes artefactos devem ter sido depositados na câmara ou no corredor ortostático do dólmen, integrando, potencialmente, enxovais fúnebres ou oferendas rituais primárias.

5.3 Desenho e fotografia

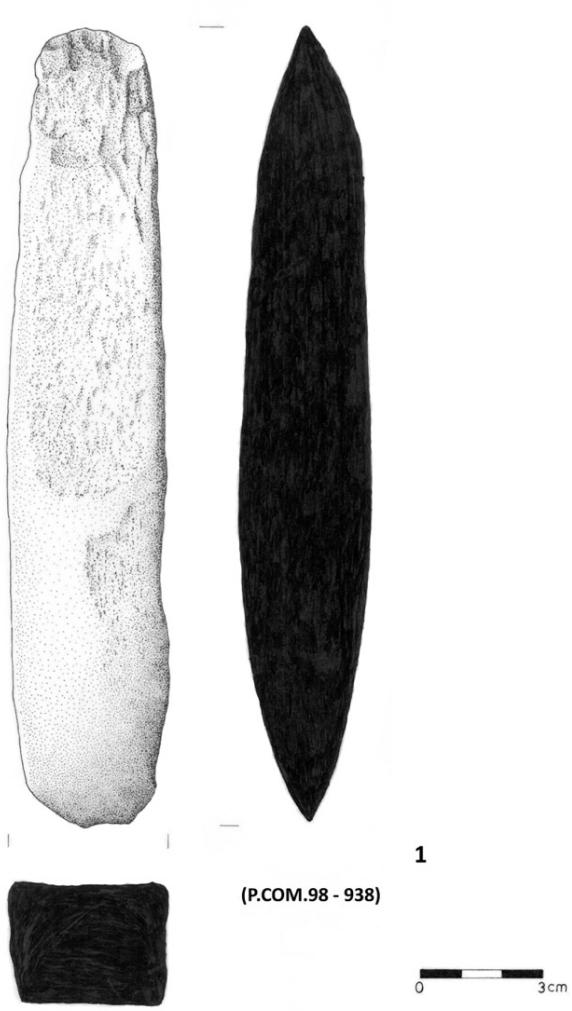


Fig. 30 – Dólmen do Penedo do Com. Machado.

Estampa XXV

1 – Machado em pedra parcialmente polida.

6 Elementos de moagem: moinhos

6.1 Elementos de moagem: moinhos. Quadros descritivos

ANTA DO PENEDO DO COM – Moinhos (Quadro VII)								
N° DE ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA -PRIMA**	**MORFOLOGIA**	**DIMENSÕES (cm)**			**OBS.**
					Eixo maior	**Eixo menor**	**Esp.**	
1	APC-98-1076	G6; contraforte, c.1; 130x108x186	Granito	Subquadrangular de arestas arredondadas, com visível superfície de desgaste ao centro	13 (frag.)	19	6	Frag. dormente de moinho manual reutilizado na construção do contraforte-
2	APC-98 1077	E7; na base da camada 4; câmara; 69x20x302	Granito	Subovóide de arestas arredondadas, com visível superfície de desgaste ao centro	20 (frag.)	26	8	Frag. dormente de moinho, provavelmente reutilizado c/ calço E.7???
3 EST. XXVI	APC-98 787	F2; camada 1; em frente ao átrio 85x180x256	Granito	Configuração ovalada, com visível superfície de desgaste em ambos os lados	7,1 (frag.)	10,4	5,3	Frag. movente de moinho manual
4 EST. XXVI	APC-98 789	F5; contraforte; 178x12x148	Granito	Configuração ovalada, com visível superfície de desgaste em ambos os lados	3,9 (frag.)	8,3	3,8	Frag. movente de moinho manual

6.2 Elementos de moagem: moinhos. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

A intervenção arqueológica neste dólmen facultou a recolha de quatro fragmentos de moinhos manuais — 2 moventes e 2 dormentes — exumados em contextos distintos (II-Est. XXVI-1 e 2).

Um dos moventes (APC.98- 787) encontrava-se em área exterior ao monumento (F2) disperso pelas terras da camada 1. Aceita-se que este possa ter integrado primitivamente um contexto estrutural e/ou ritual relacionado com a sepultura megalítica, tendo sido deslocado do seu contexto original no decurso de uma das violações que o sepulcro foi alvo, não sendo de excluir uma hipotética relação uma pré-ocupação de cariz doméstico do local, evidenciada indiretamente por alguns fragmentos cerâmicos recolhidos em contexto estratigráfico idêntico.

O outro movente (APC.98 – 789) e um dos dormentes (APC.98 — 1076) estavam incorporados no contraforte do lado NE do corredor. Podem ser interpretados simplesmente como reutilizações, enquanto material de construção, de artefactos inutilizados, situação recorrente em muitos dólmens da Beira Alta e do Norte de Portugal, ou então como deposições rituais integrando, no caso concreto, cerimoniais fundacionais.

Junto aos calços internos do E.7, em posição distinta destes, foi identificado, praticamente em contacto com substrato rochoso, um dormente de moinho manual parcialmente fraturado (APC.98 — 1077). Não é descabido considerar que este tenha integrado o conjunto de calços que, internamente, acondicionavam as bases dos esteios do lado SO da câmara funerária, advogando-se, neste sentido, significados próximos dos propostos anteriormente para os elementos incorporados no contraforte; admite-se, no entanto, podermos estar na presença de um objeto com caracter simbólico relacionado com práticas cultuais ocorridas no interior do monumento.

Na *Mamoa 3 de Pena Mosqueira* (Sanhoane, Mogadouro), uma sepultura simples sob tumulus cronologicamente inserido no período em questão, foi identificado uma laje sub-retangular de quartzito, polida no anverso levemente côncavo (presumível moinho

manual reaproveitado) e polvilhado de ocre em todas as suas faces (Sanches, M.J, 1987; Sanches, M.J, 1994). Tratar-se-ia realmente de um moinho reutilizado, ou terá este desempenhado funções idênticas às que preconizamos para esta peça?

Neste âmbito, refira-se ainda um dormente de contorno antropomórfico e um movente finamente polido identificados, sobre as cinzas de uma lareira, na área fronteira do *Dólmen 2 da Chã Arcas* (Vila Pouca de Aguiar) (Perpétuo, 2018).

Ainda que com algumas reservas, admitindo um carácter funcional/religioso, podemos de certa forma enquadrar estes "moinhos" com a placa "Idoliforme" recolhida no monumento 1 da mesma necrópole, paralelizável com outra exumada no nível superior do *Dólmen K da Veiga de Perafita*, no concelho de Alijó, onde se observou, na face mais polida e côncava, uma forte coloração avermelhada (Fábregas Valcarce, 1991: 188-189).

Refira-se igualmente, a fina laje aplanada e coberta de ocre observada na *Mamoa d'Alagoa* (Jou-Murça) (Sanches *et alli*, 2005). Ainda que não ostentasse qualquer ornamentação, julgamos que pode ter integrado um contexto idêntico.

6.3 Fotografias

Estampa XXVI

1 – Fragmentos de moventes de moinhos manuais.

2 – Fragmentos de dormentes de moinhos manuais.

7 Outros artefactos

7.1 Quadros descritivos

ANTA DO PENEDO DO COM – Seixos do Rio (Quadro VIII)								
N° DE ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**MORFOLOGIA**	**DIMENSÕES (cm)**			**OBS.**
					Eixo maior	Eixo menor	Esp.	
1 Est.XXVII-1	APC-98-311	F1; ext. átrio, c.6; 68x55x288	Quartzito (bege translucido)	Subcircular	4,3	3,7	2,6	Seixo natural sem vestígios de uso ou manipulação
2 Est.XXVII-1	APC-98-312	F5; corredor, c.4; 65x125x219	Quartzito (bege claro)	Elipsoidal	4,1	2,9	3	*Idem*
3 Est.XXVII-1	APC-98-320	G6; periferia corredor, c. 4;	Quartzito (bege claro)	Subcircular	3,5	3,1	2,5	*Idem*
4 Est.XXVII-1	APC-98-322	F2; ext. átrio, c.1;	Quartzito? (cinzento)	—	—	2,6	1,7	Fragmentado
5 Est.XXVII-1	APC-98-325	F2; ext. átrio, c.6; 22 x 178 x 280	Quartzito (Cinzento escuro, acastanhado)	Elipsoidal	6,5	4,4	3,5	Seixo natural sem vestígios de uso ou manipulação
6 Est.XXVII-1	APC-98-639	D7; mamoa, c.1;	Quartzito (branco)	Elipsoidal	3,1	1,7	1,5	*Idem*
7 Est.XXVII-1	APC-98-782	G5; periferia corredor, c.4;	Quartzito (cinzento claro)	Ovoide	5,2	3,6	2,9	*Idem*
8 Est.XXVII-1	APC-98-874	F5; corredor, c.4;	Quartzito (cinzento acastanhado)	Subovóide	6,2	4,1	2,4	*Idem*
9 Est.XXVII-1	APC-98-951	F6, câmara, c.4;	Quartzito (castanho)	Elipsoidal	3,6	2,1	1,7	*Idem*
10 Est.XXVII-1	APC-98-1026	E5; corredor, c.6; 150x84x286	Quartzito (bege claro)	Elipsoidal	4,3	3,2	2,7	*Idem*

ANTA DO PENEDO DO COM – Cristais de Rocha (Quadro IX)							
N° DE ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**MORFOLOGIA**	**DIMENSÕES (cm)**		**OBS.**
					Eixo maior	Esp.	
1 Est.XXVII-2	APC-98-299	G5; periferia corredor, c.3; peneiração	Quartzo hialino, laranja translúcido	Hábito prismático piramidal	2,9	1,1	Frag. na base
2 Est.XXVII-2	APC-98-303	G6; periferia corredor, c.3; peneiração	Quartzo hialino translúcido	Hábito prismático piramidal	1,6	0,4	*Idem*
3	APC-98-304	F6; corredor, c.3; peneiração;	Quartzo hialino cristalino	Hábito prismático bipiramidal	3,5	3,1	Completo e atípico
4 Est.XXVII-2	APC-98-321	E3; átrio, c.3; peneiração	Quartzo hialino cinzento	Prisma fraturado	2,1	1,6	Fragmentado
5 Est.XXVII-2	APC-98-599	Superfície, mamoa.	Quartzo hialino translúcido cinzento	Hábito prismático piramidal	1,9	0,8	Frag., atípico
6 Est.XXVII-2	APC-98-611	F5; corredor, c.4; peneiração	Quartzo hialino translucido	Hábito prismático piramidal	3,1	1,7	Frag., atípico
7 Est.XXVII-2	APC-98-613	L7; periferia mamoa, c.1, peneiração	Quartzo hialino preto/acinzentado	Hábito prismático bipiramidal	4,2	2,5	Completo
8 Est.XXVII-2	APC-98-626	F6; corredor, c.4; peneiração	Quartzo hialino translúcido	Prisma fraturado	2,4	1,8	Frag.
9	APC-98-640	D7; mamoa, c.1; peneiração	Quartzo hialino translúcido	Hábito prismático piramidal	1,3	0,6	Completo
10 Est.XXVII-2	APC-98-641	E4; átrio; topo de c.6; Z-275	Quartzo hialino cristalino	Hábito prismático piramidal	3,4	1,3	Completo
11 Est.XXVII-2	APC-98-648	F5; corredor, topo de c.6; 90x30x277	Quartzo hialino translúcido	Hábito prismático piramidal	6,1	1,8	Completo, atípico
12 Est.XXVII-2	APC-98-660	D7; mamoa, c.1; peneiração	Quartzo hialino cristalino	Hábito prismático piramidal	2,3	0,7	Completo
13 Est.XXVII-2	APC-98-861	E7; câmara, c.4; 150x100x312	Quartzo hialino cristalino	Hábito prismático piramidal	3	2,2	Fragmentado
14 Est.XXVII-2	APC-98-942	F7; base câmara, c.4; 40x1.70x332	Quartzo hialino translúcido	Hábito prismático piramidal	5,5	2	Completo
15 Est.XXVII-2	APC-98-981	F6; câmara, c.4; peneiração	Quartzo hialino translúcido	Hábito prismático piramidal	2,5	1,1	Fragmentado
16 Est.XXVII-2	APC-98-1039	E6; câmara, c.4; peneiração	Quartzo hialino translúcido	Hábito prismático piramidal	3,6	1,6	Fragmentado

ANTA DO PENEDO DO COM – **Polidores** (Quadro X)								
N° DE ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**MORFOLOGIA**	**DIMENSÕES (cm)**			**OBS.**
					Eixo maior	Eixo menor	Esp.	
1 Est.XXVIII	APC-98-316	F2; ext. átrio, c.6; 94x187x280	Granito grão fino	Sub-retangular	4,6	4,3	1,8	Fragmentado
2 Est.XXVIII	APC-98-781	F5; corredor, c.6; 183x70x280 cm	Seixo granítico	Subcircular	5,2	5	3	Claros vestígios de percussão; Polidor, percutor
3 Est.XXVIII	APC-98-788	E6; câmara (calço de E.6), c. 4; 158x24x283	Granito grão grosso	?	—	4,3	5,5	Fragmentado c/ vestígios de percussão; Polidor, percutor
4 Est.XXVIII	APC-98-941	F7; câmara (topo afloramento), c.4; 40x170X 278	Metagrauvaque	Trapezoidal	5,5	4,7	2,2	Fragmentado; Polidor, amolador

7.2 Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

Seixos.

Os seixos rolados, sem qualquer tipo de manipulação antrópica, embora sejam presença comum no rol de materiais recolhidos em monumentos congéneres, nem sempre são valorizados e devidamente interpretados.

O *Dólmen do Penedo do Com* possibilitou a identificação de 10 seixos rolados dispersos pela câmara funerária, corredor, área externa fronteira ao átrio e na mamoa (II-Est.XXVII-1).

A larga maioria destes foram exumados em camadas estratigráficas revolvidas, nomeadamente no corredor ortostático (4 exemplares), na câmara funerária (1 exemplar e na mamoa (1 exemplar).

No corredor, em contexto estratigráfico seguro (c.6), recolheu-se mais um exemplar (APC98 – 1026) sensivelmente ao nível de circulação primária desta área concreta do monumento, admitindo-se para este uma deposição primária associada, provavelmente a algum ritual ocorrido na fase de primário da sepultura.

Na área fronteira exterior ao átrio, parcialmente enterrados na camada 6 (APC.98 – 311 e 325) ou sobre esta (APC.98 – 322) encontravam-se mais três seixos rolados que, com as devidas reservas, podem aí ter sido depositados intencionalmente durante a fase de construção/uso da sepultura.

Cristais de Rocha

A presença de cristais de rocha em monumentos funerários pré-históricos é bastante frequente, sublinhando-se desde logo que nem todos terão desempenhado as mesmas funções. Para além daqueles, que por não ostentarem qualquer tipo manipulação humana, se atribui um caracter votivo, ocorrem por vezes outros com claros vestígios de utilização ou núcleos utilizados na extração de lamelas.

Matéria-prima por excelência, comprovada nos presentes trabalhos em artefactos (micrólitos, lamelas, lâminas, etc.) e resíduos provenientes da sua manufatura (núcleos), pode, pela sua peculiar forma e beleza, ter adquirido um carácter simbólico, expressado pela sua deposição votiva em áreas específicas do monumento, eventualmente conectada com rituais fundacionais, espólios fúnebres ou no encerramento da sepultura.

Trata-se neste "item" específico simplesmente daqueles que, pelas suas características peculiares, se tornaram, para as populações construtoras/utilizadoras deste monumento, elementos rituais, normalmente denominados por "objetos ideotécnicos".

Dos 16 prismas recolhidos (II-Est. XXVII-2) durante a escavação da *Arca do Penedo do Com*, alguns parcialmente fragmentados, apenas 2 se encontravam em contexto estratigráfico seguro. Assim, no átrio do monumento, no topo da camada 6 e devidamente selado pela camada 5, foi identificado um prisma de quartzo hialino cristalino completo (APC.98 – 641). É possível que este, juntamente com outros artefactos identificados nesta área em contexto estratigráfico semelhante, possam ter integrado as deposições votivas que antecederam o encerramento do monumento ou outros atos de caracter ritual/deposicional ocorridos nesta área já na fase terminal de uso primário da sepultura.

Em situação estratigráfica idêntica (c.6), foi identificado no interior do corredor ortostático, um prisma piramidal, em quartzo hialino translucido, completo (APC.98 – 648). Aparentemente *in situ*, ou pelo menos localizado numa camada estratigráfica não revolvida, é possível que tenha integrado o espólio funerário de um dos primitivos inumados no interior do monumento.

Para além destes, refira-se a presença de 4 prismas identificados na câmara do dólmen, na base da camada 4 (APC98 – 861, 942, 980 e 1039) e praticamente em contacto com o substrato de base que, com as devidas reservas, podem ter integrado as deposições primárias ocorridas nesta área especifica do dólmen.

Os restantes encontravam-se dispersos, em camadas estratigráficas revolvidas, nas diferentes partes do monumento (4 exemplares na mamoa, 5 exemplares no corredor e 1 exemplar na área fronteira sobre o átrio) o que reflete a dimensão das "violações" de que a sepultura foi alvo ao longo dos tempos.

Polidores

Estes artefactos, por norma associados aos acabamentos das superfícies externas das cerâmicas (brunidores) ou como polidores/amoladores de instrumentos líticos, podem por vezes ser confundidos com simples seixos, exigindo-se uma observação cuidada das suas superfícies, para identificação precisa das áreas de desgaste. Não raras vezes, são igualmente utlizados enquanto percutores, notando-se nos seus topos as marcas deixadas pelo contacto exercido sobre suportes mais duros.

Nesta medida e quando identificados em contextos funerários, afigurasse-nos plausível considerá-los artefactos de uso doméstico (re)utilizados enquanto deposições de cariz fúnebre.

Ainda assim, à semelhança do preconizado para alguns moinhos, julgamos que alguns destes possam ter servido propósitos rituais, nomeadamente na trituração/esmagamento de óxidos metálicos para obtenção de ocre.

No *Dólmen do Penedo do Com* foram exumados quatro artefactos potencialmente inseríveis nesta categoria.

Uma encontrava-se inserida na camada 6 do átrio, devidamente selada pela camada 5 (APC.98-316) (II-Est.XXVIII-1). A peça, em granito de grão fino, encontrava-se totalmente polida, apresentando um desgaste maior sobre o anverso e um aspeto agronómico, adaptável à preensão digital, no lado oposto. A singularidade do suporte escolhido conjugada com as características evidenciadas e o local de deposição no monumento, levam-nos a atribuir a esta um hipotético cariz "idoliforme", que só não assumimos por inteiro em virtude da peça se apresentar fragmentada em ambos os topos. Trata-se sem dúvida de uma deposição primária, ocorrida no átrio do monumento durante a sua fase de uso e/ou encerramento, associada a outros artefactos/oferendas identificados em contexto idêntico. O segundo polidor (APC.98 – 781), produzido sobre um seixo de rio em granito e com evidentes sinais de percussão num dos topos, foi achado no corredor na base da camada 6, junto ao topo do afloramento rochoso, admitindo-se uma deposição anterior ou contemporânea da construção do monumento.

Na câmara do dólmen, integrando o conjunto de calços que interiormente acondicionavam a base de E.6, identificou-se um fragmento de polidor, com evidentes sinais de percussão no topo remanescente. O contexto, aparentemente seguro, em que se encontrava leva-nos a supor, numa primeira análise, a simples reutilização de um artefacto inutilizado enquanto material de construção. Ainda assim, tendo em conta a ambiência de rodeia a edificação de um dólmen e que poucos seriam os atos rotineiros dos seus obreiros, não descuramos a hipótese de estarmos na presença de mais pequeno ato ritual de índole fundacional.

Atente-se ainda a uma quarta peça, de funcionalidade possivelmente distinta das restantes quer pelo suporte em que foi produzida quer pelas características evidenciadas, identificada na câmara na base da camada 4 em contacto com o substrato rochoso, e que potencialmente se relacionará com as deposições primárias.

A litologia do suporte escolhido, um arenito metamorfizado (Metagrauvaque de grão fino), aliado ao facto de se encontrar integralmente polida, inclusivamente com os

cantos propositadamente arredondados, torna-a numa peça única dentro de todo o material lítico proveniente da escavação desta sepultura. O anverso da peça encontra-se parcialmente rebaixado em função do uso a que foi sujeito, conferindo-lhe um perfil tendencialmente côncavo, antevendo-se uma utilização enquanto amolador/afiador de material lítico cortante polido.

Núcleos e prismas com vestígios de talhe

Os núcleos observados correspondem todos a fragmentos de mineral, no caso concreto quartzo hialino, não se tendo registado nenhum em rocha.

Foram considerados apenas os blocos e/ou prismas com evidentes indícios —negativos— de debitagem (Tixier,1963:43), tendo sido relegados os prismas (hipotética matéria-prima) que não ostentassem qualquer extração. Estes últimos foram considerados, em função do contexto em causa, possíveis objetos ideotécnicos.

Os núcleos, não sendo artefactos propriamente ditos, são/constituem um indício direto da produção de instrumentos líticos talhados, que podem ter ocorrido nas imediações do dólmen, ou sugerirem a presença de contextos de cariz doméstico nas proximidades. Ainda assim, não deve ser descurada a hipótese de estes, por razões indecifráveis, terem assumido uma importância social e ideológica relevante e, nessa perspetiva, terem integrado deposições votivas.

Neste âmbito, trona-se preponderante a interpretação do contexto a que estavam associados, por forma a permitir-se uma leitura correta.

No presente caso, encontram-se representados por 7 exemplares (II-Est.XXVIII-2), dos quais 2 correspondem a prismas com algumas extrações avulsas (APC.98 – 275 e 1035), 1 presumível núcleo bipolar para extração de produtos alongados (APC.98 – 982), 1 núcleo prismático esgotado para obtenção de lamelas com extração de lasca (APC.98 – 618), e 3 núcleos prismáticos de lamelas esgotados (APC.98 – 308, 329 e 966).

Destes, 3 foram recolhidos fora do seu contexto original de deposição (APC.98 – 275, 319 e 981), 1 recolhido na base da camada 4 – câmara - em posição que julgamos

próxima à original (APC.98 -1035) e 3 *in situ* no meio da camada 6 (APC.98 – 308, 618 e 966).

Alvitramos para estes últimos, provavelmente para os outros três também, uma deposição anterior à construção do monumento, alegadamente associados a contextos de cariz doméstico anteriores à construção do dólmen.

Produtos de debitagem (lascas) e material residual (restos de talhe e esquírolas)

As lascas, produtos debitados em bruto sem transformação do suporte, são compostas por um conjunto de 15 exemplares — 9 em sílex (II-Est. XXIX-1) e 6 em quartzo hialino (II-Est.XXIX-2).

Encontravam-se, maioritariamente, dispersas pela área fronteira do monumento (Q. F2, E3; F4; E5e F5) nas camadas revolvidas pelas violações (c.3 e c.4). Ainda assim, foram identificadas 6 lascas *in situ* (APC.98 – 289, 270 e 308, 309, 649 e 644) nos níveis médios e inferiores da camada 6. A par destas, recolheu-se uma reduzida quantidade de material residual constituída por 6 restos de talhe (5 em quartzo hialino e leitoso e um em sílex) e 5 esquirolas (4 em sílex e um quartzo hialino), que por si só permitem conjeturar a prática local de ações de talhe.

Apresentavam-se distribuídas heterogeneamente pela câmara, corredor e área fronteira do monumento, destacando-se a presença de três restos de talhe e duas esquirolas entre as terras da camada 6. A camada 6 corresponde, "grosso modo", ao solo existente no local que foi enterrado/selado pela construção da sepultura, tendo o seu topo servido de piso de circulação nas áreas internas do monumento.

Neste âmbito, a situação estratigráfica do material achado *in situ* leva-nos a supor que estes tenham aqui sido abandonados em momento anterior à construção do dólmen, possivelmente decorrentes da prática de atividades de natureza doméstica, associadas a uma pré-ocupação do local enquanto *habitat*.

7.3 Fotografias

Estampa XXVII

1 – Seixos de rio (APC.98-325, 782, 874, 312, 322, 951, 1026, 639, 320).

2 – Prismas de cristal de quartzo (APC.98-648, 942, 613, 861, 304, 641, 981, 299, 611, 1051, 660, 303, 640, 599).

Estampa XXVIII

1 – Polidores (APC.98- 941, 316 (possível idoliforme), 781, 788).

2 – Núcleos prismáticos de lamelas e prismas com vestígios de talhe (APC.98-966, 275, 319, 982, 618, 1035, 308).

Estampa XXIX

1 – Lascas em sílex (APC.98- 876, 285, 609, 628, 636, 910, 637, 296, 642).

2 – Lascas em quartzo hialino (APC.98- 649, 329, 956,645).

Anexo III – Artefactos recuperados em cerâmica. Quadros descritivos, desenhos e fotografias

1 Cerâmica

1.1 Cerâmica. Quadros descritivos

ANTA DO PENEDO DO COM — **Cerâmicas** (Quadro XI)				
Nº ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**DESCRIÇÃO**	**OBS.**
1 Fig. 31-1	APC98 158	G6; área periférica ao lado direito do corredor (violada) próximo ao monólito tombado; c.4.	Recipiente de corpo esférico, fechado, fundo arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor laranja, polida, núcleo castanho alaranjado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 12,4 cm; esp. máx. da parede: 0,8 cm	Deposições primárias
2 Fig. 31-2	APC98 247, 248 e 250	G5; área periférica ao lado direito do corredor (violada) próxima ao esteio tombado (E.13); c.3.	Recipiente de corpo esférico, levemente fechado, fundo provavelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna castanha clara, tendencialmente mais escura no lado externo de cor castanha, polida, núcleo castanho/alaranjado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino, médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 13 cm; esp. máx. da parede: 0,7 cm	Três fragmentos permitindo colagem, provavelmente integrando as deposições primárias

3 Fig. 32-1	APC98 593	E4; átrio, c.5 para c.6.	Recipiente de corpo esférico, levemente fechado, fundo provavelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna de cor alaranjada e externa castanha clara, parcialmente polida, núcleo castanho; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 24,2 cm; esp. máx. da parede: 0,6 cm	Provavelmente integrando as deposições primárias
4 Fig. 33-1	APC98 1000	G7; câmara sob o esteio tombado (E.11); c.4.	Recipiente de corpo esférico, fechado, fundo provavelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado e estrangulamento do colo; superfície interna e externa de cor castanha clara, polida, núcleo castanho; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 10 cm; esp. máx. da parede: 0,7 cm	Provavelmente integrando as deposições primárias
5 Fig. 33-2	APC98 25	E3; sobre o fecho do átrio, c.5; 51 x 140 X 250	Recipiente de corpo semiesférico, ligeiramente aberto, fundo arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado e estrangulamento do colo; superfície interna e externa de cor castanha clara, polida, núcleo castanho; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 5,8 cm; esp. máx. da parede: 0,9 cm; altura: 4 cm	Pequeno recipiente provavelmente integrando as deposições primárias
6 Fig. 33-3	APC98 558, 908 e 1034	F6 (558) e F7(908 e 1034); câmara, c.4.	Recipiente de corpo em calote de esfera, levemente fechado, fundo provavelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna laranja e externa de cor castanha, polida, núcleo castanho/alaranjado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 12,4 cm; esp. máx. da parede: 0,7 cm	Três fragmentos permitindo colagem, provavelmente integrando as deposições primárias
7 Fig. 34-1	APC98 494	F3; sobre a entrada do átrio; c.6; 60 x 167 x 281	Recipiente de corpo em calote de esfera, fechado, fundo provavelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor laranja, polida, núcleo castanho/alaranjado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 14,6 cm; esp. máx. da parede: 0,5 cm	Provavelmente integrando as deposições primárias (*in situ*)

8 Fig. 34-2	APC98 62 e 64	G6; sobre contraforte; c.1; 115 x 79 x 198	Recipiente de corpo em calote de esfera, aberto, fundo provavelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor castanha, rugosas, núcleo castanho escuro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 13 cm; esp. máx. da parede: 0,8 cm	Dois fragmentos provavelmente integrando as deposições primárias
9 Fig. 34-3	APC98 270	F6; câmara, c.4; 192 x 4 x 216	Recipiente de corpo em calote de esfera, aberto, fundo provavelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna castanha escura e externa de cor castanha, polida, núcleo castanho; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 12 cm; esp. máx. da parede: 1,2 cm	Provavelmente integrando as deposições primárias
10 Fig. 35-1	APC98 890 a 892	G7; câmara (próximo da base de E.10), c.4.	Recipiente de corpo em calote de esfera, aberto, fundo provavelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado e leve estrangulamento do colo; superfície interna e externa de cor escura, polida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 10,6 cm; esp. máx. da parede: 0,8 cm	Três fragmentos provavelmente integrando as deposições primárias
11 Fig. 35-2	APC98 342 e 710	F5 (342) e E3 (710); corredor e fecho do átrio, c.3 e c.1 respetivamente.	Recipiente de corpo em calote de esfera, muito aberto, fundo arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio aplanado; superfície interna e externa de cor laranja, polida, núcleo laranja escuro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 12,8 cm; esp. máx. da parede: 0,8 cm; altura: 4,2 cm	Dois fragmentos provavelmente integrando as deposições primárias
12 Fig. 36-1	APC98 909 e 912	F7; câmara, c.4.	Recipiente de corpo em calote de esfera, muito aberto, fundo possivelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado e leve estrangulamento do colo; superfície interna e externa de cor castanha, polida, núcleo castanho escuro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 12,4 cm; esp. máx. da parede: 0,9 cm	Dois fragmentos provavelmente integrando as deposições primárias

13 Fig. 36-2	APC98 914	F7; câmara, c.4.	Recipiente de corpo globular, fechado, fundo possivelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado e leve estrangulamento do colo; superfície interna e externa de cor castanha escura, polida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 14,2 cm; esp. máx. da parede: 0,8 cm	Provavelmente integrando as deposições primárias
14 Fig. 36-3	APC98 976	F6; câmara, c.4	Recipiente de corpo globular, ligeiramente aberto, fundo possivelmente arredondado, sem decoração; bordo direito de com lábio arredondado e estrangulamento do colo; superfície interna e externa de cor castanha, rugosas, núcleo castanho escuro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 14,2 cm; esp. máx. da parede: 0,8 cm	Provavelmente integrando as deposições primárias
15 Fig. 37-1	APC98 115	E5; corredor, sobre os esteios tombados entre as pedras deslocadas do contraforte, c.4; 141 x 00 x 233	Recipiente de corpo troncocónico, aberto, fundo possivelmente plano, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna negra e externa de cor castanha, polida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 11,8 cm; esp. máx. da parede: 0,9 cm	Deposições secundárias
16 Fig. 37-2	APC98 328	F5; corredor sobre os calços preservados do lado NE, c.4; 142 x 113 x 256	Recipiente de corpo troncocónico, aberto, fundo plano, sem decoração; bordo esvasado com lábio arredondado; superfície interna castanha e externa de cor castanha escura/negra, polida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 10 cm; esp. máx. da parede: 0,9 cm	Deposições secundárias
17 Fig. 37-3	APC98 765	F4; níveis superficiais revolvidos do átrio, c.3.	Recipiente de corpo possivelmente troncocónico, aberto, fundo plano, sem decoração; bordo direito com lábio aplanado; superfície interna de cor castanha e externa castanha escura, polida/brunida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 8,8 cm; esp. máx. da parede: 0,7 cm	Deposições secundárias

18 Fig. 38-1	APC98 956	F6; passagem do corredor para a câmara, c.4.	Recipiente de corpo possivelmente troncocónico, muito aberto, fundo plano, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor castanha, polida, núcleo castanho/negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino e médio (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 15 cm; esp. máx. da parede: 0,7 cm	Deposições secundárias
19 Fig. 38-2	APC98 849	E7; câmara, c.4 (base); 160 x 90 x 323	Recipiente de corpo troncocónico, aberto, fundo plano, sem decoração; bordo espessado com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor castanha escura, polida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino, médio e grosseiro (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 11,2 cm; ø da base: 10 cm; esp. máx. da parede: 0,8 cm; altura: 7,5 cm	Deposições secundárias
20 Fig. 38-3	APC98 923	G6; sob as pedras deslocadas do contraforte, junto à base de c.4	Recipiente de corpo troncocónico, aberto, fundo plano, sem decoração; inexistência de bordo; superfície interna e externa de cor castanha escura, polida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino, médio e grosseiro (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 11,2 cm; ø da base: 1,2 cm esp. máx. da parede: 0,8 cm; altura: 7,5 cm	Deposições secundárias
21 a 25 Fig. 39 - 1 a 5	APC98 999, 962, 592, 990 e 510/511	999 - G7; câmara, c.4.;962 e 990 – F7/6; câmara, c.4. 510/511 e 592 – F5; corredor (sob esteios tombados), c.4.	Cinco bases planas possivelmente pertencentes a outros tantos recipiente de corpo troncocónico; superfície interna e externa de cor castanha escura., polida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino, médio e grosseiro (calcite, mica e quartzo); ø da base variando entre os 14,7 cm e 7,5 cm	Deposições secundárias
26 Fig. 41-1	APC98 797	E.7; câmara junto aos calços internos de E.7; c.4 (próximo do topo substrato); 62 x 69 x 313	Recipiente de corpo possivelmente acampanulado, ligeiramente fechado, fundo possivelmente arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor castanha escura/negra., polida, núcleo negro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino, médio e grosseiro (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 9,8 cm; esp. máx. da parede: 0,6 cm	Deposições secundárias

27 Fig. 40-1	APC98 215, 1056, 1059	G5 e F5; próximo dos calços internos dos esteios NE do corredor, base de c.4.	Recipiente/taça de corpo acampanulado com carena baixa, aberto, fundo arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor castanha clara, tendencialmente acinzentada, polida/brunida, núcleo castanho; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 25,2 cm; esp. máx. da parede: 0,5 cm	Deposições secundárias. Foram identificados mais 2 fragmentos do mesmo recipiente (495 e 496), achados no quadrado F5, em contexto semelhante.
28 Fig. 41-2	APC98 18	E5; corredor, c.3.	Bordo com mamilo de um recipiente de forma troncocónica (?), aberto; bordo direito com lábio biselado (bisel interno); superfície interna polida e externa rugosa de cor castanha clara/acinzentada, núcleo alaranjado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino, (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 13,2 cm; esp. máx. da parede: 0,7 cm	Deposições secundárias
29 Fig. 44-2	APC98 36 e 1063	36 – F3; área fronteira, c.3; 60 x 00 x 221 1063 – F6; entrada câmara, c.4; 130 x 145 x 334	Recipiente de corpo subcilíndrico, fechado, fundo arredondado; decoração, na área do colo e na pança, através de uma ou mais bandas verticais definidas por linhas incisas que pendem na vertical de uma linha horizontal sob o bordo, preenchidas internamente com linhas oblíquas, dispostas em espinha; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor castanha, polida, núcleo castanho escuro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 9,4 cm; esp. máx. da parede: 0,6 cm	Deposições secundárias (?)
30 Fig. 44-1	APC98 736 e 770	736 – F4, átrio, zona perturbada por raiz; 11 X 24 X 263 770 -E7; câmara, c.4; 140 x 93 x 297	Recipiente de corpo semiesférico, fechado, fundo arredondado; decoração, na área do colo e na pança, através de duas bandas horizontais definidas por linhas incisas dispostas em triângulos internamente preenchidos com puncionamentos; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor castanha, polida, núcleo castanho escuro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 9,3 cm; esp. máx. da parede: 0,8 cm	Deposições secundárias (?)

31 Fig. 42-1	APC98 965a	G7; câmara sob o esteio tombado (E.11); c.4 4 x 32 x 252	Recipiente de corpo acampanulado com carena, aberto, fundo possivelmente arredondado, bordo direito com lábio arredondado; decoração pontilhada, com matriz denteada de pontas retangulares, na área do colo e pança, através de três bandas delimitadas por uma linha horizontal contínua, internamente preenchidas por linhas oblíquas com orientação alternada, separadas por bandas lisas, integrável no complexo Marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante internacional; superfície interna e externa de cor laranja, polida, núcleo castanho alaranjado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino, médio e grosseiro (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 23,4 cm; esp. máx. da parede: 0,6 cm	Deposições secundárias. Foram identificados mais 4 fragmentos do mesmo recipiente (916; 161; 997; 1001), achados nos quadrados G6 e G7, na camada 4.
32 Fig. 42-2	APC98 1031	E7; câmara, c.1.	Recipiente de corpo possivelmente acampanulado, aberto, fundo possivelmente arredondado, bordo direito com lábio arredondado; decoração pontilhada, com matriz denteada de pontas retangulares, na área do colo e pança, através de duas bandas delimitadas por uma linha horizontal contínua, internamente preenchidas por linhas oblíquas com orientação alternada, separadas por bandas lisas, integrável no complexo Marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante internacional; superfície interna e externa de cor laranja, polida, núcleo laranja/acastanhado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); esp. máx. da parede: 0,5 cm	Deposições secundárias A este recipiente poderá pertencer o fragmento recolhido em 1989 à superfície das terras depositadas no interior da câmara (GOMES & CARVALHO, 1993). Também poderão integrar este recipiente os fragmentos 779 e 1057 (Fig. 42-3)

33 Fig. 43-2	APC98 591, 55, 26 e 1058	591 - F5; corredor, base de c.4 (40x120x286) 55 - G5; corredor, sobre E.13, c.1 (55x52x235) 26 - E4; área fronteira, c.1 (80x100x113) 1058 - F6; corredor junto base de E.12, c.4.	Recipiente de corpo acampanulado, aberto, fundo arredondado, bordo direito com lábio arredondado; decoração pontilhada, com matriz denteada de pontas retangulares, através de três linhas horizontais e paralelas entre si posicionadas na área do colo, seguidas de bandas delimitadas por uma linha horizontal contínua, internamente preenchidas por linhas oblíquas com orientação alternada, separadas por bandas lisas com uma linha horizontal a meio, integrável no complexo Marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante linear; superfície interna e externa de cor castanha alaranjada, polida, castanho alaranjado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 12,4 cm; esp. máx. da parede: 0,5 cm; altura: 13,8 cm	Deposições secundárias Foram identificados mais 14 fragmentos (35, 61, 160, 164, 166, 167, 168, 266, 338, 745, 747, 978, 1018, 1032 e 1035) maioritariamente distribuídos pela câmara (F6, F7e G6 – c. 4), na sua periferia (G5 e G6 – c. 1 e 4) e na área fronteira (E.4 – c.3)
34 Fig. 43-1	APC98 856, 900, 907, 913 e 380	856 – E7; câmara junto aos calços de E.7; c.4 (base); 12 x 170 x 318 900 –F7; câmara, c.4 (base). 907 –F7, câmara, c.4 (base). 913 – F7, câmara, c.4 (base). 380 – G5; corredor, c.4; 2 x 48 x 248	Recipiente de corpo acampanulado com carena baixa, aberto, fundo arredondado, bordo direito com lábio arredondado; decoração pontilhada, com matriz denteada de pontas retangulares finas através de duas bandas na área do colo, delimitadas por uma linha horizontal contínua, internamente organizadas em alinhamentos oblíquos cruzados e separadas por uma banda lisa, associando ainda, sob a carena, uma banda com triângulos invertidos internamente preenchidos com linhas horizontais delimitados por uma linha oblíqua contínua e encimados por uma linha horizontal de puncionamentos circulares, bem vincados. Integrável no estilo pontilhado geométrico. Superfície interna e externa de cor castanha, polida, núcleo escuro; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite e mica); ø da boca: 12,1 cm; esp. máx. da parede: 0,5 cm; altura: 8,8 cm	Deposições secundárias Foram identificados mais 8 fragmentos (30, 196, 344, 481, 537, 538, 784 e 1020) maioritariamente distribuídos pelo corredor (F5, G5 e E4 – c.2 e 4), na câmara (F6– c.4) e na área fronteira (E.3 – c.3).

35 Fig. 45-1	APC98 413 e 968	413 – G5; corredor sob E.13, c.4; (160x70x235) 968 – F6; câmara sob E.12; c.4; (83 x 136 x 277).	Recipiente de pequenas dimensões em forma de colher, fundo arredondado, sem decoração; bordo direito com lábio arredondado; superfície interna e externa de cor castanho claro/acinzentado, polida, núcleo castanho; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); ø da boca: 10,5 cm; esp. máx. da parede: 0,5 cm;	Deposições secundárias
36 Fig. 44-3	APC98 159	G6; sobre esteio tombado da câmara (E.11); c.4 (183 x 44 x 209)	Frag. de bordo (?) de um recipiente de corpo esférico (?), decoração incisa em espinha paralela ao bordo; superfície interna e externa de cor bege/acastanhado., polida, núcleo cinza/acastanhado; pasta compacta com e.n.p de calibre fino (calcite, mica e quartzo); esp. máx. da parede: 0,5 cm;	Deposições secundárias (?) Mais um fragmento (46) G6, c.1.

1.2 Cerâmica. Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

Os 795 fragmentos cerâmicos — na sua larga maioria composto por fragmentos de colo ou bojo, de reduzidas dimensões e de difícil reconstituição morfológica — identificados durante a escavação científica da *Arca do Penedo do* Com, permitiram a identificação de 36 recipientes, proporcionada pela análise de 84 fragmentos com forma e/ou que facultaram colagem entre si. Por forma a facilitar a simplificar a compreensão do texto, identifica-se cada um dos vasos com o número de ordem atribuído no quadro descritivo e os números de inventário dos fragmentos inerentes.

Recipiente 1 (APC.98 - 158) (II-Fig. 31-1) – Trata-se de um bordo de um vaso de corpo esférico, identificado fora de contexto, em área profundamente revolvida/destruída (G6 – área periférica ao lado direito do corredor). Admite-se, pela sua forma simples e arcaizante, que possa ter integrado as deposições primária ocorridas no interior da câmara ou corredor ortostático.

Recipiente 2 (APC.98 - 247, 248 e 250) (II-Fig. 31-2) — Composto por três fragmentos de bordo que permitiram colagem, identificados fora de contexto, em área profundamente revolvida/destruída (G5 – área periférica ao lado direito do corredor). Aceita-se, pela sua forma simples e arcaizante, que possa ter incorporado as deposições primárias ocorridas na área interna fechada da sepultura.

Recipiente 3 (APC.98 - 593) (II-Fig. 32) - Bordo de um vaso de corpo esférico, identificado no átrio do monumento (E4) no topo da c.6, em posição que julgamos próxima da original. A sua forma simples e localização indiciam uma deposição primária ocorrida no átrio do monumento.

Recipiente 4 (APC.98 - 1000) (II-Fig. 33-1) – Fragmento de um recipiente de corpo esférico, fechado, recuperado no interior da câmara funerária (c.4) sob um dos esteios tombados (E.11). Provavelmente integrou as deposições primárias ocorridas neste espaço concreto.

Recipiente 5 (APC.98 - 25) (II-Fig. 33-2) – Fragmento de pequeno recipiente, recuperado na camada 5, sobre a estrutura de fecho do átrio (E.3). Com as devidas reservas, não

descurando a hipótese de ter sido transportado casualmente entre as terras da camada 5, tendo em conta a sua forma arcaizante e localização, é provável que tenha integrado uma deposição primária ocorrida nesta área fronteira aberta do monumento.

Recipiente 6 (APC.98 - 558, 908 e 1034) (II-Fig. 33-3) — Três fragmentos de bordo, que permitiram colagem, de um vaso com forma em calote de esfera, recuperados no interior da câmara funerária do dólmen (F6 e F7). Dada a sua forma e localização, supõe-se que possa ter integrado deposições primárias ocorridas na câmara.

Recipiente 7 (APC.98 - 494) (II-Fig. 34-1) — Fragmento de vaso com corpo em calote de esfera, recolhido à entrada do átrio (E.3) sobre o piso de circulação (c.6), incorporando as deposições primárias ocorridas nesta área do monumento, provavelmente os rituais de encerramento da sepultura.

Recipiente 8 (APC.98 - 62 e 64) (II-Fig. 34-2) — Dois Fragmento do bordo de vaso com corpo em calote de esfera, identificados fora de contexto (c.1), em área profundamente revolvida/destruída, sobre o contraforte (G6 – área periférica ao lado direito do corredor, próxima dos esteios derruídos da câmara). Aceita-se, pela sua forma simples e arcaizante, que possa ter integrado as deposições primária ocorridas no interior da câmara ou corredor ortostático.

Recipiente 9 (APC.98 - 270) (II-Fig. 34-3) — Fragmento de um vaso em calote de esfera, recolhido na câmara (F6) em estrato estratigráfico revolvido (c.4). Possivelmente, à semelhança de outros recipientes morfologicamente idênticos, integrou as deposições primárias ocorridas neste espaço fechado do monumento.

Recipiente 10 (APC.98 - 890, 891 e 892) (II-Fig. 35-1) — Três fragmentos de um vaso em calote de esfera, recolhidos na câmara (G7), próximo da base de E.10, em estrato estratigráfico revolvido (c.4). Provavelmente integrou as deposições primárias ocorridas neste espaço.

Recipiente 11 (APC.98 - 342 e 710) (II-Fig. 35-2) — Dois fragmentos de um vaso em calote de esfera, muito aberto, exumados na camada 1 (F5 e E3), fora de contexto. Provavelmente, à semelhança de outros vasos com forma análoga, integrou as deposições primárias ocorridas neste espaço do monumento.

Recipiente 12 (APC.98 - 909 e 912) (II-Fig. 36-1) — Vaso em calote de esfera, do qual se recolheram dois fragmentos no interior da câmara (F7) em estrato revolvido (c.4). Integrou as deposições primárias ocorridas na câmara do dólmen.

Recipiente 13 (APC.98 - 914) (II-Fig. 36-2) —Fragmento de bordo de vaso globular, fechado, recuperado no interior da câmara (F7) em estrato revolvido (c.4). A sua forma simples, indicia uma deposição primária ocorrida, eventualmente, na câmara.

Recipiente 14 (APC.98 - 976) (II-Fig. 36-3) — Fragmento de bordo de vaso globular, ligeiramente aberto, recuperado no interior da câmara (F6) em estrato revolvido (c.4). Admite-se que tenha integrado as deposições primárias ocorridas na câmara do dólmen.

Recipiente 15 (APC.98 - 115) (II-Fig. 37-1) — Fragmento de vaso troncocónico, identificado no corredor, sobre os esteios tombados, na camada 4. Faz parte de um conjunto de recipientes abertos de paredes retas e bases planas, troncocónicos ou subcilíndricos, integrados cronologicamente num período posterior (Bronze Inicial/Médio), integrando, por isso, o espólio correspondente às deposições secundárias.

Recipiente 16 (APC.98 - 328) (II-Fig. 37-2) — Fragmento de vaso troncocónico, fundo plano, reconhecido no corredor (F5) sobre os calços preservados dos esteios do lado direito (c.4). Integrou as deposições secundárias ocorridas, provavelmente, no corredor.

Recipiente 17 (APC.98 - 765) (II-Fig. 37-3) — Fragmento de vaso troncocónico com fundo plano, identificado na área fronteira (F4) fora de contexto, em terras provenientes do interior do sepulcro acumuladas pelos violadores (c.3). Integrou as deposições secundárias ocorridas, provavelmente, no corredor ou na câmara.

Recipiente 18 (APC.98 - 956) (II-Fig. 38-1) — Possível recipiente de corpo troncocónico, identificado na passagem do corredor para a câmara (F6) fora de contexto (c.4). Deposições secundárias.

Recipiente 19 (APC.98 - 849) (II-Fig. 38-2) — Fragmento de vaso troncocónico, aberto, com fundo plano, identificado na câmara (E7) na base da camada 4, junto ao topo do

substrato rochoso, evidenciando as fortes perturbações que a área em causa foi alvo. Integrou, possivelmente, as deposições secundárias ocorridas na câmara funerária.

Recipiente 20 (APC.98 - 923) (II-Fig. 38-3) — Fragmento de vaso troncocónico, aberto, com fundo plano, reconhecido em área profundamente revolvida/destruída (G6) sob as pedras deslocadas do contraforte, na base da camada 4. Independentemente de ter sido identificado fora de contexto e à semelhança de outros vasos com morfologia análoga, terá integrado as deposições secundárias ocorridas na câmara ou no corredor do dólmen.

Recipiente 21 a 25 (APC.98 – 999, 962, 592, 990 e 550/551) (II-Fig. 39) —Cinco bases planas de vasos troncocónicos recolhidas na câmara (G7 e F6/7) na camada 4 e no corredor (F5) sob os esteios tombados do lado esquerdo em contexto estratigráfico idêntico. Provavelmente integraram as deposições secundárias ocorridas na câmara e no corredor do dólmen.

Recipiente 26 (APC.98 - 797) (II-Fig. 41-1) — Fragmento de vaso acampanulado, liso, recolhido no interior da câmara (E7) junto aos calços do esteio 7, em posição que julgamos próxima à original. Fez, certamente, parte do conjunto de vasos acampanulados, depositados em contexto secundário no interior do sepulcro (câmara e corredor).

Recipiente 27 (APC - 215, 495, 496, 1056 e 1059) (II-Fig. 40) — Cinco fragmentos de uma taça acampanulada de carena baixa, recolhidos próximos dos calços internos dos esteios do lado direito do corredor (c.4). Independentemente de se encontrarem fora de contexto, a proximidade dos fragmentos leva-nos a supor que não estivessem longe da posição original, associados aos depósitos votivos secundários ocorridos no corredor ortostático do dólmen.

Recipiente 28 (APC - 18) (II-Fig. 41-2) — Bordo com mamilo de recipiente, possivelmente, troncocónico, exumado no corredor (c.3), fora de contexto. Tal como preconizado para outros vasos morfologicamente idênticos, entendemos que este deve ter integrado uma deposição secundária ocorrida no interior do sepulcro.

Recipiente 29 (APC - 36 e 1036) (II-Fig. 42-2) — Vaso de corpo subcilíndrico decorado com decoração incisa, representado por dois fragmentos recolhidos em áreas (F3 e F6) e contextos estratigráficos (c.3 e c.4) distintos do monumento, atestando o nível de revolvimento/destruição a que este foi sujeito. Pode tratar-se de uma deposição secundária.

Recipiente 30 (APC.98 - 736 e 770) (II-Fig. 44-1) — Vaso de corpo semiesférico decorado com decoração incisa e puncionamentos, representado por dois fragmentos recolhidos na área fronteira (F4) e na câmara (E.7) associados a estratos revolvidos (c.3 e c.4). Pode tratar-se de uma deposição secundária.

Recipiente 31 (APC.98 - 965, 916, 161, 997 e 1001) (II-Fig. 42-1) – Campaniforme do complexo marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante internacional. Foram recolhidos 5 fragmentos deste vaso acampanulado no interior da câmara funerária (G.6 e G7) dispersos pela camada 4. Integrou as deposições secundárias ocorridas na câmara do dólmen.

Recipiente 32 (APC.98 – 1031, 779 e 1057) (II-Fig. 42-2 e 3) — Campaniforme do complexo marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante internacional. Foram recolhidos 2 fragmentos deste vaso acampanulado no interior da câmara funerária (E.7) e um no corredor sob os esteios tombados do lado esquerdo, dispersos pela camada 4. Integrou as deposições secundárias ocorridas, provavelmente, na câmara do dólmen.

Recipiente 33 (APC.98 591, 55, 26, 1058, 35, 61, 160, 164, 166, 167, 168, 266, 338, 745, 747, 978, 1018, 1032 e 1035) (II-Fig. 43-2) — Campaniforme do complexo marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante linear. Forem recolhidos 18 fragmentos deste vaso, dispersos pela câmara e sua periferia (c.1 e c.4), corredor (c.1 e c.4) e área fronteira (c.1 e c.3), testemunhando a extensão das violações perpetradas. Integrou as deposições secundárias ocorridas, provavelmente, na câmara do dólmen.

Recipiente 34 (APC.98 - 856, 900, 907, 913, 380, 30, 196, 344, 481, 537, 538, 784 e 1020) (II-Fig. 43-1) — Campaniforme estilo pontilhado geométrico. Forem recolhidos 13 fragmentos deste vaso, dispersos pela câmara (c.4), corredor (c.2 e c.4) e área fronteira

(c.3), atestando a dimensão das violações praticadas. Integrou as deposições secundárias ocorridas, provavelmente, na câmara do dólmen.

Recipiente 35 (APC.98 – 413 e 968) (II-Fig. 45) — Dois fragmentos de uma colher, recuperados no corredor — sob o esteio 13 (c.4) — e câmara funerária — na camada 4 prensada pelo peso dos esteios derruídos (E.11 e E.12). Este tipo de artefacto cerâmico, não muito comum em mobiliários fúnebres de monumentos megalíticos beiraltinos, aparece por vezes associado a contextos habitacionais regionais do III milénio a.C., nomeadamente no *Castro de Santiago* (Fornos de Algodres) ou no *Habitat da Malhada*, afigurando-se-nos, neste âmbito, verossímil associá-lo a uma deposição secundária.

Recipiente 36 (APC.98 - 159 e 46) (Fig. 44-3) —Possível recipiente de corpo esférico, com decoração incisa em espinha paralela ao bordo. Os dois fragmentos achados foram recolhidos no interior da câmara megalítica (G6) nas camadas 1 e 4.

As decorações incisas em espinha encontram-se atestadas regionalmente em contextos calcolíticos enquadrando os padrões decorativos do *Castro de Santiago* (Valera, 1997: 85). Nesta medida, julgamos poder enquadra este recipiente nas deposições secundárias ocorridas no interior do sepulcro.

Por último, uma especial referência para três fragmentos de bojo com aplicações plásticas (APC.98 -578, 761 e 961) e para uma asa de fita (APC.98 – 1028 e 1062), singular entre o espólio cerâmico exumado (II-Fig. 46).Este material encontrava-se disperso pelos estratos revolvidos da câmara funerária (APC.98 -961) e à entrada do corredor (Q. E4 e F4), na camada 4, sobre os calços preservados e os esteios tombados (E.1 e E.2), em contexto de violação/ruína.

Independentemente de não ter sido possível uma classificação tipológica, estes fragmentos pertenceram certamente ao conjunto de vasos de corpo troncocónico anteriormente descrito.

Em contextos semelhantes noutros dólmens da beiraltinos — Carapito 3 (Aguiar da Beira), Orca de Forles (Satão), Orca do Tanque (Vila Nova de Paiva) ou Dólmen da Sobreda (Oliveira do Hospital) — estes recipientes apresentam amiúde decorações plásticas à base de mamilos, asas em fita e/ou pegas de pressão horizontal, apontando

para deposições secundárias em momentos tardios, situáveis cronologicamente já segunda metade do 3º mil. a.C. (Valera, 2017).

1.3 Desenhos e fotografias

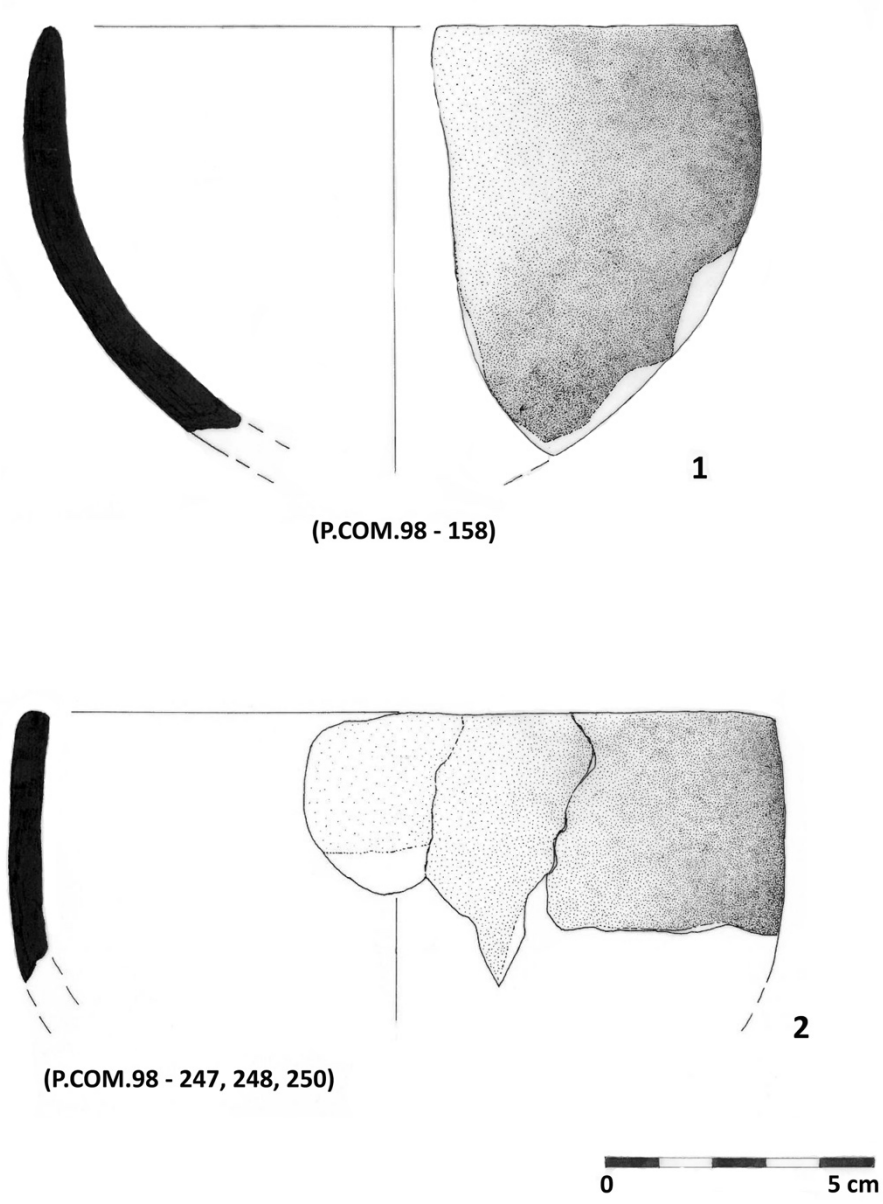


Fig. 31 – Recipientes cerâmicos de corpo esférico (recipientes nº 1 e 2).

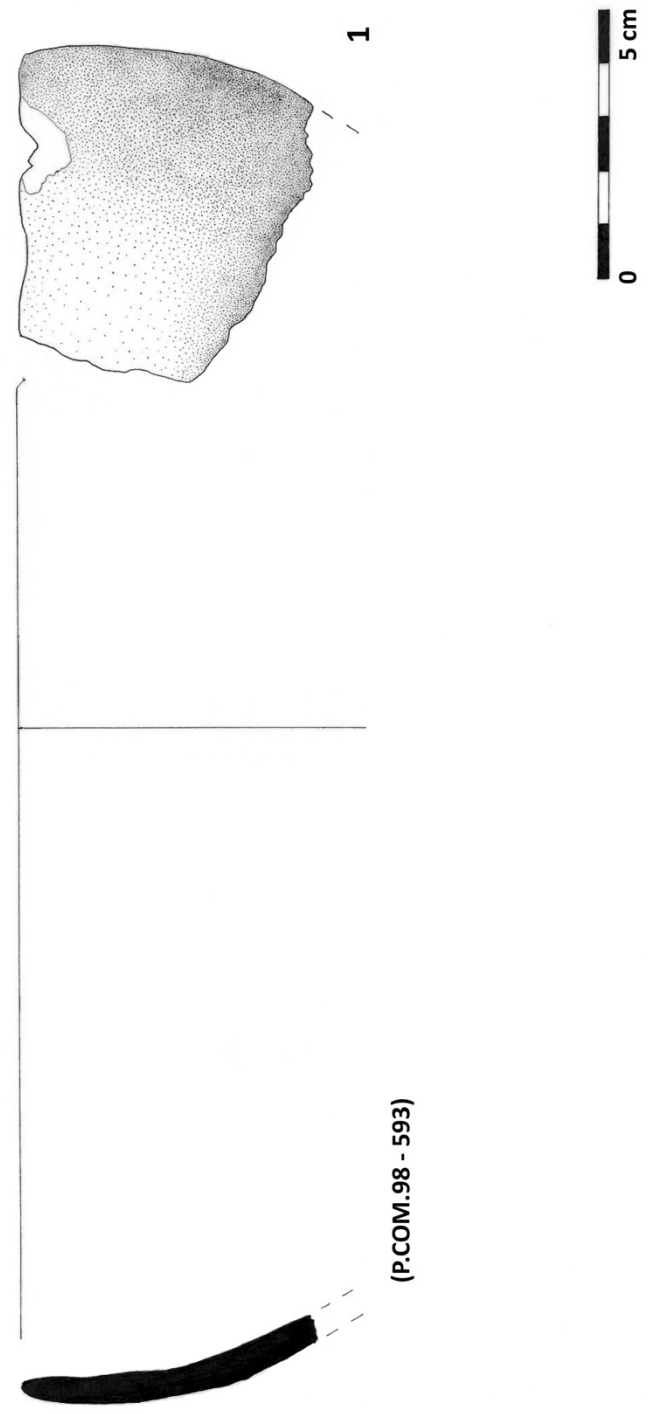


Fig. 32- Recipiente cerâmico de corpo esférico (recipiente nº3).

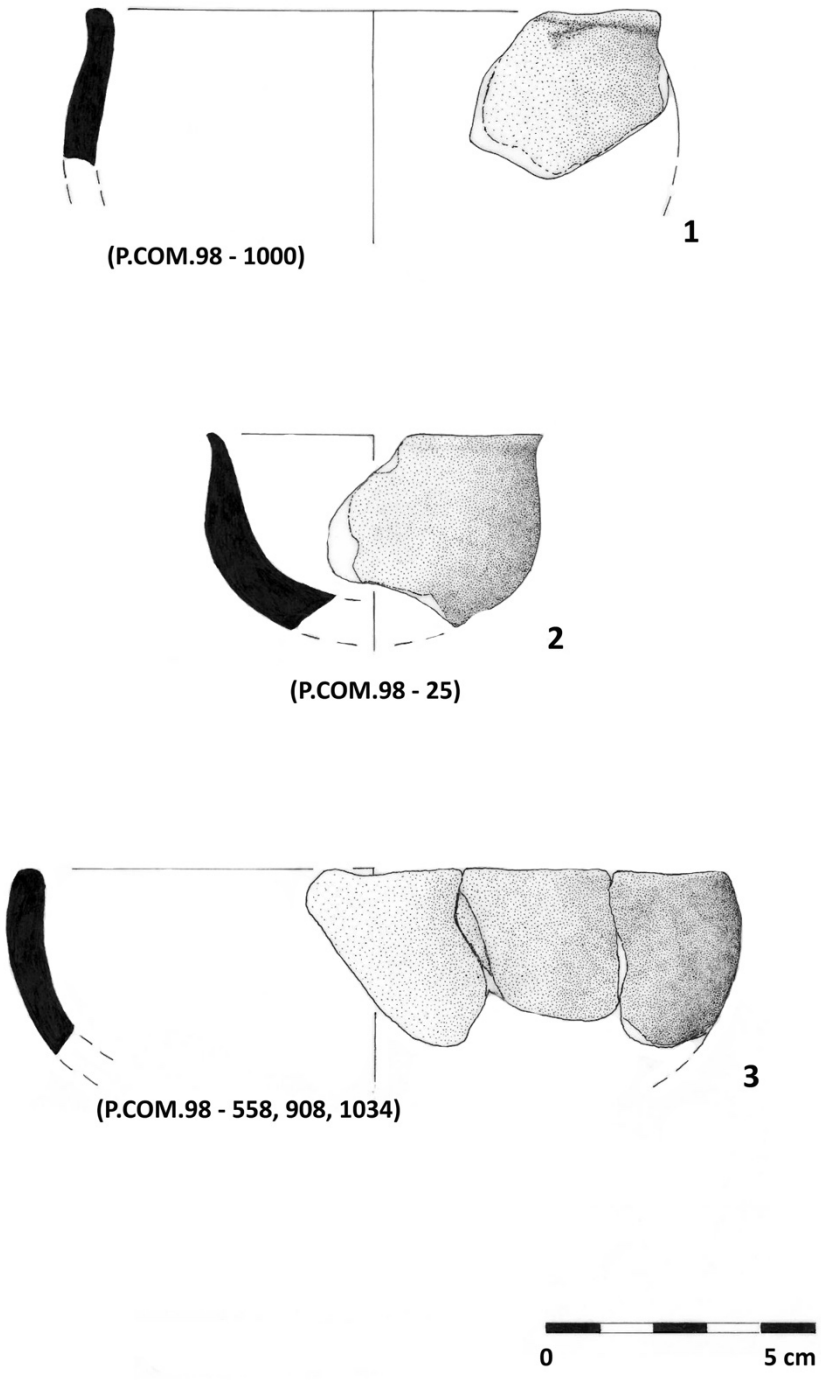


Fig. 33 – Recipientes cerâmicos de corpo esférico (1), semiesférico (2) e em calote de esfera (3) (recipientes nº 4,5 e 6).

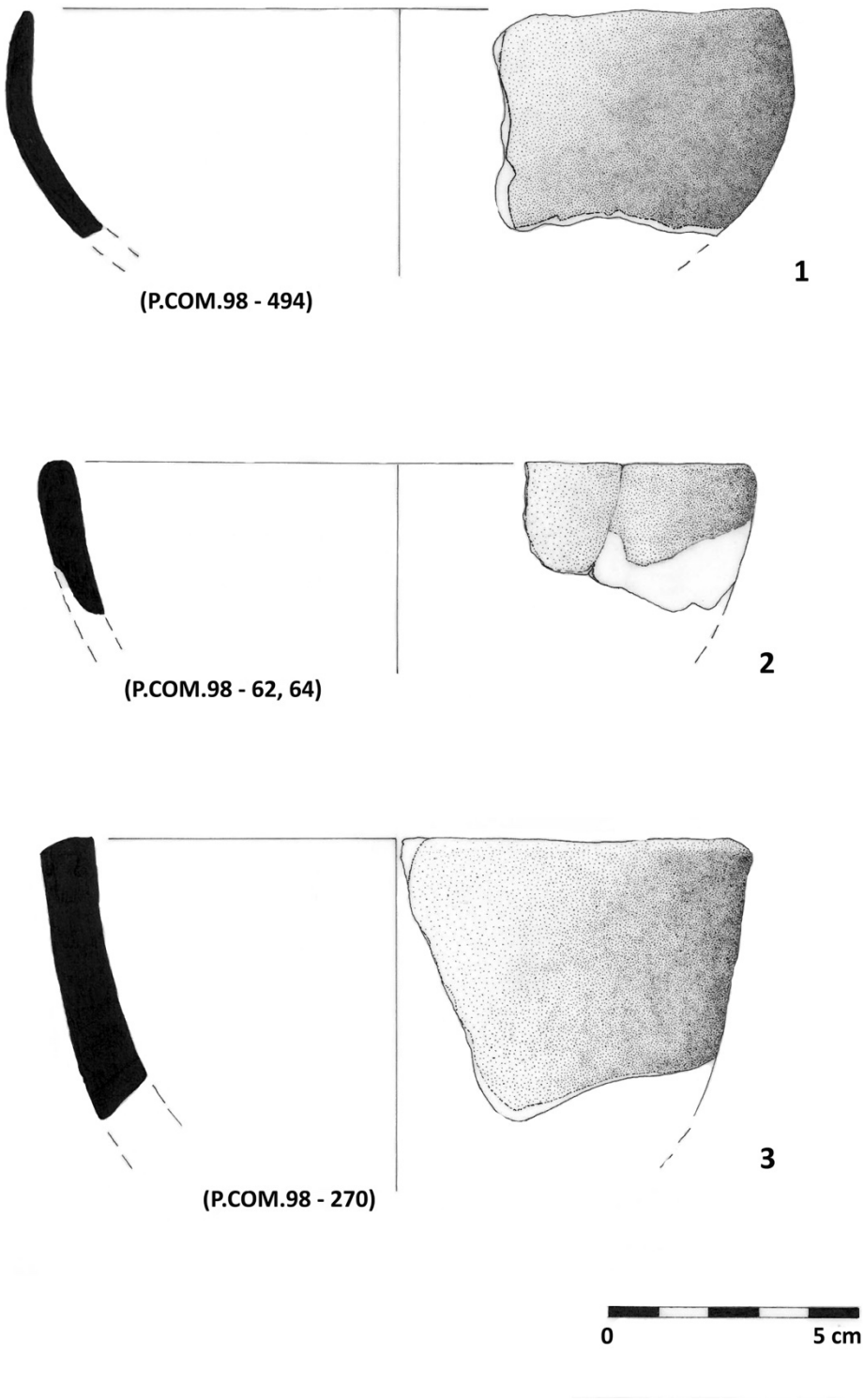


Fig. 34 – Recipientes cerâmicos de corpo em calote de esfera (recipientes nº 7,8 e 9).

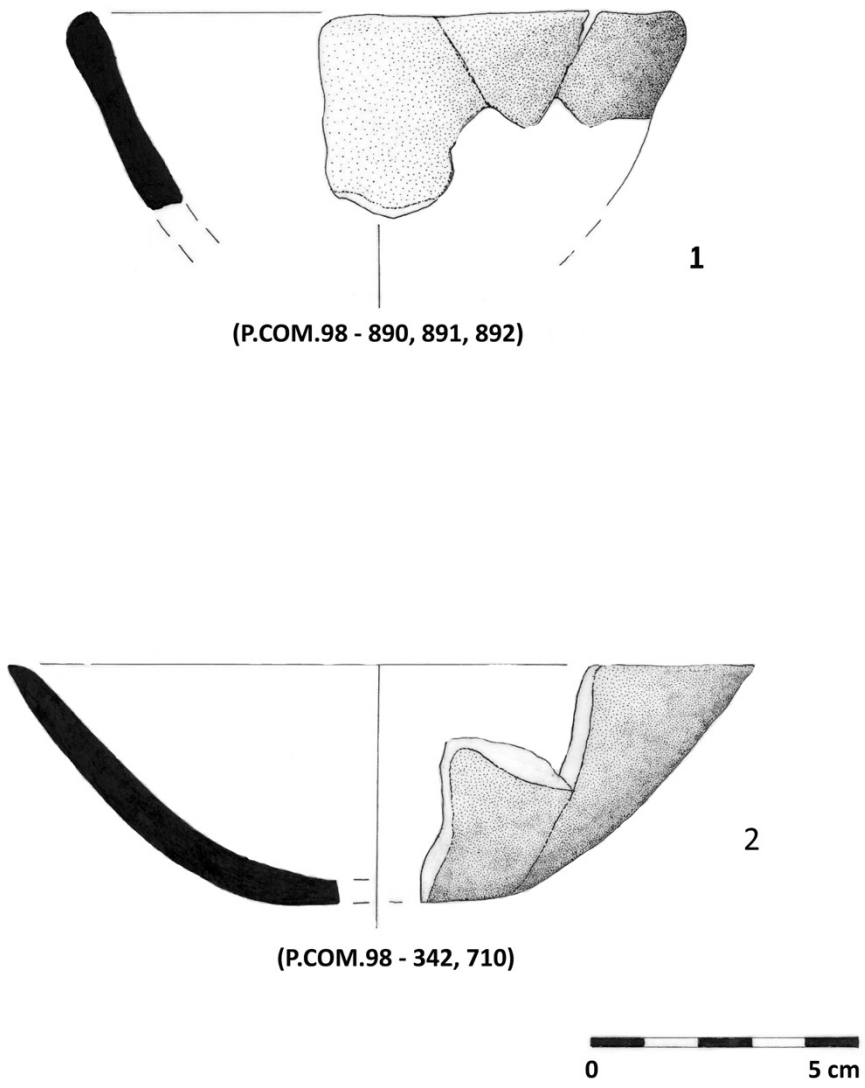


Fig. 35 - Recipientes cerâmicos de corpo em calote de esfera (recipientes nº 10 e 11).

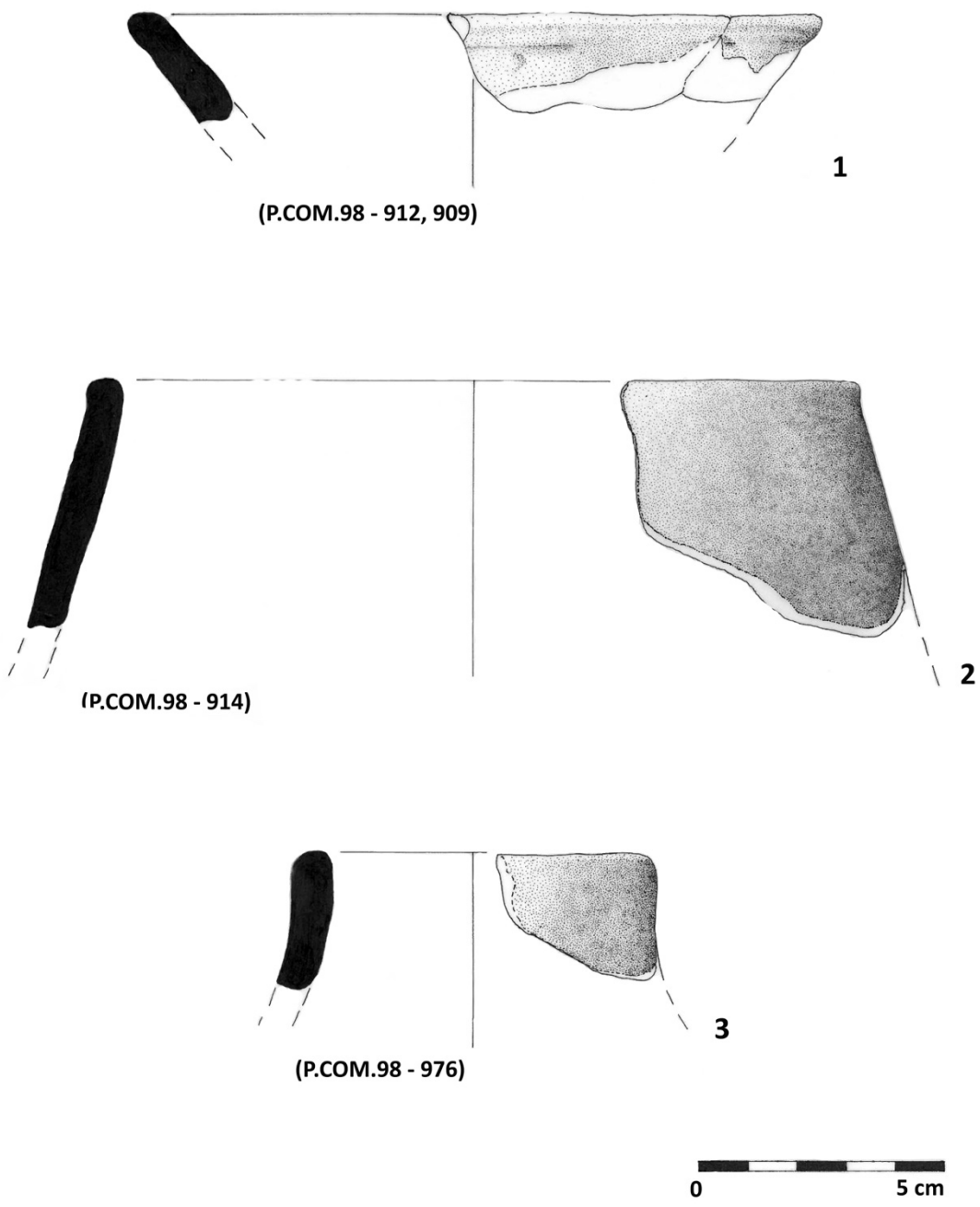


Fig. 36 - Recipientes cerâmicos de corpo em calote de esfera (1) e globular (2 e 3) (recipientes nº 12 e 13).

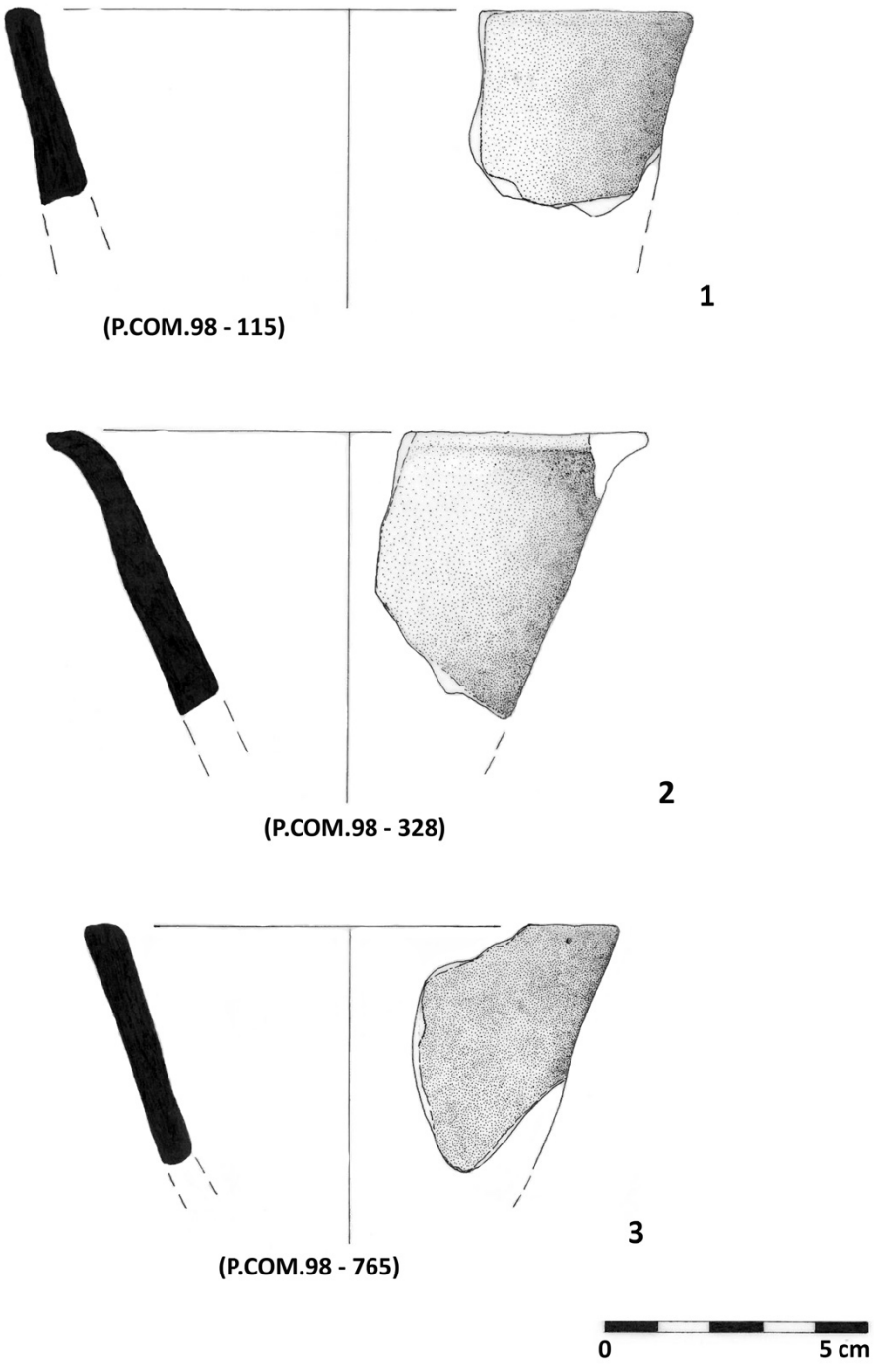


Fig. 37 - Recipientes cerâmicos de corpo, possivelmente, troncocónico aberto (recipientes nº 15, 16 e 17).

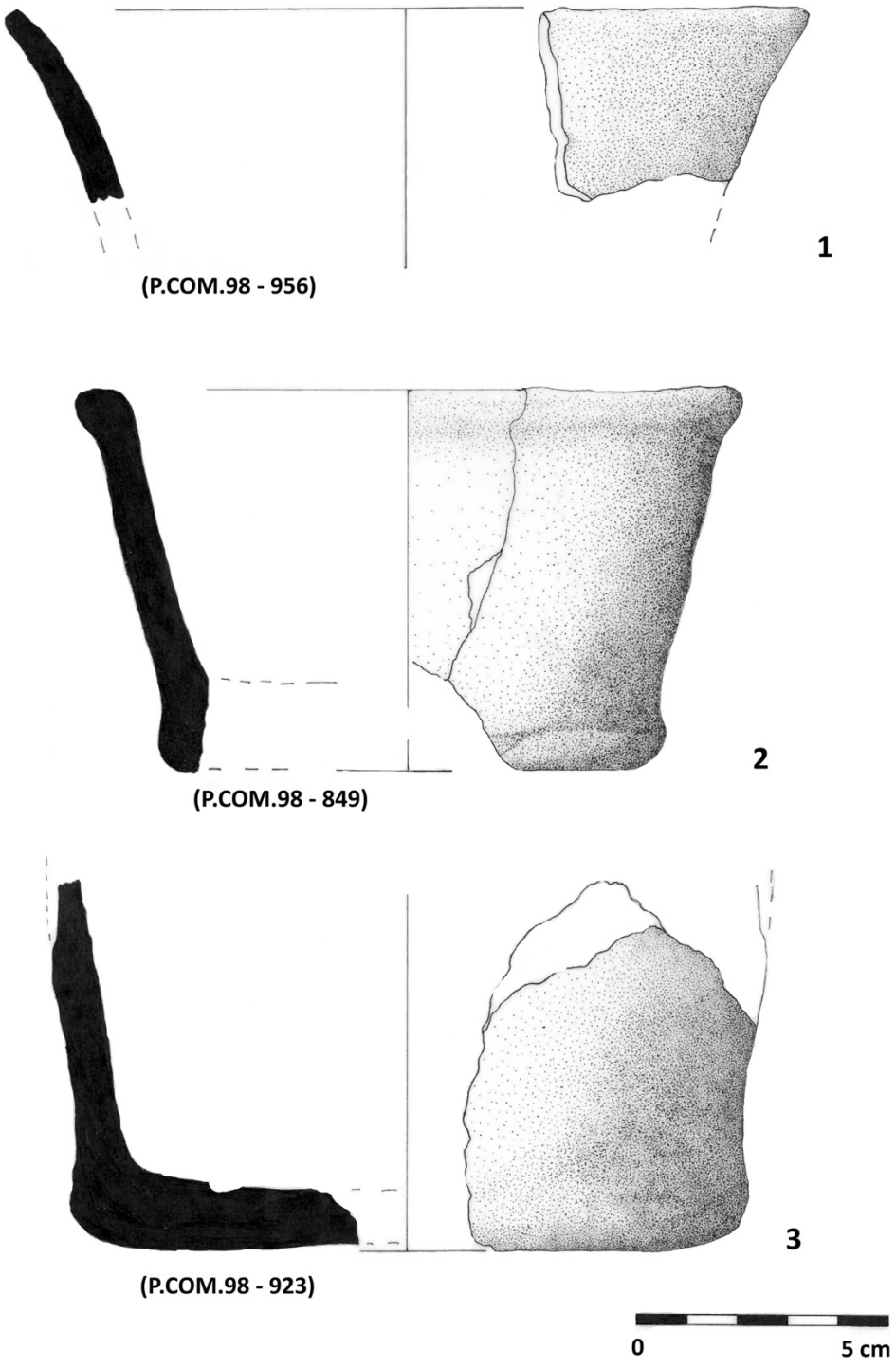


Fig. 38 - Recipientes cerâmicos de corpo troncocónico (recipientes nº 18, 19 e 20).

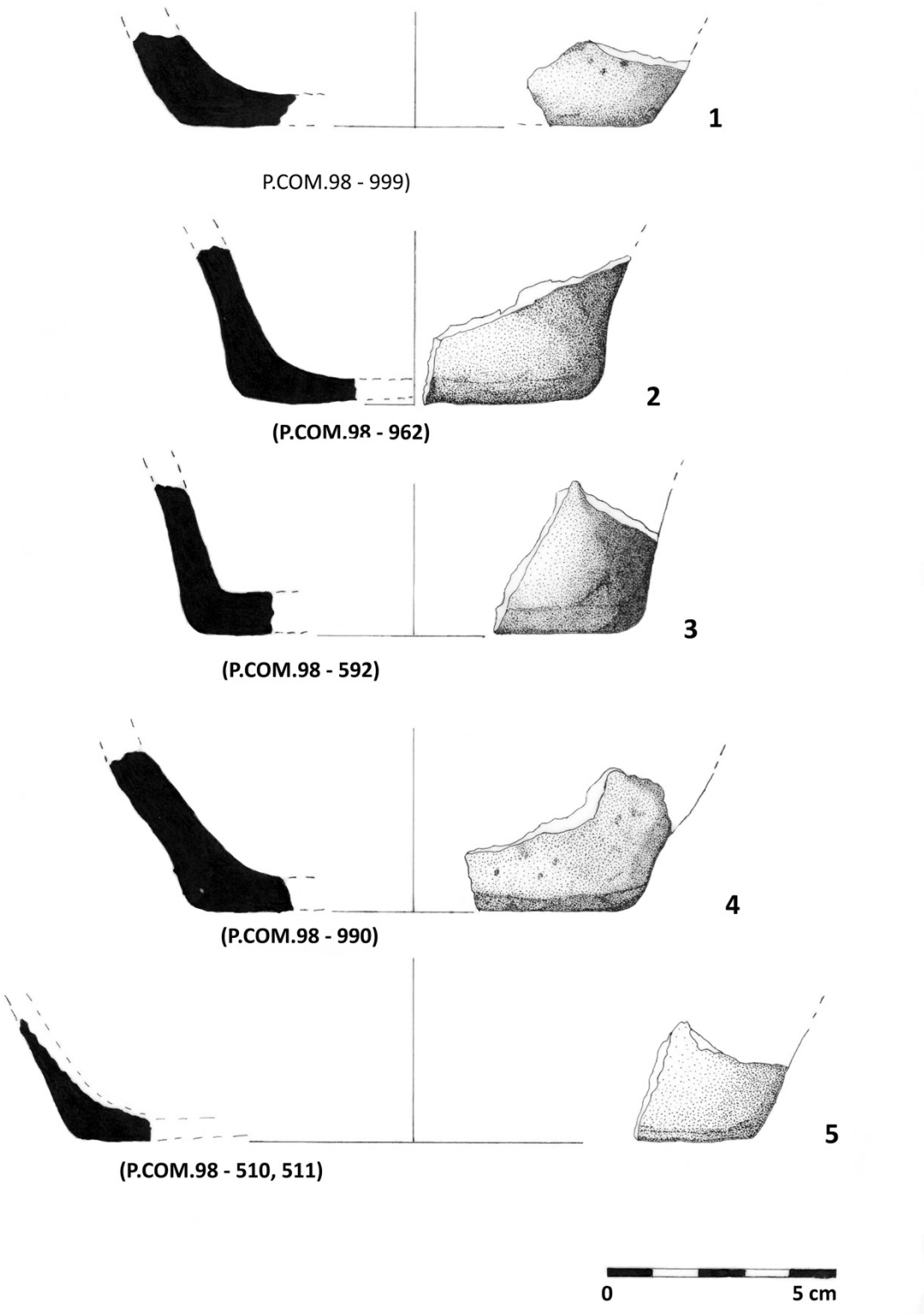


Fig. 39 – Bases planas de recipientes cerâmicos de corpo troncocónico (recipientes nº 21, 22, 23, 24 e 25).

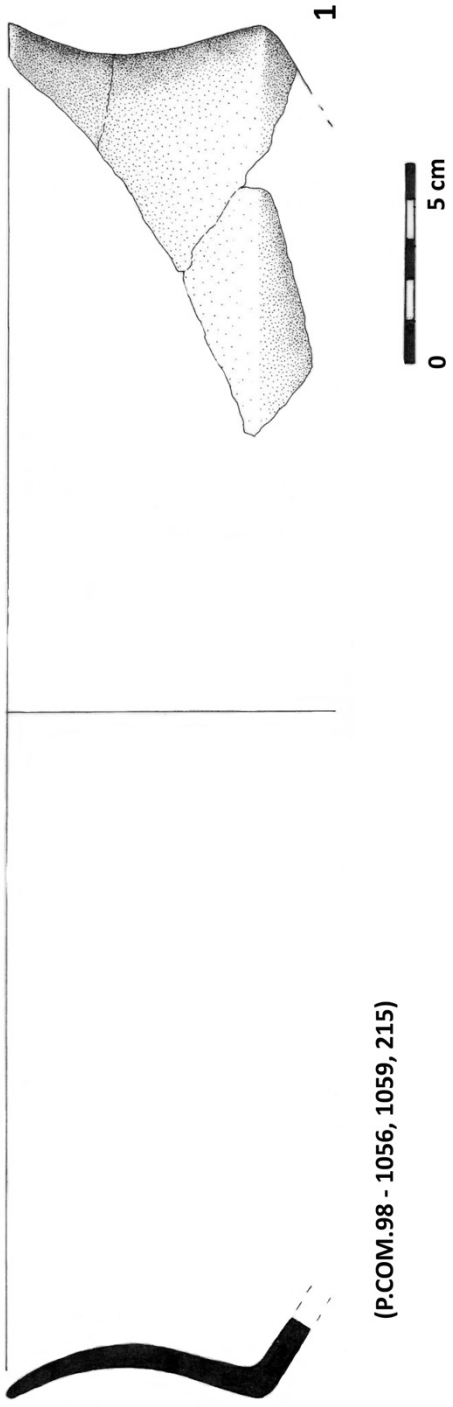


Fig. 40 - Recipiente cerâmico liso de corpo, possivelmente, acampanulado com carena baixa (recipiente nº 27).

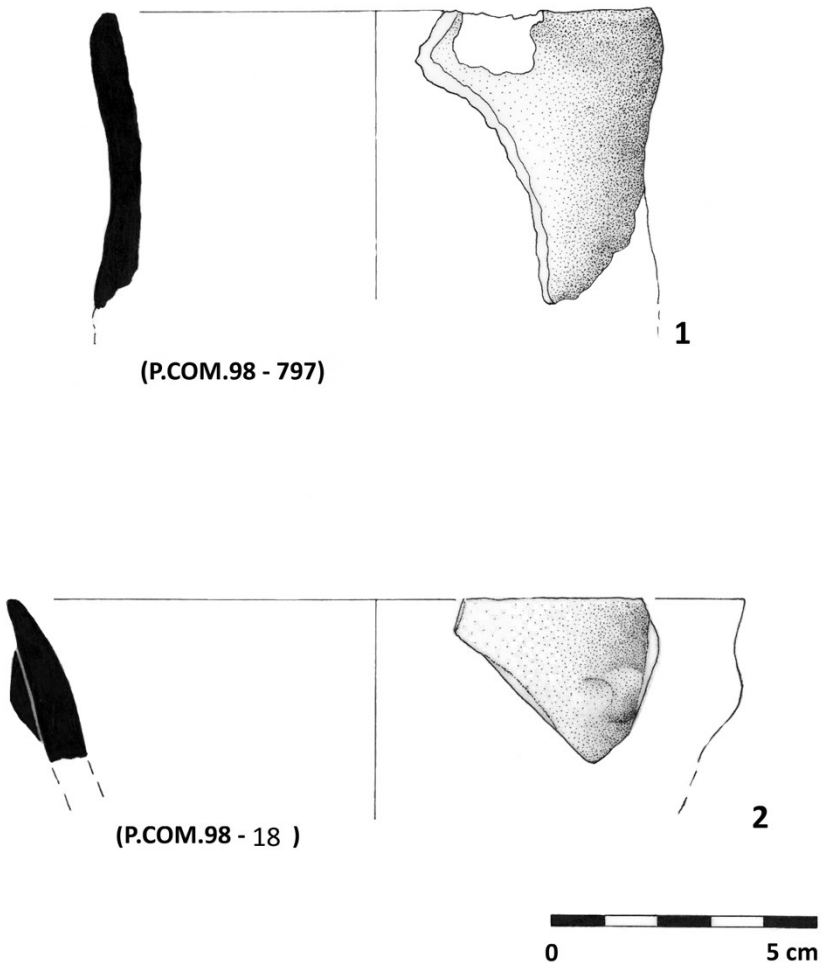


Fig. 41 - Recipiente cerâmico liso de corpo acampanulado (1) e bordo com mamilo de recipiente com forma troncocónica (2) (recipientes nº 26 e 28).

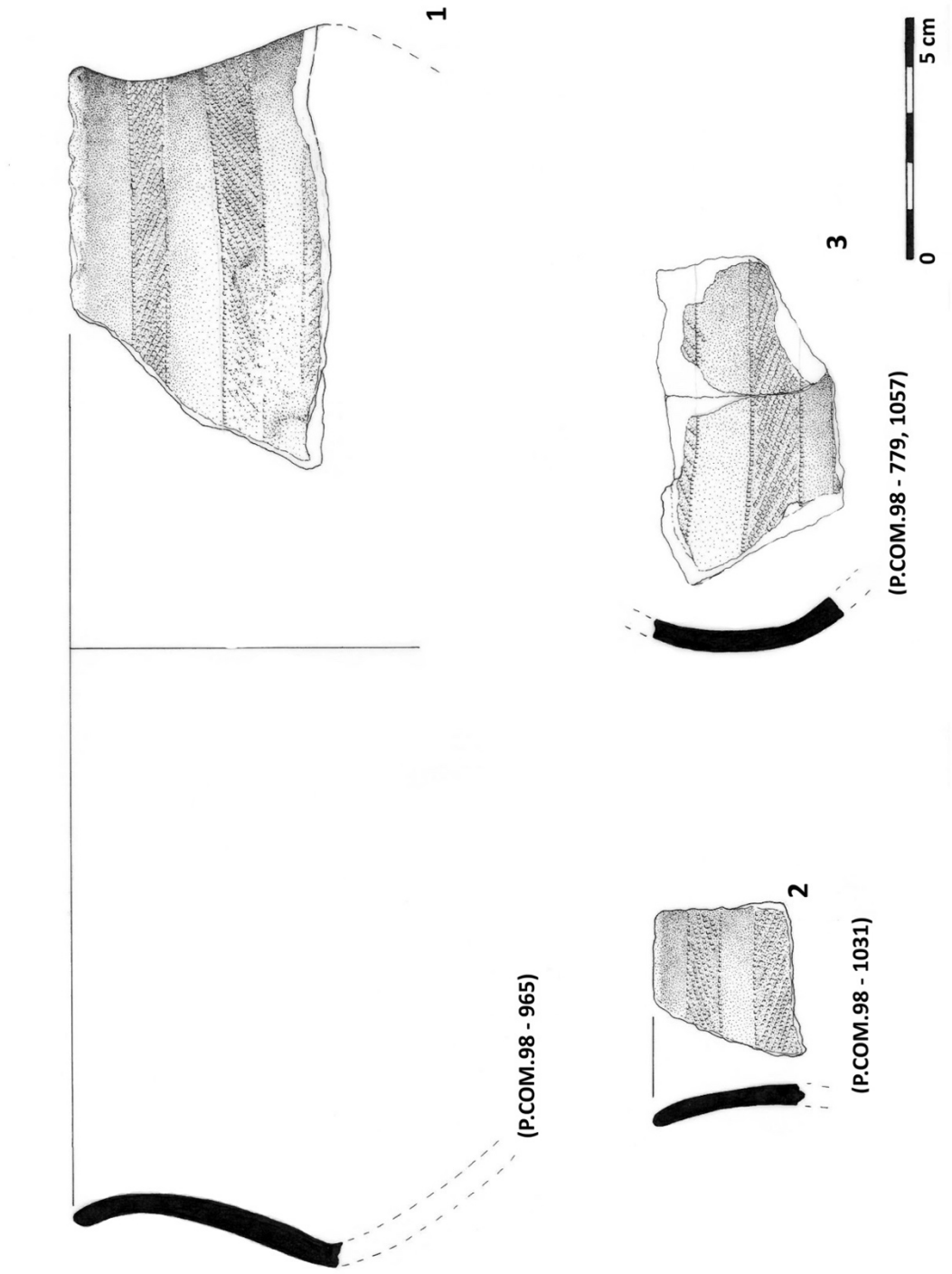


Fig. 42 - Recipientes cerâmicos campaniformes integráveis no complexo Marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante internacional (recipientes nº 31 e 32, sendo que 3 pode pertencer ao recipiente nº 32).

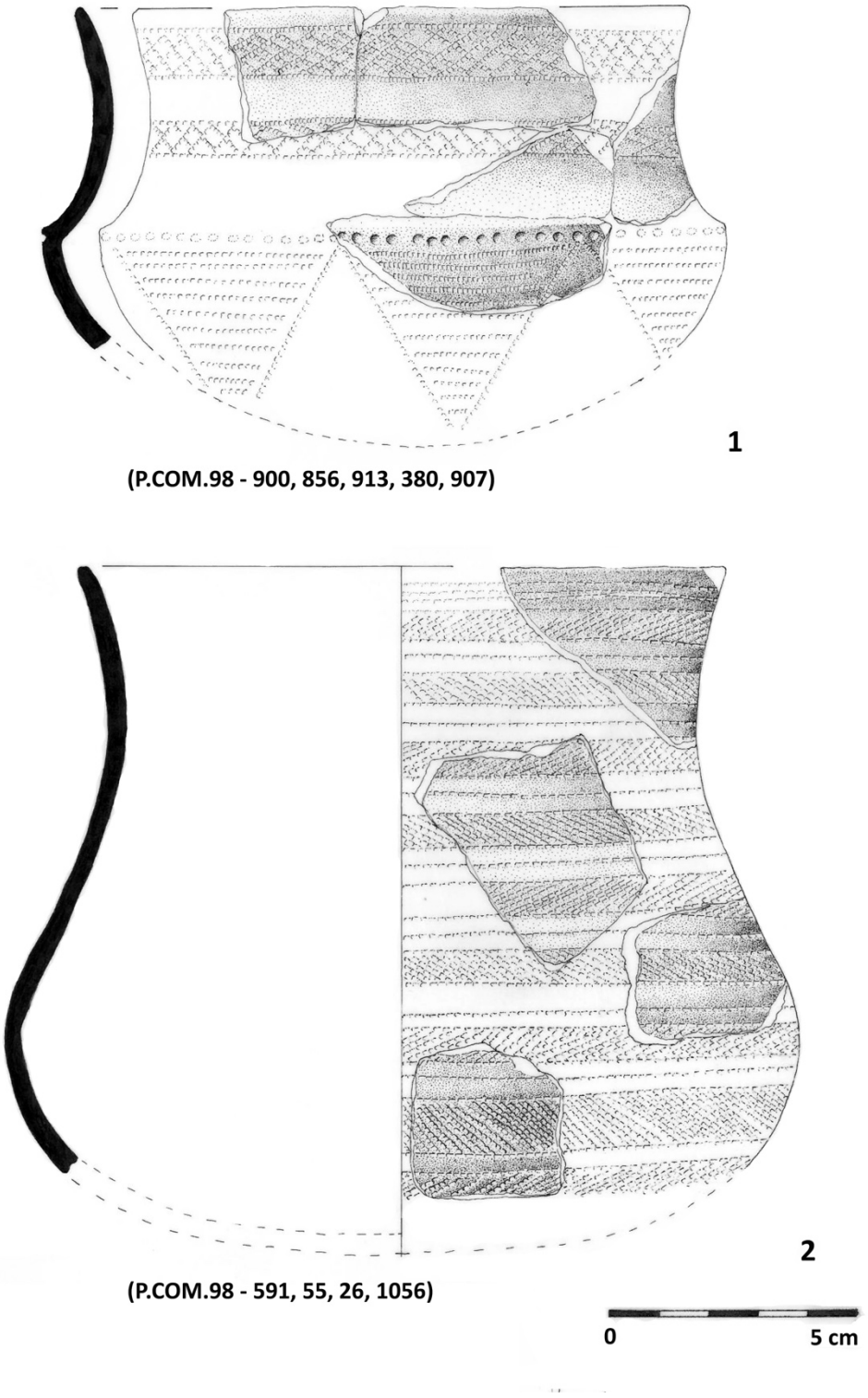


Fig. 43 - Recipientes cerâmicos campaniforme estilo pontilhado geométrico (1) (recipiente nº 34) e pontilhado de bandas, variante linear (2) (recipiente nº 33).

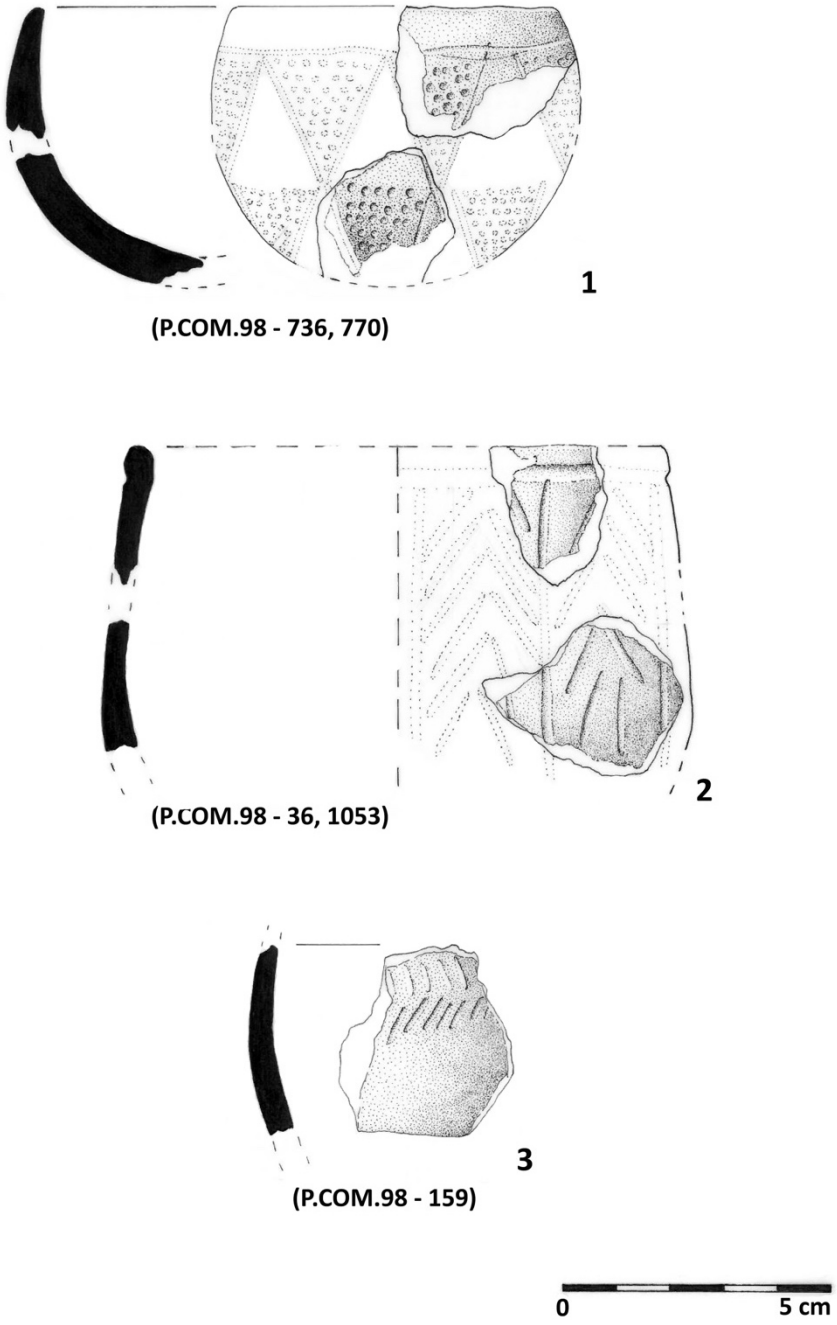


Fig. 44 – Recipientes cerâmicos decorados: semiesférico com bandas de triângulos preenchidos por puncionamentos (1), subcilíndrico com decoração incisa em espinha vertical (2) e esférico? com decoração incisa em espinha (3) (recipientes nº 30, 29, 36).

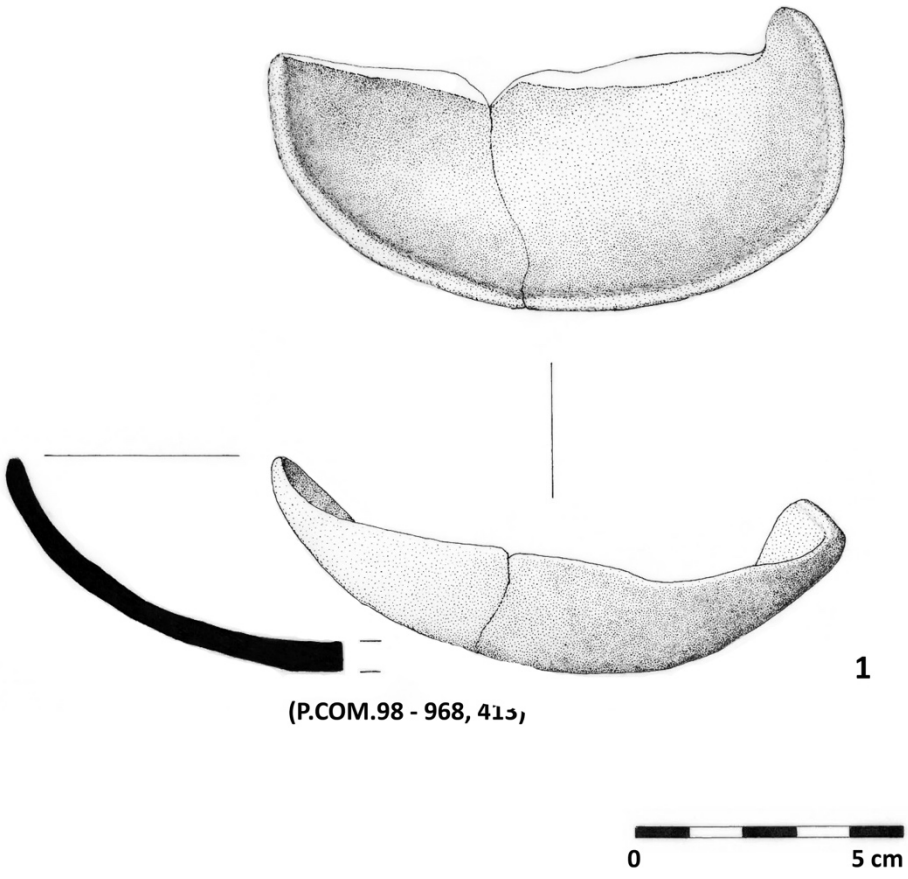


Fig. 45 – Colher (recipiente nº 35).

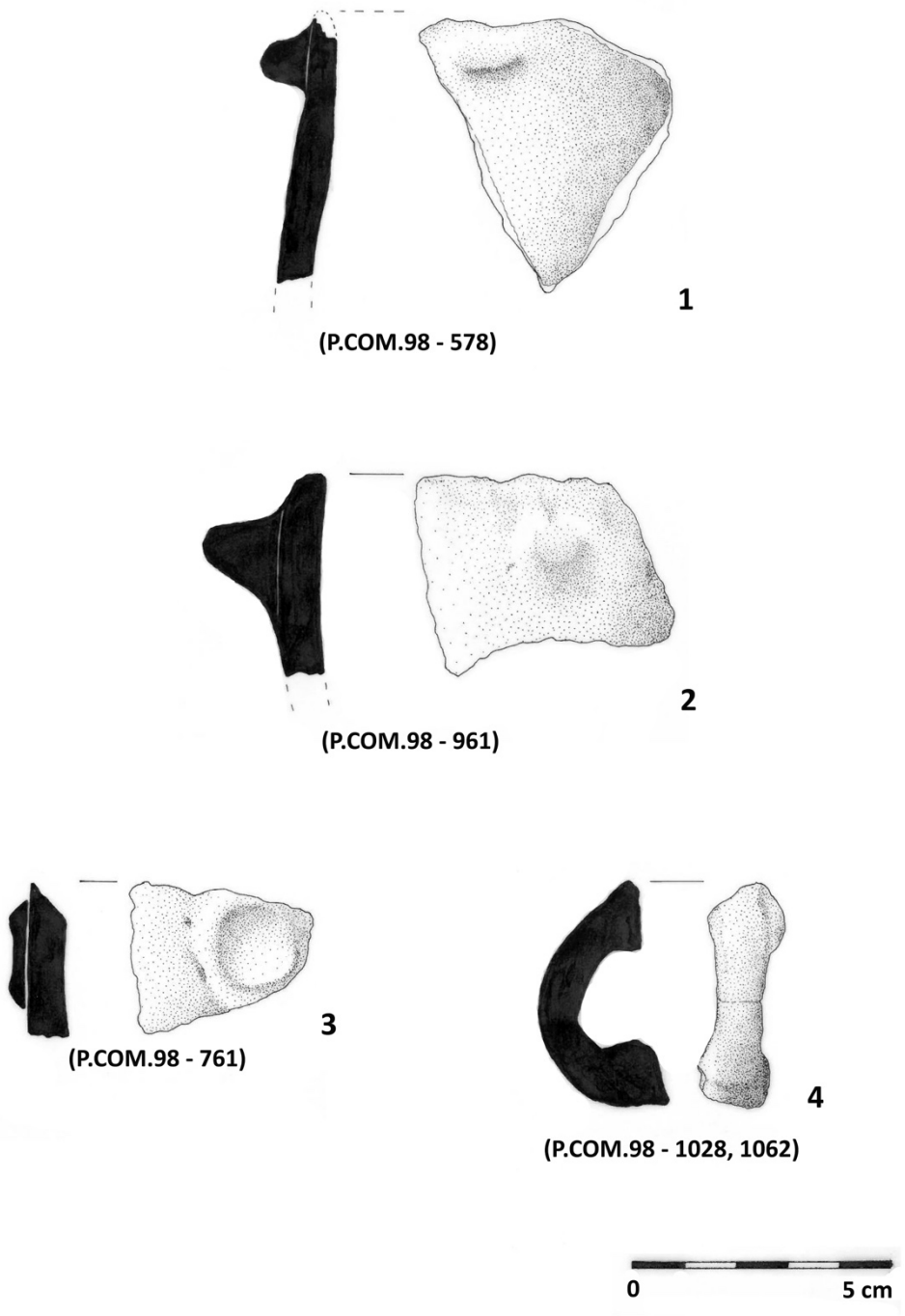


Fig. 46 – Fragmentos cerâmicos com aplicações plásticas (1 a 3) e asa em fita (4).

Estampa XXX

1 – Recipiente cerâmico de corpo esférico (APC.98-158) (nº 1).

2 - Recipiente cerâmico de corpo esférico (APC.98-247, 248 e 250) (nº 2).

Estampa XXXI

1 - Recipiente cerâmico de corpo esférico (APC.98-1000) (nº 4).

2 – Pequeno recipiente cerâmico de corpo semiesférico (APC.98-25) (nº 5).

Estampa XXXII

1 – Calote de esfera (APC.98-494), esféricos (APC.98- 158 e 593) e globular (APC.98-976) (nº 7, 1, 3 e 13).

2 - Recipiente cerâmico de corpo em calote de esfera (APC.98-558, 908 e 1034) nº 6).

Estampa XXXIII

1 - Recipiente cerâmico de corpo em calote de esfera (APC.98-342 e 710) (nº 11).

2 - Recipiente troncocónico com mamilo (APC.98-18) (nº 28).

Estampa XXXIV

1 - Recipiente troncocónico (APC.98-956) (nº 18).

2 – Recipiente troncocónico (APC.98-849) (nº 19).

Estampa XXXV

1 - Fundo plano de recipiente troncocónico (APC.98-923) (nº 20).

2 - Fundo plano de recipiente troncocónico (APC.98-923) (nº 20).

Estampa XXXVI

1 – Recipiente acampanulado liso, com carena baixa (nº 27).

2 – Campaniforme complexo marítimo, pontilhado de bandas, variante internacional (nº 31).

Estampa XXXVII

1 - Campaniforme complexo marítimo, pontilhado de bandas, variante internacional.

2 – Campaniforme, estilo pontilhado geométrico (nº 34).

Estampa XXXVIII

1 – Campaniforme complexo marítimo, estilo pontilhado de bandas, variante linear (nº 33).

2 – Pequeno recipiente de corpo semiesférico decorado com triângulos incisos preenchidos por puncionamentos (APC.98-736 e 770) (nº 30).

Estampa XXXIX

1 - Subcilíndrico decorado c/ linhas incisas obliquas em espinha (APC.98-36 e 1053) (nº 29).

2 – Fragmento de recipiente com decoração incisa em espinha (APC.98-159) (nº 36).

Estampa XL

1 – Colher (APC.98. 968 e 413) (nº 35).

2 – Fragmentos cerâmicos com aplicações plásticas (APC.98- 961, 578 e 761).

Anexo IV – Elementos de adorno em rocha ou mineral. Quadros descritivos, desenhos e fotografias

1 Contas e pendente

1.1 Quadros descritivos

ANTA DO PENEDO DO COM — Componentes de adorno (Quadro XII)										
N.° ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**COR**	**TIPOLOGIA**		**DIMENSÕES (mm)**			**OBSERVAÇÕES**
					Forma	**Perfuração**	**esp.**	**diâm.**	**Øperf.**	
1 Fig. 47-1	APC-98-685	E4; átrio; c.5; 95 x 47 x 248 cm	Quartzito polido	Bege acinzentado	Cilíndrica	Cilíndrica, descentrada	11	18	5	In situ
2 Fig. 47-2	APC-98-1073	F6; passagem do corredor para a câmara; c. 4 em contacto com o solo de base; peneiração	Calcite?	Bege claro/amarelada	Discoidal	Cilíndrica centrada	5,5	14	4	Deslocada da posição original
3 Fig. 47-3	APC-98-971	F6; câmara; c.4; 83 x 136 x 277 cm	Quartzito	Negro/esverdeado	Cilíndrica	Cilíndrica centrada	5	12	4,5	Deslocada da posição original
4 Fig. 47-4	APC-98-993	F6; câmara próximo de E.5; c.4; peneiração	Lidito	Negra	Cilíndrica	Cilíndrica centrada	8,5	13	5,5	Deslocada da posição original
5 Fig. 47-5	APC-98-883	E7; câmara, c.3 96 x 112 x 323 cm	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, centrada	7	12	4	Fraturada ao meio; deslocada da posição original
6 Fig. 47-6	APC-98-1009	E6; câmara; c.4; peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Discoidal	Bicónica, centrada	5	10	3	Deslocada da posição original
7 Fig. 47-7	APC-98-931	F7; câmara; c.4; peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, centrada	4,5	9,5	4	Deslocada da posição original
8 Fig. 47-8	APC-98-1074	G5; periferia corredor; c.3; 158 x 1,00 x 2,69 cm	Variscite	Verde escura	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	6	8	4	Deslocada da posição original
9 Fig. 47-9	APC-98-677	E4; átrio; c.6 195 x 150 x 304 cm	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	6	8,5	3	Possivelmente in situ.
10 Fig. 47-10	APC-98-682	G5; área perturbada lado NE do corredor; c.4 34 x 150 x 230 cm	Variscite	Verde mosqueado	Cilíndrica	Bicónica, centrada	6	7	3	Deslocada da posição original
11 Fig. 47-11	APC-98-678	F5; corredor; c.4; 50 x 194 x 267 cm	Variscite	Verde ciano claro	Globular	Bicónica, descentrada	6	6	4	Deslocada da posição original
12 Fig. 47-12	APC-98-680	E4; átrio; transição c.3 para c.5 100 x 69 x 235 (35) cm	Variscite	Verde ciano claro	Globular	Bicónica, centrada	7	9	4,5	Deslocada da posição original
13 Fig. 47-13	APC-98-1067	F7; câmara, nível inferior de c.4; peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Cilíndrica centrada	4	6,5	3	Deslocada da posição original
14 Fig. 47-14	APC-98-884	E7; câmara; c.4; peneiração.	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7	3	Deslocada da posição original
15 Fig. 47-15	APC-98-1011	E6; câmara (fossa E.5); 1,46 x 0,45 x 3,02 cm	Variscite	Verde escuro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	5	7	3	Deslocada da posição original

ANTA DO PENEDO DO COM — Componentes de adorno (Quadro VII continuação)										
N.° ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**COR**	**TIPOLOGIA**		**DIMENSÕES (mm)**			**OBSERVAÇÕES**
					Forma	Perfuração	esp.	diâm.	∅perf.	
16 Fig. 47-16	APC-98-684	F4; área fronteira; c,4b, peneiração	Variscite	Verde mosqueado	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	5	7	4	Deslocada da posição original
17 Fig. 47-17	APC-98-683	F4; área fronteira; c4b; peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7	3	Deslocada da posição original
18 Fig. 47-18	APC-98-673	E5; átrio/corredor; topo de c.6; 127 x 26 x 267	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7	4	Possivelmente *in situ.*
19 Fig. 47-19	APC-98-1048	E4; átrio; c.6; peneiração	Variscite	Verde escuro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	6,5	3	Deslocada da posição original
20 Fig. 47-20	APC-98-919	F7; câmara; c.4 (solo de base); peneiração	Variscite	Verde ciano mosqueado	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7?	4?	Fraturada ao meio; deslocada da posição original
21 Fig. 47-21	APC-98-882	F4; área fronteira; c.3; crivo.	Variscite	Verde ciano escuro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	5	6?	3?	Fraturada ao meio; deslocada da posição original
22 Fig. 47-22	APC-98-1042	E5; corredor; na fossa de E.2; 180 x 7 x 304	Variscite	Verde escuro	Cilíndrica	Bicónica, centrada	4	5	3	Deslocada da posição original
23 Fig. 47-23	APC-98-937	F6; câmara; c.4; peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, centrada	4	5	3	Deslocada da posição original
24 Fig. 47 -24	APC-98-994	F6; câmara; c.4; peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	5,5	3	Deslocada da posição original
25 Fig. 47-25	APC-98-995	F6; câmara; c.4; peneiração	Variscite	Verde mosqueado	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7	3,5	Deslocada da posição original
26 Fig. 47-26	APC-98-676	G5; área perturbada a NE do corredor; c.4 10 x 194 x 242	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7	3,5	Deslocada da posição original
27 Fig. 47-27	APC-98-675	G5; camada 1; área perturbada a NE do corredor; c.1; Z-216	Variscite	Verde-água claro	Cilíndrica	Bicónica, centrada	3	5,5	3	Deslocada da posição original
28 Fig. 47-28	APC-98-1013	E6; entrada da câmara; c.4; 160 x 77 x 3,02	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7	3	Deslocada da posição original
29 Fig. 47-30	APC-98-679	E4; área fronteira; c. 4; 178 x 160 x 234	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	6	3	*In situ*
30 Fig. 47-31	APC-98-672	G6; área perturbada a NE do corredor; c.4; peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7	3	Deslocada da posição original

ANTA DO PENEDO DO COM — Componentes de adorno (Quadro VII continuação)										
N.° ORDEM	**IDENT.**	**PROVENIÊNCIA**	**MATÉRIA-PRIMA**	**COR**	**TIPOLOGIA**		**DIMENSÕES (mm)**			**OBSERVAÇÕES**
					Forma	**Perfuração**	**esp.**	**diâm.**	**Øperf.**	
31 Fig. 47-32	APC-98-681	G5; área perturbada a NE do corredor; c.3; 100 x 159 x 242 cm	Variscite	Verde mosqueado	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	3	5	3	Deslocada da posição original
32 Fig. 47-33	APC-98-674	F6; corredor/câmara; c.4 100 x 39 x 259 cm	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	6	7	3,5	Deslocada da posição original
33 Fig. 47-34	APC-98-1040	E6; corredor; c.6; peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Cilíndrica centrada	4,5	7	3	In situ
34 Fig. 47-35	APC-98-885	E6; câmara; c.4; 150 x 85 x 323 cm	Variscite	Verde ciano claro	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	5	7?	3?	Fraturada ao meio; deslocada da posição original
35 Fig. 47-36	APC-98-964	F6; câmara entre E.5 e E.6; c.4 170 x 80 x 276 cm	Variscite	Verde ciano mosqueado	Cilíndrica	Bicónica, centrada	4	7,5	3	Deslocada da posição original
36 Fig. 47-37	APC-98-947	F7; câmara; c.4 peneiração	Variscite	Verde ciano mosqueado	Cilíndrica	Bicónica, descentrada	4	7	3	Deslocada da posição original
37 Fig. 47-38	APC-98-886	E6; câmara; c.4 (base); 70 x 192 x 345 cm	Variscite	Verde ciano claro	Tubular	Bicónica, centrada	9	7	4	Deslocada da posição original
38 Fig. 47-39	APC-98-906	F7; câmara; c.4 (base); peneiração	Variscite	Verde ciano claro	Paralelepipédica c/ topos arredondados	Cilíndrica centrada	12	7	4	Deslocada da posição original
39 Fig. 47-40	APC-98-671	F4; átrio; c.6; 136 x 190 x 288 cm	Variscite	Verde ciano mosqueado	Paralelepipédica c/ topos arredondados	Cilíndrica centrada	18	11	3,5	In situ
40 Fig. 47-41	APC-98-1005	G7; câmara; c.4; 4 x 32 x 252 cm	Variscite	Verde ciano claro mosqueado	Cilíndrica	Bicónica, centrada	10	11	4	Deslocada da posição original
41 Fig. 47-42	APC-98-973	F6; câmara entre E.4 e E.5; c.4; 170 x 80 x 276	Quartzito	Negro/esverdeado	Cilíndrica	Cilíndrica centrada	3	4	2	Deslocada da posição original
42 Fig. 47-43	APC-98-949	E4; átrio; c.6 (topo); 167 x 174 x 273	Aplito	Bege	Triangular	Bicónica, centrada	45 (eixo maior)	26 (eixo menor)	4	In situ; pendente polido em forma triangulo invertido, com cantos superiores seccionados.

1.2 Análise sintética sobre os contextos de recolha e os contextos interpretativos

As 17 contas discoidais em xisto recolhidas na escavação do *Dólmen do Penedo do Com* encontravam-se distribuídas pela câmara (7), corredor (3) e mamoa (7), na sua larga maioria nas camadas estratigráficas revolvidas (c.1, c.3 e c.4).

Ainda assim, na câmara funerária duas contas encontravam-se no interior da fossa fundacional de E.5. No corredor, duas destas contas foram localizadas sobre o piso de circulação e uma outra na fossa fundacional de E.3.

Admite-se que as contas que se encontravam na camada superficial do *tumulus*, possam primitivamente ter sido depositadas no interior da câmara.

Estes pequenos elementos de adorno são bastante comuns em monumentos congéneres, integrando inclusive os espólios funerários dos dólmens mais antigos, assumindo-se, nesta perspetiva, uma deposição primária associada às inumações mais antigas.

Contam-se, igualmente, mais 41 contas de colar de tipologia e matérias-primas diversas[112], bem como um pendente em aplito, provenientes de distintas áreas do monumento.

No átrio, associadas à camada 6 e em localização que julgamos próxima da original, identificaram-se 5 contas (APC.98 – 673, 671,677 e 1048) e um pendente (APC.98 – 949), tendo-se recolhido outras duas (APC.98 – 680 e 685) nas terras que selaram definitivamente este espaço (c.5).

Uma vez que nem todas as contas recolhidas na camada 6 se encontravam ao nível do topo, é possível que algumas possam ter aí sido depositadas ao longo do tempo em que o espaço esteve em funcionamento, alvitrando-se para as outras, incluindo o próprio pendente, uma relação direta com os momentos finais da utilização primária da

[112] Maioritariamente em variscite, encontram-se igualmente representados exemplares em quartzito polido, calcite e lidito.

sepultura, possivelmente integrando espólios depositados durante os rituais de encerramento.

No espaço do corredor ortostático recuperam-se 5 contas, sendo que duas se encontravam em posição próxima da original — uma na fossa de implantação de E.2 (APC.98 – 1042), outra na camada 6 (APC.98 – 1040).

Da câmara funerária provieram a maior destes elementos de adorno (22 exemplares), dispersos nas camadas revolvidas, nos interstícios dos esteios (APC.98 – 964 e 973) e na fossa de implantação de E.5.

Na periferia destes dois últimos espaços e na área fronteira do monumento, dispersos pelas camadas estratigráficas remexidas, recuperaram-se mais 8 contas.

Com vasta permanência temporal e ampla distribuição espacial, estes adornos são presença assídua em contextos funerários e habitacionais do IV° e III° milénio a.C. em todo Noroeste Peninsular, nem sempre com uma expressão tão significativa como a do presente caso (Gomes, 1994: 81).

Neste âmbito, alvitrando-se inclusive a possibilidade de o uso primário do monumento se ter prolongado até momentos próximos do final do IV milénio a.C., admite-se que todos estes adornos tenham integrado as deposições primárias.

1.3 Desenhos e fotografias

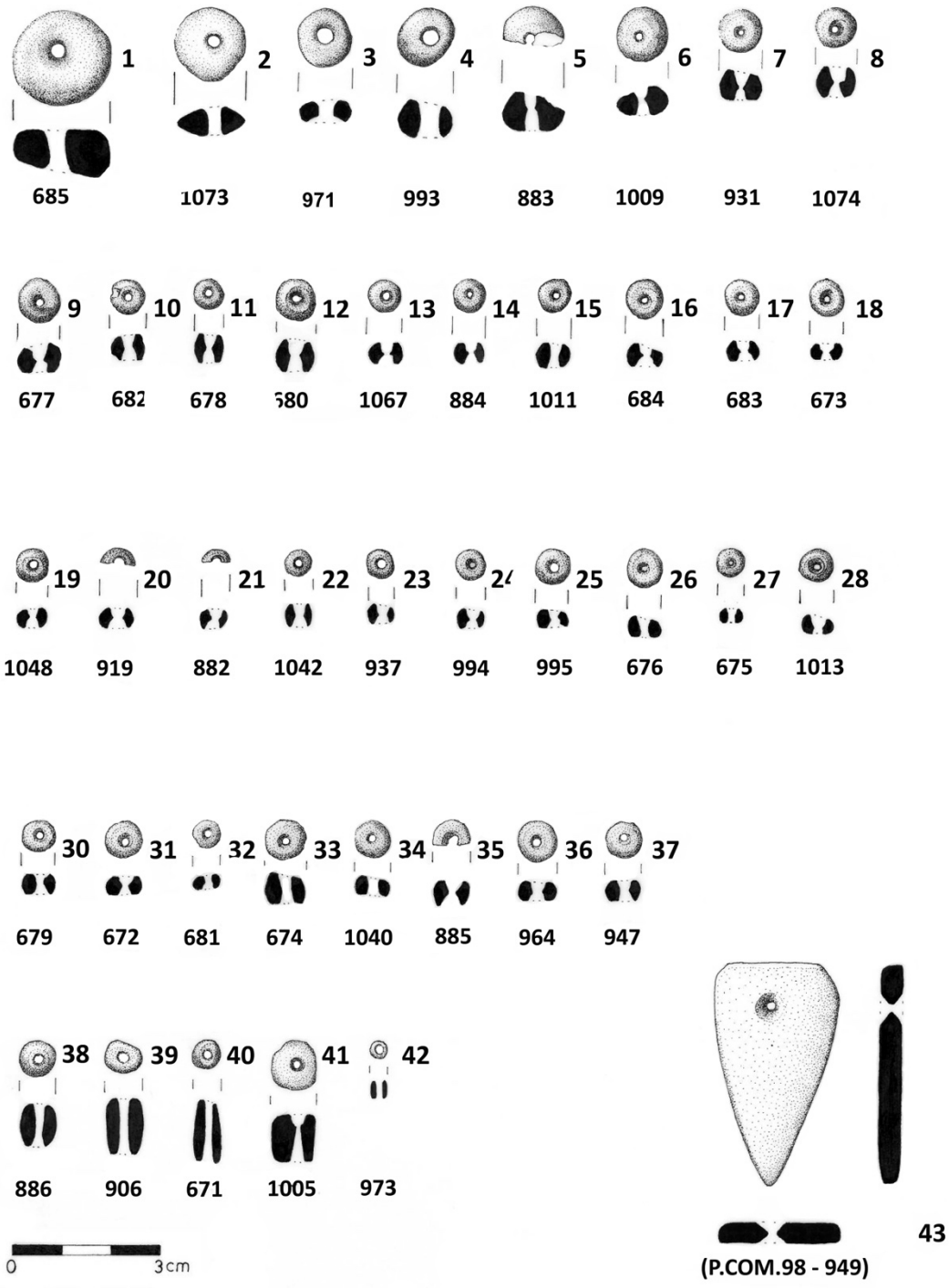
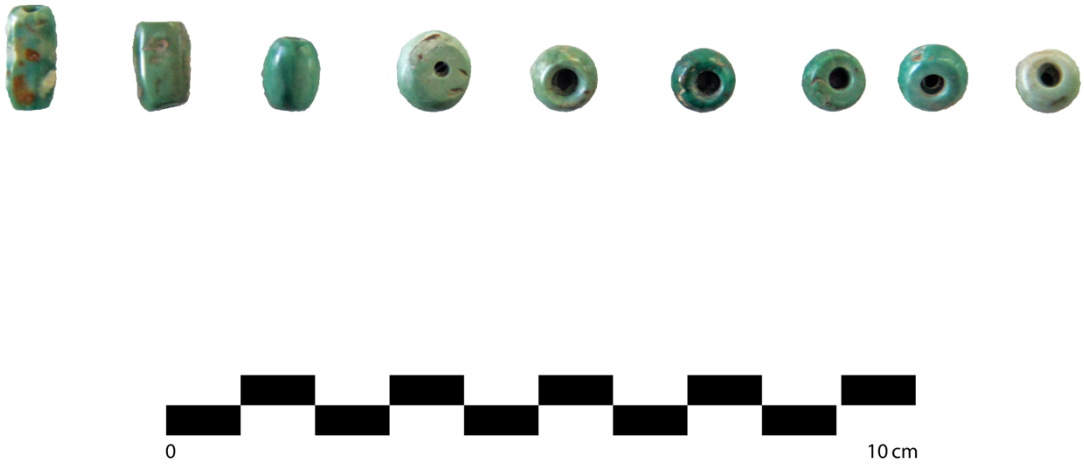
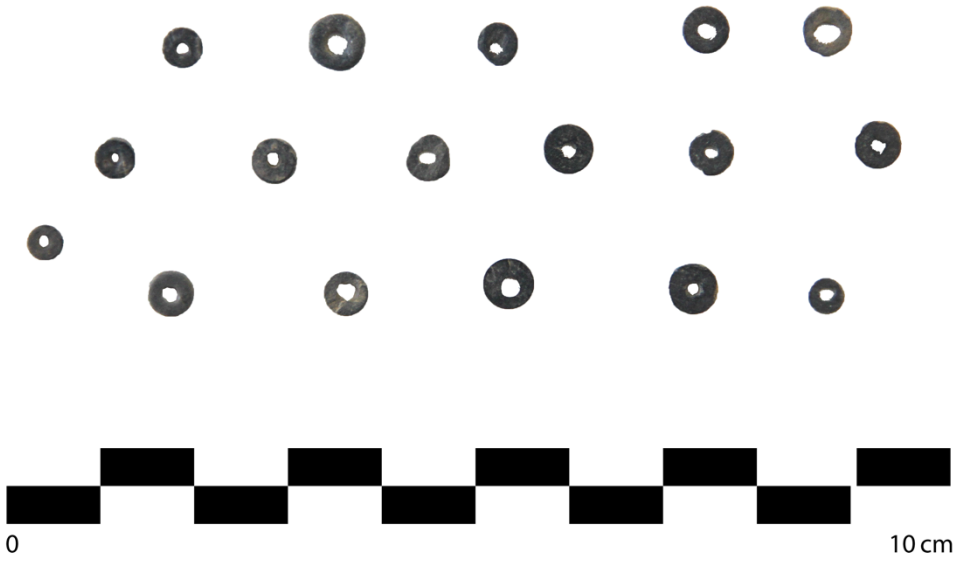


Fig. 47 – Elementos de adorno.

1 – Contas em quartzito (1 e 3), calcite (2), lidito (4) e xisto (5).



2 – Contas em variscite de distintas tipologias.



1 – Contas discoidais em xisto.

2 – Pendente em aplito.